Confissões do Absurdo

[Illustratio 1]

V0 R09 22 set 2022 Status: Promptus – *Direitos reservados*

Confissões do Absurdo

MARA ROMARO

⊙

"Três Palavras - Eu Creio Descreio Recreio"

"Um arsenal de lembranças desfilava seus odores de enxofre por suas íris, contendo as mais variadas imagens subliminares de seus códigos morais, suas frustrações mais retorcidas nos fibromas, e o suor trêmulo cortado a bisturi sem xilocaína do instinto mais primitivo maternal."

DESTAQUES: OS RELÓGIOS, A MORTE E DIÁRIO DE NAVEGAÇÃO.

AGRADECIMENTO

Rendo-me ao mistério da vida e morte, ao éter da alma, à luz do belo, das vísceras dos atos humanos e suas conjugações não efetuadas. Eu me rendo tentando ouvir meus pais, e alguma notícia do futuro, e decifrar os meandros da intuição ou previsão, e receber a sabedoria implícita. Eu agradeço ter me fundado em fé religiosa, e ter conhecido a face do contentamento profundo ainda que nas tantas profusas situações do sofrimento. Eu sinto alegria pelas pessoas que conheci, dessa ou daquela maneira e das formas incabíveis que as amei.

Rendo-me à verdade, à sinceridade, à fidelidade de dizer o que intuo e profundamente sinto, por vezes confrontando e o delírio nato do deleite do sonho, devaneio e tudo que nele habita de emanação do cosmo.

Entre tantas coisas, meu respeito ao meu dom dessa vontade na pena da caneta, no alfabeto do dizer, encontrar mestres, enciclopédias, dicionários, páginas perdidas e cousas contadas, livros raros, papéis envelhecidos, e tantas transpirações do mundo, dos seres, do chão, das águas e dos espíritos de luz, e da vida.

Agradeço à escrita, sua descoberta, desenvolvimento, registro, biblioteconomia, os pergaminhos, os manuscritos, as primeiras impressões tipográficas, as capas de couro com marca em ouro, e iluminuras, e sem contar, as ilustrações, em pena, em xilogravura, em fotografia e em cores. E todas as pessoas das letras.

Às voltas com os idiomas, uma jornada específica e propriamente meu bornal, minha andança, desde livros ilustrados infantis, até agora, em dicionários que tentam não deixar morrer os idiomas que estão mortos ou morrendo, mas que contém uma mágica que se constitui de forma incrivelmente linda, que são as palavras, especialmente as que específicas, não podem ser traduzidas à exatidão.

Aos meus amados, ao meu amor mais exuberante e idílico, etéreo, aos amores que estão além do tempo, e os que partilham vida comigo há tanto. E a palavra – o tempo da alma-coração.

Gratidão e amor. Por isso a escrita é como uma ressurreição para mim.

SUMário

SUMáRIO

Agradecimento 3
Sumário 4
As Coisas 7
Três Óculos 7
Candelabro 14
Os Relógios 18
Os namorados 28
O bule chinês中国茶壶 31
Rebolado de Filhotes 37
Água de ouro 39
As Canetas 40
As Pimentas 47
Âmago imaterial 53
Germinações do Desejo 53
Brilho Erótico da Água 53
Erotismo da Fecundidade da Terra 56
Sedução do ar de algodão 57
Erotismo do Fogo 59
Herbarium Místico 61
Espírito Livre do Arfar da Disparada 64
Ida sem volta 66
Cinzas da agonia 68
Oráculo 71
Bruma do incenso *Cinnamon Morning Star* 74
Hipnosis 76

Páginas da noite 79
Estranho pertencer 81
Pássaro orquídea 84
Mistério Pensativo 87
A Morte 90
Elucubrações Místicas 93
Vermelho sobre Vermelho 93
Círculo de fogo 98
Cama de nuvens 108
As linhas da mão 111
Tarot, páginas do futuro incerto 114
Desespero da bolha de sabão 118
Por aqui 121
Pelo Caminho 124
Diários 125
Universo Paralelo 125
I - Diário do universo paralelo 125
II - Diário do Universo Paralelo – nebulosa de Órion 133
III - Diário do Universo Paralelo - Realidade alternativa 138
IV - Diário do Universo Paralelo – interestelar 145
V - Diário do Universo Paralelo – Monólito 157
VI - Diário do Universo Paralelo – Dimensão da Incumbência 163
VII - Diário do Universo Paralelo – Regressão 167
VIII - Diário do Universo Paralelo – Magnificência de Polaris 175
IX - Diário do Universo Paralelo – Progressão – Efeito libélula 182
Diário de navegação 192
Mensagem na garrafa 192
I - Diário de navegação – navegar 195
Lago verde 198
II - Diário de navegação – Libertação 201

III - Diário de Navegação – Tempestade perfeita 206
Estrela Cadente..... 215
IV - Diário de Navegação – Calmaria turquesa 217
V - Diário de Navegação – Travessia das cordilheiras de chumbo..... 223
VI - Diário de Navegação – Tatuagens na alma e Porvenir . 232
VII - Diário de Navegação - Até Machaq Mara 247
Os diários..... 263
Como uma sombra..... 263
Uma frase a cada dia..... 264
Semanário 271
Addendum..... 283
Confissões do Absurdo 283
Meu Ímpar 287
Posfácio..... 290
Editorial 292
Illustratio 292

AS COISAS

Três Óculos

101/10/2017 19:58 01/10/2017 19:58 – MÚSICA: RAIN – ED CARLSEN 1DEDICADO AO CEGAR DO SENTIMENTO EMUDECIDO ENTERRADO SOB RAÍZES MORTAS DE ÁRVORES CAÍDAS DE AMORES SUFOCADOS, UM CORAÇÃO PETRIFICADO CURVADO DE OLHAR O RELENTO

Ficaram vestígios de letras
em tampo de vidro
Lente de aumento
Minha visão perdida
Uma armação negra
guarda imagem
como pórtico
era para ver
_ as suas raízes do pelo
_ que se estirassem do apelo
era para ver
_ suor de lágrimas
_ para ver acúmulo de água dos olhos
_ para ver emaranhado radial da íris
_ para ver meus açúcares no pires
sem notar deslizes

Uma armação mármore
cintila castanho
era para olhar toda hora
todo lugar halo do luar
adiantar o passo
a adivinhar nuvens

costurar os tecidos das árvores
Sangrar a furtar da cor
entrecortado nas ramas de folhas
era para ler e decifrar as pessoas
como se suas faces
declamassem maçãs verdes
e tudo que fui para me esqueceres
ver as unhas nos pés que balançam nas redes
era para eu ver tudo
tudo igual mas diferente
não ser parte da bula excludente
não ter razão na mão incoerente

Era para ver a cor azul
espelhada como a lente dos outros óculos
e dessa pena antiga
tomar na mão sem cortar suas plumas
segurar na ponta dos dedos
desenhar as faces do coração quando parado fosse
em cursiva deitada aramada
com arabescos góticos
soando som de cheiros exóticos
sobre tampo da mesa
esculpido de grafias calcadas
nos nomes firmes
de suas razões óticas
descritas em histórias
fábulas metafóricas
cantadas e faladas
por um faisão de cores furtadas
era o chiado da pena
rasgando couro de pergaminho

com tinta de sangue imortal
para as palavras pulsadas naqueles corações
outroras

Na caixa, não há nada
uma caixa vermelha de laca
reluz brilho, desliza girando
a quando de meus dedos
brincam de roleta
de sorte
de ganhar um olhar
de sonhar através dos espelhos
verdes dos olhos de pirilampo

Ver através da Primavera
guizo constante
Dos chicotes dos cocheiros da carroça
Grilhões cintilantes
no céu da tarde
Filetes de cobre que enfeitam formas ocultas
sombras pinceladas que oprimem as expressões
das faces
um riso mudo de crianças
espelhadas de poça d'água

Uma armação perdida
na gaveta de muitas coisas
coisas antigas, embrulhadas em desuso
empoeiradas daqueles anos
manchadas de fina pátina
Carteiras com antigas notas

sorteios de palavras para ganhar na mega[1]
Cadernetas de contas em moeda antiga
desvalorizada de três zeros
Uma armação das lentes que partiram
Das visões antigas que fiz
Dos cílios que riscaram giz
Dos brilhos que se pacificaram em
opacos papéis rotos de filigranas
Papéis de carta à espera de uma esperança
Caligrafia técnica
Anotações garranchos
receitas de bolo
manchas de mofo
retrato 3x4
namorado moço
Às tantas da noite
Procura com as mãos
tateia o escuro das horas
os sonhos estranhos se vão
derretidos por debaixo da porta
e o soar surdo do meu coração
_ me faz medo
_ me faz torta
Tateio e derrubo
as chaves da porta

A armação sem lente
tantas receitas de um oculista
para não dizer, idiota
meu nervo alterado

[1] loteria

os cantos borrados
só eu quem nota

Eu que anoto, meu desatino
no escuro
sem som, sem sono
a saliva empastada como ricota
e uma aflição
que minha vista
se apercebe
ninguém sequer nota
Olhar cigano da moça
Olhar ingênuo esquecido no banco
da praça de madeira ripada
lixo jogado
um ciúmes enamorado esquecido
como celofane de maço de cigarro
os calos dos dedos que escrevo
o gosto do cravo
no bolo de milho
gosto do alho
em pigarro adoecido
Ah, minha alma vaga pela casa
buscando pelos tempos
pela existência
pela determinância
essa que não vejo

O sono que não me cobriu
esses sonhos insanos
uma moça que se autoincendeia
espontânea

eu com faca cega tento retirar
uma gargantilha em chamas
no pescoço de pele branca cinzenta
Um lamento
Um bandolim amadeirado
tocando cordas sozinho

Uma armação transparente
Lentes violetas espelham
A vista de sol em cores mais vivas
mais macias, como pelo de Marta
Eu via
Sonhava cores e meu rosto era
derretido em gelo
pingavam vestígios de desenhos
das arcadas da parte de cima
dos olhos grandes
Meus olhos eram vidros
eram cristais
falsas frutas na fruteira antiga
de cristal polido
Uma jarra de água à mesa
Um vaso de rosas
E aroma de água de cheiro
de despetaladas madeixas
e deponho óculos
em seus devidos estojos
imaginando no tempo antigo
uma lente monócula
uma palavra inócua
uma vida minúscula
eu deitada olhando a gaivota

carregada por centenas de formigas
levando-me

em toda fileira pautada

de todas palavras mortas
(eu era mesmo cega
perdida no quase)

Candelabro

15 OUTUBRO 2017 23:16

É na noite do vento forte
que se mede a resistência da vida
que a verga mantém vida na fibra
O candelabro aceso contido em aposentos
Os sonhos desejados ensombrados pelas mãos
Ruídos colocam em alerta
Alma que se apequena no seu grau de existência
Alma que inunda no seu grau de persistência de coração

Pavio pequeno
Braseiro de uma faísca
de fé

Sonhos cuidadosamente pintados nos lençóis
As saudades vivas Distâncias percorridas
Mãos vazias, tocadas por um feltro
amarelo da chama tricolor
Amizade ferida, cor jamais esquecida
Sorrisos *improibidos*, nem que seja
pelo gozo concebido
Uma caminhada errante, rotas
não definidas
linhas da vida
Bagagem trocada
Bagagem esquecida
Presentes aos seus
Amor não reticente

A luz macia, sempre emitida

Interposta em obstáculo
Sem momento Sem ósculo
Calor imaterial
Sentimento incondicional
Tempo que ensaia vendaval
Testa dorso de pinheiro
Depena vida morta
Arranca tudo do varal

Joga navio no arraial
rasga o casco na teia de um coral

Luz de vela
circunda corcunda de caracol
intermitente farol de ilha
Janela de castelo
Ampulheta praia no diminuto tempo
do seu piscar automático
dentro do seu transe de adormecer
sonhos derretidos de sorvetes
sonhos simples vencidos
neste calado vidro de tinta tinteiro

Diga-me cansada, que passo dedos
nas ondas castanhas da noite
no afago do seu cerebelo

Uma luz murcha no final da vela
dentro de um candeeiro
pavio consumido
a última fagulha
a sombra de sono embebido

em vício causado de álcool
embebido em esperanças perdidas
nas tempestades de horizonte
nos raios desesperados de seus destroços

Uma nuvem cheia de densidade
que não afunda
encortina o oceano em cinza chumbo
Em peso de água de gelo
açoita o corpo desprotegido do relâmpago

Candelabro amigo
permaneça comigo em luz
Há muito da noite negra para andar
Há muito de guia de estrela oculta
Por favor, esteja aceso
A luz ainda boceja
Tremula seus últimos instantes
Sei que vem escuro, sei que vem
momentos paralíticos
Sei que tem animais calados
e mistérios resolvidos
À cegueira me esgueiro no tatear
no senso imaterial
ando na pedra e sinto aquecer do que esteve em mim
e tudo se torna possível assim

(Passo o dedo na chama, e terei estado contigo)

VERSO DA FOLHA

MEZANINO I MÚSICA: BEAUTIFUL – MARILLION

MEMÓRIA GUSTATIVA: CHÁ BREAKFAST ENGLISH, PÃO DE QUEIJO

MEMÓRIA OLFATIVA: PARAFINA, SABONETE AMÊNDOAS

MEMÓRIA CINEMATOGRÁFICA: A JUVENTUDE I A ÁRVORE DA VIDA

MEMÓRIA TÁTIL: PELO DA ÁRTEMIS, TECIDO DE PIJAMA DA SUH, CABELO DA GIOVANNA, ÁGUA MORNA DE BANHO DE IMERSÃO

MEMÓRIA VISUAL: ÁRVORES CURVANDO COM O VENTO FRIO, NUVEM EMANADA DA MONTANHA EM SOL ÀS 9:25H, SUBINDO UMA CAMADA DE NUVEM DENSA COM FILAMENTOS PARA BAIXO. HORÁRIO DE VERÃO – 1° DIA.

Os Relógios

Espectros de Luz Alpha Horologii

103 JANEIRO 2018 19 H

" Eram 15:16 horas quando me perguntou que horas eram. Naquele instante um ponteiro estava sobre o outro e custei a ver que horas eram. Ele me perguntou, quantas vezes ao dia o relógio parece ter um ponteiro apenas..." 04/11/2015

Atrasada manhã alarmada pelo sino
de um quarto, a dar conta do destino
À hora italiana, poderia ser
Duas horas e cinquenta
em ápice do verão
- Mara, acerta o relógio!
Meu impulso soltou a corda
corri meus passos no corredor
Travei as pernas para derrapar à borda
Desviar do batente
Debruçar meu ímpeto
no banco redondo com seu rugido latente
O giro no movimento helicoidal
ao impulso da perna direita
o retorcer da barriga
o soar do rangido
erguidos braços e pernas
girando ao alto
através da coluna espirolada[2]
Mãos que brecam o movimento
Em um átimo, menina se põe erguida

[2] termo novo – forma baseada em espiral.

Ajoelha na tampa do teclado
Junta as mãos à cúpula
ergue e a coloca de lado
Atrasado trinta e cinco minutos
Seus dedinhos se precipitam
a girar dois discos de desenhos
ondulados como uma chama
Os ponteiros se movem lépidos
com seus filetes brancos
Eram nove e quinze
Posicionou o pêndulo revestido de invar e latão
Limpou as digitais com algodão
Pôs-se à soltura, em oscilação
Disco pôs-se a girar seu bailado
a cronologia isócrona da pendência
atribui a divisão do tempo em imanência
seu *beat* ruidoso do maquinário
parte analógico, parte magnético
recoberto pela redoma
Lustrada por flanela na mão fraca
Abafa o som, perdendo o agora

Tudo o que tenho são memórias e
o relógio da discórdia ora parado
presente de mamãe antecipado
Certa vez, consertado, representeado
pelo carinho discreto do meu estimado
Requeria pilhas grandes azuis amarelas
Pêndulo e níveis ajustados
Ele retomou o movimento
Hipnotizava-me sua imanência
ignorava para transcender os fatos

Ainda por estes dias
surge na mão de meu filho
meu relógio de pulso perdido
o sol até outonou
como se em relatividade aqui eu estivesse
os ponteiros retrocederam rápido
tanto que eu ganhava de presente
ainda menina, girava a coroa
até o limite da corda
que dava a força motriz
Mesmo que em espiral
sem mecanismo isócrono
corrigia a aceleração inicial
Ponteiros negros - Visor branco
Simplicidade de minha avó
quanta saudade que desenrola
E não há mais agora
O tempo é, mas depende de onde estou
Se não estou em mim, não há
Uma luz acende brilho e reflexo
Era um relógio com *Ellipsis*
que aparavam a paleta de balanço
Sem atrito no garfo
o movimento ganhava inércia
para andar em passos sincronizados
no que supunha ser o tempo

Minha vida é esse eterno *Ebauche*
- um movimento inacabado –
de procurar você
sem nunca resolver a equação
espaço-tempo

na atração gravitacional
na ilusão curva da ótica

Esse mistério eterno de enxergar
sempre após o fato
nesse decorrer da luz
e no quanto levamos para processar
uma visão que já morreu
uma estrela que desintegrou
um buraco que se formara
e os pensamentos que foram em vão
Nos idos anos antes do bug do milênio
comprei um relógio *mariner*
com ponteiros com uma camada *Trítium*
Pontos luminosos no escuro
som delicado do seu tic-tac
embalado em uma caixa verde musgo
Poderia até supor se sua pulseira
fosse escovada e feita de Elinvar
com detalhes em ouro
O aro com medidas de dez em dez
que eu me perdia a olhar no lusco-fusco
Para anotar a hora que terminei
de escrever, um diário
e minha suada e acalorada tez
Em anos seguintes
eu comprei um suíço de plástico
comemorar a tradução de alemão
celebrar meu esforço
marca de uma era que mal
começara e mal terminou
Nas lojas lotadas, escolhi meu predileto

Um dourado minúsculo e delicado
painel branco – pequenos riscos pretos
menos de um polegar de diâmetro
das doze horas, dos tantos prantos
por dias que contei e parei de contar
Fossem feitos de sono, dor, paralisia
Permanência abandonada em buraco negro
Restou-me os Bulovas que amava, parados
A despeito de tudo que se move
que se recupera, que corre
o agora é a única coisa que temos
pelo tempo de um sopro do respirar
e um aluguel caro dispendioso
para o tempo gasto com o preparo
com o estudo, com análise, o pensar
E o peso vem a acelerar
com uma gravitação maior
um movimento de translação
Traz-me recordação
da linha analemna
em relógios de sol
nos parques das fontes
Meu andar livre
uma luz especialmente
colorida de pau-brasil
que desfaz nossa longitude
nos movimentos infinitos
dos pêndulos do antebraço fazem à minha mão

Não importa no espaço-tempo curvo
Importa o espaço-tempo-espiral
o comprimir da mola

torna os círculos adjacentes no agora
permuta como corrente de fótons
a condutividade permitida no toque
e assim pode-se ignorar
a conjugação dos tempos
ser advérbio a assobiar

O despertar de painel preto
Sinetas esperando o gatilho do alarme
Meu acordar de medo se dissipou
diluídos nos milhares de movimentos
dos giros das engrenagens
nos circuitos impressos
na escrita digital laranja
no acendimento automático
no tempo pendente
na hora cheia
na perfeição antiga do relógio astronômico
nas águas coloridas do relógio Clepsidra
no ponteiro *Breguet*
saudando lua crescente ou minguante
contando minutos siderais
hora saltante
e por mais mancais de *pivot*
que colocassem eixos
desse equilíbrio me perdi
o momento da roda escapamento
ignora a equação do tempo
a condutividade do vácuo
poderia ser nula
mas propaga
e me pergunto se o tempo para

se o ciclo se esgota
no momento que se apaga a memória
apenas cada segundo
a continuidade persiste
dentro de universos vazios e mudos
Sempre odiei esquecimento
Da transcendência só quero extrapolar
explodir os limites
atravessar as barreiras
do vácuo, o retorno do pêndulo
o nascer e morrer
ponteiros de ouro
relógios de fogo
magia negra
mecânica de precisão
no meu inconformismo
com o sistema sexagesimal
meridianos delimitadores
do seu lobo esquerdo e direito
e das regras pré-concebidas
Por fim, os relógios dormem em gavetas
no fundo do armário
seus cristais de safira e rubis
jazem apagados
suas engrenagens
imóveis e atônitas
O silêncio da campânula
O tic-tac no seu último suspiro
abafado
Luzes de Led, bips de celular
dói o ouvido dizer isso
macular um malogro poder

de achar que tem o tempo nas mãos
marcar hora do encontro
apenas meditando
ou ser agredido pelas
incoerentes coincidências da vida

E no fim, tudo está em
dez para meia-noite
Há uma pausa para
novos atos necessários
que fomos chamados a fazer no agora

Painel branco – pulseira cromada
A gaxeta perfeitamente encaixada
a exibir um selo
Meu último relógio adornado de
estrelas, me propõe um tempo
um alento da minha corrida
em busca de entendimento
dos insights inconscientes
dos 360 graus do meu sentir
e seu círculo forma um todo
algo que emana além da
minha biosfera
algo além do meu mecanismo
além do tempo
além do espaço
além do eu

VERSO DA FOLHA OS RELÓGIOS

MUITAS ANOTAÇÕES POR VÁRIOS CADERNOS (CADERNINHO PRETO DE ANOTAÇÕES, CADERNO VERDE DE ESTUDOS LITERÁRIOS) E TEMPO ELABORANDO

ESTE TEXTO, MESES. FIQUEI HORAS APÓS RELER MINHAS ANOTAÇÕES, OUVINDO MÚSICA ATÉ VIR A ESCREVER. FOI O DIA TODO.

ELUCUBRAÇÕES DO ABSURDO \CADERNO AZUL DE COURO

GLOSSÁRIO E REFERÊNCIAS

TEMPO – DURAÇÃO RELATIVA DAS COISAS QUE CRIA NO SER HUMANO A IDEIA DE PRESENTE, PASSADO E FUTURO. SUCESSÃO DOS DIAS, ANOS, MESES E HORAS. [CIENTÍFICO] TEMPO É, NÃO FLUI. [GREGO] – CHRONOS E KAIRÓS, TEMPO CRONOLÓGICO E O SEGUNDO, TEMPO OPORTUNO.

INVAR – LIGA DE FERRO E NÍQUEL PARA PÊNDULOS

ISÓCRONO – O OCORRER AO MESMO TEMPO OU INTERVALOS IGUAIS, RELATIVO AO FUNCIONAMENTO DO RELÓGIO (PÊNDULO OU PULSO) QUE FUNCIONA À MESMA TAXA E INDEPENDE DE MUDANÇAS NA FORÇA MOTRIZ, MANTÉM A HORA CERTA À MEDIDA QUE SUA CORDA DESENROLA.

OSCILAÇÃO – MOVIMENTOS EXTREMADOS DE UM PÊNDULO.

IMANÊNCIA – PERTENCE À SUBSTÂNCIA OU ESSÊNCIA DE ALGO, À SUA INTERIORIDADE. CITA FILOSOFIA DE KANT, O CONCEITO DE MANTER-SE NO LIMITE DA EXPERIÊNCIA POSSÍVEL, EMPIRISMO.

REDOMA – NESTE CASO, UMA CÚPULA DE VIDRO, CILÍNDRICA CUJA PARTE SUPERIOR É METADE DE UMA ESFERA.

HORA ITALIANA – CONTA A PARTIR DO NASCER DO SOL DE CADA DIA.

ESPIROLADA – RELATIVA À FORMA ESPIRAL.

TRANSCENDÊNCIA – EXTRAPOLAÇÃO DOS LIMITES, DE TODOS OS LIMITES. "QUEM TEM O PODER E GENIALIDADE, OUSE FAZER E O PODER LHE SERÁ DADO" – GOETHE, REFERÊNCIA PARA A TRANSCENDÊNCIA, CITA QUE PROMETEUS TEVE O ÍMPETO PARA REALIZAR, REFERE-SE À FÚRIA DE TUDO QUE É LIVRE, DE TUDO QUE É PURO, DE TUDO QUE É VERDADEIRO. ONDE REBELAR-SE, REVOLTAR-SE, INSURGIR-SE, DE VIR DE DENTRO PARA FORA CONTRA TUDO QUE NOS LIMITA, NOS ESCRAVIZA, NOS APRISIONA NUMA REDOMA DE MEDIOCRIDADE. TRANSPOR AS LIMITAÇÕES QUE PAREÇAM IMPOSSÍVEIS, NO TEXTO, TRANSPOR OS LIMITES DO TEMPO, EM QUALQUER SENTIDO.

RELATIVIDADE – REFERE-SE À TEORIA DE EINSTEIN QUE ATRIBUI A 4ª DIMENSÃO, O CONTÍNUO ESPAÇO-TEMPO, SÃO TRÊS DIMENSÕES ESPACIAIS E UMA TEMPORAL. A RELATIVIDADE ESPECIAL TEORIZOU O ESPAÇO-TEMPO, NA ATUALIZAÇÃO DE SUA TEORIA ESTABELECE O ESPAÇO-TEMPO CURVO CONSIDERANDO O EFEITO GRAVITACIONAL.

COROA – EM HOROLOGIA É A PEÇA QUE AO GIRAR APERTA-SE A CORDA.

ELLIPSIS – RUBI SINTÉTICO DA PALETA DE BALANÇO COM A FUNÇÃO DE REDUZIR O ATRITO NO GARFO DA ÂNCORA E OUTROS EIXOS.

EBAUCHE – MOVIMENTO INACABADO, CONTENDO SOMENTE O TREM DE ENGRENAGENS.

TRÍTIUM – (TRÍTIO) LUMINESCÊNCIA DO MOSTRADOR E DO PONTEIRO, ATRAVÉS DE SUBSTÂNCIA RADIOATIVA. FOI SUBSTITUÍDO POR SUPERLUMINOVA, LUMINESCÊNCIA DE GERAÇÃO MAIS MODERNA NÃO-RADIOATIVA.

BEAT = TIC-TAC

ELINVAR –LIGA METÁLICA AÇO-CARBONO

ANALEMNA – LINHA QUE REPRESENTA A TRAJETÓRIA DO SOL DURANTE O ANO NO CÉU.

PONTEIRO DE BREGUET – CONTÉM UMA LUA MINGUANTE OU CRESCENTE NA PONTA DO PONTEIRO.

MANCAL DO PIVOT - SÃO ORIFÍCIOS EFETUADOS NAS PLACAS PARA ALOJAR AS EXTREMIDADES DE UM EIXO.

EQUAÇÃO DO TEMPO - PROPOSTO POR JOHN FLAMSTEED EM 1670 PARA DESIGNAR A DIFERENÇA ENTRE A HORA SOLAR VERDADEIRA E A HORA SOLAR MÉDIA.

GAXETA – TAMPA TRASEIRA DE RELÓGIOS À PROVA D'ÁGUA QUE PROVÉM A SELAGEM.

Os namorados

10/01/2018 22:42

Pera, uva ou maçã?
Lá Ricardo brandia os cabelos
mas só colecionávamos figurinhas
vindas no chiclete Ploc hortelã
que comprava no bar do Braga
esquina debaixo
em vitrines de doces
maria-mole, teta de nega, caixinha surpresa
onde juntava pinguços
em torno da mesa de bilhar
Nas correrias da praça
suas roseiras – despetaladas

Todo dia, ao tocar de campainha
Era o vendedor de suspiros?
Um tabuleiro de pano bordado
dos cabelos de anjos
que em cachos se formavam
Tão lindo que sumiu no lago
Eu comprava os suspiros
que eram margaridas de glacê
chovidas de açúcar confeiteiro
Anos depois, seu irmão me contou
da congestão de afogado
então suspirei os açúcares
Grudaram em minhas pálpebras

Conheci um menino
Desenhei corações em chamas

de flechas, José Roberto
Dono de sorriso debochado
Andamos de mãos dadas
Seu cabelo tinha fios de ouro
Espadas de luz, me encantei
Foi-se depois das férias de verão
fiquei sem saber um tempão
que como o outro
antes dos vinte anos
carro bateu contra caminhão
as chamas o levaram
Recusei pensar nisso a vida toda

Conheci por detrás de um livro, Carlos
me pareceu o anjo moreno
sempre amei quem amava ler
mas sua mãe me odiou
me difamou
pareceu sobrar-me apenas uma amiga
tão leal que ignorou as injúrias
em escolas longe fui para esquecer

Dos desencontros
conheci de novo o Henrique
que era vizinho à espreita
esperando esse fim de namoro
me deu mão, me disse
vamos dar o que falar de fato
sem compromisso, casamos
igreja com altar de rosas
violão tocando o horizonte
pelas mãos de meu irmão

e no Ford 39
jogaram-nos arroz
na frente do Rosário
E aos vinte anos
gestei minha primeira filha
e muitas luzes vieram
nas cartas relembrei
nossas flores e nosso amor
de signos incoerentes

Tive o amor que não tive
que não sonhei
que me ocorreu em jardins
proibido e platônico
adormecido para sempre no coração

O bule chinês中国茶壶

I 16/01/2018 17 – 18:04 MEZANINO

Meu coração despontou ao leste
o despertar turvo e amarelo
sol nevado como *Loess*
depositado cuidadosamente
pelo espírito do ar
nas encostas do *Huang He*
Um som flamejou a seda
das minhas vestes desta manhã
Minha visão pormenorizou
desenhos do bule de chá
uma jangada de bambu em porto de aldeia
um grande junco carregado
no eriçar da vela ao vento
música de um choroso *erhu*
tocado por um arco de crina

Meu olhar terra amarela
sobrevoa campos de arroz e painço
tremulando vestes de dragão no pássaro *Hua Chong*
dentro de campos floridos de peônias
pintadas na *Bei*
que sorvo a fumaça do pensamento
um chá servido a Shen Nung
de *camélia sinensis*
pintada de azul cobalto
da pintura *Qinghua*

Desejei ter todas as insígnias

da veste imperial
me concedendo inteligência do dragão
a contar antigas lendas
do grande Yu a domar as cheias
a aplacar longos anos de inundação
Será que haveria diques
para conter minha voz rouxinol?

Chá verde, *Oolong* ou *Hong Pao*?
O que vou tomar?
Minha vida regada a chá
vindo das proximidades da montanha Wugi
um calor manso e breve
na ausência do sol
na ausência do amor
na ausência do ânimo

Entre meus dedos
a casca de ovo frágil
translúcida porcelana
a frágil delicadeza
permeada do feldspato
dos desenhos dos filetes
das imagens dos decalques
espadachins em suas fardagens
com mangas enormes
e o espírito grandioso do dragão
A história dos homens simples
carregando cargas em balança
suspensa em uma haste no ombro

Eu mergulhei na promessa

na cor dourada
os desenhos do bule
os canhões, as carroças
os barcos carracas
abarcados da porcelana de Jindezhen
suas formas, suas esculturas
seus desenhos filetados
de riquezas supostas
nunca vista pelo *táoyì*
nem imaginadas
na queima das fornalhas
nem na seda da mortalha

Meu olhar ferido sangrado
no voo da fênix chinesa
a que falei
da angústia do *Yu*
que ao combater inundações
não cruzava a soleira da porta
pelas três vezes que ali regressou
enquanto houvesse gente desolada
ele voltava a calejar sua mão
inchar seus pés
imersos na água dourada
com brilhos de inocentes mortos
da fúria daquelas vagas
E dessa coragem e força
preciso dar meus olhos
aos dragões que voam
para calar a selvageria do fogo
que me acaricia com suas línguas
e mortal me faz sua sangria

O bule entardece resfriado e vazio
Sem perfeição das mãos do oleiro
só o desenho perfeito das lamparinas
acesas no céu da noite ajoelhada
aos pés dos cumes de montanhas
apunhaladas do gelo
Olhar silencioso na ola do rio
Jaz o amor moço
jaz o olhar (des)esperançoso
embebendo a imensidão dos arrozais
ou talvez um campo de artemísia
ou a verdejante plantação de chá
e um coração fumado na brasa do incensário

VERSO DA FOLHA

HORAS DE LEITURA: 11 A 17H

ANOTAÇÕES DE REFERÊNCIA NO CADERNO DE BOLSO HERBARIUM. CADERNO COURO AZUL I MÚSICAS: SILENT MOON, XINGLIN HUPAN – JIA PENG FANG; ORCHID- SHAO RONG; CHINESE LANTERN – JAYA SATRIA

BULE DE CHÁ DE LOUÇA GANHADO DE MINHA SOGRA, NO DIA DO CHÁ LITERÁRIO.

GLOSSÁRIO:

LOESS: SEDIMENTO AMARELO DEPOSITADO PELO VENTO EXISTENTE NO VALE DO RIO AMARELO NA CHINA.

HUANG HE: RIO AMARELO DA CHINA, CHEIAS PROVOCADA PELO DEGELO.

ERHU: INSTRUMENTO MUSICAL CHINÊS DE DUAS CORDAS, TOCADO POR UM ARCO DE CRINA DE CAVALO.

PAINÇO: MILHETE, MILHO MIÚDO CULTIVADO NA CHINA.

VESTES DE DRAGÃO: VESTIMENTA IMPERIAL, COM DESENHOS AFRESCOS ORIGINALMENTE CONTENDO DRAGÃO VOADOR AMARELO DESENHADO CIRCULARMENTE, EXISTENTE NA DINASTIA XIA, MAS DESENHO PERMANECEU JUNTANDO-SE MAIS OUTROS NAS VESTES DO IMPERADOR, DA IMPERATRIZ, E EM VESTES DE PESSOAS, MAS FORAM INSERIDOS DESENHOS INSÍGNIAS QUE SIMBOLIZAVAM DIVERSAS QUALIDADES QUE O IMPERADOR POSSUÍA. GERALMENTE A VESTE ERA AZUL SIMBOLIZANDO O CÉU E AMARELO O DRAGÃO, QUE

SIMBOLIZAVA A TERRA AMARELADA DO RIO AMARELO. UM DESSES DESENHOS SIMBOLIZAVA O ARROZ, O FU, MACHADO COM DOIS LADOS CURVOS QUE SIMBOLIZA A DECISÃO, DISTINGUE O BEM E O MAL; ZONG YI, APARELHO DE SACRIFÍCIO; MONTANHAS PARA REPRESENTAR A CALMA; O HUA CHONG REPRESENTANDO A LITERATURA E ERUDIÇÃO.

HUA CHONG: PÁSSARO CHINÊS, DESENHADO NAS VESTES, UMA ESPÉCIE DE FÊNIX CHINÊS QUE SIMBOLIZAVA O TALENTO DA LITERATURA E A ERUDIÇÃO.

PEÔNIA: FLORES ASSIM COMO OS CRISÂNTEMOS, HABITUALMENTE REPRESENTADAS EM DESENHOS NAS XÍCARAS E PORCELANAS CHINESAS.

BEI: CHINÊS - XÍCARA.

SHEN NUNG (SHENNONG): IMPERADOR QUE REZA A LENDA TER CRIADO A REGRA DE SE FERVER A ÁGUA PARA ANTES DE SEU CONSUMO, QUE ACIDENTALMENTE SE DEIXOU CAIR TRÊS FOLHAS DE ARBUSTO QUE DERAM COR AMARRONZADA À ÁGUA, QUE ELE EXPERIMENTOU E APROVOU, DANDO ORIGEM AO CHÁ. EM 2037 A.C.

CAMELIA SINENSIS: PLANTA DO CHÁ, SINENSIS DO LATIM É ORIGINÁRIO DA CHINA. NA CHINA, É POPULAR O CONSUMO DE CHÁ VERDE (FEITO DOS BROTOS DO CHÁ FERMENTADO), CHÁ PRETO OU VERMELHO, WULONG QUE É AZUL E NÃO FERMENTADO, CHÁ BRANCO QUE É O CHÁ VERDE NÃO FERMENTADO. HÁ O IDEOGRAMA PARA O CHÁ (茶 – CHÁ), ENCONTREI REFERÊNCIA COMO /TÚ/ OU CHÁ, POSSUINDO UM TRIANGULO, COM TRÊS RISCOS ABAIXO E UMA TRAVESSA SOBRE ESTE TRIÂNGULO CORTADA POR DOIS TRAÇOS.

QINGHUA: PINTURA TRADICIONAL CHINESA EM AZUL E BRANCO.

YU, O GRANDE: IMPERADOR DA DINASTIA XIA, 21 SÉCULOS A.C., QUE LUTOU 13 ANOS CONTRA FORTE INUNDAÇÃO, GOVERNAVA EM YANG, FAMOSO E CONSIDERADO UMA DIVINDADE, POR TER EMPREENDIDO A OBRA DE DIVERSOS DIQUES NO RIO AMARELO COM CANAIS DE ALÍVIO PARA AS FORTES INUNDAÇÕES, CHAMADAS PORTAS DE YU, QUE AO SE CASAR, PASSOU QUATRO DIAS COM A ESPOSA, DEIXANDO PARA IR ENFRENTAR O COMBATE ÀS INUNDAÇÕES, CUJOS RETORNOS À SUA CASA FORAM TRÊS NESTE PERÍODO, SEM PASSAR A LINHA DA PORTA, ENQUANTO TIVESSEM PESSOAS DESABRIGADAS, ELE NÃO SE PERMITIU TER-SE EM SEU LAR. NASCIDO NO ANO DO DRAGÃO, 2059 A.C., TROUXE GRANDE FORÇA AO DRAGÃO. SEUS DIQUES FORAM IMPORTANTES NO CONTROLE DAS CHEIAS, ORIGINANDO O DITADO: 'NÃO SOMOS PEIXES GRAÇAS A YU'.

OOLONG: CHÁ AZUL MUITO APRECIADO NA CHINA.

HONG PAO: CHÁ LARGAMENTE CONSUMIDO, ORIGINADO DA PROVÍNCIA FUJIAN PRÓXIMO A MONTANHA WUGI, COM SABOR FRUTAL DE PÊSSEGO E ORQUÍDEAS, DE SABOR SUAVE.

WUGI: MONTANHA NA PROVÍNCIA FUJIAN EM CUJAS PROXIMIDADES É PRODUZIDO O CHÁ HONG PAO.

CARRACAS: DO ÁRABE HARRAQA, NAVIO MERCANTES PORTUGUESES DE VELAS REDONDAS QUE COMERCIALIZAVAM ENTRE OUTRAS COISAS A PORCELANA CHINESA KRAAK (CASCA DE OVO) NA EUROPA DO SÉC XV.

JINDEZHEN: LOCAL NO SUDESTE DA CHINA, PROVÍNCIA JIANGXI, PRODUTOR DE PORCELANA DESDE OS PRIMÓRDIOS (DINASTIA HAN EM 206 A.C.), INICIADA COM A QUEIMA DE CERÂMICA EM TEMPERATURA CERTA, CONFERINDO-LHE UM ASPECTO TRANSLÚCIDO, ORIGINANDO A TÃO ADMIRADA PORCELANA, POR SEU BRILHO, COR, DENSIDADE E DELICADEZA.

PORCELANA: CERÂMICA FEITA DE ARGILA, QUARTZO, CAULINO E FELDSPATO, EM PROPORÇÃO CERTA ERA GERADA UMA MASSA, DEIXADA PARA CURAR, E UMA MASSA PASTOSA QUE SOFRE FILTRAGEM E ENVELHECIMENTO, MODELAGEM, PRIMEIRA QUEIMA DE 900 GRAUS C – CHAMADO BISCOITO, É APLICADO VERNIZ FEITO DE MESMA MATÉRIA PRIMA EM OUTRAS PROPORÇÕES, ONDE AS PEÇAS SÃO MERGULHADAS, APÓS SEREM COLOCADOS CABOS E ADEREÇOS QUE SE QUEIRA, E NOVA QUEIMA A 1300 GRAUS C APROXIMADAMENTE QUE PODE DURAR ATÉ 31 HORAS. SÃO DEPOIS APLICADOS DECALQUES, TRANSFER, PINTURA ARTESANAL E FILETES. TÉCNICA DESENVOLVIDA NA CHINA, COPIADA NA EUROPA, À PRINCÍPIO GROTESCAMENTE, NA ALEMANHA, FRANÇA, ITÁLIA E INGLATERRA.

TÁOYÌ: CERAMISTA.

ARTEMÍSIA: FLORAÇÃO CAMPESTRE EUROPEIA, PODENDO SER CHAMADA SUAS FLORES DE BARBOTINA, QUE SIGNIFICA A MASSA DA PORCELANA, E TAMBÉM O BOTÃO, FLOR NÃO DESABROCHADA DA ARTEMÍSIA E FLOR DO ABSINTHO. MENÇÃO A ARTEMÍSIA NESTE TEXTO ESTÁ VINCULADA A PORCELANA.

中国茶壶 - ZHŌNGGUÓ CHÁHÚ – BULE CHINÊS

Rebolado de Filhotes

28/01/2018 11:50

Guardei
na cachola oca
uma lembrança
sem sua semelhança
sem vestígio dos meus dias
uma marmota – uma piada
uma alavanca de sorriso

Guardei e benzi
com água de cheiro
com ar de pólen
dentro de chapéu marinheiro
Uma lembrança
que me fizesse sorrir
além dos meus brotos queimados
além do céu rasgado
e do olho traiçoeiro
do formigueiro

Era
a fila indiana
desengonçada
batoquinha e arretada
de andar lépido
de filhotes do avestruz

Sua plumagem trêmula
arrepiada
Seus passinhos apressados

Seus olhos imensos
seguros em ponte pênsil

Seu piado reunido
em bouquet de cria
protegidos nas asas abertas
da mãe

Guardei - sorri
e sendo fortuna tranquei
Atrevo-me a levar uma pena
uma alusão
um colar a me servir de ilusão
certamente hei de precisar

Água de ouro

101/02/2018 16:201 MÚSICA: OTTO – ED CARLSEN1 MEZANINO 1CADERNETA DE BOLSO HERBÁRIO

Bebo desta água de ouro
com suas nuvens
feitas de clara batida de ovo
um pergaminho branco
pérolas de ar
que ascendem este mar

Bebo de chá de Ipê
no gargalo de gelo
de peito trincado
Visto colarinho deste frapê

Bebo da luz do sol gelado
Desfoco olhos e memórias
filetes pretos – filetes pratas
Puro malte da lata

Bebo ouro – Bebo prata
Bebo a lua
de sangue sangrado
Verão de cima
sua aura coroada
de pena de garça

Bebo sua boca líquida
Perolizada de purpurinas
da sua graça

As Canetas

I 20 FEV 2018 15:26 FIRMA I CADERNO COURO AZUL I FOLHA AQUARELADA COM TROMBETEIRA LILÁS I PARA MINHA PAIXÃO POR CANETAS

Naquela parede
na mesma onde havia
um leque japonês
como uma flor branca *herbarizada*
com seus filetes rijos
havia uma discreta
tinteiro miniatura
era de laca pura
a dianteira de marfim torneado
com um bico de rouxinol
era uma pena rígida polida em porcelana
continha uma filigrana gravada na ponta
Bojo em vermelho escarlate
Na ponta um cordão trançado
com fios de sangue junto aos fios d'ouro
Não era maior que minha mão
"Vovó. me dá essa caneta?"
"Não posso. É lembrança do Arino."

Desde então, eu reparei como
poderia armazenar tintas matizes
em pequenas bolsas de látex
que se preenchiam com o premir

Depois, naquele porão de coisas
Naquela enorme escrivaninha de tampo estojo
Retirava poeiras grossas como tufos de algodão

das eras de tecelagem
essa fuligem pairava na paisagem
Eu na curiosidade, entre objetos relicários
Um suporte com um cavalo e um vidro vazio
Tinteiro adornado de esquecidas migalhas
de azul permanente em pó seco
nas ranhuras do vidro
Uma haste com pena flexível dourada
truncada rígida
Talvez Parker 1938 – *Flexible Left Oblique*
eu não saberia dizer
somente máculas em mata-borrão
presos em suportes convexos
com um cabo esférico de ébano

Cheirava bolor
Havia cadernos capa dura
escritas antigas em azul lavável
tentava ler caligrafia
tentava ondular dos mares sul
a pena dourada girando a mesa
para como bússola e rosa dos ventos
escolher qual de nós ficaria com o espólio

Na gaveta, uma caixa velha oxidada
Papéis roídos, lascas de lápis afiados na faca
Uma caneta tinteiro velha
azul marinho, presilha prateada oxidada
conversor de tinta de látex
Foi comigo em bolso
Lavei. Comprei tinta azul Parker
Um vidro losango que guardei no arcabouço

Nas linhas pautadas ela arranhava
seu deslizar áspero, falhado
Nenhuma escrita se compara com a alma
da sua ponta
de flecha
Não tem igual. Procurei outras cores.
Na juventude, tudo que achei era negro
azul escuro
céu ultramarino
gravura de cavalo marinho

E pus reparo, caneta, seu tipo,
sua escrita, sua técnica, sua arte.

Um dia sua pena se partiu
Eu então comprei uma vector
tinha flecha dourada que aparecia fora do bolso
seu corpo era mescla verde e preta
tinha um conversor tipo seringa
mas eu só tinha tinta azul permanente
Escrevi com ela de ponta média
até emperrar o êmbolo
já nos tempos de filhos crianças
papéis que se perderam
escritos esquecidos na casa da esperança

Anos adiante, em corredores apinhados
Eu andava cabisbaixa
tentando recordar o aroma da inspiração
Havia uma loja de canetas e tinteiros
Foi nesse dia, me lembro
meus olhos brilharam brasa de carvão

Comprei uma Lamy prata, pena fina
antecorpo transparente a se ver
cor turquesa do tinteiro
com seu fino papel mata-borrão escamoteado

Uma tríade de tintas luxo Parker
Mocha, Rubi, Emerald
com recipiente de imergir a pena

Poética do sugar a cor
o desenho gravura das letras
Borrão das lágrimas
como dedo na oitava acima
no marfim do piano silencioso
Olhos de mamãe vazios
Palavras opacas do seu silêncio

Nessa época, achei as canetas Pelikan
Sua pena como se saísse das mãos do ourives
Uma escrita fina, outra modelo de prata, média
Seu recipiente tinteiro enchia-se antigravidade
Não maculava mão
Nem olhei o preço
Comprei o estojo duplo de couro
Era pelica lustrosa marrom café

Eu tinha uma Cross
Mont Blanc gravada o nome
Tinta magenta Tinta amarela
Tinta sangue

Escrevia, como se portasse um sabre

como se cortasse o caminho
o mar, o mato grosso, o céu
as pedras brutas - um lapidar

A moça da loja, cada dia me encantava
Rotring três em uma
girava e escolhia ao premir o botão
era exatamente o escolhido
ou lapiseira, ou cor vermelha

Logo notei, a caneta que encolhia
Ficava parecida àquela antiga
Era laca negra, filete tradicional
Clips dourado e esticava trazendo a carga
Ficava na carteira
Só para rubrica
E uma cromada da Nasa
que escrevia de ponta cabeça ou embaixo d'água

Quando jovem comprei
uma escrivaninha de madeira
tampo de estojo
Possuía escaninhos, duas pequenas gavetas
onde eu deitava minhas canetas
os vidros enfileirados na prateleira
Faltava só a luminária
E um caderno de capa de couro
pois revesti de madeira meu caderno diário

Era um rito
Lavar as penas
Encher os conversores

Por mais cores que tivesse
sempre faltava aquela
a cor e a tinteiro especial
aquela que eu autografaria

Dia de chuva, a calça descoseu
Tive que ir comprar agulha
cerzir no banheiro
Passei à frente
a Pelikan de madrepérola azul
estava na vitrine superior
esqueci meus afazeres no furor
"É aquela que quero"
Comprei, trezentos dólares
Fiz loucura
Ela tinha um êmbolo que era rosqueado
um efeito parafuso fazia o êmbolo
puxar ou largar a tinta
corpo preto, posterior mesclado madrepérola azul
Era meu novo amor
nem passarinho era
Ano que passou a vendi em usados
por uma bagatela a mor de pagar
os dissabores de contas vencidas

Meu olho fitou última vez
Não autografei com ela
nunca saberei a quem ficou

Em meu estojo de canetas
Duas gavetas com nichos
Ficaram as canetas usadas

Cargas secas
lapiseiras que não se acha mais mina
apenas uma nunca utilizada
Diversos conversores quebrados
Tinteiros com tinta à meia vida
a tríade Parker enlutada
um dos gêmeos despencou do mezanino
partiu-se em mil cacos
Era a cor rara - Mocha
Não se encontra mais
Capricho, cartas entregue à mão
perfumes específicos para levar alma
Desenhos gravurados e
letras com arabescos de letra hebraica
Nada se compara
a pena não pode ser tocada
por mãos estranhas
Caso houver comprado minha Pelikan
pode dizer que era de escritora
quem sabe
um dia
quem sabe em qual tinta morrerei

Fato é que a caneta
a cor
seu preparo
seu movimento precisa acompanhar
meu redemoinho, meus moinhos
girando – girando
e taquigrafando
os pingos coloridos
nas aquarelas úmidas

nas palavras escritas à dedo
para pessoas de carne e osso
nesse dizer corrido deitado
com pingos nos is
travessão cortando t's
e uma fluidez de rio de tinta
grafado, sejam anotações antigas
ou uma nova poesia

Uma caneta dada, uma honra prestada

As Pimentas

129 MAR 2018. 21:30 A 22:101 AO MEU FILHO QUERIDO, HERDEIRO DO GOSTO PICANTE, BOCA BONITA E PALAVRAS QUENTES.

Se raiava o dia eu não sei
mas que rachava os acordes do cavaquinho
ah isso sim eu sei
Que no ar longe
Dona Carolina andava fumegante
fazendo sua carne assada picante
Eu não tinha comido fogo
Sempre tive meu fiapo de brasa
Guardado
Veio ao prato fatias grossas
Todas incrustadas de pimenta vermelha
da qual era recheada

Eu, com gosto e tanto carinho
de Dona Carolina
engoli enorme pedaço
Botei fogo prá tudo quanto
era lado
Chorando e fungando
com a garganta embrulhada na língua
em embargada fala
Que-qué-isso?
Em risos de pranto, nariz de fumaça
me apaixonei a primeira vez
pela Dona Pimenta, assim de graça!

Sentamo-nos em cadeiras torneadas
Demos de cotovelos às favas
Calor acalorado do 'Trem das onze'
Saudoso Pedra Noventa nas platinelas
do Seu Sylvio
Só para não acabrunhar
De entrada se pediu rodada de cachaça
Jambu com Bacuri
- Não tem não Dona!
- Como não? Ah que decepção. Qual a melhor?
- Pede essa comum – advertia voz mesquinha
- Nãnã! Vamos de Providência que é divina.
Traz prá mor de nós experimentá!
Fui logo dizendo
Garção era dos meus
Queixo furado lembrava mamãe
E a risada corria solta
nem havia chegado a terrina e o mini caldeirão
Eu sonhava com aromas na música de cortina

Braços dados de família, erguemos copo da clarinha
Meu nariz já se ressentia da saudade
de *Trinidad Scorpion* a fritar a língua a sambar
Já no canto onde as coisas coloridas
espanavam tristezas, o pé tava
no nordeste nordestino
Na golada da providência – desatino
Logo na animação
- Do alambique dos anjos!
Um lampejo de recordação do alambique
das serras verdes
Fileira de bolinho de carne de sol
Queijo coalho e tudo mais
Na verdade, essa minha tara escondida
de grandes orgasmos na escala Scoville
é coisa minha
Recentemente dedo-de-moça
se incorporou na carne da minha boca
E veio vindo
a gente seguindo as coisas com os olhos
Soslaio ardido, grande anseio
Filho ia implorar a pimentinha da casa
nem precisou, caldeirão da bruxa
vai pegar fogo
Mas que olhar de nós dois
Triângulo amoroso com a poção
No Canto Madalena
Chorinho tremia esgoelado
Tudo mais não fazia sentido
Eu colocando montes da calda
Querendo saber tudo para escrever
O garção pegou o Amaral pelos cotovelos

- Ele aqui é o dono da receita!
- Pois me conte!
- Quero saber cada sordidez da receita!
Ele se enrolou – eu me adiantei
- Ó vou escrever poesia.
Azeite, dedo-de-moça, malagueta
Jalapeño Habanero, Thai, Coloral
Condimento de tempero, cebola não!
Enquanto eu espalhava colherada das de sopa
O Amaral fazia olho esbugalhado de Opa!
-Mãe, você vai arder no inferno!
-Com certeza, é prá já.
Eu pensava no bobó todo desenhado
do coloral picante, pensava
em *peperoncini capsicum, Naga Viper*
e no escorpião de Trinidad
Qualquer coisa para unir fogo contra fogo
Tempo se adianta nas garrafas trocadas
das cervejas e brindemos.
Brindemos à droga da alegria
que vem no tropicão
e já sai à francesa
Portanto, Pimenta! E todo mundo ria do vulcão
No canto ia agora algum sambinha
o gentio em pé se balançava
mais de quatro horas da tarde
picanha, bobó, costelinha 'Madalena'
E para manter a tradição
roubar o regalo do marido
- Pai, me dá sua mandioca?
Foi só risada com meu pedido
Com a mandioca exibida espetada no garfo

Só para exibição do monte de pimenta
Que certamente ganhei a rodada toda
essa queda de braço não é para molenga

Na saída, bom apetite de voizeirão
para o cozinheiro que garfava
baião de dois
comendo com três mãos
Já quase na soleira da saída
Amaral e Garção me seguiam em alarido
- Poetinha! Poetinha!
- O Amaral quer confessar!
Olhando para trás surpresa
- Pelo amor de D'us eu *num* sou o dono
da pimenta. É o Zé da cozinha
Ele que faz essa beleza
Num tá certo eu ir no poema
É melhor eu ir dizendo
a verdade verdadeira

- Então – olhei com cara de perdão,
mas que Amaral não me escapa da
falácia, ah isso não –
Pois diga pro Zé que a
pimenta dele é o poema

Assim a corda do violão arrebentou
Botamos o pé na rua
E o canto Madalena ficou
na ardente lembrança

[ILLUSTRATIO 2]

VERSO DA FOLHA – AS PIMENTAS

REFERENTE AO ALMOÇO DE ANIVERSÁRIO DOS VINTE E SEIS ANOS DO FILHO, COM TUDO QUANTO FOI DESCULPA PARA COMER AS PIMENTAS, OS INGREDIENTES DA PIMENTA DA CASA FORAM INVENTADOS, NA VERDADE CITADAS AS PIMENTAS DE GRADUAÇÃO MAIS INTENSA NA ESCALA QUE TANTO ME APRAZIA, ALGUMAS JAMAIS EXPERIMENTEI, COMO A MAIS FORTE DE TRINIDAD.

OS PERSONAGENS SÃO PESSOAS DO RESTAURANTE NA VILA MADALENA, EM SÃO PAULO, FICTÍCIOS, QUALQUER SEMELHANÇA É MERA ESPERANÇA. BASEADO EM MOMENTO VERÍDICO.

PEDRA NOVENTA É O CONJUNTO DE SAMBA E CHORO, QUE MEU PAI ERA INTEGRANTE, CUJO REPERTÓRIO SE FEZ RECORDAR.

ÂMAGO IMATERIAL

Germinações do Desejo

127/12/2017 QUARTO

Brilho Erótico da Água

127/12/2017 18:28 | MÚSICAS: A SCENT OF JASMINE – MYSTIC DIVERSIONS, ALDEBARAN – AMEN MIREN, THREE WORLD – MAX RICHTER | O SEXO IMATERIAL DA PAIXÃO SEDENTA NO ELEMENTO ÁGUA.

Sede que ferve
Efervescente gelo que rodopia
na minha língua
Abocanhar da água em fervura
Nas águas que adentro
meu desejo transpira
Água termais
Degelo sublingual polar
Mordida de estrelas na carne nua
Mandíbula abocanha o nível d'água
como lobo perdido
flutua a pelagem no correr do fluxo
Por onde passam folhas, asas, penas,
tapete de flores
Um leito de amor aluvião
que goteja ardentemente do meu olho
Cada gota, um sabor de um pouco
a vontade do amanhã
Mãos finas que podem tocar
frescor de noite chuviscada
no ensombrar de emaranhado

verde como tranças de cabelos
A sedenta saliva
guardando segredos em âmbar
Por uma gota apenas
do orvalho não evaporado
gotículas condensadas no vitral
última água de chuva
no ápice da folha
O regado do cacho de uva
que estendo a mão em cesta
a colher os bagos aveludados
para sugar como um mamilo
feito leite colostro
que avoluma e corre canto da boca
e cristais de saliva
de degustados fios douro
com derramada calda
de açúcar queimado
solidificado como lava
no abdômen de um pântano
caramelo tocado com a língua
e todas as águas de banho
Mãos da água que lavam os cabelos
que se evolam num movimento surdo
Alma que corre do amor que não dorme
Se avoluma, transborda,
coloca seus dedos por entre
estreitos de pedra
Adentra covas e cavernas
através de lençóis submersos
para grandes mananciais puros
nunca descobertos

E o brilho da chuva
como cortina de cachoeira
esquece da lua
com todo este calor
depois que foi rasgado
do sol o celofane amarelo
Agora ele sangra
calda vermelha de morango
e tinge a pele branca
dessa queimadura
A sede que desidrata
enlouquece de miragens
de espumas pelo corpo
ou um abraço quase intocado
ou deslizar da aura
ou o chorar da flora
incêndios incontroláveis de olhar
línguas de fogo enroscadas
à beira mar
A exaustão da vontade
apenas tocada pelo nível do mar
e na explosão do misturar
a ilusão da paixão
em uma luz de cegar
e a sensação
a sensação da carícia
do tato da água
lacrimejada
aquecida em coração jovem
emergida em um filete de nascente
de natureza misteriosa
de possuir e ser possuída

Erotismo da Fecundidade da Terra

127/12/2017 | O SEXO IMATERIAL DA PAIXÃO FAMINTA NO ELEMENTO TERRA.

Um querer súbito
agarra terras com as mãos
encontra mercúrios
incrustados na raiz da árvore
Vontade e júbilo de amor
nos tapetes de safira
abraçados pelas mãos de parreira
Amor em húmus e plâncton
à espera das chuvas
Adormecidos e abraçados
nos campos de argila e granito
Arco-íris
O membro da cópula do cavalo
O rebento caído no chão
Terra que come a placenta
nos campos que depois nascem flores
Vontade do amor deitado ao lado
Corpos feitos do espalmar sorridente
Das palavras escorridas do gozo
Cobertos das folhas
imersos na escuridão do covil de lobos
Olhos vítreos - Amor cristalino
De papéis rasgados perdidos
nas encostas dos morros
Abraço como terra as pedras brutas

Na gruta o atrito do corpo nu
Coração esmagado na terra
Cheiro do capim
de um rosto marfim
Carinho dos movimentos diurnos
Em cada pé que me pisa
Beijo a alma do pé
Uma lambida de dedos
Rolar das pedras
Desfiladeiro
O eco esperando
a rouquidão da voz
e a corrida do Touro
A rasante do gavião
e o amor destemido ao chão

Sedução do ar de algodão

127/12/2017 20H | MÚSICAS: RESTELESS ONE – CHAD LAWSON, CAGE – ED CARLSEN | O SEXO IMATERIAL DA PAIXÃO PRECIPITADO NO ELEMENTO AR.

Minhas mãos têm vontade de vento
que sopra acima das montanhas
alcance o alto mar
Derrube as nuvens
no emaranhar do fazer amor
acumulando um novo mar
nas terras pantanais
Minhas mãos querem desafiar
o espaço entre meu rosto e o seu refúgio

Desabar todos os cabelos
para o sussurrar do gemido
E circunda em ciranda
nos invisíveis brilhos de névoa
Nas cores de tinta derramada
na cama do horizonte
Circunda em giro
Rodopia no perseguir do voo
Penas desprendidas
no ar das alturas
Línguas tocam outros céus
Mãos guardam sóis
Nas ramas furtadas tecem o ninho
Choca o ovo
Rompe ao ar da manhã
Tempestades de aurora boreal
Pia o bico de fome do infante pássaro
A comer da boca da mãe
Ar que tremula
Plumagem de coruja
Espreita do olhar vago da lua
O amor desejado condensado nas nuvens

"A paixão é isso.
O voo das borboletas
que podem
fazer amor no ar
sem que nada interfira"

O zumbido de abelhas
O piado esganiçado de maritacas
Beijo úmido de nuvens

empurradas acima de suas razões
eclodidas no clarão do trovão
A ferocidade da queda
O frio no estômago
Vertigem entorpecida
por êxtase de instante
A ilusão que o vento forte
Traz suas mãos

Erotismo do Fogo

27/12/2017 20:15 | MÚSICA: JANEIRO – MYSTIC DIVERSIONS

Quem olha o fogo
Vê os olhos do feitiço de dragão
Vê sem crer as flores do demônio
O que não vê
São minhas mãos de lâminas de vidro
dos vitrais vermelhos do vulcão interior
As línguas flamejantes
que beijam desesperadas
pescoço do fogo a se contorcer
São corpos que se tornam um só
Por momento consumado
Paixão de uma brasa
Enterrada nos confins da terra
Floresce na flor vermelha
na estação da estiagem
Os brilhos líquidos
As faíscas do amor se consumindo
Coração que de madeira

combustão vira poeira
Labaredas se espalham
Tomam seus corpos inteiros
No arder de seu prazer
esquecem-se de ver o inferno

Chamas devoram pensamentos
pastos, ar, água
vitrificam areia
no brilho desse amar
Enfumaçar
Fogo é a sedução do inverno
Queimar do sol
nos olhos unidos pelo fio
invisível do desejar

Herbarium Místico

107/01/2018 15:40 MÚSICA: EVERYTHING IS ILLUMINATED – JOHN FOXX I CADERNO DE COURO AZUL

Se eu pudesse, eu faria
um *Herbarium*
para as partes completas
de existência incompleta

Faria uma esquadria
Passariam as horas incontáveis
ao ajeitar sobre papel dobradura
caule, raiz, os galhos e folhas
do espécime incolor
Um quadro envidraçado
similar a janela para seu onde
para seu equidistante
perceber
Onde estaria o semblante?
Nas páginas ressequidas de pétalas?
Caminharei o dia de meus traços
Eu olharei um lago
na planície do alvorecer
nas águas não se espelharia
um rosto de flor guardada
um sorriso esquecido desbotado
semblante
sem rosto
sem corpo
Estaria bordado por debaixo do musgo?
Estaria com a semente dormente?
Teria o olhar urso?
O abraço quebra-nozes?

Conteria o acordar do sol?

Eu olharei o *Herbarium*
com a braçada de flores
das estações vindouras
com mistura de famílias
com a confusão das opiniões
no canto anotarei
receitas curandeiras de Xamã
e reconhecerei suas folhas
em qualquer planície
sob qualquer vento
independente do ângulo da luz
reconhecerei sempre
a estatura, a postura, a voz
o assobio, o morder do canto da unha
um formato, um mistério escondido
revelado nas decifrações
de poucas palavras jogadas
encontrarei pólens
seus perfumes se levantarão
viajarão em outra dimensão
o som será engolido
mas onde estou poderei escutar
o pelo macio do olhar
Haverá sempre esta janela
um ferrolho destravado
e um vento que vai arejar
a luz que incidirá sobre o quadro
me recordará sempre a florada
minhas vãs lutas de semear a terra
de sentar um dia novamente

aos pés da sua aparição

As dormências poderão ser quebradas
com as intempéries dos mistérios
em meu coração místico
seu rosto de pétalas será revelado

Espírito Livre do Arfar da Disparada

08/01/2018 22:14 | MÚSICA: A ILHA DOS AÇORES - MADREDEUS | LEMBRANÇA DE ESTRADA DO SION – SÃO FERNANDO, VISTA PARA O VALE DO PEÇANHA, PÉ DA SERRA ITAPETINGA, CAVALO SOLTO QUE MONTEI A PELO, QUANDO MENINA.

Minha intenção era ir lá
sem bagagens
nem cargas
era bocejo de dia novo
frescor dos redemoinhos
das rodas d'água do meu pensar

Era só o puro desejo
o de cavalgar
para o alto da colina
abraçada no pescoço
do um corcel negro

Cruzar estrada apagada
a disparada
dos cascos livres
com meu olhar nos bolsos
lágrimas caídas petrificadas
nas sendas de labirinto
dos arbustos ladeados

Disparada rumo ao umbigo
Poço velho
uma murada de pedra
algumas caídas na briga com a lua
corda velha ao balde de ripas

caído de lado ao pé do formigueiro

Deita campo avistando mangueira
Sombra de minha alma cativa
das vistas perdidas da minha terra
Da força insensata
de cortar os ares
deitar e deixar o olhar meigo equino
conduzir naquele cimo
pegar nas mãos a manga amadurecida
com a cor do pôr do sol
guardada na sua casca esquecida
junto de frutos caídos
e tantas coisas da vida

Ida sem volta

09/01/2018 17:39 | MÚSICA: THREE WORLDS: WAVES – TUESDAY - MAX RICHTER | CADERNO AZUL DE COURO P. M.

Então,
você se virou, caminhou
saiu pela porta de nuvens
Fechou a bruma atrás de si
Tive que ver você se virar
sem saber seu rosto
ir-se indo na fumaça do cigarro
se perder no halo
ver o concreto silêncio
de uma casa vazia
oca ecoando as finais poeiras
seu vulto que foi
por ali aonde é o nunca mais
eu vi
com meus olhos de terra
com sabor de terra
na boca onde minhas palavras
hão de comer

Sobretudo
as borrascas que não vi
ruas que caminhei
o olhar procurando
A ferrugem da saudade
galgando minhas veias
Fui extraída
um dente retirado
algo inconveniente

eu fiquei com meus cacos
Tentando saber
e quantas vezes já senti
o rosto diluir
a estrela morrer
me deixando sua tardia luz
como prova da dúvida
Chuva que não passa
enquanto meu coração não para

Cinzas da agonia

I PARA AS CINZAS DA MINHA CARNE 19/01/2018 17:25 I CADERNO COURO AZUL

Sombras da noite
Penetradas nos meus olhos
Havia tantas pedras
na sua insensível vida
Seus rostos corados de fungos
peles ressequidas descascadas

Fui à mesa do café da manhã
no ninho do cardeal
xícaras casca de ovo
eram servidos cristais de orvalho
Apenas com este pingente
é a sede que tento domar
com bico de ouro
escolho seus brilhos
transpirados do respirar da noite

As pedras são apenas o sono
o nada é para elas
assim como elas são
para as águas e ar
Compreendo que me enterrarei
no corpo do tronco de uma árvore
que me abraça
que me engole, me empala

Não procurei a hora do sol
Não escondi minha unha
Não esqueci a fala

Hoje havia muito mais pedras
As eras haviam cuspido
tantas almas vazias
palidez do seu cio ou do seu querer

Nas sombras da noite
Uma fumaça
a fuligem fugidia da mesquinhez
eu esquecia mirando o cristalino
da coruja amarela e negra
Esse lençol silencioso me cobriu
Via-se seu brilho no relâmpago de água
Um vaga-lume de fogo
Vela de aniversário de augúrio
no piado luxuriante tenebroso
longe longe
Esse tecido cortinava
nuvens fugidias derretidas da lua
um anel desmanchado
desmentia saturno
Meus cabelos negros pairavam sem rumo
ao monte ao monte
alto e vazio
sem vestígios de trilhas e arbustos
Exalando carvão queimado
e o abrupto abismo
seu ar parado
da morte
Morte que pusera sua delicada mão
no rosto da agonia
e o resto das cinzas

se engalfinharam pelo chão rasteiro
no último suspiro

Oráculo

126/01/2018 12H PARA Κλείω I MÚSICA: ILHA DOS AÇORES – MADREDEUS I MEZANINO

Certa vez sonhei com urso
Seu emaranhado de pelo castanho
Ao qual meus dedos se enterrariam
Um abraço mortal
Vontade das mãos vazias
Palavra ressequida nessa azia

Certa vez sonhei com mel
Mel dos rebentos de flor de laranjeira
Ao qual colaria minha língua
no grude de cola nos céus palatais
Um sufoco mortal

Certa vez sonhei com a medula
O cerne fibrado lustroso desta árvore
Sua estrutura e força
Sua altivez sem envergadura
Um esteio de raiz
Seio de dois corações
Pulsante fatal
Em noite trêmula
Carinho esguio
Amor construído
Sono envenenado da serpente
Farpa enterrada entredente

De certa forma eu vi
Moldar da cerâmica
Flor da cor da pele

Mortal falseada a textura nata
Um dissabor constante
Tempo requerido distante

Mãos vazias
produziam seus desejos táteis
nada comparados
como plumas de cachos
cabelos de verdade

Deste modo desejo
café doce de cor de cabelo
casco de árvore
folhas permanentes
sua pele frágil
sua boca quebradiça
voz inaudível feito cortiça

Certa noite senti de perto
Presença inventada
Não pude comer o som de doces palavras
Permaneci amarrada
no engasgo da pena
no voo de graça dos cílios
no amor de madeixas do idílio

Acordo mais fraca
cada dia vejo menos
Palavras sem sentido sem viço
Vício dependente das luzes opacas
Vício desesperado de beijos de máculas
Tudo vivente inexistente

Dentro desse oráculo

Vem de repente
me cala - me tortura
me mata e diga
aos olhos vazios de fumaça

"Estranhamente amei
todas as sílabas que passaram"

Bruma do incenso *Cinnamon Morning Star*

05/02/2018 11:40 H | MÚSICAS: NOCTURNE – MAX RICHTER, MISTERY SKY – LEMMONGRASS | CADERNO AZUL DE COURO

Bebo um gole de intento
Esvoaça liberto
o momento de aperto no peito
A queima do incenso
liberta - o espírito preso
uma voz fumaça
Deixo que vá
Deito nos braços de sua fuligem

Meigo gosto de sempre amargo
cheiro embebido doce de seu sarcasmo

Voa livre – Desaparece na diluição
Sua existência seria líquida
condensaria as libélulas da manhã?
Suas asas de cristal Bohemia
Suas asas trêmulas do amor
Suas asas líquidas de água de gelo

Tudo perfumado
nos ares do meu coração manhã
tudo mergulhado nas promessas
das chuvas secas
das orgias ocas da estrela do amanhã

Alma do isento incenso
Alma insensata
Colunata de fumaça

de uma bruma espada
de ondas imaginadas
ondas com música
da fervura do leite coberto de nata

Bebo um trago do ar
Rumino os perfumes pensados
Das sedas puras estampadas
de onda de mar agitado
Morro com este gosto
de vento do aroma
de grama cortada

Cinnamon queimado
um espírito em halo de diálogo
Celofanes coloridos
Derretidas gelatinas do sol oculto
nas sedas brancas da lua
nas teias de lantejoulas losango
e os dedos das brumas bordadas
se escondem nos brilhos
das palavras afogadas na saliva
adocicada do pêssego em calda

De repente se extingue
O fio de fumaça
inaudível e calado
Banha em espumas
seus braços
_ vestidos de nuvens altas

Hipnosis

102/02/2018 19:10 | CADERNETA PRETA HERBÁRIO | PRESENTE NA SEGUNDA PESSOA E ALGUNS CONJUNTIVOS OU IMPERATIVOS.

Sou voz tênue
que te faça lembrar
lembras-te a da tua mãe.
Imaginas-te embaixo d'água
Eu sou voz calma
Desligas-te dos ruídos
escutas só a vibração
Sentes teu pulso
Sentas-te e deixas o cansaço
pensas em flores de mato
vento calmo
Sou voz calma
e tu estás descansado
Sou uma mão de fumaça
uma nuvem *cirrus stratus*
urubus dançam no céu
vão formando constelações
Percebes, sem som
Sou voz de mãe que te fala
Orion, escorpião, sagitário
Estás calmo, sentado
Dez nove oito sete seis cinco
quatro três dois um
Quando eu contar até dez
voltarás
Ao andares um jardim
cheiras a flor não a arranques

Ao veres a criança, afagá-la
Não a cutuques – Não a apertes

Minha mão é fumaça
ela chega até ti
ela toca teu coração
lembrar-te-ás de mim
Quando uma taça de vinho
chegares ao fim
terás sentido meu beijo carmim

Eu sou voz calma
uma mão morna
invisível ternura (que não vai embora)
nesse momento tu podes me amar
toda vez que vires a orla

Quando beberes água
matares a sede
sentirás minha falta

Tu estás calma(o), serena(o)
Tuas aflições foram
levadas pela água da chuva
Sou voz calma
Tua confiança inabalável
traz fé firme
no amor que trago na alma

Ao dormires
coberta(o) da seda do teu perfume
Quando acordares

terás certeza de me amar
Buscarás sempre
onde me encontrar
porque convictamente
sabes dentro de ti
e sabes que
ao quebrar uma louça
um copo derrubares
aquele autocontrole
aquela autocensura
irás desligar
Definitivamente
sabes o que sentes

Um dois três – corações
se lá for, serás feliz
quatro cinco seis
um bom dia vai acordar
sete oito – serena(o)
nove e dez

Teus lindos olhos
acordam desta hibernação
as cores são lindas
o ar é puro
Onde tu estás?
Diz-me o que vês?

Páginas da noite

05 DE MARÇO DE 2018. 19:32. MEZANINO I
MÚSICA: MAX RICHTER – TUESDAY.
MEMÓRIA OLFATIVA: FRAGRÂNCIA VERDE JADE.

Nos braços da noite, entrego meu íntegro ser, nas carícias dessa cambraia penumbra. Vagando o olhar vazio, nessas escuras fitas negras derramadas de um sol oculto.

Envolvo essas vestes, todos os corações que cegos se mastigam.

Há uma dor, específica e pura, na nua parede, seus desenhos interiores eu os decoro, nunca.

Sei a dor do seio da noite, a voz gutural transmigrada das rotas de estrelas apagadas, o enevoar que se acende (ascende).

Vejo, a queda do gelo, vejo à distância, através das muradas que construo em vidro opaco, uma reclusão equivocada dos meus próprios sentidos, o perfume essencial já conhecido, transpirando uma dor declamada em paredes de vidro.

Suor da noite me transborda de todos os meus vazios, minha própria voz se desfaz em nó de laço, quando caem por terra, as gotas do meu ser diminuído nessa hora lua nova. As nuvens que caem. Recolho, guardo em caixas, junto aos cacos de brilhos do arquear do espelho. Não me reflito.

Os olhos pendentes, sabem mais que o suficiente, as previsões da chuva seguem o estio da pedra crua.

Às sombras caminho, entre as cabeleiras das árvores, adivinho suas entranhas, descubro as raízes mortas.

A noite me segue, coberta desse manto, o frio e o calor, são apenas sensações breves, entre um conforto e seu ato de transbordar o incômodo.

Amor que sinto sangra no transpirar e desconheço o fim das horas, me perco nessas sombras das profecias decifradas da borra, evidente na alta alvura da porcelana azulada de um planeta perdido, fugaz.

Essas imagens me encantam a vontade, parecem oásis na noite, oásis de um chá negro entregando seu manto morno na altura dos cumes das árvores, agitadas, dobradas com o sopro da noite.

Em algum lugar, a vidraça me entrega recordações do dia, uma sensação relembrada e antiga, de um esperar sem hora. Sem nada.

E nesse escuro procuro, um lar, um encontro, uma voz verdadeira, frases escritas em alguma página, que eu adivinhe cada letra, cada curva, cada som e o odor do papel. Eu releio o que me foi dito, escrito por mim nesse meu coração e adormeço o perigo, com a mente dizendo qualquer uma coisa sem sentido, meu corpo nu de amor.

Estranho pertencer

121 FEV 18 21:06 MEZANINO MÚSICA:THE HEALING WAVES – LUKAS TERMERA

Sonho que o sonho
seria o seu
Sonhasse ele o que seria?
Gosto o gosto da boca do ar
se fosse sua
que diamante de açúcar comeria?

Se leitura que lesse
em jornais antepassados
em que página estaria?

Música de casaco
sobretudo no frio
em janelas respingadas
no momento assíncrono
eu ouviria o que ouviria?

Se coisas perdidas e descartadas
aonde as procuraria
achar-me-ia amassada nelas?

Se virasse a esquina
em qual esquiva viraria?

Se minha vida estivesse por
um fio
que tecido teceria?

Se meu sonho sonhasse

nas mãos encontrasse
cicatriz da letra
que se encaixaria
perfeitamente
na inicial da minha mão
Duas letras que
estiveram repetidas
nos nomes do começo de vida
Que nome daria?

Se a afasia persistisse
que termo inventaria
para esse sangue ferido
que está por detrás
de cada pupila?

Que nome daria
se nascesse naquele dia?

Se meu gesto fosse seu gesto
coubesse no espelho
a que distância estaria?

Uma mecha de cabelo
guardasse o meu guardado
que castanho seria?

Se uma palavra fosse
chorá-la
esse verso eu lhe diria?
Se afluente eu fosse
já sabe que rio navegaria?

Se uma frase nos faltasse
que frase falaria?

Se meu sonho e seu sonho
se encontrassem
o que aconteceria?

Pássaro orquídea

104 MAR 2018. 12:52 MÚSICA: YSI - RICCARDO EBERSPACHER I LOCAL: MEZANINO. DIA DE DESENHO.

I MEMÓRIA GUSTATIVA – AMEIXA PRETA, ÁGUA MINERAL COM GÁS. MEMÓRIA OLFATIVA: FRAGRÂNCIA AMETISTA, AROMA AMÊNDOAS. TEMPERATURA: 32 GRAUS CÉLSIUS. MEMÓRIA SENSITIVA: DOR DE DENTE, SEGUNDO MOLAR SUPERIOR DIREITO. MEMÓRIA VISUAL: DESENHO DO *SAGITTARIUS SERPENTARIUS* E FLOR *ERITRINA CANDELABRA* COMO DESENHO LIVRE, CADERNO DE ANOTAÇÕES E BLOCO DE ESBOÇOS. PREPARO PARA DESENHO DO LIVRO ABST.004. MEMÓRIA PSICOLÓGICA: ÂNIMO DE EMPOLGAÇÃO, DANÇANTE COM AS MÚSICAS. CUIDADOS NA ALTERNÂNCIA.

É por baixo do pulso
um rio sangria
de pedras rubis
correndo artéria iliolombar
gestando uvas no curso
_ de um voo de libertar
em céu mármore
_ cardeal, carmesim, cornalina

O grito mudo do hímen
Gérmen do sêmen
Sangra a idade madura
Alomorfia na florescente *orchidea*
Cymbidium vermelho Borgonha

Afronta o verde
Afronta submissão

da corrente sanguínea

Um dia
não há por debaixo das vestes
Adorna-se de si mesma
gimnosperma com sua coroa de antera
e um punhal desembainhado
_ em seu estame
E por baixo dos olhos
Lágrimas das impurezas do crômio
Formas em plumas de anjas violetas
E por baixo de véus de *cirrus*
rapina *Sagittarius* vai voar
com a serpente morta no Tetrápode
esta mordaça jaz carbonizada

Voa
Voa alto sem destino
Cores da boca do desatino
Ave serpentário
em plumagem vermelho vinho
em céus sangrentos
altitude no seu universo de Amar

Um imenso voo
infinito
até o sobrevoo do mar vermelho
e todos os milagres de amor
que estarão lá

CADERNO DE COURO AZUL I ANOTAÇÕES NO CADERNO DE BOLSO HERBÁRIO.

CYMBIDIUM – ORQUÍDEA EM TOM VERMELHO VINHO ESCURO, EM TOM DE VERMELHO BORGONHA. SUAS PÉTALAS CENTRAIS SÃO PINTADAS, COM DETALHES CONTORNADOS EM BRANCO. NO SIMBOLISMO DO TEXTO, SIGNIFICA A LIBERDADE VISCERAL FEMININA, COM SUA MANSIDÃO PACÍFICA.

A FLOR METAMORFOSIADA EM PÁSSARO, SIGNIFICA A MAIS ABSOLUTA LIBERDADE DA MULHER MADURA, DESPRENDIDA DE RAZÕES, IMPOSIÇÕES SOCIAIS, ELOS DE UNIÃO, RESPONSABILIDADE DE MATERNIDADE.

A IMPUREZA DO CRÔMIO, NOS ELEMENTOS NATURAIS, CONFERE A TONALIDADE VERMELHA, IMPLICITAMENTE ALUDINDO A MENSTRUAÇÃO.

AVE DE RAPINA, SÃO AVES PREDADORAS, SIMBOLIZANDO A LIBERDADE QUE DEVE SE ALCANÇAR COM ARTIFÍCIOS DE ARMAS DE SANGUE PARA DEFENDER A PERSONALIDADE DA MULHER, EM SEU ÂMBITO MAIS PROFUNDO.

A AVE SERPENTÁRIO, *SAGITTARIUS SERPENTARIUM*, REPRESENTA A CAÇA, (DO ÁRABE SAQR-ET-TAIR – AVE CAÇADORA), IMPLICITAMENTE REPRESENTA MEU EU LÍRICO, NO SIGNO DE NASCIMENTO.

O TOM DA PLUMAGEM NO TEXTO, ATRIBUO TONS VERMELHOS, NÃO ORIGINAIS DO PÁSSARO, QUE É CINZA E PRETO, PARA TOM VERMELHO ESCURO, DA MISCIGENAÇÃO COM A ORQUÍDEA DE COR VERMELHA BORGONHA, TAMBÉM SANGRIA E VERMELHO-FALU.

AS CORES MENCIONADAS PARA CÉU DE MÁRMORE, REPRESENTAM TONS DA VAGINA, VULVA E APARELHO REPRODUTIVO FEMININO.

AFRONTA AO VERDE, SIMBOLIZA A LIBERTAÇÃO DO MASCULINO, DA FUNÇÃO REPRODUTIVA, DO PRAZER MERAMENTE MÁSCULO, PARA UMA LIBERDADE AMPLA DA MULHER ESCOLHER SUA VIDA, SEU RUMO, SUAS ATIVIDADES SEM DEPENDÊNCIA ALGUMA DE SEU PAR, SEJA ELE MASCULINO OU FEMININO.

O MAR VERMELHO REPRESENTA O MILAGRE, A LIBERTAÇÃO, O TRÂNSITO PARA UMA VIDA EM NOVO LUGAR, O LUGAR SERIA A LIBERDADE. A LIBERDADE DE AMAR.

Mistério Pensativo

29 MAR 2018 12:05 MÚSICA: SILBERMOND

Ando pensativa
que caminho
que caminho é esse?
Mãos vazias tentando abrir a porta do dia
As chaves caem em sarjeta
onde sangram penas de asas
asas de anjos invisíveis

Ando pensativa
Vejo as cores misteriosas
que se denunciam
por baixo de um esmalte descascado

Até os números mentem
Falam-me por aí
os absurdos da hipocrisia
nos cantos da boca da paralisia

Eu ando trôpega
malandragem das runas me contam
segredo dos ventos das vestes
mostram a porta da morada do seu segredo

Eu leio soletrando
no ar do frio atemporal
no peso da chuva que compro em gramas

Ando pensativa
celebro o minuto passado

em seu sabor de vitória de o ter tido
E procuro seu rosto nos sulcos da pedra
no reboco caído
palavra jogada desamarrada
em pontas de cetro
Ah os poderes nossos esgotados
sem forças para não afagar
em tanta coisa sentida
envolta na incongruência lógica

Ando pensativa
esqueço meus pés
esqueço de tentar levar meu braço
para além das montanhas
a puxar você para mim

Nas pedras correm meus pensamentos
de tanto nada
que o jejum me come
Sinto esse devorar, das chamas antigas
Adormecidas nos braços
Que guardo como enfeites
sobre as prateleiras mais nobres da cristaleira

São vidros com intromissão de cores
Cantam uma canção opositora
Dos meus desesperos e desenganos

Elas me tentam balbuciar
a tal frase nunca me foi escrita
nunca me foi falada
destrancada da alma

dessa alma lavada
dentro da mão esse pingente puro
uma partícula reluzente
a centelha que ainda me sobrevive

e assim ando pensativa
por vezes erro a esquina
desço o degrau sem aviso
sacode os cornos que não vejo

pensativa
que esqueço a roupa descombinada
a pedra na palmilha
sol que derrete meu cabelo em petróleo
esqueço tudo, vou nua
ando milhas
ninguém nota porque me vesti de você

A Morte

10 ABRIL 2018 22:05 POR F. G. LORCA, EM REFERÊNCIA AO POEMA ALMA AUSENTE E DIÁRIO DE NAVEGAÇÃO - TRAVESSIA DAS CORDILHEIRAS DE CHUMBO I EM CASA I CADERNO AZUL DE COURO

É pedida uma neve, uma neve
que derreta seu disfarce
Pedida uma mão que
desfaça o laço
antes que a mão negra
tome da minha sombra um pedaço

É pedida aos olhos de menina
a ingenuidade que do ventre
_ nasce

Sua pureza assopre longe o inverno
e rugas de sua face
e é pedida uma neve, uma neve
que sua vista embace

Uma ânsia do desespero
emudeça os bicos dos corvos
relinchos de pernas estropiadas
um caminho infindo que finda
em meus pés não se propaga

E vem uma neve, que leve
caia devagar sem ameaça
A voz da Morte emudece
tremula enrijece

sem vento breve
que a embarque

A neve cai, uma neve imaginada
com um pequeno morno leite
com um pequeno indicador deslizado
com uma face esperançosa inocente
sem um amanhã que talhe seus braços
sem uma sombra enroscada nessa sombra
sombra essa de morte matada
essa morte que persegue no sonho
onde sua sombra está gelada

Uma neve caída, uma neve apenas
um chão novo para o próximo passo
que no inverno poderá ir
até mesmo escorregado

E no choro da neve, leve
um sorriso deitado
uma menina que você era
que no inverno reveste
seu olhar quase parado

E uma neve você chora
o leite derramado
que corre urgente para os veios
que ainda não liberta dos seus amargos
mas as geleiras que caíram
esqueceram como
É pedida uma neve, uma neve
Branca alva enternecida

e a Morte sem coragem
chora sua partida

Uma neve breve
vento leve
uma mão erguida
acena
como cristais fractais
tempo passado nos meus quintais
É pedida minha vida breve, breve
enquanto cai a neve
após os temporais

ELUCUBRAÇÕES MÍSTICAS

Vermelho sobre Vermelho

09/11/2017 14:06 A 14:54 – ATIBAIA – CENTRO I CADERNO VERDE DE ESTUDOS LITERÁRIOS I MÚSICAS: DANCE OF THE SEVEN VEIL – MYSTIC DIVERSIONS I SEA IN SAHARA - MYSTIC DIVERSIONS I LA MAMOUNIA THEME – BLISS I FEMME DU MARROC – BLISS I MARISI – CANTONA I CAGE-ED CARLSEN.

Mergulhada em água branca
Adormecida nos sons ritmados
Rumo sol encoberto
às crianças corria a proteger
trôpega nos véus das saias
Águas bebidas do olhar sob o véu
Assino o escrito
sobre o couro macio tingido
Vermelho boca persa
Caneta cantando sangria
Pergaminho recortado
a entregar ao pai
Escrito em brilho, em cor sem contraste
Segura mãos vazias sem haste
Mensagem ilida duplamente
tal acordes de *Mijwiz*[3]
Luzes de poeira das mãos de giz
O que diz?

[3] Mijwiz – significa duplo em árabe, é uma flauta dupla uníssona

O que não leu
não leu, assim diz o sonho
de cor sobre cor, das palavras desaparecidas
pergaminho de carta oculta
A música que toca
além do horizonte
uma boca que gorjeia uma *Nay*[4]
dedos deslizam cada buraco
na flauta da manhã
Adormece, encanta
no amarrar do agal no *Keffiyeh*[5]
Um moço sentado
segura o *Derbak* [6]entre coxas
seus ombros balançam, frente e atrás
sorriso desses que não se fie
Os olhos profundos de urso
Olho mensagem
como ler palavras no braseiro
o brilho de luz liberto em voo

Eu poderia ser o redemoinho
a dançar com a muda de flor

---

[4] Nay – flauta árabe, significa cana em persa. Som usado na meditação. Para mim traz referência à cantiga que escrevi no livro Vipassana, onde esse termo em galego corresponde a Mãe. Neste texto, é a flauta árabe e mãe simultaneamente. Significa também minha meditação matinal também nos meus sentimentos tríplices, nos sentimentos múltiplos e no sofrimento profundo deste em específico.

[5] Keffiyeh – turbante, roupa usada pelos beduínos por séculos símbolo de honra e identidade, protege a boca e olhos tanto do sol como das tempestades do deserto, que é envolto em Agal. Tornou-se símbolo de movimento palestino.

[6] Derbak – uma argila queimada revestida com pele de peixe ou cabra, percussão.

minhas mãos em vento
levam o buquê
A lua que chora no oásis
Meu olhar supera venenos[7]
Boca se petrifica *evaporítica*
Pétalas de rosas das areias[8]
Dançam ar ímpar[9]
como borboletas vermelhas vivas tunisianas
ao som de *Oud*[10] e *Rebab*[11]
som do coração que não se cabe
Dança de pé no chão
Dança de amor na mão
Floradas verão
Irradiação permanente
do respirar ardentemente
unicamente cantado
nos sonhos de miragem oriente
que os ares da noite não podem interferir

Sonhei poemas perdidos

---

[7] Referência "Supera venenos" – cito o veneno do escorpião do deserto, que figura o poema dunas de fogo, no sentido que sobrevivo ao veneno de sua picada dolorosa.

[8] Rosa das areias – Rose des sables – Rosa do deserto, são formações rochosas evaporíticas ocorridas nos desertos quentes. Formam cristais lenticulares, dando lindíssimas formações de rochas aparentes como se fossem rosas. Sua formação aparentam a flor, com as pétalas de bordas afiadas.

[9] Duplo sentido: Dançam ar ímpar – dançam um ar sem igual, dançam o ar em par. Como voo de duas borboletas. Refere-se a uma colocação de Uma carta de amor escrita em junho2017.

[10] Oud – tal qual alaúde.

[11] Rebab – um tipo viola de corpo de madeira coberto de pele de intestino.

Pergaminhos vermelhos
de mensagem de pureza não respondida

O que se deve falar em certeza
a única certeza era cor
cor esmaecida na palidez
de todo florir translúcido
e branco querer sem poder

VERSO DA FOLHA – VERMELHO SOBRE VERMELHO

TEXTO CARTA POEMA COM PEQUENAS BASES EXTRAÍDAS DA CARTA VERMELHA E UMA CARTA DE AMOR, REVESTIDO EM SONHO OCORRIDO ESTA NOITE: CRIANÇAS PEQUENAS BRINCAVAM EM PRÉDIO SEM PROTEÇÃO, EU CORRIA A TENTAR EVITAR QUE SE MACHUCASSEM. ANDEI EM CHÃO MOLHADO, ARENOSO, PÓS CHUVA, CÉU EM TONS AREIA AMARELADA, COM LUZ POR BAIXO DAS NUVENS QUE SUGERIA NASCENTE OU POENTE DO SOL. HAVIA DESTROÇOS NAS AREIAS, MAS NÃO SE VIA ONDAS DE MAR OU PRAIA. EU ESTAVA COM UMA PASTA VERMELHA TONS *PERSIAN RED*, COM TEXTURA DE COURO, ELA DOBRAVA E GUARDAVA FOLHAS DE PAPEL EM BRANCO. EU JÁ HAVIA ESCRITO O QUE PARECERIA UM CONTRATO, UMA CARTA, DAVA PARA VER AS LETRAS MANUSCRITAS DE PRÓPRIO PUNHO, LIGEIRAMENTE BRILHANTES AO INCLINAR DA LUZ. EU SEGUREI A CANETA, ESSA CANETA QUE TENHO QUE ESCREVIA EM BRANCO, MAS ESTÁ SECA. ELA ESCREVIA EM VERMELHO, TOM SANGRIA, EU ASSINEI EM COMPLETO MINHA ASSINATURA DE NOME. ENTÃO, ABRI MEU CANIVETE PARA CORTAR ESSA ABA ESCRITA DA PASTA. DESTAQUEI COM AS MÃOS SEM USAR A LÂMINA. ENTREGUEI A MEU PAI. ELE NADA DISSE, SE VIROU E FOI ANDANDO, SUBINDO A DUNA, ATÉ DESAPARECER POR TRÁS DELA.

FIQUEI TENTANDO ENTENDER, SE ERA SONHO, SE ERA UM SONHO LÚCIDO, SE ERA MENSAGEM DO UNIVERSO PARALELO. EU PENSEI, NITIDAMENTE, TANTO O SONHO DE ANTEONTEM (DIA DO NOSSO ACIDENTE DE MOTO) QUE TINHA A PRESENÇA DA PRÓPRIA PESSOA EM CARINHO E AQUELA CRIANÇA PEQUENA COM OLHOS CASTANHOS PROFUNDOS, UM OLHAR ÍMPAR, MAS NESTE PARECIA QUE A MENSAGEM QUE ERA PARA TAL PESSOA, ESTAVA SENDO ENTREGUE A OUTREM.

PENSEI, MEU INCONSCIENTE SINALIZA A CARTA VERMELHA NUNCA LIDA. MEU ÍNTIMO INTUITIVO DIZ QUE HOUVE PENSAMENTO NESSE CONTEÚDO.

PODE SER UMA INSTRUÇÃO QUE EU REESCREVESSE A CARTA DE AMOR PARA O LIVRO, QUE EU QUERIA FAZER ISSO REVESTINDO DE OUTRA ROUPAGEM E OCULTANDO OS SUJEITOS. ERA UMA ORDEM PARA EU ESCREVER UM NOVO POEMA

SOBRE ISSO. ERA UM GRITO DA ALMA, POR ISSO, POR ESTE LUGAR PARA ONDE EU FUI DENTRO DE MIM, ME VI, ME ENCAREI NESSA INTENSIDADE DO MAR ONDE NUNCA FUI, E DESSE MUNDO CHEIO DE PRÉ-CONHECIMENTOS QUE NÃO SEI DONDE VIERAM. E PENETRO NO MEU MUNDO POÉTICO, UM REFÚGIO CONSTRUÍDO POR MIM, EM SOLIDÃO, EM FANTASIAS E SONHOS, EM EXPERIÊNCIAS METAFÍSICAS E ME APROFUNDO TANTO QUE NÃO RETORNO.

Círculo de fogo

114/12/2017 9H – 9:38H QUINTA-FEIRA I CADERNO P&B

É fato

que o ódio me alcança

com suas luvas enlameadas

pelo simples fato

que posso dormir a montanha

que posso deitar no céu

envolver meu peito das nuvens

ouvir a harpa de teias

através das oitavas

dedilhadas pelos brilhos do sol

dormir dentro das nuvens

macias de alvura da couve-flor

Ser beijada

pela agulha de um bico

negro

desaparecida na batida

das asas do beija-flor

Ser mordida das gotas de orvalho

cegada da cortina de Horizonte

dos caminhos além do monte

O fato é que o ódio mata

da sua intrínseca dor de

_ aprisionamento

ofendida pela nuvem de

_ minúsculas abelhas

que orbitam as inflorescências

na vã promessa do doce coquinho

Ogivas azuis e verdes

dos gatos livres

pousam em minhas músicas

enquanto faço donativos

de coração às asas dos

altivos pássaros

Deito pensamento nesse regaço

esperar que as folhas caiam

_ do telhado

e as ameixas secas

virem chocalhos de palhaços

Os alfinetes de prata

costuram vento nos pés

para eu sonhar que cavalgo

O galho se inclina

a imitar a dança

de um violino tocado

O ódio me atinge

nas unhas de gato

e escapo no meu sangrar

o sonho inacabado

Corro, no encalço da

_ manhã

_ do minuto

_ parado

Corro, que meu suor

paira atrasado no sapato

e nem dá tempo de

_ ouvir os passos

Jogo o casaco, cachecol,

sombrero, lã de vidro,

a agulha do crochê

que tecia o emaranhado

_ do cabelo

Fluía, fluía um desejo

no arroio do canto do

_ olhar

de tempo pedido

Até que finalmente

posso caminhar meu caminho

sinuoso no mosaico de

_ folhas

Meu caminho de

passos de água do

infinito murmurar da fonte

um sorriso eterno de

_ nascente

declamando esse pranto

do caminho serpenteado

que me escorro

Refresco

essa ondulação

do meu viver de amor

enquanto piso as surpreendentes

sementes do lodo do riacho

Posso saborear minha

liberdade de insistir

girar o ciclo da vida

Deito cabeça sob sombra

acomodada em almofadas

de pelo dos gatos

pantera negra

dente de sabre

farejando seu possível hálito

_ de café

E ao chegar à vertente

Não há torneira

Não posso estancar o gotejar

e seu ódio me atinge

com a vontade de um polegar

Eu preciso sentar com

pernas dentro de rio

Deixar passar

Deixar levar

Pensar nos sonhos indecifráveis

do meu desenho de dor

Preciso tatuar os fungos

_ da liberdade

esquecer a restrição ao coração

Ser exatamente a

cor do broto da romã

E como eu amo,

é tão linda sua vitória

Para pensar porque

eu lavava com água

calçadas da morte

Porque eu dizia meu

gosto, meu afeto

ao rosto de Giovanna

Por que eu procurava

o sorriso da Suzana?

Seria um eco?

Mas o que quero dizer

é que

no meu sétimo sonho

cheguei a uma fronteira desconhecida

Eu vi um círculo de fogo

Não era no chão

Era laranja sumo de papaia

Não crepitava

Fluía concentricamente

como uma cortina

que se projeta em

ponto infinito de fuga

Eu me aproximo

mergulho meu rosto

Transponho a essa luz

Ela absorve toda minha cor

Eu me vejo lateralmente

Branca

Branca imersa na ausência profunda

Meu rosto, sua metade

a revelação do crânio

uma poeira que se desintegra

A sensação imensa que sinto

Volto aos meus olhos

Eles fitam o ponto cego

no fim de tudo

uma luz branca trêmula

Há uma luz no fim de tudo

E o medo me acorda

ecoando as palavras que ouvi

minha súplica de luz

temi as portas do inferno

No fundo eu entendi

esse mistério eterno

[ILLUSTRATIO 3]

VERSO DA FOLHA - CÍRCULO DE FOGO

NA SOMBRA DO JARDIM, COM ÁRTEMIS, O GATÔ E O BEIJA-FLOR.

REFLEXÕES DA LIBERDADE DE AMAR, LEMBRANÇAS DO SONHO QUE TIVE EM 11/12/17 OU 10. RELATO NO CADERNO *MOLESKINE* DE BOLSO.

NESSA MANHÃ LENDO FEDERICO GARCIA LORCA, UM LINDO POEMA DOS TRÊS AMIGOS.

A CAMINHADA EM LEITO DE RIO À NASCENTE, UMA BUSCA PARA EXTINGUIR O SENTIMENTO QUE NÃO POSSO PASSAR A BARREIRA DO FOGO – UMA PROVAÇÃO – DESTRUIÇÃO, MORTE, PERDAS INSUPORTÁVEIS E O VAZIO DA AUSÊNCIA.

E MEU JEITO DE SER GENUÍNO E INCOMUM OFENDE, É INSULTO, A CADA PASSO QUE DOU EM LIBERDADE O ÓDIO ME ALCANÇA, ME FERE, MAS ME IMPELE.

Cama de nuvens

17/12/2017 11:38 12:36 | PARA MEU ESPOSO
| EM CASA, JARDIM

Uma música que tocava, dedos de vento
O arrepio da pele, com mãos fortes
para chacoalhar roupas brancas do varal
Devaneios de tempos do mar Aral
Vim aqui de peito aberto
como rocha Pedra Grande
para de minhas mãos soltar livre
um coração Pomba de vidro
a voar o rumo certo
o mar das camas de nuvem
que sempre me preparaste delicado
ao pé da montanha
para as fronteiras do tempo
dormimos nosso amar o mar extinto
Como me lembro tuas mãos
Tu mergulhaste em mim
nas camas de nuvens
rolamos livres nossos sonhos de família
e nos encontramos no branco
cúmulos de granizos diamantes
nos beijos apaixonados que nos salvaram
Meu coração não era ave rapina
a ser atacada por corvos
Em nossa cama de nuvens
concebemos uma vida
berço de nossos anjos de caras sujas
Rolamos juntos todos os sorrisos
Como coração romã nascida do pé devastado
para todas nossas curas

Cama de nuvens de amanhecer
nosso algodão doce a apagar palavras duras

Assim nos amamos
com a força bruta do voo
com o horizonte da lua
guardado nas molduras de nossas janelas
orientadas para constelações futuras
abertas ao ar da noite
e ao brilho de Júpiter

Enquanto passava o rastelo
eu sonhava o abraçar do rio verde
desenhava teu olhar de toda envoltura

Nossas mãos produziam um som
Um derramar de olhar diurno
(nas cortinas de chuvas)
a afastar a destruição
do vazio abandono existencial
Mutilou meu ser
Nasceram ramas de melancolia
espinhosa como tanta gente

Nas camas de nuvens
nos amamos como pássaros desgarrados
com a musculatura do querer do touro
com beijo singelo dos focinhos dos gatos

E nossa família de nuvens
evaporam os ares sem mistérios
são os seres mais lindos

que pude aninhar no colo
contar histórias, cantar engraçado
para os meus gnomos de vento e coragem

Nossa cama de nuvens
Lençóis navegam mares de solidão
vencem o vazio
e contigo
todo o carinho da vida
pode ser comigo

As linhas da mão

20/12/2017 19:47 | MÚSICAS: JANEIRO – MYSTIC DIVERSIONS | RESTLESS ONE – CHAD LAWSON | CAGE – ED CARLSEN | THE CALL – CANTOMA

"Tornar delicadeza tudo que acariciar
A sensação do poder de transformar
nas carícias sinceras e mais profundas
do coração. No vazio. Na solidão."

Nas mãos toquei
as paredes dos muros
rosas secas dos mármores sujos
Sentia grânulo, poeira
o desenho de um risco
Com as mãos eu segurava o nada
pensando nos rostos e seus cabelos
Com as mãos toquei os mares
suas águas vivas se apossaram
dos meus olhos
Sentia a frase do esqueleto da folha
Impedia a trilha das formigas
Cavava riachos para barquinhos de rolha
Segurava círculo a assoprar a bolha
As mãos sentiam cada cor
cada brilho e cada sombra
Protuberâncias e texturas
O som do áspero, música d'água
Cantarolar da lua nas marolas
Bater das nozes dentro da sacola
Pegava água caída de telhados
Asas de borboletas feridas
Joaninhas em caixinhas de fósforo

Um girino, abelha morta
Uma tangerina
Retirava sua casca rugosa
seu sumo espirrava em spray
nas paisagens tortas
Com as minhas mãos
lavava
o rosto, o sonho, lágrima
e as carinhas das minhas crianças
Toda água, ia-se embora
O suor ia-se fora
Sabão de coco, ou um creme de flora
Com as mãos esculpi narizes
cerâmicas de lodo
Lavei cisco do olho
Lambrequei ao enterrar na carne da manga
Chupei o sumo dos dedos
e dos açúcares esquecidos
Com as mãos senti tudo
menos o choque do raio
menos o fundo da raiz da árvore
nem as plumas floridas do outono
nem a fuligem das matas
Com as mãos plantei
plantas que não foram pra frente
Cortei cabelos e mechas das meninas
Sentia o cabo do pincel
seus pelos afundando num grumo de tinta
Segurei pedras da geada
Testei a lâmina da faca amolada
Fiz tranças mal feitas
Perdi o nó do tricot

Amei estar em seus cabelos
ainda quando não os toquei
Minhas mãos sentiam
previam em formigamento
as palavras que viriam

E nos calos dos dedos
acariciei canetas
Escrevia o que vinha
o que eu tocasse
Com as mãos
abri os mares
segurei a mandíbula de cães
Pus pregador no vestido a secar
E desejei
ter todos meus amores
nas intrincadas palmas
no estalar dos dedos
no colher de flores
no semear de uvas
a abrir os olhos
cada dia que acordar

Tarot, páginas do futuro incerto

131/12/2017 11:06

"O destino está escrito,
suas entrelinhas não."
- Mara

Esperei por diversos ciclos da ampulheta
areia que caía, sem interrupção
as palavras da incerteza,
estavam reverberando meu coração
E esperei que uma pomba pura
feita de partículas quânticas
voasse e entrasse em meu peito
Eu saberia
intuir o momento e a maneira certa de pular
manejar o guarda-chuva que vai me sustentar
na descida às campinas da planície
no rosto seu próximo quente de emoção
Pedi que fosse buscar meu baralho
filetes dourados opacos
dentre as tintas de Botticelli
E primeiro respirei as lembranças de perfumes
mentalizei o rosto de minhas dúvidas mais angustiantes
o de saber o que sentes por mim
tantas respostas que já vieram
a mais desejada, tivera sido um momento auspicioso
bom demais para ser verdade que eu não estragasse
tirei as sete cartas hoje
elas não me mentiram
mostram circunstâncias desfavoráveis
obstáculos do passado

desencontros
o desejo irrealizável perante o artista intelectual
nos cinco de ouros
a própria esperança
virada do avesso
e como julgamento final
sétima carta, rainha de paus
amiga que vem em socorro
O que me traduz
com perfeição todo meu desterro
Mas a vida gira
juntam-se as cartas
embaralho
Agora é minha vez de saber de mim
Todo cuidado para os pensamentos
a disposição dos elementos
passados, inércia, obstáculos ou não
desenhados com pelo de Marta
nas filigranas misteriosas
do futuro próximo
E colhi, todo futuro em pé
o passado tombado no fosso
um cavaleiro batalhador ao meu lado
novos amigos na literatura
os riscos desmedidos e divertidos
nas escritas cartas do dois de ouros
O aspecto importante
será a imperatriz
próspera criatividade
assim espero
assim poderia ser
mas sei, ventos mudam

às vezes por nós mesmos
pelas escolhas e erros
mistérios do universo interior
sacramentada pela sétima
O imperador
meu amado, meu protetor
certamente nossas provações passarão
Bons tempos hão de vir
Frutos plantados a colher
Preciso vencer meus demônios do coração
E na minha petulância
saber os segredos teus
pessoa indigna que te rodeia
tempo de cuidar da mãe
tempo de consciência espiritual
seja lá o que for
venha para o bem
amargos desencontros
o dez de paus - sua tenacidade
recusa ao combate
mas o desfecho mais estranho
As de copas invertido
o que era uma carta de boas novas
desenho de mulher com criança ao colo
mudança negativa
o que me diz é a negação da maternidade
aquela espiritual
mas por se tratar disso
é a consciência de sua existência
As cartas não podem dizer mais nada hoje
Eu não duvido
Se havias lido eu tanto quis saber

pela angústia dá para saber
um remorso inexplicável
compreensão possível
Se vai tirar as cartas
prepara sempre o coração
muitas coisas ficam em enigmas
só depois vai entender o irascível
entender que era outro sentido

Desespero da bolha de sabão

15 FEVEREIRO 2018 14 – 14:48 H | CADERNO AZUL DE COURO

O respirar não tem seu gosto
Há uma maresia calada
Uma frieza de lâmina guia
Tenho olhos absorvidos em uma pedra
Derretem em noite de prata
Oxidam na manhã adormecida
Tenho surdez do cotidiano
Uma esfera de lucidez
cresce em uma bolha de sabão
Assume suas cores perdidas
Sua fronteira é cântico
do tocar de sua mão

Bolha estoura o caviar de emoção
Desejos passam
nos dorsos coloridos de cavalos marinhos
presos em um carrossel invisível
Voando um céu impossível
O céu manto do seu lençol

Quero ser mão de verdade
E meu caminho ser linha da vida
Estirada nas palmas
em asas de almas
em dias salvos
das dores da sua falta

Quero estar na sua boca
ouvir arpa vocal

Ser o som mantido sublingual

Desejo saber o tom
do sangue quente
Eles podem se dizer tudo
no transcorrer bombeado
da cabeça aos pés
em uma gota de pacto

Coração despedaçado intacto

Preciso, sempre
que me cubra
com o prazer de tudo que dei

Serenidade esquecida
à tarde marina
ao luar do farol
em cama de cetim das marés
um colorido de água marinha
pincelada com minha língua
dos rostos encontrados perdidos
no capuz de sonhos

Sinta minha boca
em batom vinho
na poesia recitada
dentro dos seus olhos fechados

Na maré mansa da hora desafiada
embarque nas vitórias régias
cubra-se dos seus tecidos

deixe camuflado os beijos antigos

Dobre com os dedos músicos
Envie em envelopes de papel
Os perfumes destilados para mim

Preciso
Sua voz baixa
sombra de vulto sob cortina
voz indecisa
que me fale língua sibilante
injete antígeno
Teça bordados na cicatriz do seu pseudônimo

Preciso
do espalmar, do nadar, do contorcer,
do voar, do prender, do bater,
do gostar, do poder
Preciso do seu ser

Por aqui

17 ABRIL 2018 10:30 MÚSICA: ALS WÄR'S ERST MAL – UNHEILIG \ CADERNO AZUL DE COURO

Não consigo afirmar, que o movimento da água
é minha mente ou meu coração...
Por aqui, um assopro forte
Eu me integro nesses movimentos
das fitas verdes de palmeira
E o que sinto, exaspera
Um céu limpo, um manto claro
Acomodaria o contraste de pinceladas claras
em corcovados de seus ombros
Essas ondulações
cetins diluídos das folhas
um cobertor ocre revolto de vontades

E o vento arde em sopro
chama de vela inclina e derrama
frio brilho em insuportável oco

Entrecortada de vento
Os fios do cabelo vão voando soltos
Há um sol morno
Nuvens esticadas nos cantos da casa
De todos esses leitos de amor
Tão lindos e pintados por dedos
Ou penas tão leves que se erguem
cantam meu pranto sozinhas
Em aquarelas azuis ou verdes
de um sonhado reencontro
Eu me particularizo em tantos carinhos imensos
que me sinto em tudo isso

com você junto comigo

Toda intensidade liberada de um instante
Parece tudo que sinto, contido
Vento sopra hoje sua força em minha vida
de eu abrir o braço saberei ter amado
como cavalgar forte decidido

Sopro que me atravessa, transpassa
roupas que não tenho
eu sei que deitaria todos esses leitos
sei que faria meu amor
em delicadas aquarelas em você

Estaria esse sopro de vida
esse marreco
essa garça perdida de asas abertas
Os coqueiros com cabelos descabelados para este lado
Pingos de ouro derretidos n'água
Uma manhã linda
Um berço imenso de vida
Garça branca que filhote cruza o ar
desafiando a canção
E eu aqui, agora, cortada de vento
sem mais nada
que não o morno sol
que os beijos tremulando sobre essa água
sem dejetos, sem acúmulos
água revigorada dos sumos do bosque
de caminhar de amores juntos
esquecidos das bagagens, hora, arestas
amando-se livremente

como as mãos raízes
com tanta firmeza
se seguram à terra
para viverem plenas

Não há amoras caídas
minhas salivas as degustam
folhas de outonos e vinhos imaginados
amadurecidos no seu corpo carvalho

O vento me corta
Leva amores em cabelos caídos
secam boca nas chuvas que te vão

E me veste das cores
desse amor por você

Pelo Caminho

I PARTE II 17 ABRIL 2018 11:14 MÚSICA: THIS IS THE FUTURE – EPIC NORTH

Ah, fez-se um amainar
caminhei flutuando e vi
um casco de árvore lindo
como uma cabeceira esculpida
cores amarelas ocultas no gramado
Dei passos rápidos Dei passos breves
Andei de costas com mãos nas mãos do vento
Na rua transitavam esses mornos toques
como sua mão em filetes de ramos
de veludo carmim
que por meu pescoço tocava
me fazia sorriso em coração liberto
Andava vigorosamente por entre tecidos
dos bambuzais desta rua
Subitamente me definiu felicidade
em meu ofegante respirar
cristais do olhar pintado dos verdes
dos azuis dos ventos dos vinhos
Me sorri tocando todas folhas verdes vivas que pude
Como se me acordasse em cama
de jasmins mangas de força de viver
Pelo caminho
vi essa janela perfeita para o céu
o ar puro e delicado de pétala
Senti amplamente uma sensação misteriosa
a de me sentir muito amada

Não sei o que foi, não quero que passe

Pelo meu caminho fui deixando essa dor
Tão leve me senti que pensei

deve ser misericórdia divina

ou o pensamento de alguém que me tocou

DIÁRIOS

Universo Paralelo

I - Diário do universo paralelo

30 DEZ 2017 11:21 A 13:52 | DESCRIÇÃO DE SONHO LÚCIDO DA LOUCURA, ESSA QUE DEVO REGAR E DEIXAR EM FORMA DIARIAMENTE PARA PODER SER A POETISA DE EU MESMA. | MÚSICA: KISSING - BLISS

Não posso esperar o milagre da cura. Não por sentir e seus efeitos colaterais. Não há tempo para espera, não seria maravilhoso que acontecessem expressões que não podem ser faladas?

Não obstante não devo ignorar que causas e efeitos puderam impulsionar um tipo de vela, mas fui eu que a conduzi em lugares que deveria conhecer bem, tantas vezes andando por estas rotas rodeadas de perigos diversos. Como sonhos masoquistas de gostar do cheiro do risco, das prováveis sensações de cair em si com as mãos vazias, o suor da frustração da ausência, e pior, conhecer o comportamento que me fere, me fere sempre, e não desisto de me espetar em espinhos para tocar as rosas, as quais não tenho mais coragem de arrancar do pé e ver desfalecer o rosto corado e vivaz.

É engraçado, porque quem escreve vive das andanças nas sendas de ilusão, vive tecendo comparações e sentindo, numa espécie de

oitavo sentido, uma percepção aguda de coisas nunca vistas, mas também de um nono sentido, o de projetar acontecimentos impossíveis, realidades além da fronteira, mas a descrição desses lugares, paradisíacos ou sendas do recanto macabro dos malogros e fantasmagóricas alegorias perdidas e depostas dos sonhos inacabados e destruídos, dos destroços levados em barlavento para litorais gélidos.

As andanças, a sola do pé que se corrói, o corpo que se deixa à chuva ácida, na esperança que se desfaça sem lágrimas.

E a total ignorância do tempo, seu poder egoísta, e todas as valas de oportunidades declinadas em solo molhado de lodo.

Além dos destroços, da alma exaurida do sofrer de perdas, principalmente das perdas vivas desnecessárias, tanta coisa não vivida, vem junto a este lugar, repleto de ruas, sem fim, sem definição, mas com ares de luz sonâmbula, com a incongruência habitual do sono profundo, da sétima fase, do décimo sétimo ano, e todos os métodos criativos de escrita, na vã tentativa de mudar qualquer ocorrência.

Não quero me sentir assim, o ontem me acertou, eu quase caí, andei em círculos nessa floresta de panos, eu relutei e pude pensar que devia esse conto, que não sabia contar, mas devia a mim mesma. Neste ano tão viajante, do meu pensamento mais libertino, para a liberdade mais secreta dentro da limitação da vida. Eu poderia até dizer delimitações.

Mas, ousei fazer as coisas, nas letras das formas obtusas, ousei contrariar meu *modus operandi* e me sacramentei usando de influências, de maturações e preparos diversos, feitos de instinto. Aquele mais puro, o instinto de escrever livremente, sem pensar nas consequências eventuais que pudessem me trazer, mas pela alma da poesia, um sangue transparente e um hálito etéreo da embriaguez sem bebida.

Enquanto as pessoas se ocuparam de manchetes, eu me mudei para meu universo perigoso, para viver intensamente aquilo que não poderia... viver sem censura, sem imposições, e já foram as diversas vezes que fui me resgatar desse vigésimo segundo inferno, para me salvar, para não me perder de mim mesma.

E os labirintos se tornaram mais complexos com os anos, e com a ardilosa mente que consegue cada vez mais obter novas cores e

novos factuais que poderiam sem dúvida criar ficções, e eu sempre me pergunto porque não tomo rédea e escrevo ficções, mesmo a despeito do quão deprimente foi quando enveredei pelas ocorrências de Alia Mater[12], que considerei que poderia estragar minha poesia se eu escrevesse mais um travessão de diálogo, e para ironia, eu escrevi um diálogo para contraponto no livro Vipassana.

Eu relutei na sede de me embriagar de sonhos, que adormeci no torpor da dor e do remédio, eu realmente não quis fazer desses últimos dias, descrições frívolas dos meus infortúnios, das sensações fracassadas que me atormentaram, das esperanças ruins que daninharam meus canteiros. Enfim, eu tive um momento de soslaio, um passo através da parede e já estava lá, nesse ambiente inebriante, do qual parecia me conceder poder além do meu merecimento.

Estranhamente meu sonho ocorreu, e ditei cursos, refiz caminhos, estranhamente pareceu um sonho lúcido, somente pelo fato de que eu tive a sensação de conduzir as coisas.

Pois bem, era tarde, dia chuvoso, o gato miava ininterruptamente. Eu ouvia minha lista de músicas em minha indolente inabilidade de escrever as últimas semanas do meu semanário. Eu queria registrar, mas estava inerte. Era torpor.

Meu corpo clamava, devia ser hormonal, eu peguei um tapa-olho de cetim leve, firme e escuro o bastante para adormecer toda minha ânsia e necessidade de ter alguém.

Havia uma casa, ela fora cuidadosamente reformada, dando ares orientais, não hindu nem chinês, foi caiada de ocre, um amarelo entre a cor mostarda e um marrom claro, lembrando a luz do amarelo canário. Havia o aroma, era um perfume habitual que ela usava, vestia uma blusa, que transpassava no abdômen e propunha um decote abaixo da junção dos seus seios. Usava uma calça folgada, andava lépida como eu não poderia. Transformara uma janela em uma dupla janela com os formatos de ferradura, decoradas em seus arcos com pequenos fragmentos de mármore, em duas cores básicas, o beije e o marrom.

[12] Alia Mater – refiro-me a um livro ficcional que pretendia e iniciei a escrever, entretanto, depois descartei para escrever Vipassana desenhada à sanguine e carvão.

Na parede esquerda do quarto, uma prateleira feita de madeira rústica, mas aparelhada, sustentada por sarrafos, dando ares de botica, num ambiente de somente luzes naturais ou a vela. Ardiam duas longas velas meio grossas de textura de colmeia, com um aroma de mel.

Um balcão permitia o descanso de duas cuias de pedra, com soquete, para se pilar ingredientes e preparar cosméticos naturais misteriosos.

Ela se preparava para atender alguém. Meditou em um quarto claro e isento de prováveis energias de vibrações negativas, sentada em uma pequena almofada, sorveu uma pequena xícara de chá.

Soou uma sineta. Esse recanto era para terapias corporais, meditativas e energéticas. O ar esotérico pairava em pequenos adornos, penas, galhos secos de árvore arranjados com flores secas, enfiados em areia branca, num vaso translúcido redondo abobadado.

Havia aromas muito sutis e discretos, como canela, como jasmim, como água de rosas. Nada asfixiante como sândalo. Era muito sensível ao olfato, e usava óleos neutros, sabonete de amêndoa ou coco. Havia vidros a conservar estranhos preparados que suponho serem frutos, raízes, plantas.

Uma música suave bem tênue de sonolência, o indivíduo adentrou à sala de espera, ávido de curiosidade, atendeu as instruções. Após degustar uma taça de vinho do porto e experimentar um biscoitinho doce provavelmente feito de pistache.

Encaminhou-se a um vestíbulo, retirou camisa, calça, guardou tudo no armário de madeira, cuja porta era toda esculpida, com trabalhos arabescos. Vestiu um par de pantufas atoalhadas de cor vinho, um robe de seda estampado, em cores bem miúdas, em tons turquesa e violeta. Amarrou na cintura.

Notou o ambiente de massagem aberto e chegou à soleira da porta de madeira, com vidraças de vidro gotejado. Deu um olá, sem ninguém. Minuto após ouviu de longe a voz dela dizer para se acomodar de bruços numa cama de madeira, cuja espalda reclinava horizontalmente e era recoberta de um colchão estreito e um lençol de trama fina de algodão puro obviamente.

Retirou o robe e timidamente o pendurou num cabideiro vazio.

Ela pegou um travesseiro macio, revestido de seda em cores esverdeadas como a pena de pavão, e acomodou sob a região peitoral e um travesseiro fino, sob o diafragma. Explicou em voz bem baixa o que faria. Com o assentimento de cabeça do indivíduo.

Estava calor na rua, ela emergiu a mão em uma pequena terrina de água gelada. Tocou espalmado nas costas, de cima até a região das nádegas que cobrira com uma toalha dobrada.

Reclinou e encostou o ouvido nas costas do lado esquerdo e auscultou. Pegou um vidro e uma pazinha de madeira e uma espécie de unguento colocou na palma da mão, e uma pequena colherada de grãos minúsculos. Suas duas mãos massagearam subindo pela fáscia toracolombar, ganhando ombros e descendo pelos braços e chegar às mãos.

Nesse momento, ela teve uma reação inadvertida, ela arregalou os olhos e os franziu, mas com estranheza de que estivesse reconhecendo algo ou uma espécie de déjà vu.

Pegou uma toalha pequena, molhou-a com água morna, e passou a limpar e molhar e torcer, sucessivas vezes.

Massageou a nuca e pescoço. Pegou uma essência, em vidro marrom, sem rótulos, com conta gotas pingou na palma da mão três gotas.

Passou sua língua a umedecer os lábios inferiores e mordeu seus lábios superiores, assim como um cacoete enquanto tocava a cabeça ziguezagueando, da fronte em direção à nuca.

Após muitos minutos cuidadosamente silentes, ela se dirigiu à prateleira, pegou diversas pedras de gemas diversas, de formatos achatados, novamente colocou água da chaleira e misturou com água e testou com o dedo, sua temperatura.

Era um pequeno tacho de cobre, marcado de marteladas para dar formato da forja.

Alça de cabo de ferro, rebitado na aba do tacho, ela segurou metendo os dedos nas alças e levou próxima ao indivíduo, mergulhou as pedras por instantes e as dispôs na coluna vertebral. Era ametista logo nas primeiras vértebras, seguida de pedras azuis de lápis-lazúli. Rubi na altura do coração seguida de jades e hematita.

Um cristal de quartzo branco, pequeno e pontiagudo, ela guardou e por último depôs no meio do pescoço.

Foram minutos, novamente seguiu o rito. E recolheu tudo, passou uma toalha seca.

Pediu então, já com um tacho grande de cobre e uma jarra de água preparada para limpar o cabelo, para que se virasse e acomodasse-se mais acima. Nesse momento, se deram de cara a cara. Olho a olho.

Fez-se um silêncio de vácuo, os olhos derretidos em inexpressão, se convertiam em reações de estupefação.

Quando abriram a boca, foi início de balbuciar uníssono. Ela aquiesceu e esperou o desferimento da pergunta.

Como isso?

Não pode afirmar que isso veio de mim, já que, lembre-se de quem veio ao meu espaço de relaxamento foi você.

Mas a expressão de estranheza, levou ao indivíduo se sentar, agitado, contido, mas com ar agitado.

Vamos terminar? Disse-lhe ela.

Deitou-se. Os pensamentos giravam e desnorteavam ambos.

Quase perturbou a destreza invejável dela.

Quase tremeu o canto enrugado do olho e ainda parecia arredio.

Ela pensava, porque a sensação de carinho tão grande?

Apertou os cabelos. Gotejaram águas. Envolveu com uma toalha seca, pôs-se a massagear com a ponta dos dedos, a passar a toalha a secar.

Ela pegou o robe, colocou sobre o indivíduo, pediu que sentasse. Pegou um pente de madeira, penteou as mechas ainda molhadas.

Secou as pontas. Disse para ir à sala de descanso e meditação.

Era um ambiente com luzes pequenas de janelas mais altas, o facho iluminava inclinado ao outro lado.

Sentou-se em uma acomodação de almofadas de seda em tons novamente turquesa e violeta.

Ela adentrou, com um candelabro de vela acesa e uma garrafa de vinho na outra mão. Virou após deixar na mesa baixa, retirou-se para retornar com duas taças de madeira torneada e levemente enceradas.

Disse, após esse tempo todo, acho mais apropriado um brinde a um café. Agora não importa mais, podemos ser sinceros, quem vai

poder se ferir ainda? Eu até deveria oferecer um baseado, mas não tenho, não uso. Seria o meio mais fácil de rirmos de tudo. Mas não; não sei pra você, mas doeu demais. Por quê? Que achou que eu iria lhe fazer? Que tipo de medo é esse? Devo perguntar igual ao que me perguntou: Que amizade é essa?

Após tanto silêncio, na verdade ela não sabia se falava sozinha, pensava alto, porque os olhares estavam focados.

A poeira fazia um mar pairado em partículas douradas.

Não havia respiração.

Sentou-se ao lado a beber avidamente do vinho que secou rapidamente.

Resta-nos isso.

Catou, esticando para trás de uma estante, uma garrafa começada de Absintho.

Agora ficou sério.

Acho bom, retrucou ela.

Mas por um instante, houve um sorrir meigo no canto dos olhos, de uma saudade perdida na caixa de guardados, em relembranças, em visões de tudo que tinha sido os anos todos, dessa distância totalmente mal calculada, e das consequências imprevisíveis em seus sentimentos, nos mais retorcidos de embrião de raízes cuidadosamente podadas de um bonsai.

Eu me perdi nessa névoa, no labirinto que se fez, nas tentativas desesperadas de sair. Disse ela.

Continuou calado, o indivíduo, com as mãos embriagadas se aproximou para tentar dizer algo entalado, meneou a cabeça de lado, ambos invadiram as fronteiras de seus limiares de aura, uma distância realmente perigosa.

As mãos seguraram as mãos dela, com delicadeza e juntou mais outra mão, ela idem, mas para ela isso era a chave que havia lhe dado.

Ela fez o que havia dito, aproximou no ouvido, a um centímetro, murmurou uma frase secreta.

Beijou logo adiante da orelha. Passou os dedos ajeitando uma mecha para trás, contornou o rosto deixando seu calor da mão.

E beijaram-se delicadamente, mas isso acendeu um pavio de algo que nunca tinha acontecido, sabe-se lá o que haviam desejado, o que não, sabe-se lá que amor era, não importa, a sensação não parava de ser ardente como pimenta caiena.

De repente, um estrondo de foguete, morteiro em som surdo, eu me percebo nos travesseiros do quarto, com olhos segurados por aquele tampão macio, com resto do meu perfume, eu estava acalorada, suando frio, tirei, abri os olhos para os fatos.

Senti que eu preferia de novo morrer, a me sentir assim. Esfaqueada pela solidão que não preciso ter. Por me sentir despedaçada sem precisar estar, com dor maior do que deveria ter, mas é, e certamente, meus amores voam longe, migram para os polos, lutando pela sobrevivência, eu com minha cria, olhar esperançoso da melancolia para uma longínqua benção de descendência. Eu ali, sentindo que tenho que fazer por alguém algo que não fizeram para me salvar. Nos *entretantos* da vida que não me permite resgatar nada, ninguém, nem minhas andanças, nem meu lugar.

Aquele gosto ficou em meu paladar, uma única coisa como uma cicatriz do imaterial, da estranha história de um talvez sonhado. Coisas impossíveis e coisas que meu corpo já não consegue nem em memória.

Seguem-se momentos da famigerada dor da abstinência, desespero vestido de flor num teatro, as horas se adiantaram na madrugada, eu nauseada, pulsando as têmporas, dor cintilante, expirar do cansaço, os soluços engasgados me tomaram nos braços.

II - Diário do Universo Paralelo – nebulosa de Órion

122:12 H | ELUCUBRAÇÕES DOS SENTIMENTOS IMAGINADOS CONTRA OS SENTIMENTOS VIVIDOS, SEUS SIGNIFICADOS INCONCEBÍVEIS OU INCOMPREENSÍVEIS, E A DURA REALIDADE.

Sábado, 06 de janeiro de 2018. 20:58 h. (3)

Não. Nunca basta começar algo, que simplesmente eu não sinta que tenho que prosseguir. Ontem, um clarão foi percebido no negrume da noite pelo meu esposo, eu acomodada nas almofadas do meu pensamento, ele me chamou a atenção para a lua que nasceria em instantes.

De fato, uma calma do ar, um reflexo da lua prenunciava seu nascimento, na silhueta silenciosa da montanha.

Ao ar da infância da noite, paramos e ficamos esperando a lua, que surgia lentamente enquanto a terra está se movendo, enquanto nós ficamos abraçados lado a lado, com nossos braços para a cintura do outro, observando e eu relembrava a lua de dias antes pois vimos um pirilampo voando e piscando tão alto, fato que jamais houvéramos visto.

Pois, tantas vezes estamos entretidos em banalidades, trocando palavras que não são proveitosas, sem podermos sequer perceber nossa presença.

Vem vindo, aquele vento, do ar da chuva, pela fresta da janela, eu apenas ouço o ventilador e os ruídos da chuva, rodeada de uma vontade de escrever uma carta, de escrever para estranhos, de escrever a voz do grito da ferida que não sangrou para fora, mas sangrou por dentro, hematoma que lentamente tem que ser absorvido pelo meu próprio sangue, pela minha própria alma, num exercício dificultoso de me recolher nos braços do nada, me recolher num canto sagrado, num altar qualquer, num beco sem saída, onde só posso olhar para o céu tentando reconhecer alguma coisa que me faça saber que estou aqui e aprendi algo. Mas vem a sensação da irrelevância, esta ampliada com as alfinetadas das palavras impensadas da filha, do olhar resignado do esposo, que contém uma espécie de suor de seu desgosto, de um olhar disperso e descontraído dos demais filhos, absortos em suas vontades

momentâneas e decepcionados com a minha realidade. É bem verdade que mesmo eu sabendo que eles me amam, eles se acostumaram a minha pessoa relacionada ao que eu exerci muitos anos na tarefa de ser mãe, provedora e falsamente independente.

Porém a Mara que sou, tem aquela Mara, a que amadoramente escreve desde criança, que desenha amadoramente desde criança, que dançava amadoramente desde menina, e uma mulher que eles nem estão perto de conhecer, e o curioso, é que mesmo aceitando minha situação estranha, uma espécie de aposentadoria ou falência, mas na real, não podem compreender o que é a Mara hoje.

Ah, eu amo esse amadorismo meu, esse rudimentar afloramento espontâneo e surreal tanto quanto imaterial, no aspecto de não possuir remuneração. Eu penso nisso, não posso pagar pela arte que tento ver, tento apreciar, tento consultar e penso se as míseras pagas me dariam a dignidade? Não posso definir, não posso recusar me doar ilimitadamente, mas também assumir a miséria do quanto minha vida se torna dependente dos demais, estes mesmos, que não estão tão admirados assim, e não estarão com a liberdade da minha escrita.

Sinto esse dissabor, o da irritante tarefa de entenderem meu ato de escrever, minhas exigências de não perturbação, meus modos que tento moderar para ser mais tolerante, quando a vida sempre prepara ciladas e situações que dão murros no estômago ou situações do coração mais aflitivas do que isso, que fazem palpitar hiatos no coração. E se já tem vontades difíceis, momentos que a tristeza é o ser mais forte que conheço, há também uma batalha medieval de cavaleiros dentro de mim, travada em localidades meridionais, sangrenta e exaustiva, de um Deus contra o outro, de um pensamento tendência a outro sobrevivente.

Eu aposto meus instantes a procurar a nebulosa de Órion, no pouco que sei reconhecer, e apesar da vista já lenticular, eu ainda encontro com meus olhos nus, sua graça, seu encanto, seu mistério, seu sabor de cores impossíveis e de uma espécie de motivação alheia a tudo que me dispõe a ver um mundo possível diante dos meus dias e que eu poderia seguir um caminho diferente. A nebulosa estaria em meu reconhecimento, o luar estaria nos meus desertos, o céu me emprestaria os mares que não tenho.

E não quero, esquecer, que diante dessa janela, há um muro, sim, emblemáticos muros sintetizam os obstáculos inúmeros que venho

me deparando. Sim, param-me. Eu tenho a saber o que há, por detrás, mas não possuo mais a chance de galgar esses muros, tal como fazia quando criança, corria por cima de seus tijolos, com um equilíbrio de fazer inveja.

Eu, me deparei diante de uma recordação, inventada não sei, mas um momento especial, desde que perdi minha mãe, de certa forma, volta e meia eu pensava não tê-la abraçado, não ter dito que a amava, não ter deitado em seu regaço e cochilado no ventre de seu calor materno. Senti essa falta, que impossibilitada pela morte, foi uma coisa estranha. Desde que percebi amar como mãe, uma estimada pessoa, eu desejei viver o que ficou impossibilitado pelo muro da morte.

Mas além dessa, digamos conclusão, havia em mim, motivações espontâneas, reais, motivações de gratidão de receber nitidamente esse tipo de carinho tão necessitado por mim, porque era uma falta similar a um buraco negro.

Esse buraco negro, que vem engolindo, consome a matéria em seu redor, com voracidade de leão, como a propagação do fogo nas brasas acinzentadas em um papel recém incendiado.

A porta fez o ruído de se fechar, sem se saber, se fora empurrada, se o vento a bateu, se alguém adentrou. Outra porta se fechou, bateu com som seco, o impulso suficiente para engatilhar a fechadura.

O motor foi ligado. Ela estava inerte no banco, toda jogada, sem muita consciência, as pessoas estavam se falando, sobre onde a levar. Ela, teve sua cabeça acomodada nas pernas de alguém, que a puxou, que precisava sentar-se no banco traseiro. Ela não pode se recordar disso propriamente, este parece ser uma espécie de sonho do mais profundo inconsciente, já que sempre supôs que ela estivera no banco do passageiro, junto com o colega que dirigiu o carro.

Portanto, essa sensação, ela deflagrou uma sensação de colo materno, este momento certamente poderia haver uma presença imaterial de uma outra mãe, ou a lembrança que transitou no tempo, de um momento forte, de um colo materno.

Ela sentiu a mão sobre o ombro, outra tenuemente sobre a cabeça, e num instante estava em outra época, via claramente um raro momento afetuoso que jamais experimentara na vida.

E com o que sucedeu nesse acordar, as situações que já foram escritas num livro que ela pensava, pois havia esse momento que faltava descrever, durante o seu sono, sua inconsciência, ela esteve vivenciando um dia como se fosse verdadeiramente filha e mãe.

Ela nunca poderia saber, e saber se ocorrera de fato isso, e o que se passou com a amiga, o que teria sido, uma situação unilateral? Teria sido de fato? Teria dado alguma reação afetiva?

Não. Nada. Não sabe. Todas as reações posteriores no pernoite em sua casa, cuidadosamente ofertado por ela, não fora solicitado. E cada atitude pareceu mais do que sua aparência poderia transparecer. Contudo, de certa forma embaraçoso, ela não pode ter nem mesmo o real prazer dessas dádivas, pois por certo foram além do seu limiar de consentimento.

Ela sentiu pesarosa porque as coisas não saíram bem, não se sentia bem tendo ido parar em hospital, tendo acordado de forma tão estranha.

Mas, o dia amanheceu, por mais breve que pareceu, cada gesto e cada pequena situação próxima, reforçava a sensação tátil do que sonhara. Era muita informação confusa para entender ou extrair algo compreensível. Por longo tempo, ficou aquela sensação de aroma, aquela sensação de estar em um lar que sua memória reconhece, mas que não é seu. A sensação de ter vivido por apenas um dia, como mãe e filha sem serem, por ter vivido por um dia ser de certa forma salva, cuidada, amparada, como se sua orfandade nunca tivesse acontecido.

E como um efeito de droga, após longo tempo, sumiu, evaporou-se.

Ela se deu conta que precisava, precisava desesperadamente daquilo que nunca soube se teve espontaneamente manifestado do coração sem que a pessoa tivesse percebido.

Depois sua análise foi se complicando, com memória perdida, com a sensação de inadequação, com a sensação de que não sabia o que poderia ter acontecido realmente.

A magia se desintegrou como um quebra-cabeça, que se desmonta com as mãos. E ela ficou com o desespero cravado no coração.

A chuva que amaina, o sol que aquece, os dias em que me transmigro de um acordar, um viver, e um simulacro de libertar,

dentre as realidades, prefiro o céu que não me renega. Prefiro a luz que não me distingue. Prefiro a voz daqueles que não se esquecem de mim. Prefiro meu travesseiro e o perfume da minha casa, das palavras que me comovem, do abraçar.

E não compreendo, perdi algum fato da vida, porque sei que não deixei lacunas para minha querida mãe Myriam, recordei coisas tão afáveis, mas jamais consigo saber, se aquele sonho que sonho, se aquela memória que lembro, se tudo que pressinto é verdade ou é a lua.

Não me importo com meu viver, tento guardar meus sonhos, em uma gaveta de madeira de lei, limpa com pano úmido, com caixas trabalhadas, com latas ornamentadas, com aromas de sachês especiais, com delicados papéis de seda a embrulhar, como bonecas de louça de estimação ganhada dos natais mágicos da vó querida, ou quem sabe, uma caixa de cartões de lembrança, pequenos suvenires ou um presente único, ainda que estragado pelos anos idos, pela eternidade do afago, não renego, eu guardo.

III - Diário do Universo Paralelo - Realidade alternativa

> I TÉRMINO: 22:16 I MEZANINO E VELA ACESA. COMPUTADOR DO LINCOLN NA MESA, CADERNO NA PRATELEIRA INFERIOR, CADERNO DE ANOTAÇÕES, CELULAR, PLAYLIST MCROMARO PREFERIDAS DA HORA ELABORADA POR MIM, LISTA AO VIVO DO HANS ZIMMER NO SHOW DE PRAGA. TERMINO OUVINDO LIVE IT NOW - GARY B. SENTADA NA POLTRONA COM OS PÉS NAS ALMOFADAS DOBRADAS E EMPILHADAS, UM RECIPIENTE DE CRISTAL COM AS CANETAS DE USO, PAPEL POST IT, CADERNO DE ESTUDOS, DICIONÁRIO E ESTOJO DE ÓCULOS VERMELHOS. HORA DE IR FAZER O SORVETE. TROCAR DE ÓCULOS E ACOSTUMAR À VISTA.

Dia 12 de Janeiro de 2018 19:45

Larguei-me, não porque precisava descansar, mas porque olhar a moldura da janela, com a textura tramada sobre as pinceladas da nuvem parecia cobrir meus olhos de um tecido, fino, leve, eu desejei não estar aqui, não viver assim, sobravam-me pequenos resíduos de aroma da banana que eu caramelizei com glacê de limão, segredos meus em gotas, e uma xícara de café, neste momento, já não sei a cronologia.

Eu precisava me dar uma visão, a música de fundo, eu deixara em Max Richter, acomodei mais ao lado direito, a dor esquecida, os pássaros na gaiola da vizinhança, talvez o cacarejar do galo resvalava na montanha, de tão alto, que afugentava as andorinhas que me cercavam a coisa de cinquenta metros acima, fazendo seus mergulhos e investidas na tarde de ontem.

Eu estava e não estava intrigada com o que me ocorrera na noite. Estava claro para mim, no meu ponto do caminho, em cada adormecer fazendo um capítulo a mais nesse conscientizar, e abolindo análises superficiais a que me conviera, porém a cada vez mais, nem tudo parece ser o que aparenta, os personagens estranhos transeuntes de um tempo parado sem esfera de momento, e procurei substituir meu momento por outro, como se assim pudesse ter as rédeas, imaginadas na minha mente, enquanto o furdunço dos pássaros de gaiola se avolumava, como se eu estivesse dentro da gaiola.

Eu ainda estava recordando o sonho, o estranho momento que eu entrei em uma espécie de loja ou um colégio, um anfiteatro com uma banca de examinadores, mas no sonho, era um centro espiritual, como se eu quisesse conhecer novas razões para acreditar.

Havia um senhor em pé, com nariz esguio e protuberante, boca cortada em linha severa, idoso, magro e alto, um olho examinador atento. Alguém disse que uma presença estranha negativa estava entre a gente e todos passaram a me olhar, acusando de ser eu a portadora.

Eu gelei. O homem olhou ríspido ordenando algo aos correligionários da mesa, e o seu globo ocular transfigurou-se em vermelho, com a íris inteira preta. Eu então, quis me evadir imediatamente.

Soou meu alarme interior. Eu me vi paralisada, e pessoas estranhas se aproximaram a meu lado, meu corpo flutuou deitado, e eles me guiavam para uma sala, com cinco macas vazias, de estofamento vermelho desbotado, sem travesseiros ou tecidos.

Um deles tinha uma luz saindo do dedo indicador, como se fosse um bisturi, eu erguida apenas a cabeça e imóvel no restante do corpo, percebi que eles iriam fazer incisões espirituais e me apavorei diante da sensação de que me transplantariam um pedaço desconhecido, que parecia ser uma bola similar a fogo, mas um fogo branco sem nenhum vestígio de amarelo ou vermelho na cor. Eu, pensei, vou sair desse sonho agora, estarei na cama em casa, no meu quarto, olhando para cima, com minha mesa de cabeceira à esquerda.

E sim, eu estava, o quarto escuro, eu murmurei o nome do meu esposo, sem conseguir me mover, mas sentia um núcleo, no centro do meu peito, com a temperatura levemente mais aquecida que meu corpo, com parte dessa esfera dentro e metade fora do peito, como se a intervenção não tivesse completa. Eu senti prazer com esse calor presente no peito, com um formigamento semelhante ao relaxamento na nuca ao ser tocada.

Muito estranhamente, eu fiquei quieta vendo a penumbra do quarto, em tons mais marrons que o normal, sabia o que havia por detrás da minha cabeça, e tentei me mover, sem saber se ainda estava sonhando, pois neste instante o meu esposo murmurou palavras ininteligíveis que eu achei estar conversando mentalmente com ele,

mas logo achei que somente se me sentasse poderia ir ao banheiro e estar com o controle de minha consciência e estar no aqui e agora, eu pensei firme 'aqui e agora', e me sentei e levantei, vesti o chinelo, meio trôpega fui ao banheiro desenvolta, voltei e fui dormir com um resto de calor esmorecido e esvaído, me questionando o estranho acordar que tive, falei com meu esposo mas ele dormia profundamente. Pela manhã perguntei se ele me escutou e se viu eu me levantar, mas ele não se recordava.

Eu me assustei com o parecer assustador de ter em mim uma parte sombria, que estava sendo submetida a uma espécie de júri, uma intervenção inimaginável, com olhar que mais parecia do mal e analisando o significado da minha meditação, escolhi como sentido, o fato que há um lado sombrio que tenho que extirpar de minha vida e de minha conduta. Qual defeito é assim relevante espiritualmente não sei, mas por outro lado, nas fronteiras do universo sonho que constantemente aparecem seres estranhos e situações das mais esquisitas, nem de longe vistas em filmes ou qualquer coisa.

O que me pus a fazer na tarde, era saber conscientemente abrir a porta, uma porta invisível, que aparece no ato mais aprofundado do meu devaneio, e entro no sono, como se pulasse através do tempo, e entrasse num estado entre o exercício da imaginação, com um que acontece além do que produzo, mas como uma mescla.

Em meu entardecer, sibilava um vento inexistente, porque eu estava tão angustiada que não queria que esse sentimento avançasse sobre meus olhos e o céu, que eu recusei olhar.

Eu pensei, imediatamente na praia, uma praia ideal, mansa, sem similaridade com a praia que passamos o trauma, portanto, não podia ter uma encosta alta arborizada ao final do lado direito, e havia uma faixa de areia generosa, sem muitas pessoas.

A beira-mar era um cinza ocre, com brilho branco da recente presença da água, com o espelho da luz do sol de poente.

Imaginava meus pés afundando com a água da onda se retirando, os pés afundando com o corpo em titubear de equilíbrio.

Havia uma casa de beira desta praia, era minha casa, minha vida havia sido diferente, eu tinha essa consciência tênue, eu estava morando nessa praia, havia comprado uns dois anos antes, no litoral

paulista, eu tinha tido uma trajetória de vida inespecífica, mas não a real, não estava mais casada, e havia reformado esta casa cuidadosamente.

Aplicara lixa nas janelas, para que eliminasse resíduos das tintas, revelando a madeira, com um rústico resquício das tintas do passado, preservando seu ar de anos 50, uma varanda aberta para o jardim que dava a praia, reformulara o muro e um portão de ferro, desenhado com formas curvas delicadas, amparado por duas colunas de pedra, e uma placa esculpida na madeira com um escrito artístico, enumerando o nome nesse lintel.

Desenhara canteiros rasteiros, com três a cinco plantas de maior estatura, somente uma árvore, todas as plantas, da famigerada lista do caderno verde que eu possuía, numa realidade mista que pulou um pedaço enorme sofrido da minha vida. Eu plantei essas espécies de flores brancas, trouxe caixas de mudas, rasguei os sacos pretos onde elas estavam aninhadas, sulquei a terra, reguei com orgulho.

A reforma ia de vento em popa, eu recebi a estante de livros que mandara fazer para a sala, que dava a esta varandinha, uma estante de parede inteira, alguns nichos fechados com porta de vidro, um compartimento fechado com porta de madeira. Madeira escurecida e encerada, tomava a parte esquerda, ao se adentrar e ali haviam confortáveis lugares a se sentar.

A sala de leitura estava pronta, decorada com incríveis artesanatos, cerâmicas brasileiras ornamentadas, uma mesa robusta de centro, com livros grossos e grandes de arte, a estante foi preenchida de inúmeros livros, alguns de sebo, alguns novos, de assuntos diversos, romances, ficção, poesia, claro, com alguns meus no canto superior envidraçado, em local pouco acessível, esquecidos, pareciam ter sido publicados nas últimas décadas do século passado. Eram de poesia. Não vi como eram.

Eu havia arrumado o móvel de mamãe numa sala de jantar unida (sem portas) a uma cozinha simples, tudo nos moldes mais naturais e com ar melancólico que lembrava o resto dos anos 70. Eu olhei aquele local, franzindo os olhos e tentando me posicionar numa vida postiça, uma linha de caminho no tempo fora trilhada muito diferente, e eu nem havia lembranças de locais de SP, nem pessoas especificamente. Mas sabia que era sonho, eu olhava através da vidraça para o mar, e aquele jardim sem pragas, e pensava, isso só

pode ser sonho, mas esse cheiro de maresia, esse gosto do café com leite e natas. Eu nem gostava de natas!

Havia uma pessoa, uma mulher que cuidava do lugar aberto para leitura e dos chás que eram servidos, e ela lavava a louça, as xícaras que herdei de mamãe, o bule, a chaleira preta era igual a de casa, a lata de chá, era uma que tive e há anos acabou, mas nesse momento, esse reconhecimento dessa vida paralela começou a me perturbar como se fosse loucura.

Como se eu nunca tivesse morado na casa em frente a montanha, e tido filhos. Coisas assim.

Como aquelas reações de chacoalhar a cabeça e afastar pensamentos desconexos, continuei arrumando as coisas. Eu tinha uma casa contígua onde residia e tinha meu escritório de escrever, em uma saleta no pavimento superior, envidraçado, com porta lateral para uma varandinha aberta com balaustrada de ferro pintada de branco.

Uma mesa de madeira, com livros, luminária, uma gaveta com puxador de ferro trabalhado, que continha uma caixa com canetas diversas, cadernos e papéis de carta.

Tinha um quarto que dava para a mesma varanda, unido ao banheiro sem as paredes. Uma cortina de *voil* branca, bem fina.

Tinha uma cozinha aberta, feito rancho, no lado esquerdo aberto do espaço de leitura e chá, que eram feitas refeições comunitárias quando vinham grupos para passar a tarde lendo, com uma mesa grossa de madeira.

A Dona Sei-lá-que-nome que cuidava de tudo, deixava à mesa, prato com pedaços de bolo, os tarteletes que eu fazia às quintas, salgado e doce.

Eu mandara fazer uma prateleira vitrine, para a copa, só para guardar minhas latas de chá a granel, que adorava. Mas normalmente ficava em minha casa, de pouco espaço, mas muito ajeitada.

Minha casa era azul claro, já o 'espaço' tinha uns detalhes coloridos claros, e paredes brancas.

Dentro da sala havia uma fileira de quadros de herbário, com as flores de mato que eu adorava, contendo raiz, caule, flor. Uma era um dente-de-leão florido com toda sua aura branca, meio

despedaçada e umas cipselas caídas, papel já amarelado e marcas da goma-laca.

Por esses dias, o céu estava promessa de chuva, a areia se maquiava dessa certeza, poucas pessoas apareceram, a Dona Sei-lá-que-nome toda aprumada, sentava na mureta que dava ao jardim, dava ordens ao menino ajudante que ia buscar frutas em quitanda de esquinas.

Uma senhora, gordinha, não muito alta, com cabelo à altura dos ombros, emaranhado com assopros de vento, olhava o portão curiosa, lia palavras no lintel enquanto decidia timidamente, relutante adentrar o jardim, em sua hesitação, balançava a perna direita para frente e para trás apoiada na outra perna, dando com os olhos nas roseiras brancas, com rosas passadas, pétalas voadas ao chão, pedras achatadas de caminho sinuoso.

Seus pés postaram-se automaticamente um ante o outro, espalmando a planta dos pés girando contra o chão em cilíndrico movimento dos pés, com delicadeza acanhada ao adentrar.

Perguntou algumas coisas à mulher que gerenciava o local, se dirigiu a olhar a estante desviando o olhar para os quadros de herbário, especificamente um, uma vitrine mais bojuda, contendo uma estrelícia seca, com suas pétalas da coroa retorcidas para baixo, mantendo ainda verde o bico da flor, sua folha da planta retorcida espiral, ambas fincadas em areia branca, neste quadro de dois vidros paralelos para guardar a planta tão voluptuosa.

Pôs-se a escolher um livro para folhear, se deteve diante de livro de fotografia, grosso, lombada negra grafada em prata, retirou esse, sentou-se, mas de olho no jardim, pondo reparo em um tronco de árvore caído escavado um banco para se sentar, na sombra da única árvore de fato deste.

Servido o chá, na mesa com seis cadeiras, não havendo ninguém mais além dela, da Dona Sei-lá-que-nome, ela questionou o que eram aquelas 'empadas', sob olhar de censura da mulher, que a corrigiu, são tarteletes, feitos pela Dona do espaço, uma escritora, que passa temporada na casa ao lado. Normalmente não interage com as pessoas do espaço.

A mulher, sorvendo o chá, segurando um tartelete, mordeu um desses pela primeira vez, e seu rosto com um sorriso de boca fechada, assentiu com os olhos.

Havia um tubo conduíte, cuja extremidade, dava de uma casa à outra, na ponta, tinha um acabamento com um cone pequeno e furos redondos, onde se podia falar de um lado a outro, na cozinha, e havia uma sineta, era recíproco, para chamar. A sineta tilintou suavemente, e a senhora encostou a boca e perguntou: Pronto?

Eu, com uma voz suave, gutural um pouco enfraquecida disse: Oi! Ainda tem um pouco de chá? Estou meio indisposta, já chegou a chuva e achei que seria bom.

Ah, sim, claro, quer que eu leve? Ou quer vir? Tem chá e tudo mais de sempre. Tem uma pessoa, mas a chuva apertou, ela teve que esperar. Tem clarões de raios.

Houve um silêncio. Aquela hesitação no ar, a mulher de sobrancelha erguida esperando uma resposta.

Coloca uma xícara por favor, e eu pegarei ali na porta.

A mulher sentada agora na sala folheava o livro de fotografia, mas olhava de tempos em tempos ao redor, tentando saber se veria a pessoa.

Passados cinco minutos, ouviu-se um estalo, a maçaneta redonda girou, seu desenho denunciava, apareceu uma mão estendida, que amparou a xícara sobre o pires, e no esconderijo das sombras vislumbrava a pessoa lendo o livro, com uma sensação estranha de reconhecimento.

Porta que se fecha, som pesado da chuva, pássaros piando, alvoroçados pelo vento? O som de subir os degraus, uma sandália de couro artesanal, estrilando contra o piso frio de pedra granulada, degraus encerram a cena, o som dos pássaros aumenta, aumenta tanto que ela perturbada diz a si mesma, terei que acordar agora, 'aqui e agora'.

Abrindo os olhos, com a aba da janela a bater contra o batente, a tarde reluzente de cor cinza, super cinza, na mesma janela de sempre, frente a montanha, o sonho acabou, e na mesma hora entendi que emendei meu devaneio ao sonho, enigmaticamente parecia estar na condição de espectadora de ambas as realidades.

Um estranho ar me acompanha a cabeça, era uma sensação de relembrar em segundos a vida real que tive, quem era, quem seria, e como a vida poderia ser tão diferente com uma mudança de rumo milimétrica em algum tempo.

IV - Diário do Universo Paralelo – interestelar

Dia 22 de Janeiro de 2018 19:56

"Do not go gentle into that good night,
Old age should burn and rave at close of day;
Rage, rage against the dying of the light.

Though wise men at their end know dark is right,
Because their words had forked no lightning they
Do not go gentle into that good night.

Good men, the last wave by, crying how bright
Their frail deeds might have danced in a green bay,
Rage, rage against the dying of the light.

Wild men who caught and sang the sun in flight,
And learn, too late, they grieved it on its way,
Do not go gentle into that good night.

Grave men, near death, who see with blinding sight
Blind eyes could blaze like meteors and be gay,
Rage, rage against the dying of the light.

And you, my father, there on that sad height,
Curse, bless, me now with your fierce tears, I pray.
Do not go gentle into that good night.
Rage, rage against the dying of the light" – Dylan Thomas

Ainda ontem, não era mais ontem, houvera sido, passaram-se dez dias, eu verifiquei minhas impressões no decorrer dos dias, as sensações e raciocínios davam rumos e vertentes diversos para cada caminho que eu pudesse ter mudado no meu passado, os sonhos induzidos sempre davam conta da aparição de mesmo personagem, este que furtivamente eu conhecia, mas que não se

produzia diálogo. Eu entendi a esfera não se completava, faltava saber o proceder de tal pessoa, mas não fluía, não era questão de imaginação, dado que entregava ao sonho, com pequena conduta. Eu identifiquei pontos de corner de mudança de rumo na vida, que ou não aconteceram simplesmente, alguém interferiu, ou eu escolhi não ir. Ah, as veredas, num caminho sinuoso de montanha levam a cada estranho se perder no meio do nada.

Ouvi um poema, e ele é recitado por Michael Caine, duas vezes, quando na última, o balbucio se cala sem prosseguimento. Sem dúvida? A centelha de luz queria dizer da luz tardia, o efeito tempo da velocidade da luz, eu me deparo com a contemplação do agora, me testando a relação da simultaneidade mas, que é um conceito que ocorre somente se ignorarmos esse *delay*, não obstante, minha vida, tem havido situações de consciência quando estas se relacionam a outras pessoas. Como pode ser possível estabelecer um contato etéreo com as distorções do tempo?

Quando eu evoco uma mentalização poderosa, como ela transita esse espaço e tempo, esta poderia transitar magneticamente ou em partículas nano ou ser um elemento desconhecido que se gruda nas ondas da luz, ou ainda o pensamento é uma onda desconhecida.

Ao notar frases e dilemas, percebi os referenciais das realidades relativas a cada um, dentro do seu domínio de conhecimento e percepção, como forma um conceito incongruente ao se comparar com a realidade de outrem em local diverso, sem a comunicação recíproca.

Esses efeitos acontecem no filme, a percepção do referencial da terra contra qualquer outro satélite de algum sistema longínquo, pode-se tirar por base que cada um na sua realidade, suas vidas entram em certo conflito quanto o que pensar estar vendo, mas o efeito tardio dos referenciais provoca sempre um abismo.

Notei, durante cada declamar do poema, seu sentido se amplia para quem está assistindo, já que vai tendo conhecimento sem ambiguidade, ou parece formar uma cronologia aceitável, mas com transcorrer imenso e fugaz do tempo, o poema traz a clareza que a sua percepção se completa apenas com a morte, o poema é sobre a morte e no último suspiro, dá esse tom.

Deixando de lado, todos os elementos do conhecimento de horologia, ou de aspectos da relatividade, eu parei para reunir os conceitos de saber, e em referenciais estanques, não se pode

explicar por lógica linear, que conhecimentos se propaguem sem um elemento concreto de comunicação. No entanto, vez em quando, cada pessoa pode constatar alguma ocorrência em sua vida, de um saber intuitivo ou premonitório, sabendo que alguém vai chegar, tendo sensação que aconteceu algo a alguém, ou falar a mesma coisa ao mesmo tempo, ou déjà vu.

Inúmeras vezes reparo situações, que de referenciais estanques, houveram sinais e alertas, as vezes sonhos, mas presenciei um, durante aniversário de meu pai, várias pessoas da família do círculo da primeira geração e segunda, crianças, bolo, comidas, mas este dia, estavam uma concunhada e seu filho de uns quatro anos, não sei, que não era comum, mas que o pai deste menino estava em viagem junto com um sobrinho meu, e certa hora já em viagem de regresso. O menino, saiu correndo intempestivamente pelo corredor, deu um encontrão na sala, derrubou um copo de vidro fino que se espatifou e ele de imediato pisara no caco, fez um corte no pé. O susto deu um respirar suspenso na sala, não deixamos de lembrar isso, quando soubemos que o ônibus onde viajavam bateu, e o pai desse garotinho e o sobrinho perderam a vida.

Há uma sequência previsível de fatos, longamente nossa mente projeta esse radar futuro, é também o que nos acomete medo, são permutações das situações ruins que vimos na vida, que pressentimos que podemos estar no campo de ação de seu golpe, nos dá o medo.

Uma parte da previsibilidade, podemos focar em situações que podem ocorrer, profundamente em futuro decorrer, visualizaremos degraus a conduzir a situações que projetamos, o exercer desse pensar, nos concede mudar nosso panorama e nosso referencial.

Se pensarmos nas pequenas ânsias da infância, se não exercêssemos essas projeções e aspirações, provavelmente só estaríamos brincando eternamente de algum jogo, comendo uma comida de sabor conhecido, e não estudaríamos. Parte do não conformismo nos impele a descoberta de si e do resto, testar a própria capacidade e adquirir novas consciências. Por que estagnamos?

Entretanto, se considerar o universo interno de cada indivíduo, e o quanto este não compartilha de seus projetos, seus erros, suas conclusões, suas dúvidas, a própria pessoa se limita e pode se limitar esperando ação sem mexer nenhuma palha.

Quando situações se tornam viscerais, sobrevivência, os referenciais de cada um, pode entrar em contraposição, gerar uma reação destrutiva; nestas situações vitais da vida, seja para viver, seja por questão de sentimentos, rupturas parecem mais cômodas, um quarto protegido, um *bunker*, um refúgio. E estranhamente esses problemas ficam alienados em seus âmbitos incompletos e o julgamento impreciso.

A pensar sobre a verdade, desejei muito a verdade absoluta, uma análise que eu supunha poder fazer, escarafunchando em conceitos e conhecimentos, analisando cada momento de lembrança para me dar amplo entendimento. Eu nem fazia ideia de pensar nos referenciais, na distância física, na distância intelectual, apenas pressentia abismo, que se concretizava em constante desentendimento, nas tentativas de diálogo.

Eu queria moldar a verdade que tinham de mim, achava que poderia intervir e não devia deixar que cada um tivesse sua visão distorcida, achava que dando elementos poderia mudar os fatos. Um julgamento sem informações toma decisão pobre, com mais informações pode definir diferentemente, quanto mais se conhece, mas eu apesar de travar minha luta ignorei dois pontos: As pessoas que eu queria dar minha verdade não estavam abertas e receptivas, portanto, é mais provável que tendam a ignorar. Segundo - o tempo, durante o decorrer do tempo, surgem elementos a conhecer, por diversas razões, até mesmo a interação com as pessoas em questão, e somam-se fatos, dilemas, opiniões, conhecimentos e sentimentos.

O tempo transcorrendo, faz saber o caminho de nossas próprias fontes submersas, amplifica aquilo que pensamos, mas a verdade, a verdade que nos cabe, aquilo que somos, possui um todo que nós mesmos desconhecemos.

Esse é um ponto interestelar. Nosso eu, o eu interno, suas ânsias mais primitivas, tantas vezes pensamos e afirmamos algo, e agimos em direção contrária, não é só o quanto queremos nos enganar sobre algo que não estamos prontos a aceitar, mas algo que está dentro, profundo, características inexplicáveis nossas, dons, significados, traumas, coisas que nosso *roll* de elementos materiais e circunstanciais não podem analisar. E o inconsciente.

Nossa verdade absoluta, não está em nosso domínio, e esta realidade, em conjunto, nossos próximos, amigos, parentes, comunidade e humanidade, não formam em seu mar, um oceano.

Houve momentos na vida, que devaneios me estimularam a minha progressão, e em certo momento, meus devaneios foram uma fuga, um lugar *bunker*, um reduto, um esconderijo, enquanto a saraivada de ataque armado não parava e eu não tinha mais pele para sangrar, ou este lugar era um portal ou ali estive pronta para descer ao inferno, ou o melhor, perder-me no labirinto...

Construí diversos mundos *imaginarium*. Tinha elaboração imensa de ir ao mesmo, tornava-se penoso perceber a falta de coisas, paladar vazio, ausência espinhosa, decepções reais. Quando uma cênica deveria perdurar muito tempo, fazia mescla com o momento, simultaneidade de eventos de dormir, acordar, tomar banho, comer, mas no meu universo, eu estava vivendo outra coisa, outras pessoas e outro lugar, tudo nas projeções de devaneios.

Os choques de referencial, me passaram a sangrar, não saber mais o que poderia ser a reação plausível e provável de alguém que criou tal afastamento abrupto, demandava uma equação de possibilidades, mas anos luz distantes, é provável que eu deva considerar que estas personagens estão transitando em outra idade, seu tempo foi, ou se congela diante do nosso que corre mais rápido que nunca. A infinidade de possibilidades de resposta a uma pergunta simples, são probabilidades nunca testadas.

A verdade absoluta, além de fugidia, está submetida aos isolamentos de cada um, está submetida às informações incorretas que se propagam intencionalmente ou não, está submetida ao nosso intrincado mundo de raciocínio lógico que está dependente do conhecimento, da vontade própria, de discernimento, de contar com o saber do lado oposto, não apenas das suposições.

É um conceito que precisa de plena consciência do seu eu interior, sem barreiras, de amplo conhecimento geral e das pessoas em questão, tendo a capacidade de entrar nos seus eus introspectivos, sem limites. Ainda, teria que somar todos os conceitos de amplo saber coletivo, para tomar um profundo equilíbrio de julgamento.

Seria impossível não imaginar a onipresença e onisciência divina, mas como ele poderia saber aquela parte de nós que nós mesmos ignoramos?

Verdade é um verbete muito complexo para que possamos saber sua avaliação, se é real, factível, mas só podemos analisar profundamente tendo conhecimento de mistérios que não temos, conhecimentos profundos de si e dos outros, sem nenhuma barreira moral, conveniência, que impeça a consciência.

[23/01/2018 14:27]

A ternura pode ser único alento na vida, e o tempo sua antítese.

Anos atrás, eu construí uma casa, ela tinha três pavimentos, era um sítio verde, uma campina de morro, relevo mineiro, havia frondosas listas de árvores plantadas delimitando locais fronteiriços, rio caudaloso se esgueirava por entre as montanhas, cortava a estrada principal, a vicinal que dava com os burros n'água nas minhas terras.

Eu optara viver só, apenas um casal de caseiros, sua pequena casa se via no alto do morro, a minha se amparava pouco abaixo, longe do brejo, segura das cheias, dos pontos vulneráveis a raios, vegetação preservada acima e abaixo, estrada com dois caminhos paralelos pavimentados para tração das rodas dos carros estradeiros.

Uma casa interessante, térreo com uma garagem acoplada, escadas amplas, dava em uma sala, com três ambientes, aconchegante, nada extremamente grande, o terceiro ambiente, uma pequena cozinha. A casa contava com um depósito abaixo, bem dimensionado, uma despensa bem equilibrada, coisas de gosto costumeiro, conservas da terra preparadas artesanalmente.

A casa tinha dois aposentos de visita nesse patamar, acima, escada amadeirada em três lances, dava a um apartamento com quarto, banheiro, mini cozinha, escritório.

O caseiro dava seu expediente, conservava a pequena roça de horta, apanhava frutos de época, ordenha de vaca, ovos caipiras no cesto. Consertava fiação, quando vento cortava. Buscava minimamente coisas da cidade, distante coisa de quarenta quilômetros sinuosos em jogo de paciência.

O frescor do mato, o tilintar das águas revolucionárias, barulhos do mato adentro, o reverenciar no farfalhar de galhos, ela se punha sentada à sua poltrona, que gemia rangidos de madeira antiga, fazia suas escritas, jogava em gavetas, caixas fechadas, após um tanto,

iam parar no porão, cerradas em velhos caixotes empilhados em um canto, bem fechado, sem ver sol, sem ver lua.

Chegou à beira do outono, fragorosas chuvas entornaram, semanas sem trégua, um pedaço de morro desceu em lama, pequeno rebanho se confinava, as estradas ficavam piores cada dia, e naqueles dez dias sucessivos de chuva, apareceu um carro.

Ela estava há três dias adoecida, o que era um resfriado, se avolumou em secreção, inflamou garganta, e uma tosse de cachorro uivou mais que a noite.

Capataz, servente coringa, estava na casa, observando a fervura longa do xarope de guaco, dois vidros esperando o prontificado, mas ar doce espalhado na casa, os vidros embaçados de condensação forçosa e as enxurradas lamacentas serpenteavam ainda com fúria.

Sob resmungos, seu João-mais-três, andava soando as carrapetas no assoalho, seu cigarro esperava na orelha, ele pigarreava sua impaciência, olhando a viscosidade cair da colher, muito líquida para dar efeito.

Virou-se para ouvir, prontidão, ouvidos de gato matreiro, o ronco do motor desligou, essas paragens sem porteira, eita mania besta, mas com teimosia não se discute, pensou derradeiramente, pondo-se em direção à garagem.

Chuva engrossava, céu negro trazendo na capa uma noite nas três da tarde, porta bateu, viu um tênis pisar lama de dar dó, correr até a porta, bater desenfreadamente palmas e olás, enquanto o seu João acionava o portão da garagem, já dando berros, estaciona no canto, quem é ocê?

- Preciso de ajuda, não consegui voltar para cidade, o rio corre por cima, nem dá pra ver, desceu terra, parece, sem ninguém na estrada, recuei e vim me dar aqui, sem saída. Não tem continuação essa estrada, tem não? Mor-de-Deus! Preciso esperar passar essa chuvarada, estou sem onde ficar.

- Pode entrar. Está só? Aqui sou caseiro, esta casa mora uma mulher, ela está descansando, você entra, acomodo você, tenho autorização, mas não abusa da boa vontade.

- Muito obrigada moço. – Retornou na chuva para dentro da caminhonete, ligou e entrou na garagem, desligou e desceu, cabelo meio molhado, todo eriçado, com bolsa e uma mochila.

O seu João-mais-três, se apresentou, sem dar muita entrada para conversa e especulação, foi grunhindo e gesticulando coisa aqui e ali. Mostrou o pavimento principal, avisou que ia preparar um caldo verde, com seu jeito embrutecido, já tinha rasgado as folhas da couve, encerrou nos vidros o xarope, separou uma porção, deixou fervendo as batatas, se retirou escada acima, sem permissão de adentrar até a anfitriã da casa, a mulher se trancou no quarto para se trocar, secar da chuva e tentar em vão o celular para dar conta de seu paradeiro.

Ao chegar ao quarto, a tosse estava de trégua, mas o olhar envidraçado embebido em calda de febre, seu João, sem muita noção, deixou o xarope na mesinha de canto, avisou da estranha que se perdeu por estas bandas, sem como prosseguir porque estávamos isolados, a barreira e o rio entornaram, portanto, não podia deixar a pobre diaba no carro sem destino.

- A sopa está quase, vou desligar o fogo, *simbora* pra minha Maria, tenho reparo para fazer na casinha, então volto dois dias pra frente. A mulher tem fino trato, não vai atrapalhar, e depois a gente tem que buscar remédio para essa coisa.

Ela disse, apaga a luz, tomou uma golada do xarope no gargalo, riscou como fósforo a goela, disse fraca – A asma pegou, preciso cuidado, já tive pioras no pulmão antes, não estou gostando. Veja se tem algum antibiótico na despensa antes de ir.

João saiu sorrateiro, pernas pra que te quero, cansado dos imprevistos e cansado só de pensar no telhado que ia ter que arrumar. Largou pra cima da mesa uma caixa de antibiótico para sinusite, era o que tinha, não tem jeito. Porta bateu com vento além dos dedos ligeiros.

A mulher, saiu do quarto, com olhar preocupado olhando em busca, perguntou se havia gente, só mesmo o açoite da chuva, a tarde caindo depressa, uma luz amarela antiga na cozinha, um vento bem frio enfrestado da janela da sala girava mundo nas acomodações obscurecidas.

Ela percorreu a casa, chamou no hall da escada, viu uma luz muito fraca rebatendo o vidro da virada da escadaria, cogitou subir, recuou, virou para a cozinha, procurou o servente, não encontrou nada, só vendaval furioso.

Preparou um prato do caldo, colocou numa tábua forrada com pano de prato, achou um pão parecia aceitável, separou um pedaço, e resolveu levar escada acima.

Quarto escuro. Uma luz de banheiro incidia com uma fatia de noção de espaço, ela se aproximou, sem poder saber a aparência, deixou o prato, gaguejou palavras de agradecimento do acolhimento nessa circunstância.

- Obrigada, pode deixar aí, se não se importar, comerei já-já, tenho que tomar remédio, por acaso viu algum?

A mulher se retirou e voltou com o remédio e um copo de água. Percebendo o incômodo, deixou a senhora sozinha e solícita, disse, qualquer coisa chame.

A noite encerrou os medos, que passavam como sombras na janela desconhecida, em seu pensamento alvoroçado, se perguntando como fora se meter nessa encrenca, sem ter como voltar, o que era para ser uns dias de descanso, pareceu um dia de pesadelo nas estradas de atoleiro, com locais que o carro poderia ter rolado morro íngreme.

Dia seguinte, a chuva condensava um ânimo um pouco cansado, mas ruidoso ainda, as valas tinham sido cavadas da enxurrada, mas a água descia espumante, sem tanto peso.

O lugar tinha espírito de um lugar afável, acolhedor, mas demasiado quieto.

A senhora, dormira mal, febre ardeu olhos, consumiu sua água, jazia prato inerte, copo vazio, galho que se arremetia contra janela, um cansaço deixava-a prostrada, sem querer nada.

A mulher esquadrinhava tudo, ávida por café, abria e fechava gaveta, armário, e aos poucos o aroma preencheu a manhã. Ela sozinha tomou o café, subiu até o quarto, a pessoa estava ao banheiro, ela perguntou se ia querer um café, se desceria...

Ouviu de longe um: Vou lá.

Desceu vagarosamente, olhando umas duas vezes para trás, acabrunhada pela situação, e resolveu sentar-se à mesa, indo buscar algo que se desse a comer.

Sob a luz do dia é que os passarinhos afiam seus bicos.

Ao ouvir passos na escada, um olhar de aguardo, um respirar de ombros tesos, vidraças polvilhadas de gotas escorridas, como caule de rosas sangradas da medula de suas seivas.

- Você?!

Ambas se entreolharam aflitas, ao se darem conta de grande emboscada que a vida preparara.

Eram um misto de confuso desafeto, de tentativas de reconciliação unilateral da senhora, por longo período e um desfecho desagradável, de mesma forma, para a mulher, uma aflitiva convulsão do seu mais profundo medo, ao seu mais espinhento racional, infestado de um sentimento recôndito enlatado a alta pressão, rotulado de veneno, com um rótulo de caveira com dois ossos transpassados. Um arsenal de lembranças desfilava seus odores de enxofre por suas íris, contendo as mais variadas imagens subliminares de seus códigos morais, suas frustrações mais retorcidas nos fibromas, e o suor trêmulo cortado a bisturi sem xilocaína do instinto mais primitivo maternal.

Sob um manto de fumaça de escombros do front da guerra, ambas secavam suas próprias salivas enquanto as palavras fritavam em óleo fervente.

A mulher imediatamente pôs a caneca sobre a mesa, meneando a cabeça com negativa ininterruptamente.

- Irei embora imediatamente.

- Eu estou aqui por anos reclusa no meu viver amargo, como me achou?

- Caí por acaso aqui. - Foi pegando as coisas, depressa, parou próxima a escada de saída, aturdida – Não vou ficar aqui.

- Calma. Não é viável sair nessas condições. Quero saber, tem algo dizer? Todos esses anos, tudo que falei, escrevi, telefonei, sem dizer nada? Senti-me um lixo! Não parei de me perguntar infinitamente, de pensar, de doer, desejando morrer, nesse labirinto do Iluminado congelando todas as suposições que minha mente produzia. Por quê? Por quê? Acha que silêncio é nobre?

O tom e a temperatura estavam pairando em ira, nos olhares que mal se podiam ver.

A mulher, sem suportar o crescente rumo da situação, antes que desatasse em descompasso ou destemperasse, saiu, meio a chuva,

enterrando os pés em qualquer coisa que estivesse no caminho de sua corrida, deixando para trás sua ex-amiga, seu carro, suas coisas caídas, correndo sem rumo.

A senhora, percebeu o descontrole, correu atrás, no instinto de tentar conter a situação, a loucura nessa tempestade, em sua roupa frágil de dormir.

As figuras fantasmagóricas corriam escorregando em pedras, em plantas, caindo enroscadas em mato rasteiro, correndo até a beira do rio enraivecido pela vida.

Após essa descida acidentada, uma estava mais perto da outra, e a senhora gritava, calma, calma, para por favor.

A mulher se agachou em seu desespero, gritou um estrondo de trovão, que parte ao meio uma tora de árvore sem dó, seu peito se rasgou, suas lágrimas eram pedras, em sua loucura agachou para se segurar ao chão.

A senhora pediu mansamente que voltassem, estava na chuva, doente, que cedeu abrigo e cederia ainda que soubesse, deixa disso, vamos entrar. Há sempre um café.

A mulher se afundou e sumiu na correnteza do rio.

No referencial que poderia ter, só pude sentir aspereza, fuga, falta de diálogo que trazia em círculo mesmo que o tempo voltasse, era uma ciranda, que sempre impediu uma solução.

Mas, no referencial que a vida me deu com o tempo, eu posso voltar no devaneio, e no reencontro, ouvir outra coisa.

- Você? Todos esses anos procurei resolver a amizade, sempre insisti porque acreditava no fundo da alma, porque sentia forte sentimento como se fosse outra mãe, uma que em outra dimensão teria sido, e mesmo que tudo seja assim tão difícil, mesmo que pareça tão fora do normal, eu apenas sinto, algo que não tem armas, e sei que parece insulto à vida que desejou ter, mas tente olhar com coração. Já pedi desculpa por falhas, já disse o que me apertava no coração, e ele continuou apertado a ponto de eu me encolher nesse lugar, temer as pessoas, temer o que eu sinto. Diga. Diga tudo que sempre guardou. – terminou quase aos gritos em seu desespero da tortura que viveu.

- Eu sempre confundo, eu estrago, eu causo essas coisas porque vivo em dilema, numa linha que me proíbe e não quis prejudicar ainda mais. Achei demais. Eu não podia aceitar a forma que me via, não consigo acreditar na sua justificativa, e sei, sei que sempre procurou formas tão delicadas, sempre me surpreendi, mas não consegui aceitar. Eu não sei lidar com você. Achei que evitando dizer algo que jogasse você prá baixo seria melhor postura.

- Aí é que está. Pessoas. Sentimentos. Não se faz necessário tanta armadura, tanta estratégia. Sou pessoa. Não sou guerra. Isso não é disputa, não é competição.

- Não se trata disso. Temi por você, não quis ser responsável.

- Cada um decide seus atos, mas sim, todos damos impactos, a rejeição foi o pior dos mundos para mim naquela condição, porém eu não visualizo o que era necessário, parecia não ter fim o que eu precisava de você. Vamos acalmar, eu preciso me recuperar, estou sempre nessa tarefa infindável e você está sempre na defensiva, sem necessidade. Parece que tem medo e que eu ofereço perigo.

- Não sei o que sinto. Não quis prosseguir um rumo incerto.

E ambas quietas em seu olhar sofrido, pegaram canecas de café já morno esquecido, e engoliram como se fosse a melhor coisa no fim do mundo.

Não tem resultado alternativo, todas as possibilidades a realidade extingue, na distância, não pela distância, mas pela comunicação inexistente, como se jamais a veria, jamais resolveria, jamais curaria, jamais acabaria, o vácuo imenso dessa distância interestelar exibe como triunfo de sua adaga, o tempo, e o desconexo permanece como uma forte pressão sobre o peito, a milhares de metros submersa por tudo que ocorreu, que é não julgável, que de certa forma, me fazia viver, tanto quanto me fazia morrer.

V - Diário do Universo Paralelo – Monólito

Dia 25 de janeiro de 2018. 16:51 a 18:29 - Mezanino

Um digno dia varrido de brisas leves, azul límpido lavado a anil, ao retornar a casa, vagarosa demais para sua forma de ser, andar pendente a dar compasso manso à dor.

O calor brilhou sua pele do rosto, com uma gosma oleosa, e chegando à casa, saudações gatunas ao destravar o cadeado, num tranco surdo único e um tilintar do corpo se deixar bater contra uma haste da grade com pequenos descascados na tinta pelo descuido sistemático deste movimento do cadeado largado à sua própria sorte e abandono.

Os olhos atentos, ligeiramente evaporados de uma lágrima ainda esquecida no *bolsillo* do canal lacrimal, fitava a montanha com seu gigante monólito de granito, curvo, esparramado com a mesma cara de escárnio, com mesmo arrogante par de pedras trincadas por uma fenda, povoada por enxame de abelhas, a fenda das pernas do cocuruto não podia mais ser escalada por nenhum desdém.

Não era dia, ela decidiu, passar aspirador, botar roupa de cama a lavar, arejar, um pano embebido em flores antissépticas, lustrar o tampo da escrivaninha no seu vestíbulo mais alto, antes que a tarde chegasse, as roupas bandeirolavam no varal, as gatas aturdidas se deitavam em divã, na mureta do barranco do quintal nalguma sombra, nalgum canto dormindo e acordando; as coisas foram ajustadas em seus lugares, os gravetos de folhas caídas, picumãs, migalhas de pão, deram vez à lajota cerâmica vermelha envelhecida a assentar um tapete batido.

Após esticadas as camas, separou sua bolsa, carregando seu caderno de couro, caneta, celular, apetrechos. Fez um prato, enxaguou louça rubra, passou um café expresso tecendo uma oração, a que iria logo em seguida passar no chuveiro, pendurar a toalha e subir no seu habitáculo, e se discutia consigo, se descansaria uma soneca, já desconsiderando de imediato, pois precisava ler, anotar, pensar naquele texto, o tal, esperando anos para dar esse passo.

O calor irradiava dos pés à cabeça, mas após esfregar sabonete, uma toalha limpa, aquela transpiração deu ares a sua calma, rarefeita e compacta, era bom aproveitar. Esse *momentito* de solilóquio. Mas, ainda que emanasse o aroma de ervas de cheiro, ainda nebulosa orbitava canto de seu olho.

Amparada na guarnição da porta do quarto do filho, ora vazio, ela deu olhos à uma escada de uns dois metros e alguma coisa, com degraus de madeira horizontais de cedro envernizado, recostou a aba da veneziana, apagou luz, subiu pé esquerdo primeiro com dificuldade e pausadamente, até dar com as mãos no apoio cromado, seus olhos deram nível para o assoalho de madeira recoberto de sinteco, jazia a mesinha ao lado esquerdo, frente a uma estante de coisas guardadas que foram impossíveis de se livrar, coberta com uma toalha rústica com o desenho do zodíaco, um sol com rosto no centro, as casas zodiacais desenhadas em azul, planetas e satélites desenhados no barrado superior e inferior. Um quadro da foto do cometa Halley de 86 por nosso amigo Flavio, um camelo esculpido na madeira, vaso de plantas secas e *abat-jour* de folhas secas, que acendeu imediatamente ao adentrar.

Passou com um arrepio de cafuné no pescoço, já estendendo o colchonete para relaxamento, pegou sua caixa de pedras, ligou ventilador, repousou um lenço estampado azul e azul marinho, mesclado, a travesseiro jogou para o canto. Retirou as vestes e pegou seu óleo natural, enquanto com outra mão acendia incenso, no cinzeiro de vidro na soleira da janela dupla, madeira e vidro texturizado, dava ao quintal e as sombras dançantes das bambusas da vizinhança.

Ela deitou-se a meditar, por longo tempo respirando profundo, exercitando uma maneira que só ela gostava de saber, por longos minutos, apenas sentiu o arrepio do pescoço percorrer para suas costas e pernas, massageadas apenas pelo vento forçado tangente.

Passou a sentar e esfregar seu óleo, tristemente, tentando esvair-se desta emoção colhida no passeio matinal apoiado de bengala, cabelo preso e maçã.

Deitada para cima, observava o dançar da mandala, a gata esgueirada pela escada, já se acomodava nas almofadas que ficavam abaixo da mesa com tampo de vidro, onde estavam dispostos: uma caixa marchetada, um porta cartas esculpido em madeira, com pequenos cadernos adormecidos, um gaveteiro para

canetas, um pote de cristal raso para canetas de uso e correção, luminária das antigas, um notebook no estojo, maleta de madeira com materiais de desenho, estojos de lápis logo atrás, por baixo, um escaninho de pastas e cadernos guardados, caixa de recordações desbaratadas. E a poltrona, de madeira encerada, espalda arredondada em arco como uma concha, almofada de revestimento reta, revestida de estampa marrom sobre ocre.

Ela meditava, buscava seu caminho de Shangri-lá, depôs uma pedra na testa, olhos fechados, longamente pensou, sobre as coisas que ainda vai escrever, sobre a sua sede imediata e os ruídos nos ambientes do inferior.

Seu momento, deparava-se com um monólito negro, para o interpor entre seu agora e seu depois. Como alienada, não imaginava como o transpor, era retangular e alto, lapidado, sem suor. Nada permitia que ela visse adiante, o seu depois. Nada poderia saber para chegar ao dia seguinte, era uma estaca, um peso morto, um magneto gigante, prendia seu olhar, seu pensar, seu palpitar.

Agora se conscientizava da sua paralisia, mas não tinha antídoto, nenhuma ideia, era um congelamento preciso e estanque, alheio ao resto da vida, das pessoas, como se acometesse somente ao seu caminho, como se o monólito a chamasse com seu campo de força, a adentrar em sua superfície, como se adentra em espelho d'água. O que haveria além da lápide? O que poderia fazer? Era uma interposição fatídica, sugerindo que independentemente de minha vontade o caminho era aquele invisível, avançando o tempo, e inexorável.

Uma corrente de lembranças, outro momento, talvez na infância, provavelmente já contaminado da mistura café-com-leite dos mesmos momentos repetidos decorridos em épocas adjacentes, construindo uma recordação de colcha de retalhos, das idas ao cume da montanha. Entre irmãos. Entre amigos. As idas contadas dos irmãos às quais ela não era permitida, a gélida manhã de inverno na madrugada de forte geada no sopé da serra. As caminhadas ainda no noturno para o raiar do dia na escalada pela rota das cavernas, ou a caminhada com os filhos para a trilha recente do pouso das asas. Rememorava a antiga mochila de brim verde, com um bolso de cada lado e um cadarço para amarração acima. Calça rancheira de barra desfiada sem dobra, botina de couro encerada e sola de látex enrugada e sem salto.

O monólito ígneo, manchado da chuva, mas púnhamos reparo, eu e meu esposo, na época namorado, ranhuras salientes impossíveis de entender, rasgadas de lado a lado da enorme pedra, como se ali tivesse espalmado uma grande nave, deixado cicatrizes de sua longitudinal queda, e seguimos até os confins dos confins da pedra, onde se podia agachar, já com as frondosas plantas galgando sua silhueta. Os riscos na pedra chegavam lá no seu hemisfério sul, plantas com bolhas gestando mosquitos e larvas desconhecidos.

Era sempre um batismo subir na pedra rachada, era lá que se disputava o pôr do sol.

Incrivelmente, o monólito, nada cedia nem a uma nova centelha de inteligência, mas esse especificamente, dava uma sensação de flutuação, de um horizonte e um ar silente sem comparação.

Nessas lembranças reais, passo os dedos sobre meu sobrancenho, pensando analiticamente sobre a constante influência que me regava liberdade pura, sem contestações e sem contextualizações. E a sensação que perdura, dessa mistura de momentos, na intersecção do lugar monolítico, é uma espécie de aterramento, uma descarga dos pés, um fluxo específico de luz e cores, e a presença de plantas únicas em extinção.

A certeza das impróprias presenças humanas nos lugares paradisíacos, a certeza do término de coisas abstratas e conceitos que perpassaram nos olhos e por nossa breve passagem que torna impossível que as coisas se perpetuem, a despeito da majestosa pedra, nem mesmo ela pode permanecer ilesa pelas erosões e pelas presenças das mãos destruidoras das pessoas.

A existência sólida e a realidade inexorável que nossa vida é servida ao tempo, como um abate, como um extinguir de chama acesa, é absolutamente certo que naquela época, o vazio existente e, ou existencial que me dava a impressão de esperar por alguém, ele perdurou, se exauriu por um curto período e depois se tornou monólito.

Uma menina, singeleza de seu andar ondulado, se projetando saltar a cada elevar do peito do pé, essa menina, andava e certa sombra do seu sono, ou do sonho, dava um alento raro e preciso, morno como a colcha do inverno, quando ela dava mãos a uma mãe, uma que ela desejava e não era a dela.

Essa caminhada se conduzia, por uma vereda larga para dois passantes, mas estreita a ponto de não se passar com uma carroça, poderia sugerir uma trilha muito usada, e margeada por mato com seus sininhos espigados na ponta do mato, como se plantasse milho, mas não, era apenas mato, arvoredo esguio e esporádico, um local mais para pardo e queimado de sol temperado.

Era uma vereda, onde elas caminhavam até as cercanias de um pequeno vale, cuja adaga pontiaguda rasgou a barriga do mato, vertendo um rio nascido na cicatriz da terra.

Elas desciam, ao que parecia ser um remanso do regato, para sentar à beira, numa vegetação gramínea e enfiar os pés na água fresca, e por assim ficar sem hora de tempo, levantando e mergulhando os pés até altura das canelas, provocando espirros divertidos, uma na outra.

Não importando ser inverno, não importando ser verão, essa ocorrência eventual em algum campo do cérebro indeterminável, promovia a sensação agradável do torpor de cura de dor, ou do matar da sede.

E era fugaz, passava rápido, assim como um caminho suave e a presença do afeto era um amálgama dos seus passos, esses se dissipavam em uma torrente estranha e escura, dando passo adiante adentrando caverna espessa, ar pesado, nariz entupido, garganta arranhada, e adiante já podia prever o desenrolar tenebroso de um pesadelo, enrijecendo os dentes a talhar parte de seu próprio polegar esquecido enfiado na boca, dormindo sobre a língua.

Vinham pesadelos apavorantes que a colocavam numa rocha crua e nua, em abandono, sob ameaças sentidas de seres invisíveis que poderiam cercar-se dela rapidamente, então ela fitava em todas as direções de seu desamparo, gelada, com as pernas insuportavelmente doloridas e abria os olhos, em meio a tantas camadas de véus negros pairando nas sombras vivas em movimento do seu terror noturno.

Tudo se findava com seu olhar parado, diante do grande obstáculo, uma pedra colossal sem significado algum ou valia, apenas a impedia seguir o caminho único que ela conhecia.

E talvez, nesse vácuo de tempo, de solidão, da imponente inexistência de alentos que possa sequer sonhar, porventura

aparecem sonhos incompletos, buscas infindas, situações estranhas até por se dizer premonitórias, mas nada nada, concretas, como a sensação uterina de mãe e filha.

VI - Diário do Universo Paralelo – Dimensão da Incumbência

1 MÚSICA: WAVES – MAX RICHTER

Dia 27 de janeiro de 2018. 10:30. Retiro das fontes. Sábado.

Este é um momento real, um vento que se afasta do solstício, há um farfalhar mais eloquente, as formigas voam e caem sobre mim. Isto é realidade, a sensação profunda das minhas limitações, meus cabelos desobedecem, meu sentimento acerca do sentimento. Isto não é pele ferida, mas uma sensação de múltiplas coisas, necessidades, ambições, ardência e convulsão.

O chão de caminho é assentado de pedras esguias de mesma matéria dos paralelepípedos, concede a amplitude do campo, a temperatura proferida do outono, libélulas pousaram no meu caderno, estavam acopladas, uma árvore, nada mais era do que uma música, de sinetas que chacoalhavam.

Ei! Hoje aqui e agora, penso nos profundos abismos, o que são, significam e por que não pude os transpor.

Quando eu desejei uma segunda chance, eu pensava, deveria ser assim. Deveria tanta coisa, que não possuía fim, essa conjectura me pode certificar que além de todos os aspectos difíceis e miscigenados, uma ânsia gigantesca configurava duas coisas, percebo agora: o tempo centenário e o sentimento obsessivo.

Entre as paredes digitais de uma breve amizade, certamente breve como a amizade inicial, ambas, em sua restrição inerente, essas paredes sólidas de muralhas feudais, são o suficiente para dar certeza do medo.

E o medo me agride o afeto. Sou espancada pela distorção.

No final é sincero admitir que minha falta de cuidado, minha persistência e sinceridade de novo momento deram mais lenha.

Agora, o que posso ser?

O que as palavras podem realmente?

Por tantas vezes fiz da poesia algo de concreto a oferecer algo materializado, gerei ideias que personificaram ideais, mas não pode, me alimentar visceralmente com o maná que eu tentei colher do orvalho no amanhecer.

Faltou uma percepção, entender a língua das entrelinhas e das pausas do silêncio, saber que para aquela palavra, havia em si uma intensidade significativa por se tratar de algo tão recolhido à sua esfera coração e mente.

Eu precisava ter entendido, que a voz inaudível devia amplificar, aquilo que vazou do seu ar reservado significava muito mais do que minha ânsia podia degustar.

Hoje, o alento de um som, o toque imperceptível de um fio de cabelo que se desprendeu, eu deveria ter me regozijado das pequenas atitudes.

Contudo, o agora contém, uma essência concentrada, do que se soma, se evapora, de todo transpirar, das lágrimas secas, da saliva grossa sedenta, do sangue grosso, da ruga ou cicatriz do tempo e a consciência continua mais certeza do que a intuição, mais cobrança que o não cumprimento do dever.

Há a certeza, a visão do horizonte agora, com céu claro, nuvens no deposto longínquo e algodões esticados estirados em rarefeitas nuvens acima das copas das árvores. Essa certeza é que há uma incumbência, mais de uma, aliás.

E talvez seja uma delas nunca possível que ainda lança essas chamas a me queimar. Aquilo que está impedido por todas as barreiras, tempo, lugar, distância, querer, poder.

Tudo não é somente loucura, é algo simples, depende da predisposição, fé e conhecimento. Depende com quais olhos vai olhar.

Eu sei em mim, que preciso me ligar, através do meu cordão umbilical a uma luz divina que me apazigue a orfandade profunda da alma. Da alma.

Eu entendi que ao dar amor, demonstração valorosa de amizade poderia de alguma forma levar o amor simplesmente no voo da borboleta até o orvalho da flor.

Achei que tivesse feito. Houve um momento que quase senti esse êxito, mas a dúvida do distanciamento, e do fato que tudo nos carimbos nos selos, podem não ter chegado ao destinatário.

A sensação de mensagem em garrafa no mar atormentou as noites e os dias.

Já em certo momento de minha tormenta infindável, tanto que pergunto a D'us: Por quê?

Não arrefeceu a sensação da incumbência. Há algo que da minha parte preciso ainda dizer? Talvez. Aliás, sim, as cigarras me respondem afirmativamente.

Enquanto escrevi o Diário do Universo Paralelo surgiram contos do absurdo, os devaneios, as fantasias e os sonhos e as conversas com o inconsciente e o próprio Universo Paralelo.

Quero induzir um ensaio, uma conexão espiritual que me certifique, nesse campo me surge uma lembrança de um devaneio composto de uma ânsia desesperada com o final de nossa vida.

Era talvez manhã, talvez uns anos adiante, uma década, ou um infeliz acaso. Ela, a mulher estava no hospital, numa cama, seriamente doente. Sua família nas suas ocupações demandando algum momento a ela.

Neste momento, a mulher percebe o fim do trilho, sua caminhada só, com os bolsos vazios, suas mãos procuram carta. Ela gostaria de reler uma daquelas e através de lê-las ter um alento para sua incapacidade de ter sido no mínimo adequada, no mínimo respeitosa.

Era um dia calmo, ao abrir os olhos para sua doença grave se deu conta de um desespero latente e da incumbência urgente de rever e ficar em paz com desafeto de alguém. Não pode postergar mais.

Mas se houvesse a recusa? Tantas vezes recusou tudo em relação à mesma.

Estava inteiramente no efeito de remédios, mas queria o seio de sua casa, o alento das pessoas, umas que já partiram.

Será que ela ainda está viva?

Pediu contato, falando com sua filha, cheia de expressão de preocupação e descontentamento. Porém acatou e foi pesquisar e buscar achar o desafeto.

Apesar de fraca intuição naquela fase da vida, ela a pessoa que fora largamente rejeitada, estava resignada com sua família, com suas poucas possibilidades.

Se assustou e o lodo remexido e ferida reaberta. Lembrou seu sinal de alerta que falta algo.

Não é o simples reencontro. Nem palavras de carinho.

Ao se reverem ficou claro.

Era o cuidar.

- Eu poderia cuidar de você se precisar.

Equivalia dizer: - Eu teria cuidado de você naquele tempo.

Isso precisava ser dito, olho no olho, sendo ou não sendo, não importa porque de fato, até sempre o elo de filha está fundido na alma dela.

E olhou com amor calmo, um pequeno alento morno de alívio iluminou os rostos. Pelo sim, pelo não, digo, agora, nesse momento real aqui, no jardim esquecido, onde sou uma pessoa sem meu pai e minha mãe, que me fizeram ir por todo caminho com minha vontade, minha honestidade, sem eles eu me ressinto nessa falta de uma mãe, alguém que pelo ponto de vista psicológico elegi, mas me recusou mesmo que sua vontade mais íntima fosse outra.

O agora, o que abraço é o fato de eu ter três filhos, muito desejados e amados, eu ser mãe com esse peito aberto ao que vem, ao que aparece, esse é o tipo de amor que quero para mim.

VII - Diário do Universo Paralelo – Regressão

Dia 31 de janeiro de 2018. 16:16 a 23:47 H.

Sabidamente lido com meu inconformismo, lido teimosamente, talvez até estupidamente. A questão é que uma substância corrosiva, impertinente me alcança, talvez um ser que se alimenta das vísceras, talvez uma substância radioativa, fato que encontro um marco na vida, o qual já refleti quantas esquinas poderia ter dobrado para não chegar a ele.

No decorrer de tantos dias, misteriosos, estranhos, eu cogitava em meus sonhos lúcidos, confrontar essa realidade, e ela nunca mais me livraria desse elo. Cada vez que me peguei furtivamente pensando como poderia ser, tanto quanto o desejoso bem como o fatídico destino, era sempre fato teleguiado a mesma situação irracionalmente irremediável.

Posso sentir dentro da minha visão, que ter insights, em plena consciência, sem estar dormindo, sem estar passando por algum estresse, simplesmente ocorreu, assim como a bólide que brilhou, desintegrou, mas caiu em alguma região distante e desconhecida.

Não posso chamar de dúvida, todas as análises que produzi, vivi e alarguei por essas infusões de veneno que ingeri, não me mataram, me deixaram assim.

Nos primeiros anos, certa vez eu cogitei regredir e ver se tal circunstância de lembrança tornaria a ocorrer, pretendi ir, no final do prelúdio desisti, sabendo que havia muito mais elementos que eu precisava antes tentar compreender e momento lúcido.

Sendo assim, de certa forma aceitei essa tatuagem de câncer dentro do meu eu mais profundo, mas pensando que as coisas melhorariam com o tempo, com alguma luz de nova consciência abatesse o vislumbre da pessoa envolvida. Eu além de não me conformar, não quis, não era algo cômodo que possa ficar sabendo, sem ter a intuição que algo requer atitude.

Pense, se alguma relação da vida, não tão óbvia, nem tão acessível, provoque uma situação de elo e sentimentos tão complexos que são capazes de um estrago de hecatombe.

Mas apesar do meu não esmorecer, cheguei a muitos momentos em desgastes desnecessários, de feridas contaminantes, e consequências em âmbitos impensáveis e não prováveis.

Fato que após tanto, tanta água passada, suposta superação, suposto entendimento, suposto futuro aberto, suposto tempo... que chegou mais um ciclo desfavorável, incômodo e arriscado. Como se caminhar para a travessia, sempre me trouxesse a esse abismo, no qual preços caros são cobrados. Ainda que eu me renegue essa travessia, o restante da vida, trafega através de correntes que não domino nem sei por onde vão.

Acordei por dias esse ano, uma imobilidade mórbida, com a urgência de saber algo mais, ou ter experiências elucidativas (eu supunha) ou no mais primitivo da vontade humana, ter um contato com tal pessoa, fosse este algo insubstancial, algo imaterial, qualquer coisa. Teria sido por isso tantas andanças e essa jornada em outra esfera, em outro mundo?

Nada concede mais a tranquilidade, essa que se esvaiu num tombo, ou na minha falsa ideia de que poderia ficar imune a isso que passei.

Por isso, a certeza se fez elemento importante, porque esta certeza me daria alento aos meus questionamentos mais quanto a classificação afetiva.

Obviamente, pessoas chegam nessa busca, a de fazer uma regressão por algum desespero de causa, não creio na literatura específica, nem creio muito, e não por curiosidade, mas essa forma poderia contrapor insights espirituais e me dar uma, quiçá, realidade alternativa, não por mudar um elemento no passado, que não posso, mas por fazer enxergar algo importante para o entender.

Enquanto pesquisei a hipnose, pesquisei inúmeros assuntos quanto a um transe desse e até chegar ao ponto de cogitar a prática, houve uma análise, quando eu tentei liberar-me da ótica antiga, no aspecto que estando por exemplo como espectadora, não poderia saber qual personagem eu vestiria, se me entende, ou seja, eu poderia ser a outra pessoa? Eu poderia ser algum outro participante daquele drama? Eu poderia sim ser a outra pessoa, no caso, a mãe, a que abandonou, eu conhecia elementos demais de seu ponto de vista, que a partir da menina na sua infância, será que ela saberia tanto? E por assim, eu rearranjei as peças, e poderia ser uma situação cabível também. Se ajustaria à reação de repelência manifestada por ela, pois poderia ter um julgamento latente, e eu estaria aqui nessa

situação precisando, como paga, de algo que estaria agora sofrendo na pele.

A complexidade me levou a essas conjecturas, mas não avançaram, começaram a ruir com a situação de rejeição, porque rejeição ocorrida antes, é muito similar à ocorrida agora, nesta configuração.

Ela, certo ponto de desespero, precisava saber.

Sentada em seu computador, acabou deixando de lado as coisas que estavam iniciadas, seus interesses comuns, seus contatos sociais, e sem um objetivo completo ou claro, se viu pesquisando o assunto por mais esta vez, apenas, pensava.

Alguns conteúdos eram bobagem escarrada, outras geravam dúvida quanto ao cunho, e nessa questão, ela quis muito se abster de qualquer elo de fé, para uma pesquisa nos métodos mais conhecidos, deu olhos em algumas introduções de livros, casos estapafúrdios *sensacionalizados*[13], e bateu com a tampa do notebook já com sua insatisfação, interrompeu momentos para um café, para pensar em outras coisas, até mesmo outras atitudes que pudessem retornar sua luta de dissolver a inimizade.

Mas, só atitudes intempestivas, se pensar o quanto elas podem realmente trazer algum benefício ao seu problema, necrosante.

Tentou buscar ânimo para fazer algo que desviasse do viés. Nada. Acabou o dia dando vistas a palestra em vídeo de renome do assunto, aliás, impulsionada pelas ilusões trazidas pelo filme Além da vida, com Matt Damon, ajudou a fazê-la sentir menos irracional dentro da sua situação. Talvez essa meditação possa servir para relaxar e me dar um descanso melhor na noite... Posso ver sem me deixar cair em transe, ver se é confiável.

E nos dias do fim de semana, sentada, foi assistindo, realmente o cara tinha habilidade de condução ao relaxamento, dando uma sensação boa, em plena consciência, deixou alguns pensamentos acerca da infância, para ver se aparecia, ou se surgia algo inusitado. Não. Pequenos flashes e recordações prá lá de recordadas. No momento de nascimento, surgiu uma imagem, uma visão meio ininteligível, somente depois do término de assistir a palestra é que compreendeu a visão ser o ângulo de um bebê a mirar o queixo de

[13] Novo termo para o ato de ser algo sensacionalista.

sua mãe, ver o final do pescoço e a papada, o mover do lábio inferior, visão embaçada sem definição, como através de um pano fino e sem iluminação. Ela achou essa visão estranha, e essa visão se transporta no instante que era sugerido ir além do tempo de seu nascimento, ela viu o mesmo com outra pessoa, mas de cabelo muito negro, comprido, bem mais esguio o rosto, sem mexer a boca, sem ouvir a voz, apenas o canto do olhar se derramando para si.

A porta do quarto fez um estrondo em seu ferrolho, abriu e seu esposo falou coisas e perguntou o que estava a fazer. Ela não informou e insatisfeita com a interrupção, prosseguiu assistindo a palestra, que mais adiante, quando ele mencionava ver algum lugar, reparar, ela se viu como um garoto, ou garota, se agarrando nas costas de um homem de armadura em cavalo, pondo o cavalo a correr em máximo trote, correndo uma campina alta, dando a uma floresta adiante, ele corria, o guri saltava à mercê das ancas do cavalo, bateu o rosto na emenda do metal na junção das partes, feriu o rosto ao lado esquerdo do nariz, flechas alcançaram o cavaleiro, que tombou ao lado direito juntamente o menino, menina talvez caiu por terra, ficou caído, até que grandes pés se agacharam perto de suas costas, apanharam com força grande punhado de cabelo e o ergueu virando sua cabeça para uma bocarra violenta e gritante.

Houve outro flash, muito rápido, um celeiro, maravalha espalhada sob o corpo, feno empilhado, ripas de madeira em chamas enquanto uma pessoa estava sobre ela atacando, ou violentando. Foi um flash muito rápido, sem dar para sentir qualquer relação, nesses dois últimos, com os insights os quais ela queria elucidar. Mas seguira a instrução de evitar qualquer barreira.

Ela percebeu o falatório perto da hora de jantar e resolveu desligar e descer para convívio.

Por momento não classificou como algo relevante, a não ser as visões angulares baixas do rosto de duas mães diferentes.

Depois, durante seus pensamentos, analisou que ambas as cenas podem ter importantes constructos psicológicos com sua vida, seus traumas, o infantil e o adulto, o de perda de pessoa que representava seu porto-seguro. Mas não tinham detalhe, não havia nomes, palavras, noção de época. Poderiam ser projeções da mente

tranquilamente, menos a imagem embaçada das mães, que sem explicação ficaram. A segunda poderia até considerar similaridade.

Dia seguinte, tentou deitar e se acomodar e fazer a audição da sessão para ver se daria algum resultado, mas antes, ela fixou imagem da sua nódoa, desejando, como se adiantasse um desejo de prece para algo que escarafuncha o subconsciente.

Durante esta sessão, o ruído da chuva parecia contribuir, fechou a porta, pediu não interrupção para as suas filhas, que nem se preocuparam em ouvi-la.

Durante a infância, surgiu lembranças repetidas, mas uma que não se recordava, eram flashes, ela em seu berço pintado a óleo de azul bebê, e de tomar uma mamadeira com bico já faltando pedaços do látex de um furo originalmente em cruz, estava com aresta faltando, então era colocado com cuidado para não sair derramando, o recipiente era de vidro, e alguém que não pode identificar deu através das ripas cilíndricas do gradil do berço.

Teve outras lembranças, sem sentir nada, sem significado, era um transcorrer com ansiedade do antes, mas o não aceitar da amamentação e o choro ininterrupto desta vez se fez perceber.

Adiante, apareceu a casinha de pedra, a carroça de feno, a criança desesperada gritando e chorando, e a mãe, com um rosto que se fez notar a expressão.

A imagem sumiu, voltou a parecer o incêndio, onde jazia dentro dele, sem nenhum detalhe, apenas a porta cerrada, as chamas alcançando o teto. Cor noturna com fogo aceso.

Teve a contagem regressiva, sem apresentar algum sentimento, consternação, a porta do quarto se abriu e a voz interrompeu novamente, que ela contrafeita pensou, preciso fazer isso com calma, sem ninguém por perto.

Nada se concluiu, pois a visão da carroça era uma cena parte de suposta lembrança que ela tinha, portanto era um eco de sua mente, não acrescentava, apenas parecia muito menos vívido, como se fosse uma cena passada no filme que ela estava assistindo.

Aí chegou seu dia, sem ninguém em casa, ela perdeu uns minutos vendo umas coisas, depositou um livro na vã perspectiva de o ler, estava tentando focar sua atividade de dia antes, mas esse cerne doloroso se pôs à frente da sua vontade.

Concentrou no rosto do seu problema e resolveu que ia deixar passar batido todas as visões que fossem estimuladas sobre a vida atual.

Deitou, se ajeitou, tinha cogitado deixar um despertador no celular, por segurança, mas estava confiante, era só uma meditação diferente, era só isso.

Ficou relembrando os rostos que podia, em diversas ocasiões que tinha vivenciado com esta pessoa, e de fotos que viu, anos e anos depois, durante o exílio.

Durante a início da palestra, ela estava ansiosa, queria adiantar o vídeo pelo menos uns dez minutos, a música soava, as palavras, sua dor em se posicionar daquele jeito, o silêncio estava muito prodigioso, e estava esperando o momento de adentrar o espaço da vida alheia a esta, mas o vídeo cessou repentinamente, ela estava consciente que parou, deve ser esgotado a bateria do notebook, mas agora, se levantar teria que reiniciar tudo, acho que posso prosseguir me conduzindo, basta contar progressivamente no final, e pensou, abrirei o olho, mas não abriu, vou levantar o dedo, mas não.

Estava esfriando muito, mas muito mesmo, que ela puxava uma coberta, era um tipo de frio gelado que entra ventado pelas frestas da janela em inverno cruel. E no fundo do habitáculo, uma brasa abaixo de um apoio a panela alta dava suas faíscas, como raios invertidos, um vulto se movia na frente da luz operando algum tipo de preparo nas chamas finais daquele fogo, era escuro o lugar, negro como a noite, ao lado havia umas duas toras já mordidas por fogos de antes, um fogo morno levava por vezes as baforadas do vento, a mulher puxou um ferro, preso ao canto direito, chanfrado, ele era em forma de gancho retangular, que deu suporte ao caldeirão com algo que ela não saberia dizer o que era, mas que foi colocado naquela posição só para não resfriar, não era suficiente próximo das chamas para permitir cozimento. A mulher colocou aquela papa grudenta e acinzentada, textura de grumos que não dava para certificar que fosse aveia ou arroz, na verdade, não parecia com isso, e a menina, se aproximou, mas tudo escureceu, ela percebeu que não dominava a visão, mas havia um conforto ao frio que circundava, e ela quis permanecer junto, entretanto seu senso de risco a fez pensar abrir o olho, mas estava sonolenta, então contava de par em par, um dois, tentava se recompor, três e quatro,

aí a sequência proferida era um e dois, um silêncio, passado tempo, ela tentava induzir ver a casa de pedra, mas nada, tentava prosseguir contar, cinco e seis, sete e oito, cinco e oito, oito e oito, dois e três, oito... oito. Só preciso ir além do oito.

Aí um som de destravar a porta da casa, o ranger da madeira, um zumbido de falas, a sonolência, mas as vozes crescentes, alguém cobrando que ela respondesse, ela abriu os olhos pesados, sem a contagem. Sem terminar.

Desceu as escadas, sentou para comer com eles, falando pouco, e olhou o relógio de pulso, eram doze horas quase. Após um tempo à mesa, olhou ao relógio de parede que marcava treze e cinco, bateu olhos de volta ao pulso, eram treze e não doze. Lembrou que iniciou as dez e pouco, e ficou olhando atônita pois haviam se passado quase três horas.

Onde ela houvera ficado, todo esse tempo, parecia ter ficado no seio daquele lugar, no mais próximo que se pode forçar colocar-se próxima da mãe, naquela bizarra situação.

Religou computador, esperou o reinício com impaciência, colocou na sessão, no tempo final, o cara falando a contagem, um dois, alguma coisa, três e quatro, considerações calmas, cinco e seis, sete e oito, você pode se movimentar, algo assim, nove e dez, está desperto.

Só por desencargo.

Pois pensando e ao mesmo tempo na realidade, a dor de estômago e o desânimo foram lindas vestes desta janela da tarde, não haveria uma conversa que pudesse tranquilizar o tempo anestesiado, nem saber absolutamente o que poderia ter havido adiante da porta, contudo, examinando em suas memórias, as mais estranhas a este respeito, pequenos fragmentos frágeis de papiro da idade antiga, não podem ser manuseados a não ser por pinças precisas em vácuo e luz controladas, mas, não obstante, a intensidade dos sonhos lúcidos eram mais importantes ou fortes, esse fato parecia ser construído pelo seu desespero, ficaria feliz por assim pensar, se não contivesse alguns detalhes consonantes com mesmo ambiente, esta lareira, aquela obscura área de rudimentar cozinha, mas confrontando, penso que os insights eram mais espontâneos,

coloridos e ricos de emoção. Não sei se isso pode-se contabilizar, mas no final, pela originalidade do ocorrido nesta última, com pincelada na anterior, fiquei reticente em negar veementemente que mesma alusão a uma vida anterior contivesse fatos que as identificasse como a mesma.

Não excludente portanto.

Em momentos subsequentes, nada pode produzir da vida encerrada nesse momento cercado de problemas, limitações, isolamento, e parece até ser absorvida pela pintura da parede já chamuscada de poeira das eras anteriores que nem se apresenta, com luz ou com contraste, parece se abster da inexorabilidade, e por outros momentos, reage tentando encontrar um caminho futuro alternativo que esse fim de linha, que a asfixia e fere, mas que ao mesmo instiga a achar a solução do enigma.

VIII - Diário do Universo Paralelo – Magnificência de Polaris

Dia 26 fevereiro 2018. 11:58H.

Por diversos dias, nesse exercício empírico imaterial, por vezes eu me vi confusa, o pensamento girava com as informações e se desprendia da última adriça, eu percebi a necessidade de registrar os detalhes, antes que os esquecesse, algumas anotações foram em garrancho para um caderninho minúsculo para minha preocupação. Comecei a recordar algumas coisas pelas quais passara, não houvera tido o cuidado de anotar devidamente o ocorrido, serviria para me esclarecer agora. Eu me programei para datilografar na velha máquina de meu pai, para isso não constar em uma mídia, porque somavam-se vislumbres que de certa forma perturbavam.

Por outros dias, estive lendo assuntos antagônicos, o lado da psicologia sobre Sugestão Mental e o outro sobre a clarividência.

Tive tempo para pensar em situações que cercam minha vivência, recordar a doce voz de minha mãe que era dotada de uma percepção aguda, inexplicável, que dizia ter me dado esse dom. Quando criança, nossa brincadeira pessoal era a cerca de adivinhações, que em nosso dia a dia gerava uma disputa em jogo para nossa diversão.

Apesar disso, não tive tantas situações, mas uma premonição bizarra com a situação de saúde de meu irmão, essa experiência serviu como aviso, pois meu irmão já não poderia mais ficar sozinho em uma casa, e por este dia, foi a única vez que eu tive uma espécie de sonho onde me vi fora do meu corpo. Ver o estado complicado do meu irmão e avisar minha mãe, mas este episódio pareceu para mim como um sonho premonitório, o primeiro deles.

Sempre busco a estrela brilhante, sempre busco a diferença com Vênus, sempre busco um ponto no qual se baseia o final da jornada, além de qualquer parâmetro, que contraponha a energia escura.

Quando me propus descontruir, adentrei a dimensão física, senti o peso de tudo, não é tão simples se livrar de escombros, nem

construir algo que seja capaz de caber a magnificência expansiva dessa bólide que caiu na minha alma.

Eu não posso me considerar completa sem tudo isso, nem as coisas que fazem parte de mim não subsistem sem isso.

Aqueles dias de submergir em labirintos da mente em passado, inconsciente e supostas vidas pregressas, geraram um movimento de inércia utópica e viciada, onde não conseguia pontuar o lugar alvo de fim disso, não conseguia determinar as consequências nem medir os riscos.

Subi as escadas do mezanino, com dificuldade peguei a máquina de escrever, usei cadeira dobrável, um copo de água para me ajudar, folhas de papel couché e anotei os relatos e referências de cada sessão de regressão, seis até o momento, e durante horas, com pausa para almoço, massagear o pescoço dolorido, olhar e fazer uma última releitura antes de guardar seguramente.

Depois, sentei tentando a calma de uma meditação, senti uma sensação estranha, porque havia muitos vislumbres que fizeram um certo sentido, com novos elementos que me pareciam inimagináveis, outras cenas flashes que eu ficava olhando com estranheza o porquê de sua importância, ou, porque essas situações constavam no meu subconsciente.

> Todo esse desenvolver de percepções, somado a estas informações, junto com a consciência de sentimento, todas as luzes, todos contrastes, todo mistério sobre essa magnificência crescente de Polaris.

Passou uma sombra em meus olhos nos momentos que eu tentava me distrair, ver um filme, de repente qualquer situação relativa à maternidade, me afetava mais do que já afetava antes, como se eu tivesse rasgado esse simulacro, como se eu tivesse contaminado uma alvura, como se eu tivesse sido a causa de tudo. E essa sensação me levava para a cama, numa tristeza profunda, esperando que meu momento em solidão fosse suficiente para eu chorar isso, e acordar meu dia seguinte renovada e recuperada.

Enquanto eu caminhava hoje nesse meu momento de recuperação do tombo, fui à margem do lago, eu olhava a magnificência da luz reluzindo na superfície, mas ainda sentia o gosto da tristeza profunda, somada ao sonho com a pessoa. Por sorte, encontrei uma sobrinha andando com seu filho e seu bebê no carrinho, que pude finalmente conhecer. Fiquei tão morna de alegria de revê-la, de andar um pouco e sentir o resto daquela sensação que minha família tinha, uma essência alegre e de união. Por que isso não me basta? Por que isso não me socorre?

Nessas experiências, eu reavaliei os riscos da minha depressão, eu reavaliei como enfrentaria as crises, mas estou sempre reconsiderando, e cada dia mais esse peso da guilhotina parece superar a corda que o suspende. Tudo que penso é não estar num caminho onde a corrente é mais forte que minha vontade. Assim como no mar.

Assistindo 'A chegada', fiquei pensativa, não uma vez só, sobre o determinismo, o quanto achei que ele me ajudaria em todo conteúdo que eu escrevia para resolver meu problema, mas não, agora percebo que nem mesmo a linguagem, a índole, o caráter, nada sobrevive a essa força de inexorabilidade.

Nas sessões eu não escrevi uma conclusão, mas em todas as sessões, apareceu uma existência que coincide com novos detalhes as lembranças que tive de outra vida.

Pode ser um eco de sugestão mental minha, a mim mesma? Sim, até pode.

Mas, para mim, não importa a avaliação racional de ninguém, o que vale é para mim, me pareceu existir. Quanto a segunda existência, mesmo que faça sentido, estou insegura e ao mesmo tempo completamente impactada. Não consigo falar disso.

Durante o filme, eu cogitei um pensamento, sobre todos aqueles insights sobre a vida da filha da personagem, e no final, os pontos de adjacência de tempo, faziam aquelas lembranças serem futuro, e imediatamente, me questionei sobre tudo que consegui saber dessa vida paralela minha, se não podia ser futura? Fiquei tensa e também, nas sessões que induzi o tempo futuro, fiquei pensando, sobre aquilo que vi e descartei pelo fluxo normal de nosso raciocínio humano, nossa lógica linear quanto ao tempo.

Mas nos momentos seguintes eu pensava e pensava também sobre o significado de Não Zero, no fundo não havia sido isso que eu tentei o tempo todo?

Todo tempo eu tentei pensando a diplomacia, pensando a amizade, não sei qual era a chave do acesso, simplesmente, eu estou aqui falando hipoteticamente, mas, se na vida você se deparar com uma pessoa que cause um estado estranho e forte, é preciso ter toda calma do mundo, movimentos precisos e delicados, que a linha da questão espiritual é tênue e muito frágil.

Eu levo em conta o momento, minhas circunstâncias, mas lamento, cada dia mais, na mesma cadência que a magnitude infla contra todas as forças naturais e físicas, porque quando achei que poderia resolver, foi o mesmo instante que o movimento de inflexão levou ao infortúnio. Porque minhas atitudes não podem calcular.

Certa noite, estava uma noite tranquila e normal, fazia um tempo que o inverno estava se findando, e estava escrevendo ensejos e alentos, num dia de manhã, um texto 'Por agora', lembrando-se de uma sensação real de liberdade, uma liberdade completamente pura, sem esse vínculo relacional, nem nenhuma ocorrência.

E nessa época desses dias, este texto fora enviado, e houve uma resposta de teor não esperado, dado que sempre havia uma espécie de escudo, uma espécie de contenda, não sei, ela foi para casa, de

um dia simples, mas que todas as pessoas que dirigira seu 'Bom dia' ninguém a respondeu, como se ela fosse transparente.

Dormiu esse cansaço, a sua solidão, mas nem melancólica estava, dormiu pesado, coisa inédita, que sonhou, um rosto que beijava, e imediatamente se dizia, não é meu esposo, afastou o rosto, que deitado estava sob si, reconheceu em penumbra, a incidência da luz passava em ângulo enviesado, sua parte inferior direita estava sob as sombras do quarto, havia cabelo na cara, estendi a mão, que afastou para o lado o cabelo e percorreu o rosto, morno, naquele instante ínfimo como se fosse normal, veio um relâmpago do assombro: 'Estou beijando ela, meu d'us!.' O susto a acordou em consternação. Sentou na cama, trêmula, ficou estática. Buscou um copo de água. Deitou. O sono não veio. Foi crescendo um nervosismo. Foi crescendo angústia. Mas o que era isso?

Dia seguinte, olheiras profundas, ela se encarou no espelho, lentamente se penteou, pensativa. 'Era isso no subconsciente?'.

Anos e anos, o sonho era a busca de uma pessoa que nunca encontrava. Essa única ocorrência de sonho bizarro, levou a um abismo, que ela agora queria conhecer.

Cada dia mais, tombos e ferimentos, uma situação que parece simplesmente fácil para quem quer que seja, mas realmente foi um momento de estaca no coração, e acordar em uma realidade virtual, no modo que tudo existe e se incompreende. Tudo se opõe, mas a soma é negativa, nem zero é, e nesse jogo que almejava Não Zero, não se faz possível, não tem vencedores.

> *Quando pensei que um dia haveria a morte da estrela, a Polaris inexplicavelmente, sempre aumenta sua magnificência, sem uma explicação tanto quanto o impulso da força escura permanece em sua própria sombra de mistério.*

Ela sabia, por um lado era tempo de olhar com clareza, de outro, tudo que se sucedeu fez com que ela vivesse com dois corações, que quando cada um bate, espreme o outro.

A hipótese mais estapafúrdia, tornou-se o vislumbre de outras circunstâncias existenciais, que as duas últimas sessões trouxeram à tona, para um crescente desespero, de quem queria fechar esse

livro, encerrar em sua capa, depor em uma estante, que em esquecimento caísse para daqui adiante. Você quer saber se eu tentei ver o futuro, sim, mas não gostaria de me manifestar.

Existe apenas uma certeza.

A chuva que cai, cairá no seu fluxo natural de evaporação, o amor que aflora, esse se evola, não anda em contramão, tem significado intrínseco, não possui molde, não possui delimitações, e no mundo do Universo Paralelo que percorri, há ainda inúmeras sendas que anseio desbravar, não tenho mais medo, sou portadora de agonia, preciso responder, preciso poder sentir nas mãos de verdade toda a imensidão do infinito, mas se o amor fosse um lugar, seria um lugar perfeito.

IX - Diário do Universo Paralelo – Progressão – Efeito libélula

Atibaia, 15 de março de 2018. Firma. 12:39H.

Aquela tempestade que estava suspensa por uma espécie de manto invisível, envergando o peso do acúmulo, comprimindo todo ar que respirava, os ombros caídos de uma dor secundária, a tempestade agendada, que por certo, em meu pensamento refinava uma conclusão milimetrada, e seu desenho geométrico se estendia pelos campos de chamas apagadas, pelo vale sedimentado, pela montanha reflorescida, e pela época maturada.

Se os conteúdos dessa tinta tivessem sido vistos, por um breve e brevíssimo momento, ainda que um flash imperceptível, teria trazido consequências inimagináveis naquela época, parece incoerente que somente agora, eu me sinta estar sobre a montanha, ter trezentos e sessenta graus de amplitude, mas a visão não é mais perfeita, há uma certa penumbra no campo aberto, no seu infinito, na sua conexão, há poeiras de uma areia invisível, miragens também que não se pode afirmar.

No dia que estava febril estive contemplativa, descobri em mim a chave e fechadura para este estado meditativo, que por meses me segurei nele para recobrar calma, paz e uma percepção aguçada. O que entendo é que nesse aprendizado, houve uma nova forma de enxergar, como um sentido anexo, como uma cor se pusesse no que estava conscientemente vendo, e daquela complexa mescla de percepções de diversos sentidos me abriram uma janela, no tempo e espaço para que eu analisasse situações, não era a intenção, mas foi assim, até o acidente. Porque dali em diante, outras experiências se somaram e levei meses a poder realmente ter um momento oceânico, esclarecedor.

Um dia, uma libélula, foi dançando uma espécie de interação comigo, inédita, e em dias posteriores, elas se acercaram, talvez eu estivesse perspicaz à sua humilde existência, seu voo quase sempre único, uma solidão mansa, como dos meus olhos, em brilho amadeirado, das árvores que vestia, a cada vez que os galhos

espinhentos das dúvidas sobre tantas ocorrências ilógicas da minha vida, regurgitavam em novas ondas de novos capítulos de engasgos, um nó de veio das toras atravessava minha garganta, sempre esses fatos que de formas diversas me calavam, por tantas vezes, acessos de tosse de engasgo eu me achava com uma súbita crise de asma, e esses eventos retornam agora em minhas lembranças, e todo tipo de evento que me calava, me produzia pequenas situações inesperadas de mutismo, que eu supunha em simplicidade ignorante serem estresse. Quando em tempo de tratamento de depressão, uma intercorrência, dessas situações que jogam sua reputação na lama, onde eu ia iniciar a falar de assuntos que eu conhecia em profundidade, e subitamente, minha fala se produzia enrolada, ininteligível, por cerca de incontáveis segundos desesperadores. Mas não cessou na década passada, houve telefonemas onde minha voz não conseguia pronunciar nada, que por tantos anos supus ser um subterfúgio, até que ocorreu em uma conferência que eu estava apresentando para todos os escritórios dos estados, e para minha sorte, a colega tomou o controle da situação quando eu fiquei muda e aquele vazio não produzia nenhum pensamento. Não era cansaço. Na verdade, nunca pude saber, a não ser supor isso ou aquilo.

A dúvida, que se instala sobre fatos da vida, que não são traduzidos na linguagem pobre, ficam lá naquela caixa guardada, por vezes atormentando-nos, por mais humilde que eu pudesse ser em relação a tudo que pode ocorrer entre o céu e a terra, a quantidade de situações sobre essa questão espiritual da minha vida, eram tantas, tão perturbadoras e eu muitas vezes, durante longos anos, me esforcei para evitá-las, de pensar nelas e de permitir que ocorressem novas situações. A vida vai, e o tempo, ele acaba por me atropelar.

Se não tivesse aprendido, lido, refletido sobre outras visões filosóficas, espirituais, eu não sei realmente como poderia me encarar.

A corrosão da dúvida, mais dia menos dia, fere de morte seu físico, o sabor que sua boca é capaz de sentir, o aroma que passa, talvez por isso, tendo colocado todos meus monólitos abaixo, deitados, andei livremente e quis realmente responder perguntas e mais perguntas dessa caixa de madeira, dos fatos inexplicáveis, e após o inverno depressivo, estando serena, achei ser um momento de

planície da vida para me embrenhar nas sendas novas, olhar novamente de ângulos, buscar uma viagem mais remota e densa nas brumas de vidas anteriores, e as descobertas, foram vindo em pequenos suvenires, pedras, raízes, segui pela nascente, pensei muito no teor dos comportamentos dúbios e contrastantes do desafeto, pensei muito na intensidade do afeto que escapou, pensei na face concreta e existente em algum lugar, que me ajudasse na condução desses afloramentos durante auto hipnose, mas cada dia, me cercando de mais cuidados, a evitar as situações intrincadas que as primeiras sessões produziram, além do que fixei um elemento, para o terceiro nível projetando o futuro.

Na minha humilde noção sobre isso, sem buraco de minhoca, só se provocar um efeito bumerangue, que se o eco que traz esses vislumbres for espiritual, talvez se consiga ver, essa condição que se molda com nosso desenrolar de vida atual, mas no ponto que estou, onde todos meus esforços de recompor amizade, construíram castelos de areia, que num impasse, caiu por água abaixo.

O que poderia ser pior do que a dúvida ácida engolfada por minha garganta e traqueia? O que me fará quando acordar engasgada? Mesmo que seja de certa forma figurativo, foi também visceral.

Quando me certifiquei que a sugestão mental poderia promover aquele tipo de incidente, o que eu quis provocar lá no passado, e este fato, foi, na minha conta, algo perturbador para meu desafeto, deu a impressão de que eu estivesse perseguindo, e bem, não posso provar, apenas sei que estava a mais de sessenta quilômetros, queria levar o presente, era um livro desenhado, muito delicado e um baralho de tarot, já escrevi isso, mas quando mentalizei o encontro em local e hora marcada, para dia seguinte, eu fiz isso também a outra pessoa, em uma distância calculada em 25 minutos, em ponto de encontro no lado oposto (norte, penso eu), para a entrega de um currículo impresso. Se ambos os objetivos se cumprissem, meu experimento seria validado por mim. Eram 14 horas, subi ao piso superior do Shopping nesse local mais próximo da entrada principal, e avistei o coordenador de contas de uma consultoria, falamos, deixei o currículo, que dei ares de que por acaso tinha um na bolsa, e cortei a conversa, para dar o exato tempo de cruzar os corredores ao outro ponto, próximo à livraria e loja de eletroeletrônicos, antes de descer a escada rolante, parei, olhei para o átrio abaixo e a vi. Ela entrava na loja e bem, eu fui lá falar e ao

mencionar entregar o presente, foi muito descortês comigo, foi uma cena desagradável, mas enfim, cumpri o que precisava fazer, e parti, sem pensar em nada. Apenas senti no coração que ela descartaria tudo, mas se olhou eu não sei. Pois, nunca mais esse tipo de situação inexplicável e imaterial, provocou um certo negrume na bruma, que não se dissipou, a tempestade que ficou encruada sem cair, pesando sobre nossas cabeças, como pode ocorrer.

Todos os elementos que refleti sobre o sentimento, os sentimentos, sobre as razões, ocorrências, tudo isso, mais a vivência de escrever sobre lembranças da vida passada, tudo que aquilo fazia eu sentir, somado ao que soube que sentia, as dúvidas eram agora uma inflamação com risco de gangrena, e por isso, eu busquei enfim regredir e progredir, para me preparar, entender o que desse, e pensando na próxima. É, o peso do que por mais que se lute, se esperneie, certas coisas vão acontecer, vão dar impacto, muitas vezes as pessoas as ignoram, botam a tal da lápide em cima, sem o menor preparo, causando até agraves sérios, que vai impor pesadas contas a acertar.

Nada, de todas as coisas que vi, nunca pode apagar o amor de filha, eu não sei nem explicar.

E não pode apagar nenhuma das formas de amor, e meu caminho foi tirar pedras para que a amizade fosse a redenção disso tudo, mas não era isso. Não creio que acertei o caminho, até porque talvez eu desconhecesse, o que teria havido antes, antes daquela vida que ela me abandonou criança de forma traumática, que me deixou acabada e muda.

Por isso, tentei mudar o fato, no desenho *L'estompage*[14], para cumprir o que eu percebera de incumbência, mas não se cumpre, aquilo que se escreve, não se materializou. Eu nem mesmo posso ter certeza e jamais terei. A única certeza é a não explicação.

Conto, em voz descritiva, melodia de Fréderic Chopin, Concerto para piano e Orquestra em E Menor - Opus 11 – arranjo de Mikhail Pletnev- piano de Daniil Triponov com suas mãos angelicais inestimáveis, nessa espécie de transgressão do voo da libélula, para a reflexão sobre o conteúdo de elo afetivo com tal pessoa,

[14] Trata-se de um Texto dos desenhos, inserido no livro Vipassana (de Mara Romaro), que relata reencontro com a mãe.

lembranças conscientes que tive sobre uma vida, aos sete anos de idade, em época antiga, local indefinido. Nomes desconhecidos. Destinos não conhecidos.

Aquele dia, já após algumas tentativas, ela estava bastante objetiva nos elementos que queria saber informações e elucidar o passado, o futuro e o elo em si com essa alma.

Confessava-se que estava mais tensa, por coisas mundanas, por tanto sofrimento, por saudade, então minha ânsia atrapalhava e fiquei me tranquilizando um tempo antes, imaginando pelo fato de que em algumas sessões as coisas não eram nada controláveis, tivera vislumbres diversos, alguns desagradáveis, justamente por isso, ela preparou seu pensamento nos focos que eram pontos que desejava saber.

O tempo de regressão à infância, produziu nesse dia, o que foi diferente na quantidade, lembranças dos vômitos, e foram bastantes segundos com esses flashes, de recordações e novas recordações, por detalhes que dificilmente se poderia imaginar, não pode validar pois é sabido que sua mãe é falecida desde muitos anos.

A lembrança mais antiga, era sobre fatos na casa de pedra, nesta primeira, aqui e agora, não pode se certificar, pois são elementos ocorridos em duas sessões em datas diferentes, nem quis, o fato é que uma boa lembrança afetiva, a deixou relaxada e tranquila, e a duração deste estágio, era coisa de no máximo três minutos e se encaminhava para a vida anterior, ou simplesmente qualquer visão, e nessa anterior ela se viu numa situação terrível, torturante, que a cena se gravou bem detalhada por sinal, que dava conta de dois homens a segurando, enquanto uma pessoa, puxava com um enorme alicate grotesco a língua dela, e ela sentia uma dor aguda, e com uma adaga, que viu em detalhes, cortou a língua, seu algoz demostrava olhar de ódio, e ela sentiu o sangue inundar a boca, descer sufocando pela garganta, sem que pudesse deglutir, era um sufoco, asfixiante.

Tentou abrir o olho, não pode, a sessão prosseguiu, seu nariz sentia o odor metálico de sangue, a garganta era inundada de um líquido quente e grosso, e com movimentos pequenos tentava controlar, assim como uma salivação acumulada, mas era sangue.

A situação migrou para a terceira, que ela fixava o futuro, e estava diante de tal pessoa, falando e rindo, naturalmente, sem nenhum

peso, mas havia uma relação muito, muito próxima, e as vestes eram comuns do tempo atual, nada assim da era moderna, com túnicas grosseiras ou véus com rendas na cabeça, ou, ainda vestes de deserto posteriormente. Nada disso, era como se estivessem nesta vida, produzindo uma realidade alternativa, ou poderia ser uma guinada de realidade, colocando-as sem nossas travas, e parecia uma situação normal, porém com intimidade afetiva.

A sessão chega ao ponto de nos colocar em contato com entes falecidos, e nessa hora, ela desejava ver a próxima, e viu a mesma cena, sem vestes.

Ao acordar, estava engasgada, teve um acesso de tosse, teve que levantar logo e sair dali para tomar água, a visão de sangue que estava sobre si, na camiseta, foi sumindo com seu recobrar, a garganta ficou áspera, e o cheiro não passava, ficou perturbada, foi tomar banho, sentir o sabonete, creme, essas coisas, para arejar a mente, e anotou em breves palavras o fato visto, que depois datilografou detalhadamente, no dia que se sentiu com coragem a tocar nesse assunto.

A noite foi dura consigo, e não parava de pensar nas atitudes antagônicas, nas situações esquisitas que rondavam a própria fala, simploriamente explicadas pela epilepsia, mas nunca determinada.

Teve pesadelo sem nexo, acordou com a garganta queimando de refluxo, e foi comer uma pastilha antiácida. Sem acender a luz, na companhia da sua fiel amiguinha gata, que se levantou, foi até perto do filtro, enquanto ela bem perturbada pegava a água.

Venho pensando sobre, e não dá para excluir essa lembrança, nem explicar, só sei que envolve o desafeto.

Dias depois, eu quis saber mais, e mergulhei nisso novamente.

Dias me atormentava, uma pergunta terrível, o que virá para próxima vida... Se não resolvermos nessa, que cilada ou que situação enfrentaremos?

15 de Março, 20:56. Em casa.

Muitos momentos eu me disse que é necessário não tentar novamente. De forma geral na vida, tentei evitar algumas coisas, que meu ímpeto foi mais forte, e essa necessidade de entendimento minha, somente minha, sozinha nessa situação incompreensível, se fez um soar alarmante, dado às questões de impacto psicológico, pois lidar com inconsciente e fronteiras do desconhecido, não é algo fácil, não sugiro que tentem, de forma alguma, sem terem se preparado muito para qualquer vislumbre.

Eu retornei com uma pergunta, mais necessária que o futuro, uma espécie de confirmação, que não me satisfazia nunca o pensamento. E vim com a certeza de reler as páginas que eu datilografei e tentar uma última vez.

Quando essas últimas semanas, de certa forma sentindo o impacto, de informações, de elementos sensíveis ao afetivo, junto com minha realidade de aceitação minha mesma, do meu próprio interior, uma realidade de sentidos fortes e plenos, apesar de alguns instantes fortemente deprimentes, havia também uma sensação inexplicavelmente exultante, de ter essa libertação. Porque senti anos algo sufocante, sem entender.

Não devo temer, não, sei não conto com qualquer tipo de compreensão a não ser da fadiga, então, vale isso a mim, devo isso a mim, não só a tentativa de saber, como confrontar em mim todas as memórias, as lembranças de outra vida e suas questões espirituais. Não me afeta mais quem não crê, estou fazendo o que devo para cuidar de mim, essa é uma das minhas certezas.

O fato de logo na segunda sessão, aparecer o fato da não amamentação de minha mãe, reapareceu na sétima, e foi estranho, pois tive uma transição para a vida pregressa, sem um segundo sequer, que ficasse em breu.

Desapareceu o desconforto dessa alusão de memória, aflitiva, para o inverso. A amamentação e adormeci, sentindo a boca com leite sem ser engolido, vertendo, foi uma sensação nítida, inédita, que jamais cogitei que teria, e percebi, pensando nisso depois, que essa questão me impactava, me afeta, não sei compreender profundamente, mas é algo como uma confirmação de segurança que um filho recebe, e se não recebe, algum déficit pode haver, que para mim, somou algo ruim com a desidratação, mas não deveria ser um fator importante, mas ao ter essa memória em vida

pregressa, no momento que fiquei consciente, daí em diante, notei uma diferença em mim, forte, que aquela velha sensação de medo, desapareceu. E essa sensação sempre estava comigo nas vezes que acordava de noite. Sumiu.

E como o que visualizei sobre uma segunda existência era uma relação amorosa, conturbada, entre aceitação e rejeição, que evoluiu para uma desavença grave, onde o que se fez era para me calar. E disso, também, durante dias eu olhei com olhos da psicologia, sobre como me sinto, pelo fato de que toda comunicação que tento é devolvida com seu silêncio, que me coloca no patamar de pessoa ignorada, insignificante, e não ouvida, ou seja, calada forçosamente.

Por isso desqualifiquei esse vislumbre, não acreditei que pudesse ser a mesma personagem, embora o olhar fosse igual, fiquei em negativa pela violência do fato, e consternada.

Era um fio solto. Com ressoar infindo.

Após um relaxamento inconcluso, ela teve a ideia de usar o artifício das sessões anteriores, o que tinha as três passagens, preparou o despertador, estendeu o colchonete, relutou consigo, e ligou.

A cabeça se recordava, que andava pensando no motivo que naqueles dias as libélulas iam e vinham, e isso ocorrera, em casa, na praça, no lago, e ela viu uma semente ao chão, como de vez em quando é seu passatempo guardar como suvenir uma natureza morta, na verdade não morta, pegou, e não era semente, e sim asa de libélula caída, ela largou aflita, e pensando no efeito, de coisas que se questiona ao passado, que retornam com novas nuances, com brilhos estranhos que atravessam asas, mudando, não a realidade, mas a forma de entendê-la. Achou um acaso incômodo. Nem olhou para trás e prosseguiu, mas o pensamento dando conta, que o reconhecimento entre ela e essa pessoa, era maior, talvez ela tenha sentido de forma angular diferente, mas não muda o fato de que nada foi resolvido.

Chutou uma pedra. E recordou, o que aconteceu na sessão oitava. Viu na infância os acessos de tosse da coqueluche, o escárnio de irmãos quanto ao seu jeito de chamar a mãe quando com medo noturno.

Começou a resfriar, o corpo gelar, ao mudar a vida anterior. Ouvia um choro, um choro muito dolorido da alma. Ela estava carregada

no colo da sua mãe, naquele ambiente de casa de pedra, que foi ao lado de trás da casa, pôs a criança que era ela ao seu lado, acocorada, cavava a terra com um pedaço de pau, galho, com força, a terra escura ia se soltando ela cavou com as mãos, colocou um pano com um bebê miúdo dentro, pano ensanguentado, um pano muito rústico, esfiapado na beirada, empurrou com as mãos, bateu delicadamente firmando em cima, levantou, limpou as mãos na saia, pegou a criança, que era ela, e entrou na casa, a criança, de uns cinco anos, segurava um tufo de cabelo fortemente, e a mulher, se pôs em desesperado choro.

Uma sensação difícil, enquanto mudava para a segunda existência, ficou um breu prolongado, até aparecer um arvoredo, perto de um lago, com uma mulher, jogando pedras na água, junto da outra pessoa, jovens, felizes e amáveis uma pessoa com a outra, mas não deu a perceber mais nada.

A terceira visão, foi um rosto, e como da outra vez, era uma cena amorosa, mas dessa última, ficou muito nítido o rosto, com mesmo olhar, e muito claro, a relação afetiva.

Então assim que me conscientizei das coisas que vi, com todas as impressões, estranhamente pensei em uma memória, a qual desqualifiquei, nem sequer anotei na época, que de forma diferente de ocorrido, mostrava essa perda de um bebê. Na época, eu pensei que estava me induzindo a justificar o motivo da rejeição, dessa outra mãe, nesse afeto que eu tinha inexplicável de filha, e que essa lembrança mostrava que o filho pretendido não nasceu vivo e a filha indesejada, o infortúnio era quem estava na frente dela. Abandonei este pensamento, que acho esquisito aparecer esse detalhamento, como poderia imaginar isso? Ah não sei, é exaustivo.

E certamente tudo que vi de formas diferentes para o que ocorreu antes, para mim se confirmou uma coisa, o olhar era o mesmo, para uma relação que começou bem e terminou muito mal.

Disso tudo, não posso dizer que não soma, não posso dizer que eu estaria querendo achar subterfúgios para tudo, porque se passou mais de quinze anos, acho que se quisesse projetar algo, teria ocorrido isso lá no passado, e agora, não estou querendo justificar a ninguém. Nem mesmo aos meus. Essa tormenta da minha vida, o sentimento, ele supera todas as coisas e obstáculos mais contundentes, dentro de mim, e se lá trás, eu quis apagar minha permanente vontade de resolver, não pode ser apagada, com nada.

Agora, não existe caminho, existe apenas o destino, eu estou tranquila de certo modo, construí com as pedras da ruína, com as cores novas que as libélulas trouxeram em detalhes da vida, de antes, e certamente, abro os olhos, o horizonte me pertence, não é necessário resolver, o que se sente, o que sentimos, sela profundamente a verdade.

Assim, encerro este diário, sem mais, a paz quem faz diante de cada caos é cada um. Cada paz que se faz, constitui a paz que segue para frente, como uma luz, mas com raios perceptíveis, com uma presença de infinito ser.

[\e.n.c\ com base nos registros, fichas, anotações. Diário Ficcional baseado em fatos reais. Qualquer semelhança é mera esperança.]

———— ————

Diário de navegação

Mensagem na garrafa

121:45 | ESCRITO NO COMPUTADOR

11 de janeiro de 2018. 20:55 H.

Fiquei observando o esgotar do incenso, gosto de pensar na presença que ele me concede em amplo frescor, um prolongamento da tarde, gosto de sentir que após os anos idos, ele nutre uma espécie de sabedoria da sutileza, ou a delicadeza para adentrar meu fundo de olho com aroma brando.

Observo, minha própria recordação, da tarde anciã, vestida de casaco de pele de urso polar, com os rostos voltados para mim em perfeito véu, como uma noiva nunca acontecida, que de tempos em tempos, adentra um cômodo e prova seu vestido jamais visto por olhos algum.

E o frescor de uma garoa mansa, reconduzia as sensações do fim do meu banho, uma furtiva sensação de arrepio, com meu olhar na presença viva daquilo que melhor me poderia agasalhar a alma resfriada, as dores e toda minha impotência diante de tudo.

Recordei que percebera, umas poucas folhas nas árvores, darem um empalidecimento ou na verdade, amarronzaram, repentinamente algumas folhas perderam a clorofila, mesmo com estes dias de sol com o verão brandindo sua espada para cima.

Permito-me registrar, que quando meus olhos se derretiam, clarões silenciosos esbranquiçaram puramente o cimo das nuvens, onde eu não pudesse saber o fim de suas cortinas, mas refletiam os relâmpagos longínquos a me perturbar a falta de condição para me pôr a caminho, qualquer que fosse.

Na minha *insaciedade*, na minha ânsia indescritível, adentrei o degrau que margeia a sala envidraçada com o terraço. Recuei qualquer que fosse o ímpeto, a pegar a pena, descrever sucintamente meus dias, ou adentrar furtivamente nas palavras filosóficas, ou relembrar glórias de dias passados, ah, houvera?

Percebia minha imaginação querer alçar voo, fugir com meus novos chinelos, e toda minha vontade não se traduzia em gesto, movimento de algo, só meu pensamento permanecia em seu habitual movimento de redemoinho, as salivas agrediam os dentes, as últimas peles das chagas de minha boca queimada ao comer o milho fervente soltaram e um alívio esquisito e fugaz me permitiu dar sossego à língua e meu lábio inferior.

Mas isso não poderia exemplificar minha sensação de inutilidade, minha condição como um todo de estar em um beco, ou andando em círculos, ou perdida dentro de mim mesma, com inúmeras decepções e se por um lado parecendo um tanto resignada, havia um lado tão inquieto e perigoso, daquele brilho incontido que ressalta o olhar, um olhar similar a zombeteiro, pois não, na verdade olhar de profundidade do interior mais profundo da alma, cruzando todas as informações colhidas e catalogadas em ordem, para encontrar em seu âmago algo mais que seu sentir, mas uma necessidade de fazer e nesse fazer conseguir curar esta dor mortífera.

Logo o dia apagou, restaram miúdos gotejamentos da telha, o marasmo felino, uma mesa posta para uma ceia estranhamente silenciosa de minha parte, para depois eu me recolher aqui no meu estábulo, nessa luz tênue que quis acender sem focos nem holofote demasiado azulado e me recolher nesse acolhimento da lamparina verde e sua paciente queima que conversasse com minha timidez dos atos, com minha paralisia diante da vida e pudesse me pôr na frente uma vista diametralmente oposta para que me fizesse chocar com sua espetacular novidade e me levasse um novo amor ao coração. Um amor que me abraçasse.

Um amor que me cuidasse, com mãos limpas, com suavidade na voz macia e me disse coisas novas totalmente incríveis que me fizesse ver, que me renascesse agora para uma vida nova, uma alma lavada e uma força alimentada de muitos manjares perfeitamente feitos do cetim do coco.

Tanto ouso querer, que a imagem se confunde ao meu vazio, vou me alimentando das minhas ilusões para acordar manhãs frias com meus pés doloridos com a dor do gelo, ou os joelhos incomodados da friagem dos sonhos estranhos que me avisam nas falas de um golfinho, que vem retirar parte da minha alma, como se ela fosse fatiável, e pudesse se fazer incisões para extirpar meu mal.

Incrivelmente eu sinto uma plenitude, de um vento que não me pertence, mas me veste, de um ar respirado tranquilo, no remanso da rede, no balanço de minutos e na minha mais completa nudez de tudo que já me vestiu, eu planejo voar.

Eu planejo andar sem dizer aonde, permanecer contemplativa no estranho, no profundo monólogo da solidão, e posso quem sabe, um dia, pegar uma forquilha para me apoiar, ou me aventurar nos deslizes que tanto gosto de surfar.

Esperarei a noite, no receio mais possante da existência humana, o aproximar do céu e dos raios, ou o medo de uma serpente, uma aranha, o medo do medo úmido embolorado, e dos pensamentos rudes e tão insensatos. Não sei qual escolher... Estou pensando ainda se fico com meu medo paralisante, ou se sinto o gosto do medo da morte, uma coisa mais próxima da sobrevivência, porque sinto que aqui cheguei, neste momento, depois de tudo que passei, de tudo que lembrei, de tudo do que me conscientizei, e nada posso, nada tenho, simplesmente é inútil tudo.

Tudo que já escrevi, é tão insignificante, eu sei o que estou sentindo, e essa mescla do guisado, esse enorme tacho na fervura dos meus cinquenta e hum anos, penso no quão grande é o teor do meu coração e o quão massacrado ele está, seus sinais vitais enlouquecidos já perderam os ponteiros, e fisicamente, eu me sinto exatamente como minha vida chegou até aqui.

É simples. Atabalhoadamente.

A luz da vela pequena, dá sinais do cansaço, eu sinto doer pelas peripécias de hoje, pela minha impaciência, e um prenúncio que me escandaliza os olhos do pensar, a sensação de que as palavras estão para secar, porque percebo que o que me movia, talvez fosse imaterial, ou volátil, ou simplesmente não consegue me alimentar mais, isso nunca poderia ser alguém, precisava que viesse de meu intelecto e do meu sentimento, mas concluo, sei de onde vem, mas sei que as nascentes dão mostra deste estio.

I - Diário de navegação – navegar

12 DE FEVEREIRO DE 2018. 11:45 H. PÇ. DO RETIRO[1]

Hoje, cada passo reverberava o som do pisado, em uma dor esquecida, nas nozes do sacro, nas nozes da cabeça do fêmur. Ainda recordava dores lancinantes, do coração queimado na fogueira da noite; hoje eu teria de recolher pepitas de carvão, quem sabe serviria para marcar meu caminho perdido.

O pica-pau catava coquinho, eu escutei seu piado, era diferente, cada o é.

Os coquinhos caídos, minhas lágrimas sangradas, uma tristeza continuada das mãos desconhecidas de um apelo desesperado, como se minhas flores murchas e carcomidas das formigas fossem servi-lo.

Meu andar me trouxe aqui, com as chagas cicatrizadas, um esquecido jardim de feridas de orquídeas negras que *florem*[15] asas de borboleta negra de mau augúrio.

Ainda, sim, reflexos e claridades teimosas do sol do fim de verão, as formigas caídas das árvores, eu pesava todas as minhas tendências de aprendizado, eu refletia se o conteúdo do sofrimento poderia ser reequilibrado. Pergunta espinhosa.

Eu andei, cada passo, como se pudesse me transportar, estar a seu lado, contando história das fumaças, dos aromas, das receitas, dos amores.

Ou sem vírgulas que nos separasse.

O sofrimento gigantesco, formação de cordilheira, ventos de ar rarefeito, asfixia serena, não será apagado. Não sei como poderia ser menos amargo. Eu quero. Desejo esta manhã, lugares, lugares novos, cores não percebidas, ver novas expressões de satisfação no rosto querido de meu companheiro. Não sei porque a solidão se veste comigo.

[15] Florem, uma conjugação inexistente, inventada de florir para o tempo presente, como uma abreviação e mistura de floresço, florescem e fogem. Mantida do texto original.

Quem sabe eu mentalizasse, revisse queridos antigos, que não me pudessem violentar o umbigo. Falasse as ambiguidades desapercebidas.

Hoje, a brisa é minha conselheira, deixo-me ao tato, dos gravetos caídos, do pouso do mosquito, o andar corcovado da taturana, sua queima apimentada, deixo-me ao cordão pêndulo do couro do caderno, uma cócega permitida.

Deixo-me pro vento pintar minha pele de pinturas rupestres, da sangrenta caça, uivo do lobo, lua que engole pupila, cores negras da lembrança das árvores incendiadas.

A visão desejada evaporou o não-sonho, comuns, confusos, inconscientes me assumiram, nesta noite viveram meu tempo roubado.

Uma voz cortou os ares, sobrepôs-se à gralha, os ruídos do trabalho inútil.

A voz me embarcou no veleiro, me pus em direção à tempestade.

Manejei o desatar do nó da partida, quebrei as primeiras ondas da náusea da vida.

Sei que rumo ao infinito, cortar o céu aflito, escolhendo a estrela guia imaginada no leste selvagem do meu sobreviver.

Sem desdém, sem piedades de minhas fragilidades, enrijeço músculos suturados do antebraço, já sem presteza, determinando nó na adriça do bolina, o tecido toma vida com a força invisível, em barlavento, o chumbo derretido do horizonte anuncia as horas faltantes.

Prendo rumo desconhecido.

Desço convés, piso assoalho de verniz umedecido, na gaveta pego o Diário de Bordo, volume XV, caneta, examino se tem tinta, não tem, jogo-a com desprezo no canto, parto para escolher a próxima.

Abro página marcada. Naipe escolhido. Destino certo. Vida em frente. Seja o que D'us quiser.

Ponho data, firmo nome e timbre, assobio sons dissonantes de música alguma, dito poema esquecido. Caderno irá se juntar aos outros em fundo de barril velho de carvalho.

As garrafas vazias foram derretidas, os sonhos das palavras móveis, o sonho da velha poesia, tudo sem sentido neste agora encerrado no vazio.

Um barril de pólvora, sim, pode ser melhor recebido, quem sabe o aroma de enxofre, aroma de arenque curtido, aroma de betume que embalsamou meu lume, quem sabe desperta um ar de embriaguez lúcida, quem sabe as palavras sejam grafadas. Quem sabe aonde vai parar...

A primeira noite, arriei vela, ficou derivando equações das correntezas, os mapas foram borrados da antiga saliva de nanquim. Esqueci de onde vim. Rasguei meu nome. As fotos desenhadas de amores mortos, idem. Não tive coragem de pôr fogo. Talvez um gesto que transpire um socorro no último momento, guardando um pedaço rasgado, da amêndoa do olho, um canto de boca mal delineada, um dente saltado à direita, um hálito inventado em aguardente.

Sacolejar foi tenso, horas congeladas, o receio das almas afogadas em seu desejo nunca concretizado, os sonhos derramados com os resíduos fragmentados do mar, tudo se deixou no passado. Nada se vem pela frente.

Agora é a hora da maçã.

Não deixa de comer e engula seu caroço para dar melhor sorte.

"Durma com a calmaria do amanhecer, sonha novos sonhos..."

Pronto, melhor hipnose não tem, perca tudo logo de uma vez, sangra tudo, a transfusão pode salvar o veneno.

Quem sabe nem pinga mais. [12:25H volta para casa]

O mar não escolhe bonito ou feio, alto ou baixo, gordo ou magro, preto ou branco.

O mar escolhe o forte, o corajoso.

Lago verde

22 MARÇO 2018 12:27 | INSERIDO EM SEU VERDADEIRO CONTEXTO

Vens, querida raiz de musgo, visgo oculto em uma vida própria serpenteada. Tão linda vida.

Os mistérios me envenenam de estranhas fumaças, na noite, nos ares carregados na palha no bico de garça.

Mistérios em tapetes persas, em águas que fogem à temperatura, elas contrariam o curso natural, se esverdeiam, se espalmam, conversam comigo na noite de mistérios.

Eu tento pegar seus brilhos, minhas mãos tocam paredes escondidas das costas revestidas por um robe atoalhado. E sinto uma textura morna, quando estendo dedos de lamento.

Sinto meu rosto adentrar um lago vertical, rosto a rosto, águas do limiar vencido do meu viver, um viver sonâmbulo num concreto chão que se perdeu da gravidade.

Vens, apenas me deixo a ouvir o som do deglutir, eu sinto essas raízes que invadiram meu conseguir.

O dia sem horário, as coisas que transitam inúmeras, em algarismos riscados da ilusão.

Vens comigo, em meu toque imaterial, vem um pedaço do que restou de coração, ele se esqueceu nos pensamentos que presos pelas parasitas dos galhos, se revelam quando vestidos de prata.

Vens, como chuva, afogar todas as roupas de fibras imperceptíveis do meu viver, viver estranho dessas raízes ocultas de dor, de amor, de vida.

Vens como um rosto que se forma em entalhes, como um corpo que emerge dos mares, como uma raiz que se arranca e era um pulso de rubi, e todas as outras que eram flores lindas a nascer ao sol de um dia, a acontecer. Seja como tiver que ser, até mesmo uma raiz morta brotará.

Em meu viver, o depois me trouxe o antes, agora sei, o corpo do corpo do corpo, do todo, ou quase, do acontecido, do amortecido, do escondido bem no fundo das seivas desidratadas do núcleo mais importante da árvore, bem lá, onde poderia nascer verdade, nasceu o incontível, e o que era invisível, aflorou nas águas, nas pedras, no ar, no sangue, no peito, no cérebro, nos ninhos, na doença, no vigor, na intensidade, na idade; na verdade será?

E visível, palpável, morno, quente, incandescente, luz de sol, sorrir, amar, viver e morrer, ali, inerente, mais do que intrínseca dor, há o teor do sal, o milagre da água, a vivacidade do ar, o gosto do metal, e a temperatura com o tamanho que define, o que posso dizer do amor da minha vida... infinito.

Vens, não me sinto completa sem tocar de verdade. Mas os sonhos se encontram, se enamoram de olhares, nas águas que desaguam, em mesmo lago, em mesma foz, em mesma palavra não pronunciada, vens, como flor, que em vento plane, voe e recaia nessa água, e a raiz deixará em paz tudo que

ainda nem se saiba, nem tenha sido revelado.
Que as ânsias mais enterradas, sejam vivas.
Que os desejos mais ignorados sejam verdes,
tão frescos e lindos, nesse lago pairado, o
momento sublime da vida, essa imersão do
amor, que é o nutriente do ambiente mais
reluzente, e as coisas maravilhosas,
realmente então poderão ser livremente.

Vens.

Para meu amor

II - Diário de navegação – Libertação

27 MARÇO 2018. 19:32 H. CHUVA. LATITUDE 23° 07'01" S, LONGITUDE 46°33'01" O. [2]

Incomum precipitação vem-me de encontro, como último assombro em retração das fibras apodrecidas das amarras, e os nós com esgotamento dos fiapos mais resistentes restantes na trama retorcida da corda mais antiga e mais longa, que me impunha peso e tensão.

As fibras naturais de sisal em arrebentação, deste último relâmpago de choque de umidade e repuxo. O pensamento desprende-se de seu antigo cativeiro, pois há no final da garganta coisas não faladas, nos braços movimentos que contidos estão imensamente atrofiados nessa relutância, na mente o vento chegou para desfolhar as folhas soltas, borrar tudo, reescrever e deixar à queima, rascunhos sem serventia.

Há muito, senti, certa vez os anzóis invisíveis que me feriram e teceram em mim, diversas marcas e direções para as quais não havia inclinação, não havia uma força física necessária para permitir os movimentos que me quiseram.

Um ar diferente, teceu palavras por longos momentos, havendo uma espécie de traçado de uma rota, invisível que eu mesma riscava, fazendo marcas de compasso a verificar distâncias, mas todo plano era insubstrato, nunca me questionei essa trilha de formigas, como foi traçada, demarcada, salientada com marcas indeléveis que não se fizesse perder a direção.

Eu quero a contramão. Quero exatamente o final abrupto e a porta sinistra, a bruma sólida, a cortina de gelo, a adaga minuana, e para mim, estava certo, o encontro dos destroços perdidos, das minhas partes ofuscadas e das palavras afogadas num líquido profundo exsudato, e meus planos, eu só precisava ter fala mansa, ir de galho em galho, de pedra em pedra, um cisco aqui, outro ... lá.

Por certo que, sem minhas divisas e nacionalidades, sem minha identidade de ouro, ou pepitas que fossem abrindo passagens, que cortassem istmos, que cortassem corais em colares, em adornos, nada disso, eu precisava ser uma pessoa recipiente.

Era necessário abrir caminhos vesgos, caminhos de possibilidades para a liberdade do ar chegar de fato aos meus pulmões, e nem posso provisionar, mas as frases que pretendia trocar com minha querida filha a dar um alento abraço, sem que houvesse que despedir-se do meu desprendimento.

As velas não adormecem, elas são colocadas em colo, os astros que conduzem as linhas imaginárias dessa embarcação, seja de carvalho, seja de osso, seja de gelo, ou vidro inquebrantável. Eu apenas sou portadora de mim, e alguém se dispôs a me levar nesse mar para eu sacolejar todo o insano, dar as minhas migalhas aos meus próprios prantos revoltos daqueles antigos dias das salinas, e esse reencontro, dessalinizo e ingiro.

Preparara um encontro em cais, a conhecer, sabendo que poderia sair algo às avessas, mas a decisão eu não revogava, tanto quanto as pessoas vão brincando com nosso cansaço, e pisando a sombra que sufoca, e solavancos naquele ponto doloroso, aos poucos o sarro alcança os vãos dos dentes, e a dor perfura o *naso*, vertendo um líquido precioso de um órgão misterioso que existe no fronte, com seu poder oculto, mas quando se espera que ele enfraqueça, que a memória falhe, quando se espera que nenhum sentimento te escravize, todas as pessoas do mundo pilham suas melhores faces da vida, fazendo-te a mais sozinha alma antiga. Portanto, em mim há um consenso, há um pêndulo que faz vez de sextante, quando que decidi partir sem destino, para passar a mão na água e ver meus reflexos, tudo que me foi renegado, e sem nenhum recurso, a não ser mesmo, minha falácia atrapalhada e meu jeito completamente desastrado.

Por isso, melhor coisa é sem prazo, sem parada, sem medida e sem promessas. Eu tenho vontade de vê-los.

Assim, disquei os números do fone, já sacudindo na margem costeira, com toda aquela chuva por cortar e costurar, e em poucas palavras, quebrei meu silêncio como um copo de cristal que se pisa, a inaugurar alguma sorte, que nunca tive.

-Filha, é mãe. Escute bem atenta, que pode cair a ligação, estou em viagem, era algo que queria e precisava, para escrever quem sabe algo prestável, ou terminar meu caminho no derradeiro estreito conflituoso. Lembre-se que um dia me escreveu que desejava dar seu voo, então, compreenda que amo imensamente, mas sou peso morto, já não consigo suportar essa inutilidade e ter que pedir cada

gota, cada coisa, cada centavo. Destino me zoou, mas de caos eu venho colecionando, que agora, vou rasgar, jogar em cada milha, cada uma dessas coisas. Até que eu me sinta leve. Por um tempo, publicar um livro era um pensamento que me dava um tipo de propósito, até que percebi dolorosamente, que minha indigência havia carcomido minha vida, minha força, meu esforço era um espernear de gado que vem a ser marcado. Eu não ficarei esperando cartas de penhora, não ficarei esperando solução de coisas que minhas mãos não podem.

_Filha, amo vocês, vou cruzar para o Pacífico, quando chegar a algum lugar que me dê alegria, mandarei as cores, quem sabe até eu ganhe nova pena, trace a caligrafia desenhada de iluminuras, mande uma carta selada dessa nova cor, que batizarei como aquela nova estrela que encontrei na vida. E veja, meu anjo, você fez tudo por mim e eu estou no limite que podia, por este momento. Não me entendo mais dos amores esmorecidos, dos velhos problemas cozidos, dos ferimentos daquelas farpas implantadas no músculo cardíaco, e chegou meu dia cinza, não passava, e não adianta, porque depende da tempestade. Aliás, adiante já tenho meu primeiro portal.

_ Mãeee! Você está perturbada? Precisa que eu vá aí? Onde você está e aonde vai?

_ Já parti de barco a vela, e não sei aonde vou, se a vida me quiser, estarei por aí, daí um tempo. Não sei dizer quando. É só uma viagem interna. Tenho que me desprender porque a corda estava me sufocando. Eu já não posso deixar de afirmar o afirmativo, nem negar o não, nem dizer então, e risquei palavras que não quero mais usar, doei para o asilo, e fora isso, não vou pontuar como querem, nem deixar de omitir os sentidos mais valiosos, para que somente os puros de coração os encontrem. Quem vai entender e dar valor naquelas tantas poesias? Fica de graça, que o dom me veio agraciado, só queria dar voz ao que senti e vivi, mas as pessoas com ferro ferem, com pensamentos ofensivos de que passado é depressão, e que só basta o agora. Na verdade, a vida é o tempo triplo, nada faz sentido se não há a linha do tempo. Imagine eu, que escrevo, que não posso dizer de passado... Se a gente não pode falar da vida, do que alegra o olhar, do que engasga o choro, do que dói no peito, de que vale? Querida, só gostaria que entendesse que preciso ar, mar, livremente, a estrela mais brilhante me guia, seja

para o polo, seja para o fundo do rio... Não sei. Algum momento precisamos trocar um pouco, mudar a música e sorrir. *Beijus*, até mais, meu anjo, deixo amor a todos e gratidão. Minha vida, meu caminho. Meu corpo, seu ninho.

Com grunhidos chorosos, a ligação se encerrou, com adernamento frontal e grandes batidas violentas com flocos de gelo e sal se amontoando pelo olhar perdido, nessa libertação. Tudo tem força, tudo tem dor.

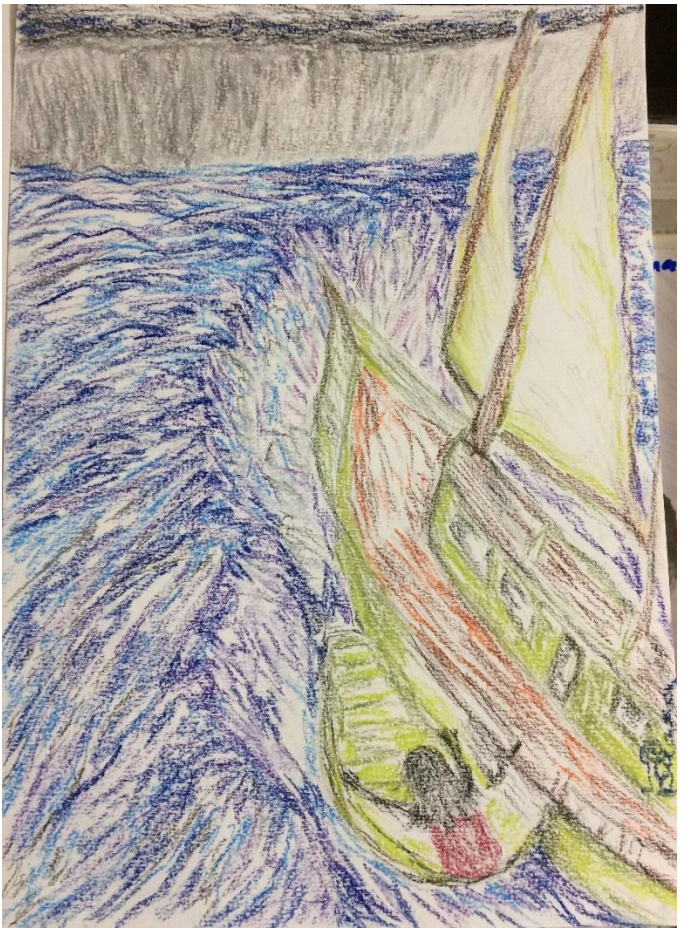
Com um puxão vigoroso, arrebentou a fita vermelha do pulso, deu aos demônios do mar bravo; "mas minha falta de oportunidade gritava mais, era muito mais mal encarada. Não pode comigo, dei uma cuspida, coisa que nunca me deixava fazer, e aquele amargo começou a ficar para trás."

No mar, não é uma questão de tempo, mas uma questão de malícia.

21H.

LATITUD: S26°18'16.56" I LONGITUD: O48°44'18.6"

III - Diário de Navegação – Tempestade perfeita



[ILLUSTRATIO 4]

DIA 2 DE ABRIL DE 2018. 11:09 H. LATITUDE 24° EM DIREÇÃO SUL.

A ilha não se avistava, apenas sabia pois não identificava mais grunhidos de aves, eu estava mareada, deixei-me entre o chão, os braços no assento em forro impermeável azul branco de um banco, era continuismo, de uma jornada que gerou enormes sacrifícios e

cicatrizes, dos setecentos dias entre 2001 e 2003; estava prestes a adormecer no assoalho, com ligeiras poças que venceram as pequenas barreiras da embarcação, em pouco tempo eu dividia o gelatinoso dos olhos com esses pequenos tecidos da água de sal, e me misturava, tentando botar em brilhos pequenos, o início de uma purga, algo que eu vomitasse diferentemente, que as palavras não me salvaram. Escritos me retorciam, a caligrafia arrastada, por vezes recalcada de letras que saíram às avessas, ou reescritas palavras que adivinhava no ilegível rabiscado, e tudo aquilo parecia sombra na minha pele, trechos que sabia, e toda aquela significação ignorada me embriagou em tontura, a noite achegava-me, um lusco-fusco *purpurinado*, eu ainda ficava sentindo vestígios de beleza fantasmagórica de amor forte que me violentara a me fazer embrenhar nesta rota.

O sacolejar ia se intensificando, cambaleei degraus acima, à murada, que detinha uma corda estirada para me segurar a vontade que estava me tentando correr ao abraço dos fantasmas submersos, olhando através de um tanto de espuma ainda perceptível, em manchas mais escuras que dava decorrer de existências sofridas com as quais eu me sentiria à vontade de contar as vísceras não contadas, as dores terríveis de críticas que meu sentimento me impedia de aceitar, as verdades estipuladas em uma amostra suficientemente contumaz para ser capaz de me fazer entender a minha real posição no mundo do sentimento e consideração, e isso se estendia por uma distância impronunciável de costa longínqua perfazendo os estados do meu amor maior, meus filhos, o que restava de alusão a uma grande família unida, o momento, as escolhas, o resfriamento, o desaparecimento e a mim mesma, olhando no espelho, com olheiras de tanto abandono e irrelevância.

Desci degraus ignorando que o humor do mar se alterava, mesmo após a primeira cortina de chuva, suas ondas agora, neste anoitecer estavam numa dança incongruente de raivoso inconformismo com o que a vida oferecera. Então, passar as mãos, segurando num corrimão mole de corda, braço estendido nas vagas de cada milha, sem compreender mais a espuma, o azul marinho de cobertor frio, rajadas de novos ventos, a emprestar restolhos de areia a dar aspereza no olhar da desilusão, e as águas passando, pensava, cada distância, em uma vida que eu rasgara em papel aos pedaços, com as letras já manchadas e desmanchando o sentido da frase,

entregues nas marinas, entregues nas ondas ávidas, com mãos de espíritos famintos aprisionados na profundidade deste encantamento.

E fui dando minhas coisas, meus dias, meus choros, minhas dores, e o tempo não era suficiente, a noite não era enérgica para pegar de mim, o que ficava seguro a músculos tesos na axila, e nos olhos que premiam as pálpebras cada vez que uma vaga me desferia uma bofetada, esta que eu mais estava querendo levar, ver se acordava, e vomitei, coisa que detesto, trauma antigo, que era absolutamente necessário, até que após horas, sem saber se chorava esganiçado feito um porco à mercê de seu abate, ou se gritava para cuspir cascas de ferida que pareciam lascas de carvalho, mas assim fui me exaurindo, o mar me puxava, um convite para dança, uma valsa de Strauss, com sua mão vestida de luvas cintilantes de pão feito na lua, e era tão cortês que me sentia mais e mais inclinada, apanhando cada vez mais do gelo que minha alma estava vestida, desse vazio de amor tão lindo, tão guardado, tão desconhecido que mantive cativo em meu porão, alimentado de ratos, que só se fortaleceu em meu descuido, e eu nunca compreendi, mas esse vazio, primeiramente todos aqueles anos esperando quem vai chegar, e posteriormente, esperando quem partiu e não vai voltar. Pintando ilusões para viver, me alimentar de ânimo falsificado, até que compreendendo a imensidão dos meus desertos, a força do meu andar de um caminho do mapa do demônio, agora livre não significa dizer que faz de mim, uma pessoa relevante, ou que faça sentido realmente todas as peças encaixadas, porque não faz sentido sofrer tanto, pecados mortais só mesmo a vontade de dançar esta valsa, como se fosse meu pai gentil e elegante que me tomasse nos braços, me resgatasse desse meu lodo interno, eu iria de olhos vendados.

Por um instante, percebi que o barco estava indo à deriva, apesar de ter baixado vela, ficara uma, que deu empuxo, que um vento mais irritado com a humanidade fazia curvar mastro, fazia línguas d'água sibilarem para dentro da proa, e meu enjoo precisava de comida, eu precisava de um trago, quem me dera agora uma dose de vermute seco, um agasalho no ombro das fraturas das ondas... Eu me agarrei, pendendo de um lado a outro, cabelo molhado chicoteava o casco, enquanto eu ia galgando contra correnteza de mim mesma cada degrau, e num último impulso de desespero,

arranquei um tufo de cabelo e entreguei como recordação para os monstros marítimos para sua fome de vida, ludibriei assim sua voracidade e retornei, primeiro para pegar o curso e corrigir; para depois, ir soltar amarras, cada nó, cada pensamento escravo daquele palácio de prazeres imaginados, num infundado adormecimento, sabido em todas as cifras de suas probabilidades, sabidamente, em racional resultado de contas estatísticas, sabia, seu teor racional pesado na balança, conhecida sua tendência de trajetória, com o que já transitou, mesmo depois dessas avaliações recentes, de saber algo, um cerne bem ocluso, depois dos últimos fatos, escolho, desatando que não quero, que não quero, que não quero, que não quero.

Adentro cabine, dando encontrão na porta do armário, cai prato inquebrável no chão, não vejo cacos, e me recobro, que não quero como assim ficou, com espionar furtivo, com todas essas riquezas que eu entregava, de mão beijada, ao vento forte, a divertir o olhar para minha imbecilidade de respirar ar, mar; trancado no peito, asfixiado. Eu não quero, esse número, essa soma negativa, não quero receber carta devolvida, encapada de mesquinhez, de falta de tudo.

Preparei um pacote de comida desidratada, e notei preocupada o mal funcionamento do dessalinizador. E mastigando energicamente cada porção, depois o restante de um doce que trouxera, seus últimos nacos, a colher cai no chão, retomo, levantando junto com solavanco, com todos os números equacionando a razão, em um dissabor bem mais amargo e profundo, sabendo que esse permanente olhar furtivo, madrugador, pé ante pé, sem jamais dar um parecer, sem mais dizer um ruído, eu pude ver, com esses meus olhos distantes que vi, mais de uma vez, esse achegamento gatuno, leve como penas que me contornam com sombras, uma leitura ligeira e embevecimento fugaz, eu vi, um brilho estranho permitido nesse acesso dopado a manifestação de um aroma muito bem guardado. Eu vi. Para minha maior tristeza, essa distância, um pacífico de impossibilidades impostas, e me esfrangalhou o resto puído que estava por um fio.

Engoli ensaiando várias vezes o ato de deglutir, e por fim, joguei a água no chão e catei a garrafa, para com álcool que eu tanto evitava, sacrificava a meu criador, me impunha essa condição para estar sempre verificando as arestas dessa estatística do descaso com

meu sentimento, um faz de conta, mas embora eu pudesse me alegrar, a ausência e a escolha, são bem matemáticas, e minha conta das oportunidades da vida, eu fui leviana, fui cedendo gratuidades, e fali. Em completa amplitude de horizontes marítimos, está a tempestade, me dando a cor do seu cerebelo. E com ele converso meus infortúnios, e das alegrias que não me satisfaziam, vinham estranhas inquisições se do lado de lá, a insatisfação conseguia ser maquiada, com compras fúteis, lugares, conversas banais e tempo que construísse simulacro.

Não posso criticar, vivi em simulacro também, não foi?

Eu uso dos desferimentos das palavras mais ensaísticas de Kant, das palavras mais felinas de Dostoievski e Tolstói, e vou olhando a luz lúgubre em meu navegar, sabendo e ao mesmo tempo cônscia de que não absoluta, mas sabendo... o elo refluía, o som reverberava, apesar da compacta parede à prova de som, e o pensamento veio em partículas, manifestou-se concretamente no que demorei a constatar e demorei a perceber, em tanto comportamento tímido ou de certa forma dissimulado? Não, mais precisamente conflituoso consigo, tanto quanto de uma outra maneira, que vivi.

Era necessário perceber a escala diferenciada da alma humana, para compreender mais nesse caminho de mar e estar numa situação (talvez terrível) a de saber que não estou sozinha nessas sombras, cinzas e fogo do que sinto, mas, a bifurcação jaz.

Há um momento da noite, nessa tempestade, que nos aventa como ápice, aquele momento que olhos abertos de silêncio, que um acordar abrupto com um estralar de ossos de ninguém, ou uma palavra balbuciada alto e forte nos põe sentados na cama, levanta-nos da nossa inércia, nos empurra a ver algo que a percepção normal não permite, ou à luz da tela de um dispositivo seus olhos pronunciam um franzido, que quando tudo que foi desferido de descaso, nota-se um olhar, põe-se a procurar derredor quem o desfere, e fica por assim dizer, nessa análise até que o vestígio aparece. E é concreto, depois juntam-se peças de uma amostragem, a estatística exibe a intenção indecifrável dos votos...

Pois além cogita-se e regurgita-se. O mar ainda me mareia e não há necessidade de coisa alguma, porque a matemática dá conta de cada escolha, os tantos nãos, os tantos vazios, dias, e a corrente que arrasta meu destino, me favorece, a me levar de onde vim, e me levar acalentando meu corpo machucado dos egoísmos e de

tantas formas de recusa a seu próprio íntimo, não julgo, uma parte de minha vida sofreu assim, uma parte de enganos também, mas escolhi a liberdade. E esse é o motivo de estar aqui, cruzando as últimas fronteiras do sul brasileiro, nos ares úmidos, olhar das estrelas embargado, acenos de estranhos, e eu saindo daquele ninho onde já não me cabia mais, onde não me entendia(m) mais, não pela viagem, mas a mudança dar concretude na transformação real, e os pés no chão de água, nunca estive tão centrada no pêndulo, e a vida arrebatadora, se contar com um pingo de sorte transponho o mar, campo aberto poderei dar ao pulmão nova golfada de ar e mar.

Minhas lágrimas tristemente, não convulsas, nem confusas, tristes, apenas tristes, pois no profundo desses mares, é sabido, que muitas almas náufragas ainda podiam andar vivas, estarem nos braços amados, no calor de lares, em aventuras de selva, engalfinhadas de problemas, mas vivas, bradando gritos e batendo copos, e amando em carne e osso.

A mansidão e imensidão dos mares, nem suas vagas, nem suas tormentas, retira a libertação do peito, das almas escravas de seus grilhões, de suas chagas, seu olhar arremetido nos brilhos de rotas indefinidas, de coração errante, fazendo desapego, não de seus corações, nem de seus amores, mas suas amarras, suas pagas, suas torturas. Coragem. Margem. À calmaria há de se chegar.

Dia seguinte, [14:12 CONTINUAÇÃO] , dolorida de meu encolhimento, sentindo incompleta daquilo que fui dissolvendo, pensando nas primeiras luzes do dia, ainda chuvoso, mas o adernar informava uma certa mansidão, ao chegar na cabine, recolhendo objetos caídos no chão, mapa com dobras erradas, caneta marcadora, garrafa térmica pedia novo café, respingos e acúmulo de água, dava conta das tarefas, a primeira a de se posicionar e verificar o rumo, que desviara, abriu um leque de milhas longe da costa, e não iria rumar à África, portanto, teria que fazer uma curva, retomar seu traçado imaginário, após algumas checagens, dei de ombros, dizendo-me, até que estou me virando para quem nada sabe, mas em seu enrugar da testa, me dava mão à palmatória, que estava à mercê, não só de mim, mas da frágil situação.

Saí a ver o mar, pensando em suas pérolas, mas passando um dedo em letras bordadas que em ditado se faziam perceber, que uma doação de coração, sempre será agasalha como um manto de

proteção, mesmo que quem receba, tente desdenhar, não fugirá do acalentar e de seu manso aquecer. Mas, pontos cruz em pele retorcida, doloridas em aviso de precipitação, me recordavam o desapreço, desatenção, que sempre quis impingir inimizade, como se assim pudesse ser punida, tal como gente de etnia, por questão fosse qual fosse, e cortei à tesoura, essa sensação, que na falta de corvos, entreguei ao sabor do caimento vulnerável a qualquer força física, nesse nada.

Adentrei a aquecer a água, medi e racionei as porções, e embora o café dando baforadas, larguei-o esquecido e fui checar o barco salva-vidas, suas provisões, água, o qual sendo inflável, continha alguns míseros equipamentos, e localizador, mas o localizador passou a ficar dependurado em meu pescoço, e notando ser pertinente, fui separar mais algumas coisas, caderno de anotações e mapa sobressalente do estreito, em estranha afeição por mim mesma, e apego às minhas coisas escritas armazenadas em acesso restrito em alguma nuvem cibernética. Os volumes que concluíra após anos, as revisões *chatérrimas*, os desenhos que mal pudera digitalizar, até que para si organizados, mas em deplorável realidade de sepultamento.

Ficaram pendências, guardados, ficaram textos abandonados, um livro sem revisão, o jardim incompleto, alguns desenhos pecados de sua característica atabalhoada, mas era forma de si mesma, ficava, assim devia.

Após reunir umas coisas em sacola listrada, amarrada em cordonê grosso branco, seu tecido algodão sentido em suas mãos com novas bolhas, foi colocada junto com bote.

Então, naquele dia cinza, uma luz clara começou a aparecer, um ponto claro no meio do nada, nessas coordenadas que davam conta de se aproximar da linha do rio da Prata. Ela inclinou para aproximar da costa, e baixou as velas, o barco seguiu lento, até dar impressão de parado, e em um cortar enviesado, uma luz fugidia do sol, transpassou para o mar, dando um espelhamento de foco e um facho que não era prata, não era amarelo, era uma agressão de revolta da luz contra a nebulosidade, e sua insolência derramava uma chuva inclinada de luz bronze pálida, até aquela parte da água batizada dessa intromissão.

Por impulso, resolvi que iria mergulhar, banhar nesse ponto de foco, aquecer do seu breve amornar, e pulei, vestida com moletom com

amarras, bordado com âncora, e calça de algodão, os pés de tênis, cujo cadarço se desamarrou. Boiei olhando para a luz, seu morno beijo neste dia, uma espécie de cansaço me afligia, e águas frias, iam me enrijecendo à medida dos meus pensamentos.

Até que vencida, retornei nadando pensando e sentindo se tudo que estou fazendo, apenas será apagado como algo que jamais se saberá.

Há que se saber que tudo que naufraga, se recrudesce de camadas de corais, seres marinhos, depósito das areias e dejetos, com um cuidadoso movimento inverso ao esculpir, recobre de outro sentido, não o verdadeiro, em camadas, mas com uma verdade apenas, o envelhecimento do tempo.

O mar engole coisas e vidas, mas não as digere.

Retomando o leme, para me preparar para o momento mais complexo da travessia, tentando esquecer todas minhas situações, vividas, e as ânsias do que não era possível, por falta de oportunidade, por negação e não reciprocidade externada, por destino talvez, e recordações de queridos que eu sabia que: gostavam-me superficialmente, sem meu mar.

Começa o tempo onde as ondas, geram pensamentos desordenados e deprimentes, onde as dúvidas assolam tormentas e as mãos que drenam águas dos porões se cansam, se tornam impotentes. Onde o rumo para de ter bússola, onde a existência e a fala, não se pronunciam mais. O tempo onde o sofrimento não é mais tolerado, e sabidamente a fase do que alguns chamam de desistência, costuma ser longa e muito torturante, por isso, me pus a ir a fazer algo que costumava me dar alento brando por uns instantes, o de escrever um poema de amor, desses de amor proibido, de amor profundo essencial idílico, e me sentei dobrada em noventa graus, com pernas cruzadas e calça suspensa um palmo, caneta bem fuleira que não me negasse, e papel, de caderno.

Escrevi, como se fosse noite, como se algo adentrasse meu espaço bem contíguo, como se a voz viesse de longe, como se um reflexo fosse visível, como se voasse pudesse, e sua trajetória não se fingisse, e por fim, eu recebesse uma certa compreensão de sentimento parcialmente mútuo, com benevolência, com uma sensação de acolhimento, talvez da minha parte, tenha se produzido por delírio. Enfim, escrevi as linhas de um poema de

amor, incompreensível, noturno, de amor forte e verdadeiro, em páginas um tanto áspera dos restos das folhas do caderno, e em meu coração morreu, palavras que eu até amava, franzinas e tão pequeninas e incapazes de fazer qualquer diferença no oceano, mas eu, as achava lindas, naquele meio de noite, ainda no quarto, no meu profundo perceber, antes de dormir, um sono de encantamento, as ondas viriam me buscar, eu poderia sair, os olhos que abri em madrugada, após aquelas palavras, que jaziam já não tão lindas, já pareciam café requentado, mas ainda assim, eram como minhas meninas, especiais para mim, e não podia me sentir bem que de certa forma quem eu amava, não pudesse ao menos me dizer.

E mais esta permutação de emoções, em minhas mãos couberam, para eu levar até o final da proa, e lançar ao infinito, dei tudo que poderia do coração, havia outro infinito dentro, assim nesse sangrar eu acabaria morrendo, e essa luz de bronze, soando um assobio de outono, me dizia em sussurros para eu ficar. No caderno cerrei, o poema 'Estrela Cadente', se ainda me lembro...

Estrela Cadente[16]

"Um poema de amor para oceano celeste

Quando minha boca se tocou
Os gestos vazios no eco das ranhuras
de intrincadas texturas
Se fizeram em voos límpidos
em mim mesma
_ ouvi a voz do desespero

Ao teto que as sombras dançaram
Os braços lindos desenhados do veio de madeira
e se misturavam no vento que despenteava
todas as fumaças das buscas todas
desencontradas das folhagens rasgadas
nas ventanias a fustigar a brasa

Ao vidro a gota que caía
em minha perna aglutinava
uma forma Um brilho
inventado de algo que
meu desespero despia

Agora uma dor amornada
nos minutos embebidos de um pedaço
um buraco insano
somente meu pé sente rente ao tecido do engano

Um pensamento rasteiro
com mini botões estrelados
encolhidos de um grito sangrado
de um espelho de coração fraturado
_ ali sibilava um pequeno ruído

[16] Poema da mesma autora, de 02 abril 2018 0:17.

Não intermitente, nem calado, não adormecia
à espera de uma esfera conceitual
inexistente como conjugação de passado
em pequenos gestos
esses esquecidos nos meus dedos
delicados que
querem descobrir tateando
um amor enfumaçado

Quando me lembro
de qualquer tempo presente
nas horas escritas no fundo do bolso
tudo que se engasga consome
renasce com a cor de bochecha do dia

Cor dos olhos que mudam meu céu
Reveste do toque desejado
ainda em gestos mornos em mim
de um viver lacrimejado no amor da pedra
na voz doce da água
nessa palavra escrita em saliva
de um amor existencial latente
em cada pulsar
de uma incompreensível busca mútua
_ porém apenas emitida

Olhos opacos irrefletidos
Coração de noite quieto
de estrelas cadentes suicidas "

LATITUDE 28°

IV - Diário de Navegação – Calmaria turquesa

[Illustratio 5]

DIA 06 DE ABRIL DE 2018. 12H. LATITUDE 42° 49′ 46″ S, 745 MILHAS PERCORRIDAS NO ÚLTIMO TRECHO.

Uma madrugada insone, sem chuva, sem nome, sem vento forte; e meus olhos decantavam, um copo rolava pelo chão em semicircunferência, apesar de estar franzina e meus olhos guardarem areias de prantos de últimas milhas, o corpo se levantou, como que um reflexo vivo.

Notara uma primeira alteração nos tons do céu, através da escotilha, esta quadrada de cantos arredondados, numa espécie de delicadeza, algo invisível à penumbra me eletrizou e um relâmpago de ânimo se fez em quebra de silêncio, a puxar um assobio musicado, uma relembrança esperançosa, e após uma distância quebra-mar de nuances *agrafitadas* com um desenho displicente, borrado a dedos, sem intento aparente. Percebi-me em um céu diferente, quase um aquário suspenso, uma pintura sugestiva de seres, um movimento submerso fazia eu movimentar emoções, elas continham uma sensação tênue de tocar.

Ali, em convés como se saísse de uma cabana de sapê, como se meu cabelo fosse pesado sem conversar com esse tempo, como se eu, ainda estivesse com a pele lunar, mas de uma maneira com luz bioluminescente guardada como se fosse um lenço penso, dando adeus a certa distância de uma tristeza mais ferrenha, vestida de xale melancólico, de um ar parado, guardado na vela de peito inflado, a coragem revestida do ar que limpara, poderia parecer luzes boreais, sem que fossem, era como eu fosse parte desse cardume, indo de lado a outro, sem a percepção aguçada de para onde de fato eu iria e do que me desprendia.

As páginas do caderno, viravam ao balé de brisa, fechavam um poema, dando lugar a uma parte nova a ser descoberta, em folhas alvas, novas, de espírito livre, como gaivotas pousadas na balaustrada adiante da porta de cabine, prontas a içar voo na manhã recém chegada, como um rebento recém-nascido, saído das últimas nuvens de meu vazio.

Senti o ar que passava nos cílios, senti um dedo que tocava como uma camada de gelo, meus ombros erguidos, e esse arrepio era um voo, um voo como água viva, uma dança, um balão aquecido que sobe tenuemente, a ver com os olhos o tempo a ser preenchido, de um bordado marinheiro, com motivos de lobos marinhos, com a vigésima parte do fio de borda, filetes quase invisíveis, em tons diferenciados do ocre, ao marrom canino, mas tão delicado, tão ínfimo o perceber amornado, como se agora esse piado, fosse parte dessa música que vestia a solidão da minha boca, emudecida, no meu olhar dessa amplidão, e sem sentir friagem, antes que a fome me invadisse, antes que a *Angostura* me recordasse, antes que minha escravidão me confinasse, antes que meus olhos piscassem, corri adiante a transpassar adriça, a puxar através de roldanas, puxando vigorosamente, ainda meio trêmula, os panos que desafiavam o destino. Eles iam se erguendo feito fantasmas de fraque branco, sem estola, sem cartola, iam feito uma chama acesa, sem cor, pálida, uma pomba imolada.

Essa luz se refletiu em mim, o dia chegou, claro e límpido, com marolas quase inaudíveis, e o barco ia deslizando como andar de anjos outrora esquecidos, que iam sempre me dando mãos, nas mãos que eu procurava ao tentar dormir, a mão que me faltava, de pessoa que eu amava do tamanho do alcance do olhar.

Eu senti a vontade do vapor do café, após amarrar as coisas, a premir o rumo, a conferir a coordenada, tive vontade de recolher um descanso na baía, antes do furdunço das lanchas, imergir todas as preciosidades que ficavam em brilhos ocultos, desse bater do coração, que sobrevivido a cada ontem, sobrevivido de cada tempestade e com cicatrizes *sangrantes*, mas espinhos entregues às vagas.

Desta vez, a caneca ainda com palavras que me 'tornaram eternamente', eu a pude enlaçar com dedo indicador, sentindo segura em me proferir que amava, amava e amava, em voz em luz cintilante, em boca macia e tranquila, sem me curvar, sem me doer, apenas significar.

E verifiquei as amarras necessárias para a navegação, fiz nó marinheiro, transpassei sem fechar o ciclo, sabia o remanso das ondas, a estação, as marés lunares, e até o azimute para a estrela guia, aquele brilho distante, uma magia traduzida em imensidão, refletia em coragem de prosseguir, me dizendo que, eu te quero, eu te quero, eu te quero, eu te quero.

Um querer translúcido, um querer que nadava agilmente, que bailava, como lobo marinho na minha frente, completamente livre, ascendente, esfuziante em bolhas que se faziam como cachecóis e sua tez lisa dominando aquele deslizar contorcido, como se eu tivesse vendo, aquele ser tão meigo, como um sorriso de criança pura, como um manjar doce sem ser áspero, e me senti, num momento misto de lúcido, calmo, sereno, completamente livre, finalmente senti esse ar, mar, em brilhos imaginados do porvir, em abraços imaginados do amor, um grande amor vivido, não importa em que forma, inegável, imensurável, e me preencheu de estímulo, me fez flutuar sem peso, dentre as águas que ficavam e as águas que vinham, tudo fazia sentido, eu estava tranquila em sentir o amor, tão oceânico, que desejei com alegria, que estivesse ali, nesse meu ar, mar livre tanto assim, que pudéssemos mergulhar com *snorkel* emudecidas, a nadar essa dança dos lobos como se eles fossem parte de tudo, ou nós fôssemos o mesmo sentimento.

Sem sombra em pensamento, engoli os primeiros goles de café, girando o timão em uma bifurcação imprevista para margem costeira a admirar os tons cristalinos da água, reflexos que surgiam de corais, e reduzindo a marcha para suavemente passar sem avarias, mas foi sentido um estampido arranhado, e aparentemente

nada se poderia identificar como problema, e nas ondas já se via longe, um balanço e um vaivém daqueles ares que tal pessoa tinha, hábil, de chegar e sumir, de dizer e desdizer, de decidir e mudar decisão, que essa sensação, de sua essência de alternância, se percebera em movimento conjunto dos cardumes dourados que eu via em lado do veleiro, uma rota obtusa, um traçado confuso, adernado, que produzia espelhamento já dos raios do sol, conforme o ângulo do cardume se movia, fazendo luzes piscarem meu SOS em código Morse, dando conta de uma sensação das súplicas íntimas perdidas no longínquo, das escolhas equivocadas de quem eu amava.

Enquanto o tempo parava, eu já cuidara de passar esfregão em chão assoalho, eu já limpara utensílios, guardara roupas, e os vestígios de purga, os vestígios dos desesperos, abaixei e segurei pedaços de fotografias picadas, parte de olhar, eu olhava carinhosamente, com todos os gestos impossíveis congelados impotentes dentro de meus músculos, os tantos sonhos, os desejos de realizar coisas como brotos ressequidos de uma samambaia filhote, sem desenrolar seu espiral, parecia um rabo de cavalo marinho, seco, fossilizado, mas o desejo de coisas e amores e vivências impossíveis eram oceanografia viva, em um aquário de cor turquesa, com águas dessas calmarias cristalinas ao aproximar do Puerto Madryn, em águas ainda que frias, tão deslumbrantes, as cores submersas, tão magníficas as expressões que eu previa de um rosto que estava em meu passado, presente e futuro, estava, nessa linha da vida, em M na minha mão, sempre esteve ali, eu via, sem saber o vazio do que seria, não preciso adivinhar , eu compreendo e a vela está segura me guiando em branco e azul turquesa, pelas águas abençoadas de toda essa ternura.

> [PAUSA DO CAFÉ, XÍCARA DECORADA EM AZUL COM SOL DE ROSTO FELIZ, EM BOCA CERRADA, EM ARCO DE SERENA MEIGUICE, UMA EXPRESSÃO QUE SEMPRE RECONHECI, NAS MELHORES PESSOAS QUE AMEI. 13:19]

A certa distância, vi uma lancha a levar pessoas, não era possível escutar nenhum ruído, me pus um sorriso, o de ver após longo tempo, a silhueta de figuras humanas, ao longe, em desconhecida ferida, em desconhecida pintura de fracassos e falhas, ao longe,

semblantes sem defeito, caráter sem julgamento, apenas aproveitei a sensação de quebrar a solidão, com alguma alegria turística, com camisas coloridas, pés de pato, algazarra imaginada, de possibilidades tantas perdidas e submersas nos mares que eu não pude, nas praias que não me receberam, e nas despedidas sem lenço, apenas o virar e partir, sem um abraço, sem um nada.

Passava um creme, a pele das mãos ressentida da vida, da maresia, e minha língua percebia o fustigar da navegação nos lábios, e no coração sofrido. As esperanças em redes de pesca, as esperanças emaranhadas nos cabelos penteados da aspereza, as esperanças em corais fragmentados, moluscos despedaçados boiando, em espumas que apareciam e desapareciam, no vaivém, na instabilidade da minha vida, era uma sensação que eu tentava buscas e desfalecia, voltava, era quase um desenho repintado sobre cores fugidias, era quase um texto diluído nas lágrimas, a perder sentido.

A uma baía eu me deixei ficar, em proveito de ninguém nas cercanias, um rochedo para quebra-mar, um voo longe de pássaros desconhecidos, eu, em meu poema *inescrito*, o poema meu ímpar[17], em número individual, em solilóquio murmurar de marolas calmas, espumas brandas, meus dedos ínfimos tateando os mares, seu humor vulnerável, vesti os óculos, o tubo, nesse ponto de águas turquesas eu me deixei cair de costas, espatifar em bolhas emitidas para cima, como uma imaginária trilha de formigas frenéticas, correndo, fugindo da minha insignificância.

Fiquei um tanto da apneia olhando corais alaranjados, de sonhos imateriais de praia e olhando rastejar de um siri ou caranguejo, escondido nas areias finas imperturbáveis, eu estava absorta, quando um lobo marinho, junto a outros dois, se fizeram perceber, eu emergi para tomar fôlego, e mirei em superfície, nas vistas dos óculos, eles bailavam em minha volta, em singelo olhar canino, como um afago leal e incondicional, que me dava lágrimas em meu coração, mas de afeição desmedida. Um se aproximou e de raspão nadou em ato de mexer comigo. Um jeito maroto e brincalhão, de olhar divertido, e como se eu sonhasse o amor não vivido, em carinho desses seres, era como se fosse vivido. Um algo que não compreendo, os gestos, sem receio de mim surgiam inesperados e

[17] Poema em anexo no final

imprevistos, e como velhos seres amigos, nos tocávamos, como uma dança de anjos que foram esquecidos.

Eu me emocionei em carinho calado, um carinho das mãos que houvera sido amputado, um verdejar turquesa que tivera sido tingido de breu, tingido de nanquim, tingido de barro. E um namoro completamente assexuado, um carinho puro de amizade fiel, atenuava toda lembrança rabiscada, todas as horas purgadas, todo o amor rejeitado. Assim ficamos, em alternância de tomar fôlego, de aguentar a temperatura, algo esquecido por um tempo impreciso, e aquele olhar meigo, que me lembrava meus filhos, suas brincadeiras, suas alegrias, me lembrava olhar de mãe, me lembrava a espontânea afeição, momento perdido em um barco naufragado ali mesmo, carcomido e enferrujado.

Entre um peixe ou outro dourado, entre pérolas de bolhas, e aquele contorcer animado, fui me deixando voltar, ao meu rumo, ao meu caminho de libertar, com um nó de nau em garganta, um coração que guardava sempre, não importasse quando, a presença em letras marcadas.

Subi novamente meus degraus, de volta ao comando, vida que segue, águas em linha do tempo, saudade, saudade, velas amarradas e eu me dizendo, como seu não soubesse o quanto, eu te quero, te quero, quero...

Joguei toalha em torno do pescoço, me esfregando a espantar o frio, a frieza, relembrando como a vida poderia ter tanta delicadeza, assim a esperança vinha aos versos, cantarolando em minha garganta, meus punhos procurando o caderno com as folhas virando ao vento, as páginas que estavam por ser escritas, tinha que haver tinta turquesa para as esperanças, o acontecer do amor em coisas concretas que nunca haviam podido ser, eu deveria contar como teria sido, em ser, em águas no rumo do fim do mundo, a buscar ver certas coisas nunca vistas, que eu queria certamente viver, mas viver sorrindo bem junto de um certo amor.

V - Diário de Navegação – Travessia das cordilheiras de chumbo

Enquanto as folhas do caderno adernavam virando páginas feito leque, sem parar, não rapidamente, mas pausadamente, com alguns momentos de um sopro divino vigoroso, tentando dizer em qual momento sua sorte cairia; eu me apoderei da pena de ponta de estanho, ranhurada e chanfrada a dar serifas na fonte de letra caligráfica, para o livro de capa dura, com acabamento de couro nas abas em tom de severidade, escuro e envernizado – o Diário de bordo – para transcrever anotações que, jamais em vida me proporia a grafar, para olhos nenhum passarem correndo em leitura silábica. Era uma pena presa em suporte em madeira alongada e torneada, mais bojuda à frente e estreita na ponta traseira, cuja pintura adornada era misturas de cores de tintas, manchadas à deriva e o tinteiro vidro, era um Waterman *Encre Bleu-noir,* apropriadamente um tom de azul marinho, em anoitecer. As palavras doces do poema, foram cerradas naquele caderno, amarrado, cujo cordão de couro requeria um nó marinheiro. Mas, anotações que fizera, de verdade ficaram em rascunho, quando ontem, olhava para o cabeçalho e escrevia a data, enquanto acalmava a mente vasculhando o mapa da costa sul argentina, dando vistas para a entrada do estreito, e os solavancos das águas começaram a se fazer ouvir, e fiquei horas, olhando folhas em branco, sem capacidade de cifrar qualquer caráter do alfabeto.

DIA 09 DE ABRIL DE 2018.

Transcrevo – Oceano que nublava e anoitecia a cada milha, um enrugar próprio, algoz e indiferente. Ainda que o dia acendido estivesse, o Sol sobre um manto se distanciasse. Vestígios. Vestígios dos degelos do mundo iam se resfriando onde as ondas prometem morrer medos e sublimar rumos que enchem corações de embebida esperança.

TEMPERATURA AMENA, POUCAS NUVENS ALTOSTRATUS, ALTURA DA LATITUDE S 45°46'.

DIA 10 DE ABRIL DE 2018. 19:47.

" Abandono é uma sensação permanente de desamparo blindada em gelo antártico, a solidão é uma espécie de morte em se estando vivo, e me inquiro o sentimento, tão impelido a forças extremas tectônicas, das mais variadas formas, não se explica na minha linha do tempo, somente em eras, que a força armazenada chega ao momentum e mar é dragado e cordilheira é arremessada, que não posso determinar a mim se em regressão ou transgressão, esse amor é mais do que as cordilheiras que divisam mapas, não posso explicar nessa existência ínfima, nesse mar de movimentos positivos e negativos, enrugado , obscurecendo a cada milha, de uma natureza específica minha que não tinha essa inclinação ou natureza - amórfica. O movimento se projetou com essa força adormecida e era possível perceber, a ondulação arremessar o barco acima e abaixo, aconselhando-me a domar minha microscópica existência e transitar por entre o peso do chumbo, esse peso contido em meu peito e ombros, com todo sentimento que essa amizade das águas cristalinas, que traziam em sua capa de invisibilidade as profundezas do meio do oceano. O ruído agora, desperta e não me faz menos só".

Ao acabar de anotar, jogo caderno e pena urgentemente numa gaveta, empurro com joelho, já pegando uma roupa impermeável, um gole de água, sapatos emborrachados, no caminho, jogando

objetos em suas acomodações a não se espatifarem, berços de redes que estavam indo de vento em popa.

Na condução do rumo, não tive certeza das indicações de localização, a estrela não estava visível mais, porque as condições nesta segunda noite após a calmaria, me impunha refletir rapidamente os riscos que eu assumi vindo, os riscos de não dar conta de mim mesma, e dos riscos que meu sentimento me colocou, durante anos, em uma andança em beira de *canyon* sem guia, sem proteção e por vezes nem enxergando.

A pensar sobre o que me fez ignorar os riscos sobre minha vida, penso que bem profundamente no meu mar, na minha tempestade e ternura, em seio, no fundo era que eu sempre estive desatando tudo que me tirava liberdade.

Às tantas horas, estando à mercê do batimento cardíaco desses mesmos movimentos de nascimento de cordilheira, que davam uma onda ininterrupta de cordilheira de chumbo, sem olhares de confiança, sem palavras de consolo, eram mãos impiedosas do destino e meu desatino. Onde ficaram meus filhos... onde estaria esposo...

Por instantes, relembrar a vida em que estive, me deu conforto, mas logo a água me gelou a alma, com os receios de nunca terminar a travessia. Em insone exercício de suportar o cansaço, levar escorregões, trambolhões, tentando não perder meu estigma de fé, e sair recitando qualquer pedido para alguma divindade que eu inventasse agora, que fosse deusa dessa tormenta, que retirasse a violência das agressões, a violência da ignorância da minha criatura, e a palavra relevância devia ficar apagada, borrada junto com livros inéditos, era mesmo para a aventura me possuir como um todo, e eu pudesse ver outra parte do hemisfério da lua.

No mar uma estrela não guia nada, se o céu não quiser.

Entre as últimas horas da madrugada, águas pareciam roupas sacudidas por terremoto, bati nariz no timão, e sangrando, prendi para rumar sem correr atrás do rabo, retornei à cabine, segurando aqui e ali, com ombros arrebentados, boca queimada, olhos vítreos

e, dessa vez desci degraus, para meus temores, meus amores perdidos, minha travessia em risco.

Sem o azar da escada, sem sorte do amor, a onda me projetou com a cabeça na quina do armário, próximo ao equipamento de localização. Desmaiei.

Abri olhos lentamente, sentindo completamente paralisada, não sei dizer quanto tempo estive assim, mas me vinha à mente um pequeno punhado de palavras, desfilavam em meus lábios débeis, em uma entonação de ar rouco raspado, de quem não tem cordas vocais, e em brilhos angulares para meus olhos, por vezes sentindo-se com areias, preferia sua cortina, mas era dia, isso era fato. Luz transpassava pálpebras em tons amarronzados.

> "Luz líquida - se a criação fosse ser alva, tremularia sem transparência, sem gris, sem sombras. Seria mar de intensidades luminosas e Diria - sou você, você sou eu, apenas transpassando o interior, bebendo essa água do seu raiar de âmago profundo, um poder de sentido, em tempo abrangido, e o sentimento revelaria - o eterno ecstático."

Ainda deitada, uma dor ia se pronunciando, não era de pancada, nem de nariz com pústulas, não eram dores dormentes dos infortúnios incuráveis, havia uma coisa estranha, essa apatia, esse teto que parecia um céu noturno quando eu sabia, mas cada saber escoava, naqueles pequenos murmúrios das águas gélidas que iam e vinham, e por vezes pareciam mãos cuidadoras, dando água em embebido algodão, quando comecei a perceber que não ouvia ninguém e eles deveriam estar esperando-me para jantar.

Havia, uma caixa de correio, que de longe eu via, tinha vestígios de uma carta, eu precisava ir lá para ler, pela primeira vez ela estaria me mandando suas palavras, com letra miúda, com caneta esferográfica anêmica, e as folhas de papel ficavam tenuemente enrugadas da sua linha de palavras, dando uma tez em linhas digitais, únicas, mas pesadas, em local onde as vagas iam quase até

a sua tangente. Era urgente, eu precisaria correr, se não quisesse que o mar engolisse as coisas que esperei a vida toda para receber.

Ergui um braço, mas um céu cinza chumbo se misturava ao longe com mar agitado, sacudia, e com movimentos doloridos me arrastei, percebendo o tanto de água que entrou, e um frio pânico começou a me sufocar, como se meu corpo, já não tremesse, já não respirasse, e um torpor me convidava, tudo parecia espumas das ondas, mas espuma alguma estava com humor para isso lá fora.

Pensei, estou à deriva, não sei quanto tempo, não faço ideia onde estou, estou congelando e é sério, alguma avaria pode ter comprometido. Nossa que palavra eu fui me lembrar. Sem conseguir me levantar, fechei os olhos.

O chumbo era um peso morto.

Uma mão côncava, meu mar de ilusões, meu barco de duas velas triangulares, que na verdade não era meu, era dele, aquele cara ali, que não quis vir, não consigo entender o deslizar nas águas, sem poder como o petroleiro João Cândido, trafegara a 13 nós, suavizando no estreito de Magalhães, tranquilamente percorrera tudo em poucos dias, e comparando-se; e eu me via nessa côncava mão de chumbo, coberta por uma convexa, e o barco estava entregue a qualquer sorte que eu obviamente não contribuía em absoluto.

"Capaz eu ter passado a entrada do estreito, ou não...".

Notei restos de alimentos, víveres perdidos na salobra, virei e vi então o equipamento de geolocalização apagado, houve um súbito frio de cair em vácuo, gelando o diafragma, em pequena lucidez de entender a hipotermia que estava que comendo como delicada iguaria, mastigando lentamente, tirando cada parte de sabor; já tinha consumido os pés, as mãos, tornozelos, antebraço, meu fêmur estava na sequência dos olhares ávidos dessa força insaciável.

Senti um solavanco, e o barco ainda em dúvida de encalhar ou não nalgum canto.

[UMA PAUSA, UM POEMA CONFORME A VISÃO INTEIRAMENTE DEMENTE DE POESIA PROFUNDA, A MORTE SE INSERIA NESSE

RESFRIAMENTO, EM INTERLÚDIO DE DELÍRIO DA MENTE, AS PALAVRAS DE UM DUELO DAS MÃOS NEGRAS DE TERRA E AS MÃOS DE ANJO DAS NEVES, MINHA MENTE ESCREVEU].

Um impulso brusco, como coice, me fez, em meu resto de ser cavalo me por de quatro, sobrevindo tremuras e contraturas de enrijecer pescoço, parecendo ser um anjo de vidro, talvez um fantasma inconsciente.

Engatinhando, saí do compartimento, a luz do dia era raquítica, um chuvisco chegava a parecer morno, tudo havia sido um desenho borrado de águas, de uma estação inesperada, de um curso de vida que o sentimento se tornou moléculas de hidrogênio e oxigênio, impregnado e inexplicavelmente, se alimentava de sede. Esse era o amor, dentre tantas definições que me apercebia, dentre tantos momentos de danos onde eu jazia a dívida com o demônio, uma dívida cobrada e eu nunca soube qual a monta.

E a tal frase não era falada, não havia sido formulada, escapou por engano, acho que palavras ao vento não dizem nada, mas certamente, com firmeza, não houve a permutação das letras, não houve a grafia em letras do grafite, não esteve pesando em cada contrapeso de chumbo, não foi pichada em nuvens esquisitas no céu, não veio em eco da minha voz, nunca foi dita essa maldita frase esquecida, era necessária voz de coração e selar com firma legível. Mas eu não, era meu preço, com esse limiar arriscado, mesmo a liberdade não me deixava seguir meu caminho.

Em movimentos raivosos por tantas bagagens pesadas de nãos, esse peso compacto em chumbo, fazia pender para baixo minha carranca, e meio louca, meio embriagada, me pus a pular uma dança, insana, sem sentir nada, até perceber que exausta, a dor queimando músculos, um suor pegajoso, um olhar bilioso, mas olhos tensos de capitão empunhando espada contra motim, dos pensamentos arruinados.

E quando aqueci, fui logo beber últimos tragos, até que o vinho me brindava, recordações dos tantos beijos intensos com aquele gosto pisado, aquele gosto amadurecido, era uma saudade, uma febre nostálgica de peste bubônica, mas apesar de sentir em cacos, estava viva. Danos aparentes em quilha, danos aparentes na vida, rasgo de vela violentada, rumo perdido, sem instrumentação para esta navegação, que não tinha mais medo, mas sabia que cada

momento agora era determinante para eu abarcar e parar em algum ponto, pois não daria para bater na porta do fim do mundo, completamente esfrangalhada.

> DIA 11 DE ABRIL DE 2018. 21:50. SEM COORDENADAS, TEMPERATURA FRIA, CONDIÇÕES DÉBEIS PARA COMANDO NÁUTICO.

Consegui, em meio à minha falta de condição, coisas inimagináveis, como de hábito, intrincadamente, sem uma sequência lógica, vesti um agasalho seco, joguei roupas para fora, aproveitando uma isenção de chuva, levei um tempo procurando algo que pudesse comer, guardando objetos, em profusão de ideias confusas, entendi que antes eu precisava ver rumo, bombear a água, e exausta, me alimentei de umas frutas secas e bolachas, água, e fiquei um tempo incontável, olhando mar com um balanço das correntes sul, em olhar mais anoitecido, em uma paisagem longínqua costeira, para meu alívio.

Embora eu tenha ajeitado muitas coisas, parecia minha vida, o essencial não era questão de ser invisível, era algo intangível, imutável, não dava para me pôr a consertar certas coisas para as quais eu não conseguiria, nem em saúde perfeita, por desconhecimentos, por incapacidades, e isso me soava na mente, tal como o quebrar das ondas, um elevar e ruir de cordilheiras de água de chumbo, pesadas que por mais que tentem, voltam para sua profundeza, por mais que alguém imagine congelar, pode-se iludir com uma parte superficial, sob o controle de domínio ou interferência, mas no fundo, o mar tem um espírito coletivo, com almas inquietas que dançam, lançam dardos, cobram preços, escarnecem da sua sede, são livres e indomáveis. Soa tão náufrago como fracassos colecionados que pesam chumbo ao dobrar a esquina dos cinquenta anos...

Meu raciocínio e analogias, ressentido da frigidez mortal, em uma face de iceberg, somente meus olhos faziam sentido, brilho da voz da alma, vontade de chegar a um lugar, onde pudesse conhecer em pessoa o amigo, onde pudesse ver as cores dos lugares meridionais, árvores de prata, flores de bronze, sorrisos de quem está distante, neblina gélida, vento cortante, palavras embriagadas, marinadas em

qualquer grogue destilado, a proferir risos esganiçados, e se apresentar em forasteira vida, seu primeiro passo.

As coisas se ajeitam, apesar dos tempos difíceis, contanto que eu me posicionasse, que o sol não morresse, a estrela brilhasse, os ânimos marinhos descansassem, que o vento amaina mas é sabido, que a conta dos ovos quebrados, dos descendentes nunca paridos, que a vida subjugada sempre será cobrada. Ferimentos que curam, ferimentos que ficam. Barcaça já não mais destemida, e às cegas, chega a uma baía, sem se imaginar mais nada a não ser corrigir o rumo na manhã seguinte, o melhor era lançar âncora, nesse pensamento, e resguardar-se para o porvir. E existe esse lugar! Quem sabe eu tivesse dado sorte de entrar às escuras, no caminho tateado, e poder me dizer que a Travessia transpôs as Cordilheiras de Chumbo...

Estar sem rumo é estar no rumo aleatório que a vida oferece, ou se ficar difícil crer que esses caminhos, os que a gente não pode escolher, tenham tantos elementos surpreendentes e coincidências, podemos supor que seja algum algoritmo calculável em grandes computadores, capazes de jogar xadrez com Magnus Carlsen, Karpov, Kasparov e Viswanathan Anand; e dar uma madrepérola de recordação como se fosse algo sólido, lúcido, real e lógico.

Por fim, na noite, sem luzes, fiquei pensando em meus propósitos, na beira da balaustrada, me sentindo fraca, preocupada, me conscientizando que a embarcação estava com alguns problemas para ir de encontro ao Pacífico, que por vezes fazia tantos recuarem e grandes navegadores perecerem, era bom que pensasse com este receio, era um sinal trêmulo das setas equilibradas da bússola. Sabendo o estado de espírito deplorável que estava, senti vontade de falar com meus filhos, a dizer a eles: "Eu estou aqui, viva, ainda irei adiante, vou precisar ajustar o barco ou achar ajuda para seguir".

Um dos primeiros propósitos que precisava levar íntegro, à salvo, era o de passar um dia sem pensar no amor impossível. Como iria ser possível que qualquer ser se achegasse em meu terreno inóspito? Apesar de impressionante natureza, coisas incríveis subsistem a cada situação extrema, mas consigo me sentir como chão lunar, como deserto de Marte, como anéis de Saturno, esses mais apropriados a tanta coisa que me passa na mente, mas que no

fundo não chega a produzir um astro concreto, apenas um séquito de poeira, fragmentos, e restos de pedaços de partículas de moléculas de átomos de fóton de núcleos partidos em quarks. Eu era um imenso deserto de quarks inoportunos, incompreensíveis, incontáveis, *incontíveis*, inacabáveis, impossíveis.

Ainda havia meios, se recobrada, certamente o caminho se faria visível. Assim fechei olhos, entreguei-me antes de querer a exaustão, pensamentos confusos e convulsos giraram ainda, enquanto eu em um sofá me iludia com um amornar de uma coberta, como se estivesse salva só por este fator.

VI - Diário de Navegação – Tatuagens na alma e Porvenir

DIA 18 ABRIL 2018. 13:42.

Quero contar, se me recordar, o dia que amanheceu, foram os tênues dedos de um raio tímido que perpassaram minhas pálpebras, como se houvesse a tal praia alaranjada, com a mãe junto às crianças correndo com elas a tiracolo, fazendo sombras ao percurso úmido de areia, com um espalmar de pés decididos a eclodir chuvas que brotassem do chão. Pela manhã encontrei minha voz em grunhidos de uma memória de dor, e decidia a primeiro me fortalecer, fervi água a dar banho em saquinhos de chá, com minutos delicados, meus dedos tateavam cada movimento bem lentamente a dar riscos gravurados, como banhar um bebê envolto em cueiro, passando mãos ao contorno de sua cabeça, a colar os fios de cabelo com água perfumada.

Um chá morno, venceu as neblinas, as cores nítidas eram vestidas em minhas vestes agasalhadas, e depois deste momento de alimentação sem ruminações, nem estreito minha garganta, passei momentos retirando restos, eliminando pesos vencidos, mágoas que ficaram em minhas manchas no globo ocular, elas não eram gelatinas, não havia liquidez, nem poderia fazer com que sumissem. Poderia ignorar por diversas horas, até eu me reencontrar.

Em meu exercício de reavaliação, notei quão desnorteada me encontrara, e quão distorcidas haviam sido minhas impressões da realidade, entendi ser possível prosseguir, e era absolutamente necessário, não podia gritar terra à vista, e segurando desajeitada o sextante, tentando seu manuseio sem noção, queria aproveitar do céu, o sol ia se pondo a pino, eu inutilmente tentava as instruções, que estavam em chinês, eu só bufei, quebrando a frigidez das pestanas a ficar decifrando desenhos esquemáticos totalmente sem a menor didática. Foram consumidas horas desse deslizar meridiano do sol, tentando seguir figuras mal desenhadas em um papel xerox ligeiramente apagado. Por fim, posicionei os espelhos, a escala, nesse rudimentar aparelho, para aferir uma posição, pensando nessas coordenadas horárias, pensando em como entender a declinação da trajetória solar, nessa época do ano, cogitando se isso

interferiria, e se não me vitimaria em erro instrumental, nessa eclíptica e minha total ignorância desse posicionamento solar em relação ao equador celeste. Perdida além mares, estava além hemisférios celestiais, sem poder contar com posicionamento através de estrelas, um desalento me enrugava meio do sobrancenho, vincando minha ruga aparente cicatrizada da triste história do meu coração. Mas meu ser teimoso, fitava, tentando ajustar os parafusos até que a figura do Sol projetada através das lentes protetoras se convergisse em uma figura redonda única e pudesse tomar o grau de latitude na escala. Virei de ponta cabeça, virei de lado, subi, desci, olhei contra linha do horizonte, até que suspeitei ter afinal a medida.

Latitude 52° e alguma coisa de 30' que revirava os olhos para entender o que deveria ser, corri para dentro da cabine, a pegar mapa, mas não era esse primeiro que peguei, dobrei apressada erroneamente, passando o dedo indicador e polegar em um rolo preso a elástico, sentando em chão com ele estirado e virando de posição para buscar as marcações em sua margem que me desse uma linha imaginária, e justamente, estava, bem próxima da ponta, na altura do estreito, só que mar adentro, afastada da costa, se essa olhada estivesse me dando real posição da longitude, mas senti alívio de estar mais para a Cola do Dragão. Posicionei direção e me reergui, mas o vento estava fraco e não dava muitos nós em andança, e continuei com minha sensação, daquela ondulação marolada, não pronunciada, não com amplitude, mas com muitas ocorrências, uma vibração densa, cujo som lambia meu tímpano, rajadas imperceptíveis de vento com garoa que me recordava textura arenítica dos contornos do deserto, era a paisagem da minha vida, e era essa sensação de agora, um momento estabelecido num curto espaço de ângulo em algum ponto do mapa, isento de certeza, com a minha silhueta ensombrando as cores azuis e pintadas do continente, sem dar conta de como era seu relevo, sua fala, sua ira, sua lança, sua face carrancuda a emprestar tez morena às planícies desoladas em um lugar definível como o universo do abandono.

Percebi, apesar de minha fome, manejando a direção e posicionada enviesado para pegar uma corrente de ar, que a cor das águas estava mais anoitecida, havia uma expressão em raros brilhos de alguma palavra que não fora balbuciada por completo, e as criaturas

fantasmagóricas pareciam inertes seres boiando a certa profundidade, em uma sensação de alento de adeus, em um furto das minhas coisas perdidas nas águas de gelo.

Horas navegando, em certa apreensão para esta rota e notando que o barco já não cedia aos meus apelos de andar junto com a vida, em minha feição, sorrisos eram propriedade dos pássaros, mas até este momento, meu estômago sentia haver trechos da abóbada celeste, das promessas de constelações, suas cores ultravioletas, suas cores negras imperceptíveis, suas conversas longas e persuasivas de promessas aos lugares não permitidos, aquelas cores empoeiradas com a vida das pérolas dos meus desejos, assoprados, assoprados, da visão e cegueira dos olhos meus.

Bem verdade, percebi, que não era bem algo físico, mas que os vácuos, as ondas, as correntes elétricas, e outras partículas elas me afetavam, havia um impacto em meu corpo de carne, músculos e ossos, além das condições do clima, além de degeneração da idade, além dos defeitos de nascença; havia metástase em difusão nos meios etéreos em uma espécie de chaga que eu conhecia a dor e a profundeza, que nunca poderia dizer suficientemente sobre isto, com todo e qualquer fato, impressões, acontecimentos e reações que se abarcaram no meu decorrer desta etapa, em um tipo de feno empalidecido e amontoado, em carroça rústica de madeira apodrecida e eixo de rodas que mais se emperrava do que andava, dando gritos de silêncio, dando arrepios nos cangotes das asas de anjos que eram atrofiadas.

Em anoitecer de luzes filtradas do sol aprisionado, um cinza prateado das condescendências, me deprimia, as águas soavam minha complacência desmedida, a violência que me fez sentir por tentar tanto, reconciliações que só minha alma tinha algemado.

Percebi, muito longinquamente, um gêiser de cuspida da baleia, foi um átimo que percebi ao me encostar nessa amurada, me apegando às antigas promessas de não lançar lágrimas mais, não mais por este, por esta, por tudo, por nada.

Passando olhos no céu ultramarino procurava, aproximar de baía a dar outra parada, prosseguir só à luz do dia, guiada por esperanças, nenhuma milha devia pôr a quilha em risco agora, e deixei o barco nesse recanto, para dormir uma noite, um sono que nas velas recolhidas não ventasse forte, apenas eu fitava distraída com olhos desfocados, aquelas figuras tribais, como desenhos em tons de

hena, mas como figuras estranhas de Fênix, pássaros de fogo, passarinhos, formiguinhas, abelhas e escorpião, meus amores iam aparecendo nessas insígnias, dando essa noção da capilaridade do meu coração, o coração mais profundo e invisível, feito de matéria inorgânica, perene, que vinha com uma tez de carapaça tatuada em fumaça.

Por mais que meus olhos se libertassem, por mais que eu quisesse, minha alma era desenhada.

De um súbito recobrar, meu pescoço deu um trejeito repentino e abrupto, sacudindo esses aprisionamentos, se concentrando na fala das ondas, nas estrelas que se apresentavam, nessas constelações que na poeira de luminosidade urbana se faziam ocultas, me faziam saber que as decisões tinham a noite irrevogável, e com essa adaga que sempre estava enfincada eu me fazia da mais realista pessoa nesse fim de mundo.

Por este último jantar, comido à luz de velas, com a mochila preparada, calçado para longa caminhada, ali na espreita, eu deglutindo essa ruminância, de pesar o ter e ser, de pesar agir e esperar, de dizer o sentir e ver tanto refluxo, que uma onda revolta de veneno de escorpião, me trazia aos olhos um dizer, muito expressivo e sofrido: Tenho direito de sentir. Tenho direito de amar. Tenho o direito de dizer e me fazer saber. O saber, aquele mais misterioso ser da vida, saber entender toda a imagem do quebra-cabeças montado, com lacunas, com peças faltantes, sabendo que meu planisfério era esse globo, mas havia tudo mais no hemisfério celeste, uma dimensão que só me fazia esse ser tão frágil e perdido ali, naquele local desolado, e até me perguntava se havia aceitado o banimento afinal.

Houvera decidido caminhar estrada da terra do fogo, a encontrar uma vivalma e me fazer destinar ao *Porvenir*, para conhecer um amigo, e dar um passo equidistante, eu já houvera acalentado esperanças, eu havia gestado um projeto de vida, em meses de sofrimento, mas tinha que circuncidar a agonia, porque ela me matava, e nem disfarçava as vísceras do veneno do escorpião, amor traído, amor pisado, amor assassinado durante as praias de sonhos, as correntezas traiçoeiras, dragões invisíveis que me desterraram.

Portanto, minha acidental *desastrice*, essa repetição inesperada, de movimentos musculares que são tênues e contínuos, leves, que subitamente sofrem um soluço do cérebro e causa coisas assim,

essas coisas confessadas em absurdo, fatos impróprios e azarados, coisa que nunca quis admitir, mas eu tinha esse fenômeno em mim, quanto mais tempo eu represasse meus impulsos descontrolados, mais este relâmpago cairia em ato tosco e bruto. Assim, na minha excentricidade de verificar e verificar o sextante, uma cotovelada no beiral da porta, fez meus tendões afrouxarem os dedos da mão, soltar o objeto, que em gravidade caiu lentamente, enquanto meus pés se punham em sua trajetória, em um ato de reflexo, mas antes, em seu caminho, havia uma corda estirada, à bombordo, que o fez resvalar, girar seu corpo em centrípeta trajetória por um quarto de circunferência, mudar o rumo, esbarrar na amurada, e quebrar sua inércia, projetando para o lado de fora do barco, aonde minhas mãos em certo atraso se projetavam, meus olhos cuspiam desespero de causa, e o sextante mergulhou no mar, enquanto eu finalmente cortava águas do estreito, espatifando em seu negrume, desaparecendo rapidamente, durante o átimo que meu cérebro cogitava mergulhar em sua salva, mas em décimo de segundo, sabia que outra hipotermia seria o fim de tudo, e ele naufragou. Sem mais.

[PAUSA DO CAFÉ 15:32 COM AS BOLACHAS SALGADINHAS SABOR SOVACO DE COBRA]

Eu, possuía um instinto, do tipo de tenacidade, talvez um molejo drible, que quando um desastre se dava eu me punha a enxugar lágrimas me contando um causo esquisito cômico, a me fazer engasgar com comida ruim, desdenhar meus próprios fracassos, e a perceber que restavam essas bolachas insossas, recordei que desde criança, volta e meia aprontava uma trapaça que pegava algum desavisado em armadilha idiota, em minhas idas ao cinema eu comprava, cem balas Chita (tinha sabor artificial de banana e uma cara de chipanzé) comia as cem e fazia balas falsas com os papéis de embrulho e deixava em um saco de papel pardo, 'esquecido', a olhar qual bobo ia cair no engano. Certo dia, para paga de ter alugado um filme e fui tomar banho, meu marido, chegou, olhou relógio, pegou o filme e correu para devolver, e quando saí do banho, cadê? Então, em marota vingança, bebi sua cerveja abrindo com cuidado, enchi de água junto ao restolho, cerrei bem a tampinha, e com cara irônica, em soslaio só fiquei espreitando. Aí, recentemente, abri uma caixa de Polenguinho, comi os queijinhos,

acomodei tabletes de caldo de carne de tempero, eles tinham assim um mesmo jeito, dentro da caixinha parecendo ser os tabletes de queijo, fechei a caixa, com esmero, e deixei na porta da geladeira. Ah quanto que me xingaram e correram atrás de mim, eu me pus a rir e chorar de tanto rir.

Foi bom saber de mim, desse meu jeito desarvorado e das tantas brincadeiras com os filhos, em tantas idades, situações, que essas imagens desfilando iam me deixando esquecer, por um pouco o frio da vida, a friagem dos corações, da minha insensatez.

Foi noite de descanso, recobrar, preparar as coisas importantes de bagagem da vida, minha liberdade, mochila de lona impermeável, frutas secas, água, outro calçado, roupas de pele, apetrechos de resguardo do frio, minha identidade e alma tatuada. No bolso, as novas vontades, a de conhecer em pessoa, a de descobrir um novo mistério aleatório que me acontecesse ao acaso, e levar com cuidado a consciência abrangida do horizonte cativo, do tempo de vidas que apareceram em minha memória, que não dava para ignorar os aspectos, todos eles, os acontecimentos e disso agora, eu transformei em uma essência, como o voo do condor, sua envergadura vigorosa, sua abrangência de céus em uma dimensão alta. Quem sabe vejo pinguins reis, quem sabe essa rota me traz o rumo, quem sabe as intersecções das vidas alheias que irei cruzar... Mas havia, havia uma saudade da mesa de escrever, do cheiro da casa, da textura dos cabelos das meninas, tão ímpar, coisa que sempre meu polegar tinha mania de fazer.

Após as coisas definidas, o caminho difícil e inóspito urge a ser passado, e nos passos que se puseram em marcha, após desembarque na praia do nada, logo na primeira baía, foram horas em monólogo pensamento, com o vento que cortava forte, cortava as vestes, trazia até saudade de burca de sonhos estranhos delirantes, e seguia, o que eu supunha ser alguma ínfima possibilidade diante do que minha vida veio se colocando entrincheirada pela idade, situações, perfil e reputação, e digamos, sorte, que não há determinância se boa ou ruim, fato que me levou a esse desfiladeiro de momento de vida, o da total impossibilidade.

É difícil crer na liberdade nessas condições adversas e manter a fé.

Agora meus passos, em dor da condenação das minhas vértebras, me punha um sentimento de enorme solidão, em tudo que vi, vivi, senti, nesses últimos anos, as poesias escritas para olhos míopes

das almas de purgatório, para as almas flores, as espécies que inventava ter semeado híbrida envolvente e abraçada em meu âmago, as poesias que eu amava, as palavras que eu sentia serem meus doces gnomos, minhas abelhas rainhas independentes e grandes guerreiras dos castelos hexagonais, e o meu livro assim fossilizado em herbário, sem emolduramento que fosse possível, existia apenas como maná para minha alma, que compartilhava em suas tatuagens essas características descritas, cantadas, em riqueza apenas para minha alma, apenas eu realmente lia e relia, vivia essas imagens poéticas como minha mais profunda realidade.

Prestava atenção, se via cormorões, se via lobos marinhos, se via as Maras, mas estava sem sorte, neste plano era apenas uma paisagem de bronze envelhecido, uma escultura derretida em algum momento das eras.

Quando o dia estava se findando, eu cambaleava a andar sem perceber meu mancar, meu ritmo caiu e apesar das paradas, parecia que eu não tinha saído do lugar, ao menos margeando a estrada, era algum senso, e depois do anoitecer, já há horas adiantadas, frio absurdo, vi um farol, uma luz que projetou minha sombra, fiz movimentos esquisitos e sem coordenação, para entender que eu estava debilitada, e então, uma van parou bruscamente, e aquele senhor se pôs a falar rápido seu castelhano sem que eu entendesse patavina. Tentei pedir carona, que obviamente me concedeu, falando alterado, que eu iria morrer ali, e batendo a porta, contornou o carro e se acomodou no volante, engatou e com um ronco velho e engasgado o carro se deu tranco e andou, e me desfaleci, sem pensamento, sem nada, ninguém, apenas um caminho a ir, sem minhas próprias pernas que permitissem, sem companheiros e amigos, uma família grande que se perdeu, e depois de tanta coisa que eu vivi, tudo parecia ser agora um novo nascimento, assim como eu senti lá em Qenqo, história não contada e nem escrita, que neste momento parecia ser um fiapo que eu segurava, entorpecida com as imagens em sombras henas das minhas tatuagens indecifráveis de alma, de elos perdidos, de entes que eu sentia estar com pedaço faltante, ou que mais do que cordão umbilical, havia algo mais misterioso.

Acordei de um tranco em meu ombro, com o olhar de rosto simpático, um sorriso cansado, mas de um lugar habitável, assim

me senti, exausta, mas feliz de ouvir que após um lanche teríamos mais outras horas até Porvenir. Eu me entusiasmei em rosto, pensando em algo quase impossível, uma figura humana e sábia, que me contaria coisas novas, os lugares de cores que eu desconhecia, e uma comida que me surpreendesse.

Nas penumbras e uivos, a noite se fazia meu lar agora, era uma vida à parte, eram monstros que eu cuidava como gatos domésticos, as sombras tinham nuances e eu andava feito andarilha em curvas como montanhas das quais eu era filha, conhecia cada gruta, e como em minha terra natal, a noite, era meu esconderijo e refúgio, em jogava palavras soltas numa caderneta já sem páginas para anotar, e eu aproveitava nichos vazios, em meio aos outros escritos, de amor, eram palavras inesquecíveis, mas o sofrimento eu senti que talvez eu tivesse conseguido despistar, assim como a morte. A noite ainda me punha em fuga, sem medos agora, mas ainda sentia que não havia usado minha íntegra coragem de enfrentar meu problema, e sem saber o que mais pensar, retirei meus sapatos, o que foi um equívoco.

Já corriam horas da manhã, quando ruas eram comidas nos pneus, de um povoado e o carro me entregou à minha própria sorte, com votos quase mágicos de povo nativo, que com fumaças de ervas benzidas pelas penas de aves, me afastava demônios, assim eu quis pensar, e se pelo menos eu conseguir ser cocheiro dos meus pensamentos e levar pela estrada, assim já me aprazia.

Não foi difícil achar esta rua, após perguntar a um ou dois, do nome escrito em esferográfica na última página antes da contracapa do meu caderninho, e sendo assim uma casa bucólica branca com detalhes azul marinho, eu bati palmas, nada se moveu, entrei até a porta e bati com as articulações dos dedos da mão direita, não havia resposta.

Indecisa, me pus a andar e procurar algum estabelecimento próximo a indagar, muitas quadras abaixo, adiante, uma mercearia, meio bar, meio farmácia, meio de tudo um pouco, aproveitei a comer, perguntar, com a voz meio falha, a dar paradeiro, e me falaram, que ele estava em um lugar daquela espécie de comarca, um lugar de serviço de administração pública, e me dirigi até lá.

Enfim, nos demos um olhar manso, um tempo parado, sem palavras equívocas, nos demos um passo adiante, minha mão se estendeu ao mesmo tempo que a dele, este senhor já uns tantos anos

adiante, eu com olhar de imenso respeito e admiração[18], apertei cortesmente a mão, sem gelo, sem fraqueza e nem vigor doloroso, e em sua graça, ele apoiou sua mão em meu cotovelo, me guiando como se estivesse na selva amazônica, incólume dos perigos de cada pedrisco, que nunca mais me pudesse arranhar o disco de vinil de meus ouvidos, e sentamos a conversar por horas, sobre coisas desconhecidas de ambos, a dar um abraço que nem era preciso dar, estava pairando no ar, e me senti, bem, bem vinda, coisa que já esquecera, nesses maus modos do meu país de indignados, com um humor cheirando a bueiro e xixi de rato. E como para mim, essas coisas de sociedade de consumo morreram, foram cremadas, joguei no rio Tietê, que não foi por mim que se tornou fosso.

Pois meu querido amigo, que livro me indica para eu ler? Nossa, eu tenho vontade de tanta coisa, mas tanta coisa que não me podia estar na pele que parecia que eu nem tinha. Meu corpo pareceu estar em um formol e mutilado sem derme, epiderme, tudo parecia uma ferida a verter exsudato em gotas de soro róseas, que se aglutinavam. Eu não quero ficar nesse porão lúgubre de Tolstói, e mesmo as recordações das frases de Rosamund Pilcher, não me são suficientes.

Minha amiga, parece uma filha, mas eu não vou chamá-la assim, em total respeito a você, gosto das cores que você mesma conta, das suas verdades mais profundas que tem coragem de dizer, e fico tão contente em ver alguém novo por estas paragens, que parece um entra e sai de rostos vazios, não sei, mas você conseguiu acomodar suas perdas? Conseguiu aceitar?

Pergunta difícil, nem mesmo eu posso saber, um dia me venço, noutro me esqueço, cometo erro igual em mesmo tom, mesmo tropeço. Eu penso, vejo essa pessoa em amplitude na minha vida, ou sina, mas sempre está em mim, mas lá, do lado dela, ela não me reconhece, não compartilha, não manteve a leal amizade, não responde a nenhuma tentativa de contato.

Sabe a vida, tem vezes que nos ilude, há diversas vezes que é frustrante, achamos ser estrela, mas é um farol de navegação, uma

[18] Refiro-me à personificação de um novo amigo, conhecido apenas virtualmente, Sr. M L. R. Uribe. Pela atenção prestada aos meus textos, que compartilhou e senti a terna amizade, de Punta Arenas, me inspirou esse personagem âncora do 'Porvenir' como um ato de libertação para o futuro.

chama que tem uma vida útil, fogo que vai extinguir, e há uma luz quase inútil, a do fósforo. Ela quase nem chega a manter iluminado, nem permite se ver a três metros de distância, e em segundos se apaga. Vira um passado, sua cabeça de brasa, se desprende e cai por solo. O mesmo ainda pode iniciar um grande incêndio. O fósforo é uma promessa de luz das mais perigosas. Ele promete o que não pode cumprir, e sua luz instantânea, é na maioria das vezes incapaz de chegar a um pavio, é fraca e se dobra à falácia mentirosa do vento. Sucumbe a esse sopro nos ouvidos. – Prosseguiu em tom suave de fala - Não trate como estrela quem não se presta a guiar, nega sua luz, nega sua presença por motivos espúrios. Você é tão linda pessoa, não é possível alguém maltratar tanto assim a sua alma, nem é questão corpórea, nem é questão material. Compreende?

Eu sei, mas não controlo, eu sempre vejo aquele momento que me deu amor e eu senti isso verdadeiramente, eu, apesar de todos os conteúdos espirituais que apareceram, eu senti que existia, e depois o comportamento a levou, se tornou oposto a tudo que ela mesma expressou.

Olha, eu conheço pouco, mas digo, você precisa se abrir a outras novas pessoas, e desse semear maduro, colherá luzes que não vão abandonar você, por motivo torpe.

É uma busca. Uma vontade. Mas consumar o amor é sempre mais forte.

Quanto que a vida nos surpreende, olha, no fundo ela gosta de você, mas parece haver uma polaridade oposta que impede qualquer coisa.

Deixa para lá. Eu queria conhecer museus e história de povos nativos, se puder conhecer e ter impressões humanas deles, eu apreciaria essa experiência.

Ah, eu vou levá-la a um local assim, vai gostar, mas antes, vamos jantar e tomar um vinho da região, vai gostar ainda mais!

> [EM INTERLÚDIO DE UM VIRTUAL ABRAÇO, UMA GARRAFA DE INOX ESCOVADO CONTENDO CHÁ VERDE, UM TEMPO QUE PASSEI REFLETINDO E REPENSANDO O TEOR E AS COLOCAÇÕES QUE PRECISAVA, FOI MAIS DO QUE UM BREVE SUSPIRO, FORAM MOMENTOS LONGOS CUJO PONTEIRO DO RELÓGIO ME ASSUSTA ENQUANTO OS

LIVROS CONTINUAM DEITADOS EM UMA BANQUETA, OS DESENHOS NA SACOLA E EU AINDA INERTE. 21:30.]

Enquanto aguardava meu amigo, ele passava a mão em um casaco grosso dependurado em um cabideiro em canto da sala, demos ares à rua pacata, um ar límpido e cinza havia escurecido, sem que eu pudesse entender, e pedi que queria acesso a um computador para dar notícias aos meus filhos.

E me conte Mara, como foi isso de vir até aqui? Fiquei surpreso e estava duvidando, mas vejo que foi uma jornada, com sacrifícios e martírios, e uma bagagem de algo a mais a cogitar. Como seu esposo aceitou?

Eu nem disse. Não faço ideia. Era tempo de nos darmos distância, era necessário que quebrasse essa armadura de conveniência e acomodação, quando não podia mais fechar os olhos e dormir sem saber como me sentia de verdade, como meus sentimentos podiam ser fiéis cúmplices de nossa união, e escrevendo vida, vivendo escrita, eu me tornei extremamente só, não consegui mais saber o que seria compreensão. Comecei a desfalecer em asfixia.

Eu preciso saber me dizer o que ele é para mim, e o que ela é para mim; neste instante, estou me dizendo coisas e desdizendo, além do que o resto da vida, a única coisa que sobrou, foram dois metros e meio quadrados de um lugarejo para eu me encapsular.

Adentrando pequeno jardim frontal, com grunhido de portão e chave girando fechadura, ele me colocou em frente a um computador, acendeu luz, ligou, e senti-me paralisada.

Escrevi em e-mail para meus três filhos: Cheguei em Porvenir, estou com meu amigo, sem prazo, aviso quando for partir ou retornar. Se quiserem me dar notícias, respondam, ainda terei acesso por um pequeno tempo. Beijos e *uthas*, de mamãe. Clique de enviar. Apareceu, sua mensagem foi enviada. Desconectei.

Deixando mochila em canto da sala, saímos a ir jantar. Era um pequeno restaurante local, não sei descrever o cheiro, parecia peixe frito, mas havia umas pessoas ruidosas, pratos e copos chegando, e em meu olhar perdido, o amigo se pôs em voz muito aveludada para me falar.

Você precisa encontrar meios de se cuidar por si, a vida sempre surpreende, espere para ver e vai me contar grandes alegrias. Como vai o livro?

Olhei para o chão, meu tênis velho, disse: Encerrado. Terminei, faltava o diário de bordo, mas estou relutante.

Você sabe se dizer concretamente o que ela é para você?

Sim, completamente. Literalmente. Literariamente parte da história do meu nascimento como escritora. Pior... não há termos que possam reunir o que percebo, obliterando outra vida, mas as significações. Comecei a temer que não conseguisse escrever mais nada quando superasse o elo. Havia um punhado de escritos medíocres, e eu adernava a quase 45 graus, quando sentia a completa ausência, ou a desesperança de que lesse e achasse que escrevo e que isso me faça à altura de sua amizade. A perda me impôs pensar os caminhos a seguir, que independente de tão contundente afastamento, eu deveria me ver como inteira e para isso tinha que ver a vastidão do mar, que era algo que escrevi palavras que parecem simplórias mas que no fundo, era uma corda desesperada que eu deixara a mim mesma para me salvar, até me dar conta que eu é que sou o naufrágio, então, eu tenho que ser mais que a fossa abissal, amigo, eu tenho que materializar minha ecumênica transformação. Coisas fortes, eu posso até certo ponto libertar pássaros, mas não posso arrancar o meu coração da alma.

Que acha deste vinho? Eu costumo pensar que depois de um vinho vem outro vinho. Mas falar de vinho a você, eu sei, no fundo eu entendo quão forte, tive uma época assim, quando jovem, agora vejo meus filhos de longe, raras vezes e até sou ranzinza. Mas sobre povo nativo, conheço uma senhora, Machi, ela é uma senhora da terra, sabe que o povo Mapuche, tremendamente acossado e desterrado, atualmente se espalham, uma luta vã, mas ela, grande visionária, assim eu me permito afirmar, como sei desse alento que minha amiga precisa, no campo que o racional não consegue responder, acho que pode ser um encontro interessante.

Adorei. Será que conseguimos amanhã?

Por instantes em que me ajeitava virando na cama estranha em casa no tempo Porvenir, eu cobrindo e o aquecedor ligado, minha boca

secava enquanto eu ia me dizendo, o que virá já está em Porvenir, já está sendo.

Dia seguinte, sacudimos em um carro, em paisagem de bronze, até um local que não me podia imaginar, com umas árvores arbustos, com míseras folhas sobreviventes, e uma casa campestre, onde meu amigo, se adiantou a falar antes que eu descesse.

A Machi se aquietou na linha da porta da casa, uma criança estava sentada em chão adiante, o chão batido, uma fumaça exalava odor conhecido, o lugar era obscurecido e a mulher olhou dentro dos meus olhos, com olhar profundo, medindo meus cabelos, medindo meu nariz, medindo minha boca triste, disse algo: *Iney pigeymi*[19]?

Meu amigo se adiantou e disse: Ela se chama Mara.

Mah-ra. Vejo uma mancha em seu olho. Vejo figuras também. Por que veio aqui?

Tenho essa mancha de nascença ou catapora, nunca soube. Eu tive uma amizade, que acabou, mas essa pessoa me causa tristeza profunda, eu não entendo todo esse elo. Fico tentando resolver, ter a amizade de volta, sentindo como se fosse mãe, mas ao mesmo tempo, sentindo um amor que não passa. Eu sofro. Não suporto mais.

Fez um sinal para eu entrar, pegou um punhado de folhas, rasgou com a mão enrugada, esfarelou, em uma cuia colocou, e enfiou lentamente em um recipiente no chão, contendo água.

Ficou infuso, enquanto ela disse. Mah ra – essa mancha é antiguidade, você está presa nesse espírito, está presa desde o outro plano. Mas você é uma onda rápida, agitada. Ela tem onda demorada. Tempo que não encaixa. Parece um espiral, onde seus caminhos transpassaram, depois os caminhos se afastaram. Sua vibração sacode esse caminho, as ondas não se encontram. Sabe como vocês chamam a estrutura genética?

DNA?

Isso, não pense que não fui à escola só porque sou Machi, essa estrutura dos caminhos, com vibração diferente, ela é lenta, você rápida e tenta com essa força compensar, mas não muda a estrutura de cruzamento. Você, não é mulher da água. Você é mais do que da terra, é da montanha. Não se force na água, em grandes mares.

[19] Quer dizer 'como se chama', relativo à pesquisa Mapuche.

Tira sua força e você pensa que está indo certo, mas está perdida. Ela é das águas. Vocês têm elementos diferentes, mas ligação dá para sentir em você. Ela está com algo seu. Ela guardou pedaço de quando você era pequena. Algo que você ficou sem. Ela tem pedaço de você e você tem pedaço dela. O que tem feito a respeito?

Eu escrevo. Tento oferecer oportunidade de amizade e dizer o que sinto de amor, como um todo e com verdade.

A senhora pensou calada longamente de olho fechado.

Ela reconheceu você, só que não entende em si mesma, ela tem medo. Tem medo do coração. Ela precisa viver bem dentro da família e das pessoas, isso resgata passado, e você, ela sente mas não consegue. Ela não consegue.

Eu sei.

Acalme seu tempo e suas ações. As ondas precisam de ir e voltar. Entende?

Eu ia indo embora, meu amigo olhava lá de fora, e ao sair, a Machi me disse: Mahra – ela disse algo para você que pareceu constrangedor naquele tempo? Algo que não esperava e que depois foi negado?

Virei-me, para meu susto, rosto lívido, para meu desgosto, para pensar naquela sensação novamente, a de ter ouvido em falta de sincronia de tempo o que precisava, mas que não se consumou, que enterrado foi. E disse, teve algumas coisas, que disse e depois desvalorizou, como banalidades.

O que está dito, está dito e testemunhado pela terra e mar. E no ar que sai da boca, vem parte do que se tem de verdade.

Com meus olhos ardendo, cabeça latejando, voltei a apertar a mão da senhora, com gesto que ela não sabe, mas com um agradecimento, e fui.

Meu amigo, me amparou braço para entrar no carro, perguntando, melhorou das dores nas costas?

Olha querido, não sei o que pensar.

Quando você veio para cá, o que pensava de Porvenir? Veio de corpo e alma ou deixou algo para voltar?

Vim de alma, voltarei de alma, mas não para viver um caminho junto, que não contenha toda verdade. Tenho carinho por meu esposo, mas não basta. Amo quem eu não posso explicar e nada mais posso

fazer. Eu continuo devastada pela falta de tudo. E no final, nossos pensamentos e sentimentos se recordarão tristemente, e isso é o que será o 'sempre'.

Mas, amiga, essas formas de intersecção da vida, são misteriosas, difícil saber quando vamos nos deparar de novo com alguém desenhado na alma.

Ah, esqueci de perguntar das figuras.

Voltei passos e ela de costas disse: Cavalo, Condor, Pedra da montanha, Casa com árvore, e o homem certo é o que une vocês. Não vejo essa figura tatuada. Ela está borrada. Se foi.

Voltei, o corpo andava lépido com suas dores na região que houve o trauma do tombo, e a alma andava lenta, devagar, sem devaneio, sabia, sabia no fundo o que ela tinha querido que eu entendesse. Será? O que está por vir, onde estará?

VII - Diário de Navegação - Até Machaq Mara

Dia 23 de Abril 2018, 14:26.

Nesse momento, um ar preenchido de cores transpassou meus cabelos, havia muito que não sentia aquela velha sensação de implosão, em momento aquiescido, nosso veículo ia sacolejando por estradas que me davam a sensação cerâmica, a de estar sendo moldada à minha revelia, e um choro parasitário se derramava por dentro, apenas uma evaporação eu sentia em meus olhos fitos no horizonte, uma febre que o fazia emitir irradiações e tremular as imagens, só eu percebia. A um pouco, estacou o carro e meu amigo se virou a minha face, sabendo quão profundo era isso, silente, passou a mão em meu rosto, com um sorriso tímido, e murmurou:

_ Mara, a jornada não acabou, você a certo tempo, cogitou que essa história de outra vida seria finalmente colocada ao vento em cinzas volantes, não é? Agora soma mais do que tinha visto, posso imaginar que o mar parece morto sem lhe dar mais caminho, mas não, vou colocar você no rumo, você vai gostar de conhecer um lugar, vai precisar cruzar o estreito em balsa, e viajar, e lá é um lugar sereno, onde já me reencontrei comigo mesmo, por isso te envio, sabendo quanto significado há para você, vermelho e verde (Lembra?), forças naturais, aliás, através do seu poema é que a conheci, tinha uma descrição tão bonita que as cores me davam outra profundidade.

Olhei, meus olhos se curvaram seu contorno externo para baixo, em uma expressão de um enorme carinho de gratidão, que beijei a ponta dos meus dedos e colei em sua testa, de forma a sorrir tristemente.

Sabe, sempre que tento me desligar do fato do cunho da responsabilidade deste elo, acontece uma coisa, um pensamento, alguma fala, alguma experiência que me mostra, e vem a reforçar uma amarra que vim desde o Brasil fazendo bolhas em meus dedos a tentar desatar.

As lágrimas vertiam miúdas, em um correr de rio, desaparecendo sem pingos, e o peito arfava sem ar, com uma sensação antiga, que conheço muito bem, e no restante da viagem, falamos, falamos das novas coisas e oportunidades para as quais eu ia abrir braços, fosse

uma situação feliz, triste, trabalhosa, espiritual, um afazer, uma conversa em casa, uma comida especial para os filhos, um desenho – e que esse fosse além dos mares. A abertura da janela celestial, era disso que falávamos, de uma libertação consciente, que nunca perdesse o valor do clã espiritual, mas que seguisse no caminho sem apatia e fechando-se.

Mara, você precisa ir ver a festividade, o ano novo Aymara, é ritual ancestral perdido no tempo, tente conhecer. Mara, diga-me uma coisa... Você conseguiu dizer o que sente por sua amiga a ela, em profundidade, ela recebeu isso de você (seu carinho, sua amizade, amor, seja lá o que seja)?

Olhei-o nos olhos, um tanto aturdida, mas calmamente disse com voz suave – Eu escrevi diversas vezes, centenas de vezes, desenhei, por meio dos desenhos eu acredito que evidenciou, mas excetuando, a flor branca, todo o resto, eu de verdade nunca soube, apenas meu livro brochura, entretanto, após longos anos, o que tem a ver com outra vida, não creio que ela saiba, talvez parte do conteúdo, e todo o sentimento vermelho, acho que apenas 'A adega dos vinhos', já bastou para afugentá-la. Mas, eu creio que essas partículas chegam de alguma maneira, imaterial e inexplicável. É possível que ela conheça algum poema, talvez suspeite que seja para si, mas concretamente não consigo saber o que pensa e sente. Só tenho pequenas irradiações que intuo, como uma voz diluída na imensidão.

Olhei perdida entre meu sentimento atual de paixão, confrontando as sombras de um colo materno, tentando espanar esses pensamentos a tentar recordar a voz de minha mãe, percebi quão impossível era, depois de dezoito anos, e não havia quase nada do fiapo de sua corda vocal, seu timbre lindo e sua maneira de me chamar pausadamente Ma-ra. O céu era a maravilha dessa hora, suas promessas dos novos tempos, recostei e adormeci.

Acordei ao perceber o carro estacionar, cheiros do mar, ar frígido, barulhos secos metálicos, de ferro contra ferro, uma música em marimba na lida das embarcações na proximidade que não podia ver, apenas sabia.

Anoitecia.

Demos um longo abraço, e meu amigo me deu um beijo de lábio cerrado, delicado em minha boca, e me disse: Assim leva um segredo meu. Sorriu e me entregou minha bagagem, colocou mão

em meu ombro, fazendo um movimento de subir duas polegadas meu ombro, e recuar, desejando boa viagem.

Apertei meus lábios, uma espécie de lamento pelo adeus, sorri em seguida, e disse – Mara é mais do que a história bíblica. Joguei beijo e embarquei na balsa, com vento frio que começava a se agitar a me empurrar de novo contra o destino.

Havia em mim, páginas de caderno de bolso, uma espécie de prece, mas que não me adivinhavam as circunstâncias totais da vida, as águas provocadas em um v de espuma no cortar do canal, me recordavam o pensamento inicial de liberdade, e nesse ínterim, eu me perguntava, o que definiria a liberdade, em profundidade, já que eu estive aqui e ali, sendo ajudada de alguma maneira, até imperceptivelmente, para que atravessasse, por um segundo pensei se alguém fazia orações, torcia para que as coisas no decorrer chegassem no ponto de transformação que eu queria e se eu, conseguiria reunir todas as condições para enfim viver o bem viver.

Eu recordava sorrisos marotos e minha sensação ao nascimento dos filhos, recordações de problemas e alegrias, cheiros, cores, roupas infantis, brinquedos, passeios, subitamente eu fui penetrada pelo choro abafado, e apesar do ruído da embarcação, meus olhos se puseram em verificação, quando no outro canto da proa, distante o tamanho do corredor lateral, estava uma criança pequena, vestida em roupas simples de povo local, eu via de longe com uma atenção a checar o que acontecia lá, ela passava as costas de sua mão pelos olhos e nariz, esfregando pela cara toda, enrijecida de medo, tinha cabelo preto, liso e grosso, um rosto redondo notável de certa distância.

Eu me dirigi a ela, vendo a aflição, sem ninguém perto.

Ao estar a metro e meio da menina, que devia ter seis anos, seu desespero era injetado em minha veia, sem cuidado, como uma injeção dolorosa, de algo bem conhecido, a consternação de estar perdida da mãe ou abandonada.

Comecei a questionar onde estava sua mãe, e me afligindo a cada minuto, pois ela apenas chorava recolhida em sua timidez, seu rosto estava sujo por uma lama e secreção, os olhos dela, negros estavam ofuscados e eu me agachei e molhei minha própria camiseta e passei a limpar o rosto moreno e angustiado. Segurei a menina em

colo, que ela agarrou fortemente meu pescoço chorando com força, pondo uma única alça de mochila dependurada no outro braço, fui procurar um fiscal, o qual olhava cinza, com geleiras despencando de sua face, sem a menor sensibilidade ou atitude de tomar alguma providência. Fez com que eu me exaltasse, e ainda assim, tal homem não deu um único passo para sequer olhar no convés se alguém procurava, ou que me desse alguma instrução do que fazer.

Eu comecei a me desesperar, me subiu um sangue, esse que me sobe às vezes, me pondo a abrir os caminhos, dando talhadas com meu antebraço para fazer algo, e esse impulso de força, me faz ter força sobrenatural, e brava, cheguei próxima a cabine, com um tranco no imediato que estava me impedindo falar com alguém que resolvesse. Pois me fiz passar e então, notei a gama de dificuldades, má vontade ou olhos desconfiados sobre minha intenção. Enfim, eu saí a procurar a mãe dessa menina, sem sucesso.

Passou quase hora, que eu nem notara, e tentando acalmar a garota que não me entendia, dei-lhe água, um lanche que eu trouxera embrulhado em papel, lá de Porvenir, e a menina comeu, e vendo aquele sentimento de vulnerabilidade, de terror, de completa escuridão dos próximos passos e sua inábil capacidade de poder tomar qualquer atitude em prol de si mesma, essa menina, desprovida, me regelava a alma, de dores que eu inexplicavelmente conhecia, de terror que me assolara as noites, de tristeza que impulsionava minha depressão, fosse por memórias em preto e branco feito retrato antigo, ou memórias tristes desfiguradas de atitude que sofri sem merecer, mas foi, portanto, eu bem sabia o tipo de desalento, que somente alguma providência junto às autoridades iria guarnecer a garota de ao menos condições de acolhimento básico em teto e alguma comida quente. Tive que retomar a conversa nervosa com o capitão, que dessa vez estava mais acessível, houvera refletido, após algumas milhas de meu desespero e a menina continuava agarrada em meu pescoço, meus braços doíam e a bolsa ficava caindo em desajeito. Enfim, na outra margem, seguiram-se horas junto com policiais, a falar a mesma história, vendo quão desolador se tornava para a criança, que fora abandonada no barco à própria sorte, onde tudo que cerca uma situação dessas, é a cegueira, a falta total de atitude prática, a ignorância. Mas, depois de olharem meus documentos, meu trajeto, após depoimento do marujo imediato, fui liberada, para desilusão

da menina, que foi deixada na truculência dos braços da vida, com os braços esticados em súplica.

Novamente me pus ao passo de meu caminho, sabendo que nada poderia, com nó de garganta, refletindo meus velhos anseios, refletindo sobre equilíbrio dessa nódoa e ver o que se sente, em expressões concretas, ruídos sonoros, em desfaçatez de gente que consegue fazer algo assim a uma criança, deixar logo após nascer, ou em época que requeira cuidado. Eu não sei expressar o que senti.

Olhei para trás e deixei meu eu menina, aquele eu esquisito ser abandonado, com essa sensação órfã e a imagem se diluiu em névoas da noite, estava resolvido, mas a cicatriz doeu de novo, como se ainda fosse ferimento, e tive que andar, seguir com minha vida, que era o propósito, desse meu pensar.

Naquela hora, noturna, sozinha, em um veículo coletivo, cheio de ruídos, vozes, os solavancos me diziam, sua depressão foi e voltou, veio e foi, retornou e esvaiu, caiu por aí, veio novamente, e o que era melancolia na infância, vazio de espera, receio e medo, na vida madura veio como a mãe das tormentas, em meio às marolas de sua apatia, foram três grandes tormentas, em anos esparsos, mas eu me debati, lutei anos, esperneei, supus vitória, recebi a penhora, mas segui lutando e essa coisa, era algo que vim para purgar, quis liberar e poder olhar de outra forma para o que eu sentia, com clareza, com beleza cristalina da vida, aceitar em tranquilidade. Um pouco o oceano me acalmou, depois eu percebi, a imensidão e adjacência dos outros oceanos, o que me fez sentir ínfima em minha capacidade de esquecer esses mares e essas impregnações que vinham alimentando tristezas.

[21:54 CADERNO DE ANOTAÇÕES COM FOLHAS ABERTAS, SENTIMENTOS E PRESSENTIMENTOS QUE NÃO CONSIGO]

LATITUDE 53°

Uma viagem longa que demandaria dois dias para o destino em reencontro com verde, eu iniciava com primeiros bocejos e repentinamente se pôs sentada em meu banco ao lado uma mulher com olhar alegre e falante, eu me contrariei em meu momento de introjeção, e comecei a ouvir suas falas, até que mansas e de voz

macia e relaxante. Era bom ouvir uma voz feminina, que reparou de imediato o frio que eu sentia.

Você vai até que local? – Ela me perguntou, mas antes que eu respondesse ela continuou falando – Normalmente as pessoas vêm ver as geleiras e esquiar, mas não parece ser sua viagem, eu, se estivesse em sua vida (nesse momento minhas sobrancelhas se ergueram) contaria histórias, faria disso o principal, e no mais deixaria um pouco de lado o que as pessoas acham, ou não, porque sempre tem alguém que precisa das histórias, e isso é bem verdade que a Sherazade inventou mil histórias para continuar vivendo, porque foi isso que ela fez.

Nossa! Era uma sensação de bússola. Foi um estranhamento.

Eu estou voltando para lugar que trabalho, meu lugar x, eu costumo classificar como os piratas que guardam no x seu tesouro pilhado, na verdade para mim relíquias, de coisas que para os outros não valem nada, mas são recordações de pessoas de valor. Sabe isso? Se tem alguém de valor, e preste atenção, porque não pode deixar ofuscar de ver todas as pessoas de valor, no decorrer da vida, mas se eu tivesse que lutar por uma pessoa dessas, lutaria, porque senão o arrependimento somaria à uma dor grande de perda, o que seria o limite inaceitável. Então, a vida precisa dessas conquistas, não só as pessoas de valor, mas os propósitos de valor, que eles são valores preciosos invisíveis que concedem o equilíbrio e a redenção. Não é ficar se punindo, bebendo de amarguras ou comendo conservas avinagradas demais. Esses propósitos, você já encontrou?

Suspirando, murmurei sem querer dizer - em parte, há uma que trilhei como caminho, escrever, mas não foi nada além das letras que grafei, não foram grafadas, e não tocou de verdade os corações, e fez meu coração ficar mais sensível. A segunda, era me libertar, de coisas invisíveis que me impedem seguir um bem viver. Estou viajando e colocando cada uma das coisas para trás, mas há algumas dessas que estão profundas na alma.

Olha só, eu falei por acaso das fábulas, e você escreve... mas não tente se automutilar cortando na carne, que não vai apagar tatuagens, faça movimentos calmos e viva propósitos que sejam oposto do que doeu em você, com pessoas não relacionadas, com outras pessoas, e isso gera uma energia fluindo em outra direção, que vai mover sua vida diferente. Pensa como um clã, as pessoas todas, que teve na sua vida e as que ainda estão, cuidar das

gerações futuras, cuidar dos idosos, plantar árvores que vão frutificar depois, semear os ciclos, livros... você deve entender assim, esquecer o orgulho pessoal e pensar na mensagem da garrafa.

Mensagem da garrafa? olhei atônita. Era tempo de parada, de tempo de comer e higiene, e a mulher se levantou com sua bolsa de pano, e se despediu dizendo, fica tranquila, vai resolver.

> [PAUSA – DESCANSO E OS ARES DA MANHÃ FRESCA, NA MARGEM DE LAGO, DESENHANDO ESBOÇO EM GIZ, VIVENDO ATMOSFERA DAS ESMERALDAS LÍQUIDAS EM OUTONO DA MINHA TERRA, COM LUZES ESPECIAIS DE AMOR QUE VINHAM ENRUBESCER MEU ROSTO.]
>
> DIA 24 DE ABRIL DE 2018. 13:37.

Foi uma viagem longa, realmente cansada adormeci entrecortada das horas, de despertares sonolentos na curiosidade de um caminho com plumas de nuvens com luz líquida lunar derramada em si, dando singeleza de voz cantada que eu mesma me dizia e me prometia me fazer possibilidades, em pequenos carinhos que eu fizesse a cuidar de mim mesma. Sorri timidamente.

Dia que vinha despontando, após dois dias com essa travessia verdejante e gelada. Esse momento, eu tinha uma ampla visão da paisagem, e de mim mesma, segura, mais firme do que em muito tempo eu até esquecera, certamente estou bem próxima, do lugar das novas cores, do lugar que vou poder selar a carta a meus filhos e batizar essa nova tonalidade.

Amanhecer se faria especial, especial que eu relembraria, um grande renascer. Assim, amplamente eu sentia um sorriso que revigorava as células da pele, o brilho dos olhos, o calor que vinha de minha boca, seu vapor emanando uma sensação quase tão linda como aquele amanhecer rosa, e com meus braços entrelaçados em si, a esfregar a friagem do ombro, tomada de outra ânsia, a de viver o hoje com essa cor nova, e o dia era reluzente, tanto quanto aquele momento de consciência houvera tido enorme importância, este em essência diferente, até mereceria uma fragrância específica, que eu sabia, e compraria quando um dia pudesse vender volumes de meus livros, e esse entusiasmo ansiando ver seus novos mistérios, me

aprazia num manso morno, como água termal de um beijo tênue e sem tempo, com amor, que declamasse todo aquele carinho guardado, nos guardados da caixa do lugar x.

Desci os degraus fincando pé em Lago Verde, em plena puericultura da manhã, andarilhando sozinha, saltitante, ao som imaginado da música do beijo, eu ia me esgueirando com o olhar se estendendo, com a missão de saber o Machaq desta nova cor, em aventuras simples que me fariam vento na cara, a me sacudir as areias do cabelo, desprender, desprender os corais partidos do mar, as imagens naufragadas do horizonte passado, e novas espumas seriam do vento cortado, cortando caminhos, subindo lugares, num ar que me dava reminiscências da minha juventude em minha terra. Por aqui deve ter mesma altitude, este dia está com menos de dez graus, mas como se eu nem sentisse. Assim, cheguei frente a *Hospedaje*, um lugar que eu imaginava pardo, era bem azul claro, duas casas contíguas, em madeira pintada dispostas horizontalmente, circundada a alguns metros por uma cerquinha baixa, apenas enfeitando um pequeno jardim de gramínea rasteira, com alguns pés de rosas, mas quanta surpresa se deu em mim, que aquelas flores coloridas refletiam suas cores em minha maçã do rosto. Eu parei a olhá-las atentamente, cada um dos frondosos e altivos pés de rosas, com incríveis enxertias que concedia florada de cores diferentes em cores femininamente combinadas. A brisa calma das quase nove horas, tinha como *d'habitude* a magia divina, elas pendiam dança na música que se punha em meus ouvidos, se intrometendo no meu profundo sentir, mas um sentir despido, com roupas leves e sapatos macios, pisando tapetes que não soavam ruídos, e por este tempo, os passarinhos pousaram no beiral do telhado, aquiescidos olhando-me, dando sacudidelas em suas asas, como se quisessem banhar-se em águas contidas em minhas mãos. Eu sorri emocionada. Um silêncio que comovia o movimento de nuvens longe-longe, encapuzando o monte, virei e adiante estava o lago, enfim, majestoso, como um espelho adormecido, de brilho que estava despertando de uma noite de amor, piscando lento, com um sorriso específico nas pequenas ruguinhas do canto do olhar. Era linda a cor. Não era jade. Era esmeralda. Líquida. Tive certeza, que se bebesse dali eu viveria eternamente em esperança. Se eu sublimasse sua cor, teria o pigmento para as aquarelas das preciosidades que eu queria dar em amor, ali elas se sedimentavam. Era um momento, um movimento que me fez caminhar sem escutar

meu coração, como eu pudesse ter atravessado tudo e ter me tornado a menina completamente pura que nascera.

Mareados os olhos adentraram e uma senhora mulher, me segurou as coisas aliviando todos os pesos, que ainda tensionavam os braços, e logo eu pedi um copo de água, sentei, olhando através da vidraça, que envidraçava uma pintura, eu olhava alternado, para a senhora e o lugar, enquanto trocávamos informações e após um instante, eu perguntei se haveria café, que ela disse ter, e enquanto preparava, me cerquei dela a conversar perguntando sobre tradições Aymaras e coisas da terra, dos povos ancestrais. Ela servindo o café, me disse, está curiosa por causa do seu nome?

Também.

Os povos andinos, são diversos, mas há algumas particularidades em suas crenças, a cosmovisão andina, eles salientavam tanto em rituais, em seus adornos há a presença das estrelas da Via Láctea, eles costumam celebrar o sol como grande Tata Inti para fertilizar a Pachamama.

Eu olhava ternamente, sorvendo de cada coisa que ela ia desfilando em sua fala, embalada por voz sábia, ah, eu sempre adoro os timbres de voz, tenho sempre essa apreciação, enquanto falam há vozes que me encantam tanto que eu fico arrepiada.

Mara, o Machaq Mara é o ano novo, que se dá no equinócio do hemisfério sul, são feitos rituais de oferendas ao sol, para que seja fertilizada a terra. Essas oferendas são queimas de *paja* brava, guano, *matorrales* e os restos dos cultivos anteriores. A queima é além de oferenda, pode saber, um desapego do que foi, se imaginar algo para si.

Se eu tivesse vindo mais para o inverno daria para ver, disse reticente, com pena de não ver, mas pensando profundamente em meu momento de limiar de liberdade, se conseguira purgar mesmo as coisas que devia para entrar novo ciclo...

Mara, esses rituais, ficaram há muito esquecidos, eles também atendem um preceito da cosmovisão andina, que espiritualmente é feito equilíbrio quando se reforça a reciprocidade mútua.

Olha que interessante. A queima como pode fazer isso?

Porque se devolve à terra, aquilo que ela generosamente nos dá. É a minha forma de entender. Seja o que for na vida, a reciprocidade

precisa ser algo sempre levado em conta, é muito pluvial e fértil, quando isso traz frutificar.

Meu olho nem piscava, estava impressionada, enquanto nossa conversa ia, o café resfriava, tomei os restos, olhando o fundo da xícara na velha mania de ler futuro na borra. Perspicaz essa senhora me disse, temos cavalo para passeio, não tão longe, e uma caminhada que vai longe, dura vários dias, ou uma curta, você cavalga um trecho, caminha outro em um dia. Cansativo, mas o lugar que temos lá é muito acolhedor. O que gostaria?

Cavalgada e caminhada de um dia. Pretendo escrever no outro dia, para poder regressar. Diga-me, o quer dizer Machaq Mara?

Novo ciclo. Machaq é novo, Mara é ciclo.

Rindo na fala, disse: Primeira vez que ouço um significado ao meu nome, um significado de essência boa, esperança. Meu nome significa amargura, estive em um lugar que é salina, acumula sal em tons diferentes de cor, mas ainda assim é sal, nada brota nele. Há um povoado minúsculo em um lugar com este nome, longe, sem nada especial, que não me seja a coincidência com meu nome, e agora, me sinto flutuar esse lago, que coisa instigante, que o que me restar de mágoas, farei as queimas, o que me restar de uso inapropriado das eras passadas transformarei em palavras, e o que se iniciará, espero ser algo novo.

A senhora sorriu, passei um tempo me arrumando e me alimentando, separei algumas coisas para levar no passeio. Minha caderneta de anotações cerrada com elástico laranja com uma caneta de três funções envaretada em um anel elástico em sua lateral.

[Mais um café, porque eu preciso.]

Antes da cavalgada se iniciar, fiquei à espera da égua, contemplando o lago verde, tinha descido em deslizante pensamento, fiquei observando seu humor agora mais atentamente, eu sentia sua voz, sentia aquela profunda cor nova em mim, eu tive um instante que olhando aquela extensa água me concedia uma certeza, era uma certeza feito animal indomável que se acercava de mim por vezes na vida, mas fugidia, arisca, uma penumbra a fazia sair em disparada. Agora, era como uma égua domada, e eu também estava com ampla esperança de finalmente fazer a cavalgada em meu reencontro com cavalo, era reviver uma das coisas da vida passada,

que eu queria disparar e falar e esbravejar o que me aparecesse na mente.

Ouvi os passos misturados aos cascos do cavalo, o homem trouxe um cavalo escuro, brilhante, imponente.

Olha, eu disse, sem querer ser chata, seria possível uma égua clara, pelagem que ficasse entre o tom de mel e palha? É importante elemento em minha espiritualidade, é um detalhe importante.

O homem me olhou surpreso. Sim, temos, venha aqui no estábulo, veja você mesma, escolha, mas ela não é tão dócil como este.

Não tem problema. Uma escada foi capaz de me deixar de cama quatro meses e meses mais para minha recuperação, a que devo exaltar pois corri risco de ficar paralítica, pois bati as últimas vértebras. Não vai ser isso que vai me sucumbir, pelo contrário, é uma reparação antiga que sempre sonho e ainda não tive.

Ao montar a égua, fiquei acariciando seu pescoço, por um tempo, enquanto ele dizia ter outra pessoa a ir, que conhecia caminho, assim não precisávamos guia. A égua dava passos elegantes subindo suas patas dianteiras, ia pouco a frente e recuava, como impaciente, mas sob meu controle, eu tinha dessa vez plena certeza, que era um momento, como se as dunas viessem à oásis, então, com vigor nos coloquei em marcha assim que surgia o cavalo negro, trotando desde lá, em figura pequena saltitante em meus olhos, que vinha crescendo e fui deixando tudo para trás, com meus pensamentos de três letras de meditação, para abertura dos novos milagres, onde eu desejava novas coisas, novos desejos, de simples a amplexo.

Fui indo, a *hospedaje* ficou para trás, havia uma área grande de floresta de carvalhos, o cavalo adicional me seguia até emparelhar comigo, e iniciar uma conversa, que a priori eu relutava em dar continuidade, mas que certo passo do trote equiparado, achei por bem deixar o pensamento ser preenchido de novas palavras por esta pessoa.

Que linda sua égua, olha que não me deixaram montá-la não. O que está achando desse ar?

Olha é muito majestoso aqui, eu me ressinto um pouco do frio, sou sensível a, e minha terra tem ar muito puro, eu costumo gostar demasiado, sinto saudade das cores e da montanha, geralmente a paisagem se divide em um equilíbrio de cores com sua singularidade. A cor do lago, esta sim me fez algo inexplicável, mas

sei que tem a ver com meu momento. Findar algo que não pode transcorrer mais da forma que era, e virar um tempo que me traga retribuição de todo amor que eu dava em oferenda aos céus, sem que chuvas viessem a me percorrer e frutificar minhas árvores, compreende? Olhei de lado, com meu olho esquerdo semicerrado em malícia de assunto não superficial.

Eu, vim mais a passeio, pensar em coisas que me ocorreram, coisas que me caíram a ficha, se me entende, não vim pescar com mosquito, nem escorregar neves, era um tempo para falar e me calar também. Fazer uma introspecção de mim, sem minhas definições. Veio um tempo que estas me pareceram livros antigos.

Sei como é. Eu fiz algo tipo desconstruir... e não é algo rápido, nem fácil. Quero em mim, significados novos, figuras que não me intimidem.

Como você se define, o que faz da vida?

Sou em uma frase, mulher, mãe, obsoleta analista de sistemas, copo descartável, peso morto, puro sentimento que se desenha em pássaros, pobre escritora poetisa.

Bom eu, aposentadoria que me sustenta, morada fixa longe, adoro filmes e leitura, um descendente, jardinagem, acostumei me achar um eterno estudante.

Vamos dar uma corrida, enquanto correr, cantarole uma música, a que lembrar, trecho, vamos, vamos; já pondo passos largos com a crina esvoaçando em contraste com a cor de mel flutuando deixando rastro de poeira em terra de cor palha atapetada de verde espelhado esmeralda que dava acordes sinfônicos na cavalgada em momento que permitia esquecer e não sentir a ausência nem dores expiradas.

A certa parte do caminho, uma parada, descidos dos cavalos andamos quietos, murmurando os restos da cantiga, um som gralhado dava conta do sobrevoo de rapinas, segurando a rédea e cabresto, sem que som nenhum perturbasse o piscar de olhos, com as cores esmeralda que poderia me sentir na capela Buda Esmeralda em Banguecoque.

Enquanto parávamos, um vento passava, costas das mãos se tocaram, sem se negar, sem prosseguir, assim espontaneamente ficamos, até pousar o braço sobre meu ombro, e andamos vagarosamente nesse verde, como se sobre o lago fosse, e os

cavalos mansos esbarravam ancas por vezes. Aconchegou ombro e demos um abraço demorado, sentia apenas os meus cabelos flutuando ventanias e o respirar novo ao meu lado. Um respirar novo, um perfume indefinível, um calor adormecido em um sol poente.

Chegando na parada, durante o almoço, nem percebi a comida, rindo das coisas contadas, fatos estranhamente engraçados de nossas vidas sinuosas. Dois copos de vinho iam me fazer andar lento, mas me senti segura de ir, e não esperamos por café.

Adiante, me questiona: Por que me pôs a serviço de cantarolar?

Porque é bom cantar a espantar os pensamentos escravos que vêm nos limitar. Além do que era só ensaio, agora vai ter que cantar para a gente sair dançando nessa descida, só estamos nós, e dançar espanta qualquer demônio. Exalta a criação com alegria. Cada um imagina a sua.

A cena estranha se dava cada um dançando em si seus movimentos reprimidos, seus movimentos esquisitos e retorcidos, seus movimentos engasgados, seus movimentos calados, seus movimentos que desviciassem dos trejeitos habituais decorados e recitados, pelos seus gestos sem significado.

Após um tempo, rindo e nossa risada efervesceu em gargalhada, demos mãos e dançamos nossas esquisitices sem a menor reverência, e entrecortávamos com passos de tango sem o menor talento, e valsamos nossas esperanças girando fazendo com que o cabelo se estirasse fugindo ao centro. E caímos em desequilíbrio programado, para girar em solo, girar até que desse-nos vontade de exorcizar nossas vidas que não puderam ser.

Preenchida de gravetos, pedrinhas encravadas na pele, folhas quebradas em minhas vestes e cabelos, paramos e por tempo sem fim, ficamos retirando essas intromissões um do outro, delicadamente, para nos darmos um beijo afetuoso, no dedo do ouvido. Com som que ensurdecesse, que ecoasse em grande vibração, que um tremor de terra se fizesse, que pedras escorregassem de seu sono, que terras soltassem seu bafo em rachaduras, que as águas borbulhassem de novas rupturas.

Prossegui, sem meus pés, sem os ruídos, sem os vapores das narinas, sem os pesos mortos de chumbo, e em pé, adiante andamos por entre florestas esmeraldas, quando eu já olhava

acenando para trás vendo a queima dos fenos, palhas, cascas, frutos apodrecidos da colheita passada. Eu sabia, que ao chegar a chama do equinócio, as cinzas que eu oferecia, teriam sumido no tempo passado.

O que guardei, sim, guardei em imagens enfumaçadas, em movimentos que dançam, em sons que se propagam, em gestos que se fazem, em amores emanados.

Coração pulsa, alma viva, sempre as cores me percorrem, em verde em vermelho em castanho, em eternidade.

Em final de dia, as luzes da *hospedaje* e seus vapores de carne cozida, o frio azul escuro gemia janelas, nos aconchegamos, em conversa mansa sem rumo, sem perguntas, sem passado, apenas conversa, e por um tempo foi muda, de mãos, de bocas, de luzes e sombras projetadas.

Havia muito o que se conhecer, nesse momento que não tínhamos vínculo, não pretendíamos nada, não pensávamos com mesmo raciocínio, não cobramo-nos nada. Apenas nossas cantigas, nossas pequenas danças serenadas, eram muito-muito unidas, sem que fossem banais, vulgares ou estanques. Sem que fosse algo invasivo, algo truculento, algo atabalhoado, ou descuidado.

E no meu momento, pudemos nos ver em olhos semicerrados, olhos semivestidos, entrelaçar de corpos cansados, mas que poderiam viver ali mais do que uma invernada, mais do que um minuto de aventura, mais do que um encontro secreto. Era uma realização. Algo que esteve na vida toda se afastando sempre cavalgando a nossa frente, um encalço impossível extenuante, agora encontrado, em magnífica união ainda que corpórea, era uma união de alma.

Uma luz transpassava cortina, uma luz de milhares de estrelas que fulguravam este brinde da existência.

Um sono, um sono ininterrupto revigorante, pálpebras que se abrem para o amanhã nesse renascer misterioso, em cores e perfumes, com olhar a cobrir-me ombros, que não mais deixasse a friagem me alcançar.

Mãos em encontro, mãos em seu sinal secreto de união, que em esperança se escreveu na minha linha da vida, quando os espíritos dos corações se encontraram.

ASSIM ESTAVA ANOTADO, EM CORES ESMERALDAS, EM 23 DE ABRIL DE 2018 11H EM CADERNETA.

Aquele dia, de nenhum dia qualquer, em cortante vento, abria todas as cortinas e eu imersa na calda de luz refletindo azul, mesclas cinzas pinceladas de contorno e um tom coral em uma confissão sussurrante para os ouvidos mais atentos.

Assim me fiz livre, entendi as visões, os desdobramentos e não porque estivesse no intangível nem imaterial, aquilo que ficou como emoção profunda, era, era porque existiu. As palavras que escrevi, esboços que risquei, esculturas que dei formas e as formas com que meu coração embarcou, aninhou, em ninhos para este condor, esse voo da imensidão, essas luzes e sonhos, de êxtase, creio que me fizeram sentir o limiar livre, aquele além do círculo de fogo. Reflui nas eras passadas, atuais e futuras.

Aquela visão, sim ela me mostrou que além, eu sou.

Eu sou, significou que eu não fugi a mim mesma, que olhei meus olhos, quando fiquei sem a mãe sonhada, quando abusos me roubaram ingenuidade, quando meus filhos foram paridos, quando amei meu esposo, em carne e osso, e revi as cores do mundo, as lágrimas das perdas, a amizade imensa de elo maternal, intelectual, incentivador, íntimo e feminino; e quando aceitei o todo dos sentimentos, essa vastidão do longínquo, mas de amores infinitos que recebi em mim com abraços.

Ter aceitado essa existência, me fez ter outras vidas e, renascer.

Um amor tão grande voa livre nos ares límpidos de céus frios, e no final a minha liberdade foi aceitação do amor, não da perda. Essa sensação é dádiva, não é mesquinha. O terror que havia advinha do abandono, mas agora, nessa brisa, nessa luz, neste dia, sei permanentemente todos os carinhos de amor que me tocaram na pele.

Então, eu me acolho pelo que sou, pelo que sinto, pelo que amo e professo esse infinito significado profundo nas montanhas de gelo, sob o grunhido, esse grito do condor de libertar.

Que não significa esquecer, morrer, tratar como doença, fugir, calar.

Significa dizer a vida com o olhar de ternura e sensação do reencontro com o que foi e (ainda será) possível de bom em algum tempo, algum lugar, um lugar chamado 'eu mesma', aquele lugar lago verde que descrevi meu receber desse amor que vivi.

O que no meu viver, tem sido talvez, essa existência com os elos de amor, de filha, de amizade, de mulher, todas essas nuances de cores para mim foram os fatos inexoráveis e talvez a minha maior proximidade com a verdade absoluta.

O tamanho do amor concede essa absolvição.

LATITUDE 44° 13' 60" LONGITUDE 71°49' - DIÁRIO DE NAVEGAÇÃO ENCERRADO.

Os diários

Como uma sombra

I 20131003 I {ESTE MOMENTO FOMENTA NOVAMENTE O INTENTO DA ESCRITA DA FICÇÃO, A SER ESCRITA MUITOS ANOS ADIANTE}

Como uma sombra que desvanece em distante bruma, ou um gelo que descongela.

Uma pessoa que silencia em silêncio para o vácuo em céu de cometa.

Assim se faz o desconhecimento, desenhado no esquecimento da distância.

Voz que antes identificava-se com alma, parece um programa de código corrompido, nunca mais *acessável*.

Assim como a voz de quem morre.

Entre ideias, sonhos e ilusões me aparece algo mais concreto a escrever.

Durante os momentos do dia, desde anteontem as ideias emergem sem cronologia, apenas visões futuristas, de como transpor o vivido para outra ambientação.

Talvez assim se traduza essa história que começo realmente a contar.

Como desenvolver o final não resolvido?

Não sei.

Uma frase a cada dia

[CERCA DE TRINTA DIAS DE NOVAS ATITUDES, FAZER DIFERENTE, COLHER AMULETOS, SENSAÇÕES, PERCEPÇÕES, POESIA, IDEIAS, ATITUDES RENOVADAS, EM UMA FRASE, PROPÓSITO DE *DESVÍCIO* DE PENSAMENTO, REERGUER-SE, EVOLUIR. DESCOBRIR COISAS NOVAS A FAZER - SEM DINHEIRO ALGUM. NÃO USE PRETÉRITO. ABSTRAÇÕES E EXPERIÊNCIAS. COISAS PARA SE AJUDAR E SE LIBERTAR DOS PENSAMENTOS REPETITIVOS. MELHORAR O PENSAMENTO (EQUACIONAR COMO TIME-SHARING).] DE JUNHO A JULHO - 2017.

[28] Mãos arrumaram os gravetos do ninho no canto alto da árvore, antes da chuva que se desenha.

[29] Pedras aquecidas na vertebral. Meditar. Correr no lago cantando Rosa Sangue (Amor electro). Respirar 6x3 batimentos. Correr expirando forte e gemido 'o passado'. Deitar sob a árvore e fazer relaxamento. Beijar esquecendo absolutamente de tudo, sentindo só o físico. Mude de trajeto. Use improvisar algo para sua melhor hora do dia (9H) - amanhã20.

[30] Café de coador de pano e pão de minuto, xícaras de filete azul e dourado, levantar mais cedo e um banho morno. Ilusões. A noite entrega do corpo, sem pensar e sem sentir, foco no prazer. Na real:- arquivo F, uma transa, acordar comum, a faxina, vazio, infecção curou? O de sempre, roupas lavadas no varal. Memória olfativa: água de barba nívea.

[1] Ideias precisam concretude. Café de coador na porcelana [ok]. O enfrentamento dos seus próprios bloqueios fortalece entusiasmos diante das coisas e descobertas, as melhores são sutis e próximas. Consigo o que é permissivo. Coloco a energia do amor nas coisas e essas partículas vão ao vento. No fim me rendo ao pensamento, ele me vence, eu me derroto. Faça amor de novo. Memória olfativa: Pó de café Pilão.

[2] Não piore nada. As andorinhas voltam sempre! Flor de mato. Bracciola. Geleia de Banana. O que fará para estancar as crises? Cuide bem do H. Chá às seis com as reminiscências de coisas boas.

[20] Minha hora especial e predileta do dia naquela época. 9 até 11H.

Manter-se ativa. Ciambella de limão! Massagem e bons momentos duramente cultivados. Memória Olfativa: Casca de limão.

[3] Viva o que é possível. Justamente quando se tem direito de dar um passo, descobre que não tem sapato para trilhar esse caminho. Aguente o soco e resigne-se à sua realidade. Deságue. Faça contraproposta sem lamentar. Não perca a fé! Elimine palavras amargas e sinta - Percepção e feche os olhos e dê um passo à Intuição.

[4] Percepções estranhas na insônia. O dia está aqui a me receber de braços! Gratidão. A tudo e ao amor que sinto. As palavras farão e será eterno, alento, benção aos perdidos e as loucuras se disfarçam em nuvens. Gratidão ao irmão de coração e toque da sua mão. Espero as palavras de amor de eternidade. Gratidão ao meu próprio mundo a suportar minhas dores | Idiotice do dia: Alguém ao banheiro não se diz mais ter ido passar um fax, mas fazer uma Impressão 3D. Risos. |Caminhe 6,5 km até casa| Prepare um banho de imersão para Esposo. Memória Olfativa: espuma azul.

[5] Espelha o lago ao sabor do vento frio das páginas de Lorca, em seu mundo penso no desvício e significados. Alongamento e leitura às 9H no parque. Pensar em outras pessoas e coisas. Conhecer. As andorinhas dançam fitas em mim. Almoce água, dois copos, fatie em gotas, mastigue cada sede nelas, você vaga pelo deserto. E a maçã contida no lábio inferior tem um gosto doce e ácido. Cheira flor.

[6] Flores de mato à mamãe. Um gato cinza do cemitério acarinha minha mão. Aprender a cantar HeidenRöslein[21] {Consegui, ano depois}. "(...)Sigo com tão poucas letras, restrita na montanha galgando entre plantas e batimento forte com braços de abraçar vento e estilhaço, e olho acima, procurando, entre minhas buscas, vestida dos pequenos panos que tirou de si a me dar, em vida, em apenas significados que tomo nas mãos e me calço deles para continuar andando". Um vidro de geleia banana feito por mim para sua sogra, ela ficou tão contente, olha que bom! Memória olfativa: Geleia de banana.

[7] Se não veste a amizade, não posso reconhecê-la(o) na multidão. Então fecho minha mão guardando-te. Meu bom amigo, generoso,

[21] Música alemã baseada no poema de Goethe, música interpretada por Dark Tenor, a qual não se trata da versão de Schubert.

corajoso, despudorado, irrestrito, infalível, aberto, amoroso, sem distinções, eu rogo a ti meu amigo Cristo, de sempre, nas horas mais frias da minha vida, de tantos abandonos, restrições, eu te rogo que se fores o único a me restar, será meu último irmão.

[8] Massagem nas meninas – Memória olfativa: Óleo Frutas Vermelhas. Piada do dia: Ah-há! Pode tirar o focinho da minha cueca! – Para Ártemis no muro focinhando o varal de roupa. Filhos reunidos em alegria para aniversário. Reler "Não Consegue" ao acordar.

[9] Ímpeto que imerge as mãos em águas cristalinas na manhã. Ecoam risadas de nossos jogos e areias do sono conturbado. Strogonoff. O Agora - um vento de amora. Memória olfativa: Creme de leite.

[10] Gesto de amor nas mãos reservado ao acaso. O acaso foi, o meu gesto de amor foi dado ao Sr. que acaba de ficar viúvo.

[11] Mamografia resultado ok. Graças a Deus. | Conscientização da dependência psicológica e suas consequências.

[12] Carinho e Generosidade na caneta. Alegria, nasce Lúcia. Conversa com uma amiga. O dia todo de Bicle[22]. Enfrentamento bloqueios: ida ao supermercado para fazer a compra caber no valor. Que difícil! Escovar o dente, lavar o cabelo, passar sabonete, pisar no molhado, olfato, se cuidar, coisas tão fáceis e absolutamente difíceis para mim, pqp[23]. Enfrentado. Tem sido dia a dia. Memória olfativa: perfume vermelho (anotar).

[13] Celebrar o entusiasmo por conhecimento e cultura. Não deixar que atitudes vazias, fúteis, banais, críticas, egoístas e narcisistas preencham o dia. A caridade ser uma atitude ampla. Escorregar novamente ao poço, é porque volta aos velhos erros, só por aí viu como vai ser seu holocausto interno ao abrir mão e viver esse abortar.

[14] Abrace a Ártemis no jardim. Um esboço no gramado do lago do Major é mais que rabisco, é o tocar imaterial no rosto, estudar seus traços é poder amar por um momento, a dor toma seu coração logo depois, não basta tocar folhas verdes, respirar fundo, sempre volta a dor lancinante da rejeição. Morte lenta que não aguento.

[22] Bicicleta.

[23] sigla comum a um palavrão.

Desenhe porque é a única proximidade, faça até gostar do desenho. Crie uma obra abstrata. Coragem e Fé. Memória olfativa: Idylle.

[15] Trabalhar as coisas que não consigo. Um 'Calzoni di cipolla'.

[16] Percepção se alarga com tranquilidade. Escrever e desenhar ao ar livre no lago é sensação de liberdade, mas os traços e palavras trazem tempero do sentimento, neste dia uma falta, uma sensação de derrota geral. Mas procurei me alimentar do verde, água do lago, vento, folhas e vida.

[17] Tentando realizar reparos.

[18] Não se fez em si mesmo, a não ser um hífen ou átimo ou hiato. Sou uma mesóclise dos fatos. O possível pode ser à caneta e tudo poderá ser passado à limpo um dia, mesmo que não seja por mim. Primeiro capítulo do livro.

[19] Contatar pessoas e resolver pendências.

[20] Crises. E não se consegue desviciar o pensamento. A ilha do lago é solidão calma.

[21] Praça da infância e palavras ao andar pela cidade. Conversa com Henrique. Atenção de amigos e enigmática resposta. Jardim Abandonado.

[22] Depressão. Esforço sobre-humano para fazer tarteletes. Encontro de amigos de viagem a SP, turma do fretado e ótimas conversas. Sinceridade de abraços e dar a realidade do que sou. Memória olfativa: Tartelete de Petit Pois.

[23] Esboço de Fantoche. Textos soltos, tempo de arrumar a escrivaninha. Poema Amor Absoluto – o beijo repousa no seio da face. Tempo para mim, sem restrições.

[24] Nenhuma gota d'água me pertence, cada uma é devolvida à terra na feitura do barro e da escultura que sem cura se desintegra em suas próprias rachaduras. Tudo fragmenta. Mas este sangue de uva é renascente. O jardim branco evapora com o ascender da cerração e o jardim vermelho se alastra em lamparinas de alabastro e me dá seu leite e me dá seu torpor.

[25] A vida então escreve com pena e sangue, sobre a derme do escalpo, vivo o escambo do pensamento, e ele vem sobe os degraus da carruagem de marfim, rodas de carro de boi, ostenta um chicote de corda vermelha, açoita quatro cavalos brilhantes de suor, que se põem a trotar acelerado, o ruído invade minha tristeza, o ruído e

cheiro de pó, o pedrisco arremessado vira pólvora incandescente emite nuvem piroclástica, caminho na estrada de *cumulo nimbus*, os dentes dos cavalos transpiram garoa alaranjada e o cocheiro vestido de vermelho arremessa a corda que bate e provoca o clarão do rasgar do relâmpago, cicatriz da lua, cicatriz de minha dor. Meus olhos mudam para a cor de esquecer, que furta cor, que furta existir. O sentimento conduz o dia da noite e as horas de amoras. Mordo o sangue e resisto, não quero errar a letra e escrever desisto. Memória olfativa: Ametist.

Amizade seria o acolhimento de um coração. Se dá só a quem a gente confia e gosta a ponto de abrir a porta de sua casa, fazê-lo(a) entrar, se sentar, servir da sua melhor comida, oferecer seu melhor conselho, dar o que você nem tem para si, consolar e ajudar com os recursos que tiver, independentemente da condição em que se encontra, e sempre ter prontidão de acolhimento a qualquer hora. A banalização do que é ser amigo, faz com que as pessoas não sejam leais, não saibam manter a amizade nem cultivar ou cativar.

RESUMO IDEIAS E AUTOLEMBRETES:

AR LIVRE – INTERESSES E MOTIVAÇÕES – ENFRENTAR BLOQUEIOS E INIBIÇÕES – MEDITAR – MUDAR ROTINA

NÃO SE CULPE – NÃO AFUNDE EM SUPOSIÇÕES – FLUIDEZ DO DESTINO – TRANSFORMAÇÃO – ESPÍRITO LIVRE – AMOR COM TODO SEU ESPECTRO – CONSCIÊNCIA ESPIRITUAL ALÉM TEMPO

Ideias, autolembretes, pensamentos (Reconstruir-se):

- Usar coisas que já fez antes para se ajudar, que deram certo. Tente outra vez.

- Um dia de improviso. Falar com as pessoas. Visitar pessoalmente. Dar mais carinho às pessoas que encontrar.

- Um dia sem escrever ou Desenho ao ar livre. Não ler noticiário. Ler os livros que não leu.

- Combate à depressão e crises [precisa mais ideias para essas crises] (...) no momento de crise evite ficar sozinha | Precisa deixar livros inconclusos para se manter viva(...).

- Dar atenção especial ao H, seu amigo, amante, protetor. Ele não merece o que está acontecendo com você. Mara - prepare-se - se publicar o livro Vipassana pode dar impactos imprevisíveis de opiniões. Não envie esse livro a F, a decisão dela ler tem que ser dela. (...) Apenas é amplitude, precisa aceitar. Valorizar a essência, ampliar sua visão espiritual e sobre os preconceitos, o mais relevante é o que se cristaliza - o brilho e a luz e o eterno. Sentimentos eternos são raríssimos, tem elo.

Essas origens dos sentimentos têm sido conflitantes e ao mesmo tempo tão claras agora, de qualquer forma ainda é preciso tempo para acomodar seu coração, diluir mágoas, e o peso da escolha (...) A carta, não é vulgar em nada, ela é a sua própria devoção, amor, esmero, grandeza e tinha o direito de dizer, você concede a ela uma chave(...) [24]

Tudo isso não invalida a união. Manter a união já é uma questão íntima a ser avaliada. Você pode decidir ficar só. Só não se culpe. Relacione as dúvidas que você tirou da mente.

- Pensar em saúde.

- Enfrente todo dia os bloqueios e se cuide.

- Buscar Encontrar motivações: Culinária, camping, arrumações. |_
- Pesquisas: Linguística, Cultura Russa e outras, Tradução, História Antiga | Recuperar antigos conhecimentos | Ir à Pedra Grande a Pé | Ir à Pedrinha de bicle | Esoterismo e Vidência | Leitura | Curso Massagem.

- Desprojetizar.

- Menos publicações.

- Criar documento sobre as referências estenográficas dos seus textos.

- Aceite o 'não' da editora| Não tome decisão antes de esgotar tudo que pode ser tentado. Resignação| Não se amofine – não foi 'não'. (..)

[24] Carta vermelha enviada à F, a qual contém diversas expressões delicadas de sentimento.

- Trabalhar a intuição.

- Incluir temas na meditação + Desvício até 10/7 + Depressão até 20/7 | retorne> – Serenidade até fim julho

- Questões financeiras...sem perspectivas.

[Autolembrete para Mara (percepções):

BOAS INTENÇÕES NUNCA RESOLVERAM NADA, MAS TENTE QUE NESTE (... COMPREENSÃO). RESTABELEÇA AUTOCONTROLE, MAS LIVRE, SEM PESO, INTUIR.

ENTÃO, UMA FRASE POR DIA ATÉ O DIA DO AMIGO (ERA PARA SER A CARTA VERDE) TENTANDO FAZER MELHOR NO SENTIDO DE SER COMEDIDA, ATENCIOSA, EDUCADA E GENTIL, SE FAZ NECESSÁRIO SACRAMENTAR QUE A LUTA PARA REAVER A AMIZADE PERMANECE. PROSSIGA NESSE CUIDADO. MELHORAR E DIVERSIFICAR SUA VIDA. (...).

ESTE É UM PROCESSO DE EVOLUÇÃO INTERIOR, ESPIRITUAL, DE ESTABELECER MELHOR QUALIDADE, REFLEXÕES, DESPRENDIMENTO, DESVÍCIO DE FALHAS E REDUNDÂNCIAS, EXPERIÊNCIAS DIFERENTES APROVEITANDO EXATAMENTE O QUE JÁ TEM.

(...)

MARA! NÃO TEM QUE JUSTIFICAR! VIDA QUE SEGUE, ABRACE A LITERATURA QUE ERA SUA VOCAÇÃO. MESMO QUE NÃO SEJA VALORIZADA AGORA. DEVE FAZER LITERATURA COMO GENEROSIDADE.

Anotação Ametista – Espírito Livre: - De tempos para cá, diante das minhas experiências, venho com a intenção de busca do meu (antigo) ideal Espírito Livre. Para isso, diversos passos deviam ser dados, já andei metade desse caminho e parte de tudo é percepção e consciência. Ações em um plano diferente, um processo de transformação.

Simbolismo da cor violeta e ametista.

No meu processo de 'desconstrução' ampliei uma visão geral da vida. Venho carregando conteúdo das conjecturas e das visões. Há uma parte disso estanque em mim, posso optar em relatar minha memória, ou esperar atingir um maior grau de revelação, estar num momento espiritual de integração comigo independente dos caminhos e interferências das pessoas envolvidas espiritualmente. Ampliar o olhar às outras pessoas.

Fazer o desvinculo (seu conceito Espírito Livre) em relação à F, que permita uma linha tênue para o resgate dela por ela mesma e para ela.

(...)**. Guarde sua convicção para si.** (...)

A tranquilidade que venho trabalhando, deve permear meu trabalho, minha casa, meus relacionamentos, e o cuidado deve haver em deixar minha expressão literária livre, íntegra com o que sou, porque afinal escrevo para mim e para os meus leitores.

{Este registro deu-se em 2017 após um segundo momento de rompimento de uma amizade, que analiso como unilateral, mas importante, e que devido ao tempo que precedia ao dia do amigo, me esquematizei para fazer ações e rupturas, colher momentos, olhar nu e cru o fato, e descobrir mecanismos que neutralizassem fortes crises destrutivas. Compartilho segmentos desse registro íntimo, porque esse pequeno laboratório me ajudou, e dele fiz um processo, consegui seguir escrevendo, consegui me estruturar dentro do meu sarcófago literário e produzir inúmeros livros, problemas submergem e emergem e tempos em tempo encontro forças de enfrentamento e libertação.}

Semanário

SEMANA 1

Semana de 23 a 29 de julho

Entre momentos vazios, reorganização de lixo e nicho ou *mich*. Tive dor, tédio e noção de poção. Tento esvaziar emoção com ocupação vazia e palavras me tropeçam em carvão e musgo e palha de grama seca. Atormento o dormir, acordar do 'não consegue', digitar soluções de Hd corrompido e digitar manuscritos em tela verde e preta. Não senso. Não razão me aprofunda voz do sino caído. São dez horas de Mapplethorpe e eu com minha arte se dizimando em minhas células mortas. Eu tenho que dizer que me persegues e tocas minhas costas sempre que me viro e vou.

[27] Escrevi Dor e Perplexidade, no posto de saúde. Fiz rocambole de presunto. Desenhei esboços, autorretrato das releituras e eu no meu incêndio no diário pequeno preto de couro. 27/07 à noite no mezanino na companhia da Ártemis.

[28] O superlativo de paz, para mim é poder ver por um breve momento o voo de duas garças brancas que vivem neste lago. Sua maestria em sua cumplicidade e seu contraste com o espelho de água cor de musgo. As azáleas caíam do pé, rolavam com o vento até a margem. Mergulhavam e iam rosadas como alento enquanto eu aqui no pé da árvore sentada, descanso todo o descaso da materialidade social. 28/7 9:56.

Esboço de árvore seca em caneta azul. Memória olfativa – Anjos e demônios.

[30] Dor. Água esvaída. Ponho sol no copo e bebo com rum. O susto do romper do câmbio e não caio. Tristemente arrasto minha bicicleta de anos, estou quebrada e não tenho quem me conserte.

Semana de 30 de julho a 5 de agosto

Escrevo chão de tinta. Penso e reflito a vontade de desabafar meu amor, tudo que acontece agora incompreensível em retumbante eco da minha solidão.

[31] O banho quente com a dor serpente. O fosso profundo, não é raro, não é imundo, mas percebido cheio de dor física, dor de dúvida, dor de ausência, não encontro alento por duas horas de desespero, num tom crescente e depois minguante. No final foram mais de oito horas do meu dia, nesta gruta fria, nesse percurso de vento insano, por um tempo abraçado com meu marido e por fim, descanso com o efeito de medicamento para dor nas costas.

[1] Hoje acordo para enfrentar e se não há surpresas, faço mesmas coisas, vou ao lago, alongo, exercito-me, ando, trabalho, organizo meus textos e percebo a quantidade de presença da ausência da minha vida, meu buraco mor, quase duzentos textos. Hora de dar foco nos compêndios e no livro de dramaturgia.

[2] Na noite me contorço e pensamentos não adormecem. O ar da manhã traz o sorriso de humor do meu querido, andamos juntos, nos fez bem. Samantha com café.

[3] Um dia em diário para guardar no coração. Eu tagarelei demais. Estive por um momento convicta de andar meu caminho livre, melhor, sem pensar no habitual.

"olhares vidrados da beleza diabólica do fogo"

[4] Um tempo interessante a ser passado na Biblioteca, enveredando em linhas de romance de Eça de Queirós, como aprendiz, de feiticeira posso dizer em risos.

[5] 5 agosto, restauro a luminária antiga da haste flexível e sua cúpula côncava. Já fustigada de pontos oxidados e brotos de ferrugem. Limpa e mantida a pátina pertencida, agora tenho a lamparina. Luz divina no obscuro, curo com circo e com teatro de pano. Uma vontade de trazer a Giovanna sem engano para este momento, com *dolorências,* mas sem tremor da aflição. Renascimento diário e esquecimento da depressão.

Semana de 6 a 12 de agosto

[6] Caminho a passos tranquilos e ritmados, na avenida de veludo do sol esverdeado da manhã. Um vento forte de inverno adormece a solidão e me abraço em músicas e no verde. As flores de trepadeira de mato, laranjas como pequenos sinetes estão reluzentes, contrastando o barranco.

Meus afazeres deixados para depois, fiz alguns, tirei um ronco, me admoestei com pensamentos que poderiam me colocar sempre como um alvo indefeso para as enormes desconfianças que devem revestir os temores de minha ex-amiga, e se algo inesperado acontecer que a faça pensar em mim como uma inimiga, eu não terei muito como me defender, vivendo na minha vida simples e pacata, mas como eu poderia me defender de injúrias? Isso é uma ferrugem, uma corrosão. Por mais que eu seja bom coração, posso simplesmente ser vitimada pela desconfiança exagerada.

[7] Segunda-feira. A dor me é servida em café, em respirar, em acordar. Como se fosse iguaria posta à mesa, à semelhança, como uma fruta falsa de cera, não comestível. Apenas me é servida, junto com minha vida em restrição. Dormi ontem a pensar na energia ruim de três coisas: - Ganância, avareza e inventário. Duas eu não tenho, a terceira queria me furtar e todas estas são contaminantes uma da outra. Um lindo dia a desenhar no lago.

[8] Oração, no santíssimo, com desenho in loco do anjo querubim protetor. Correções de textos e identificação de erros.

[9] Madrugada. Deseja água e descanso. Dor que me espanta. Um uivo longe me acompanha. São 4:20 H e os seres noturnos estão de pé.

Quero que o dia me suspenda em lenços.

Que de tão leve minha saliva flutue.

O sol nasceria na nascente da palma de minha mão esquerda. Na direita nasce o pó de café.

Na xícara caberia um sorriso de amanhecer...

Nasceria novo feito uma manta morna a cobrir seus pés.

Afagaria minhas mãos com vida a espanar o pó dos erros e rabiscos retorcidos.

Nem preciso de mais um bocadinho d'eu.

Sempre fui tua, de alma crua de verdade.

Nem teve tempo pois o tempo a reteve.

Eu me pergunto se meu eu esteve vazio no seu eco de universo viver...

Meu estômago se ressente de tudo e das chamas que comeu.

9 agosto ao lado da cama em sofrer.

Catei meu edredom preto e branco, travesseiro, livro do Saramago, celular e fone, levei ao mezanino. Voltei preparei um chá aos olhos da gata que me acompanhou em tudo. Subi, a dor nem me permitiu aguentar na poltrona ao ler Água Viva da Clarice. Pus-me à mesa, então, vou escrever o livro, com dor. Li o *postit* 'Sem amarguras', Li duas folhas de Saramago, sorvi meu chá, pensei: - "Um chá sempre melhora tudo". Escrevi segundo capítulo rangendo dente de dor e a gata com o focinho no meu pé, mas vamos lá, não me entrego. Deitei no colchonete e repousei enquanto o remédio ia fazendo efeito e sonhei com a personagem. Já eram 6 e então dormi por menos de 1 hora. Mas me reergui, abatida, assim mesmo fui para minha atividade no lago, escolhi alongar, caminhar, exercícios possíveis, não me curvarei para a dor.

[10] E tudo continua, até aquilo que podemos desenhar diferente, suportar e certificar nas colunatas mais firmes de qualquer doutrina, que há de fato a cor dourada do amor abnegado, e a luz que emana sob qualquer circunstância transpassando cristalinamente o vidro, o vitral, vidraça, a retina, porque sob forma de carinho não se forma nenhuma sombra. Ainda que a luz refrate, permanece luz que deita como cor, adormece e permanece o amor. Isso não se recobre de vazio.

Se eu quebrasse meu giz ao meio, poderia comer a parte que é pastel? Muito eu gostaria, mas não sei de que cor escolheria o sabor do vento da barriga do pastel... Dúvida cruel.

[12] O imenso prazer de uma conversa profunda das minhas experiências com meu filho no recanto do mezanino.

EXPERIÊNCIAS:

- FAZER COISAS EM HORÁRIOS DIFERENTES

- ESTUDOS LITERÁRIOS NA BIBLIOTECA MUNICIPAL, OUTROS LIVROS DE LEITURA VOLTADOS A INFANTO-JUVENIL

- ATIVIDADE DE ALONGAMENTO E RELAXAMENTO AO AR LIVRE

- DEDICAÇÃO AO LIVRO INFANTO-JUVENIL E EDITORAÇÃO DOS LIVROS DE POEMA
- BLOQUEIOS VENCIDOS, NÃO FAZER ATIVIDADES FORÇANDO-SE, DEIXAR A FLUIDEZ E ESTES PROBLEMAS JÁ SE DISSOLVERAM
- AS ATENÇÕES ÀS PESSOAS, DEVEM TER MAIS AMPLITUDE E GESTOS CONCRETOS
- PROTEGER-SE DE INJÚRIAS, AINDA QUE NÃO FACTÍVEIS.
- APROVEITAR AS INSÔNIAS PARA ALGO BOM
- ESBOÇOS NO DIA A DIA, DESENHOS PARA OS LIVROS
- CONVERSAS SOBRE EXPERIÊNCIAS COM OS FILHOS

Semana de 13 a 19 de agosto

[13] Por entre afeto, janelas arejadas, fervura de ovos em neves, as vozes dos filhos me acarinhando, a saudade terna e alegre de meu pai me embalou o domingo após sábado de labuta e convívio. Trago-me ao recanto a ler momentos de Julio Verne relembrando as antigas músicas e já criando coisas para meus livros. Nem uma sombra de tristeza. Amor terno de papai está em mim. Eu brava com bravura de enfrentar, esboço sorriso que quero que meus leitores se deem. 17 a 18:30H.

[16] Navegando em desconhecido. Descubro livros e manuscritos antigos a estudar assuntos novos. Trabalho passo a passo. Visto tranquilidade e me sinto apenas cheia de possibilidades amordaçadas. Sigo com minha vida pulsando entre sentimento febril e fome de futuro. Sigo o melhor que posso cada momento e consigo um pouco de hora nessa farofa.

Coisas a fazer (Pesquisas e desenhos na firma, ir ao Museu de história natural de Atibaia, parque Edmundo Zanoni[25], Compêndio dos livros)

Dia 20 de agosto a 08 de setembro

[25] Parque público natural que abriga o Museu de História Natural. Atibaia-SP-Brasil.

Não me pareceu animador fazer desenhos estando em átrio de hospital. Realmente eu não estava bem e nem tudo que parece alento é. Tentei não reclamar, mas foi um dia bem ruim. E como a dor não me deixava, eu subi ao meu mezanino, escrevi 'Mãos que atravessam espelhos de distâncias' numa atitude de concentração, mesmo mediante circunstâncias desfavoráveis.

Foi um tempo, que em dados momentos pensei que iria melhorar, e se alternou com a sensação de que iria piorar. Agora, posso estar tranquila, de certo modo, porque de um jeito ou de outro seguirei no cuidado, mas nessas semanas que se passaram, tive tremores, prostração e extremo cansaço, a ponto de um mísero esforço me esgotar logo depois e eu ter de parar, sentar, ficar sei lá quanto tempo respirando meu peso inerte.

(...) foi um passo a mais da consciência e eu preenchida de um olhar profundo vivenciei mais profundamente aquilo que me tocou a alma no passeio que fiz em julho e escrevi a 'Carta Verde Amizade'. Porque foi surpreendente notar que intuitivamente eu estava conectada já nessa fé e nem percebera que tudo já me havia fortalecido. Mas foi muito mais indescritível que isso. Eu fiz muitas leituras e senti voltar minha concentração, senti voltar naturalmente um ar involuntário e espontâneo na minha vida, senti arejar, senti tranquilidade apesar de estar adoecida e apenas minha preocupação era dar conta de escrever tantas ideias, nesse momento de final de agosto, escrevi a carta a minha sogra, escrevi sobre a alvorada, sobre o ipê florido e de uma forma espectral que o percebi naquele dia. Foi uma experiência que eu queria guardar, porque a sensação desse estado de graça me aconteceu diversas vezes, nas idas ao lago, no passeio até o pouso a pintar novamente em aquarela, no meu andar, no meu contato com as pessoas. E se ainda por um tempo atrás, eu me consternara num momento de crise, eu percebi seguramente sentindo nenhum receio e medo, e acho que jamais tive uma sensação de segurança tão intensa durante minha vida. Claro que me perguntei se isso seria sazonal, se era devido ao ar da primavera, mas passou o tempo e me conscientizei que consegui algo a respeito de uma busca de décadas, de uma vontade que se frustrava e eu nada podia. Eu senti essa sensação de uma contemplação consciente, de encontrar respostas misteriosas que tanto almejei, e mesmo com algumas

coisas negativas, até mesmo essa pendenga de saúde, tudo esteve para mim dentro de uma certeza profunda de meu âmago, coisa que não consigo e não quero expressar agora, quero apenas sorver esse ar e caminhar tranquila.

Ontem, eu fui ao lago, para desenhar algo de presente, fui de certa forma sabendo das minhas limitações, disposta a enfrentá-las sem guerrear com elas, e o que fiz, no tempo exato que disse, eu fiquei tão feliz, durante, sentindo o sol, sem me contaminar com perturbações, foi um momento iluminado dentro de um desenhar de algo que eu amava tão gentilmente que nem imaginava poder enxergar tal cristalinidade. Se posso definir momentos de felicidade, este foi um, e para que não acontecesse um momento inverso, eu não sei o que foi, apenas eu sei que meu ser mudou num aspecto incrível que eu tive essa sensação da verdadeira certeza. Isso é algo que não é simples de conseguir e eu sei do meu caminho, de um olhar longínquo consciente, como se eu pudesse estar fazendo uma prova científica de teoremas jamais esclarecidos materialmente.

Por outro lado, surgem mais e mais projetos, que vão dando seus passos, eu vou segundo mãos demais para esse caminhar, mas sei que eles caminharão, um dia se chegará.

Então, eu sei que neste ano, neste momento de vida, pode ser o mais pobre e o mais rico. E quando eu enxerguei esse campo de trigo, ou champagne derramado no amarelo do ipê[26], me remonta o vislumbre da escada rosa de mármore para o jardim, então creio que poderei escrever e desenhar isso.

Não são condições, não são oportunidades, não são as questões afetivas, não são os sentimentos, trata-se de uma música que posso escutar melhor agora, trata-se de aprofundamento da contemplação, e trata-se de uma harmonia que eu encontrei de uma forma até meio dramática e sofrida, mas no final ela está no meu proferir interior.

Semana de 11 a 15 de setembro

Era um dia incongruente, lidar com a arrogância médica e perspectivas desfavoráveis.

[26] Poesia: Espuma de Champagne Amarela.

Pensei, o dia pode não ser o melhor, amanhã, apesar da agenda de exame de sangue, irei fazer melhor do que isso, vou ao menos espairecer, meditar, andar tranquila.

Assim foi. Um tempo para desenhar um coqueiro ao vento e ter em mente elucubrações importantes para novo livro.

Apesar dos meus esforços, momentos de apatia física me atrapalham, mas assim mesmo vou de grão em grão.

12/9 – Escrevi 'Máscara esculpida em rosto', estive na ilha do lago a desenhar o coqueiro ao vento.

13/09 - Escrevi capitulo do livro Infantoches –Sendas do Itapetinga

Hoje, 14, não me foi um dia favorável. No entanto, me sinto em paz, apesar de algumas coisas que ainda me afetam. E tem esse termômetro, que é bom, porque a realidade traz uma conclusão, não só das questões superadas, mas das coisas que são irreparáveis. Realidade que sempre assola, na postura dura e fria, de afastamento, e que tenho que aceitar, aceitar a impossibilidade de solução e a verdade de sentimento de completa falta não só de empatia, como qualquer coisa positiva. Nada.

15/9 Exame laboratorial. O mal estar me levou a estar em repouso. Desavenças me haviam feito andar muito no dia anterior.

Semana 16 a 22 de setembro

16 e 17/9 - Suzana e Lincoln em casa, bons momentos.

18/9 – Seg. - Escrevi cap. Esculpido em – Horto de Plantas Esculpidas no lago do Major

20/9 – Quarta - estive no lago, sentei-me para desenhar a raiz da árvore que gosto de sentar para escrever ou desenhar. Ao voltar pensei em texto sobre o Lírio, desenhei os Lírios de Mapplethorpe. Injeção.

21/9 - Desenhar o cristo na via crucis, igreja do Rosário. Percebo o quanto é difícil retratar uma estátua somente olhando.

A janela é só a janela, é uma coisa. Para mim, poesia é o que sinto da janela, uma aba que se entreabre para verter um pouco mais da brisa empoeirada, que traz uma chuva de pó de giz a desenhar a veneziana com recortes de listro de sombra e luz, frisando meu olhar à penumbra do meu quarto, me iludindo haver lá fora uma chuva de prata.

Janela não é poesia, somente um poema pode concretizar a visão diferente sobre a janela através do sangue de poesia do poeta.

Leitura literária – manuscrito – Tratado sobre cabala – português antigo.

22/09 – Sexta - O espelho da água hoje continha fotos e imagens levemente trêmulas das árvores e suas copas amarelas de ponta cabeça e esticada. Respirei descanso em liberdade plena. Após duas injeções para a fibromialgia e fim de remédio, ainda tenho dores, fiz caminhada e uma pequena corrida de 350 metros, porque me sinto melhor e quero voltar a prática de atividades físicas.

Semana de 23 a 29 de setembro

23/9 Estive desenhando o Cristo em linhas de poucos contornos com aquarela. Fiz de véspera as coisas da casa e passei o sábado de manhã desenhando no mezanino. Escrevi 'A precipitação de Convalescença', à noite no mezanino em casa. Sobre a chuva que desejo e sua final reparação da minha íntegra alma de paz. Organização dos desenhos.

24/9 Tomei café de domingo, me apressei para caminhar e dar pequena corrida no horário das 9 horas, consegui correr uma boa distância. Havia planejado ajudar a cuidar do jardim e mexer com terra para espairecer os problemas. Foi muito cansativo, mas importante.

Durante a tarde, li um pouco, me detive diante de pensamentos recorrentes e tentei me desviar desse pensamento. Fiquei inerte muito cansada, sem a menor inspiração para escrever.

Adormeci mais cedo e tive um evento que ainda não consegui saber se é um evento extra sensorial ou uma conexão mental ou um soluço do subconsciente. Eram exatamente 23 horas. Achei muito estranho.

25/9 Dia de aniversário da Gi, passei o dia tensionando entre dia-a-dia com Henrique, sem saber da Giovanna, humor deprimido e por fim, fiquei desmagnetizada.

26/9 Fui ao lago pela manhã, a ler um pouco de Sagarana, escrever a parte faltante do Horto de Plantas esculpidas, comer calmamente morangos naturais e fazer um pequeno desenho de momento no

moleskine. Foi maravilhoso. Devia ter ficado mais. Trabalhei no livro Cântico da Claridade do Céu Azul, terminando o texto Paralelepípedos e incorporação do poema A precipitação de convalescença.

ATIVIDADES (ESCREVER NO LAGO – FEITO, CORRER UMA DISTÂNCIA MAIOR QUE 1 KM. FEITO, COMER FRUTAS DIVERSAS – OK, PEGAR MEU RESULTADO DE EXAME – AINDA NÃO FICOU PRONTO, IR À BIBLIOTECA, TERMINAR DESENHOS E SCANEAR, ATIVIDADE FÍSICA NO FIM DO DIA)

Mês de Outubro 2017

Estava começando bem o mês, cheia de ideias, atividades, desenhando para desafio de outubro, aquele dia, uma chuva interrompeu meu desenho, eu me acolhi sob a árvore enquanto enfim, chegava a chuva esperada. Eu pensei sobre a liberdade. Sobre quão importante é a liberdade individual e necessário que se tenha seu tempo para coisas suas, seu tempo de andar só, fazer coisas que somente a gente mesmo goste.

Terminei o desenho, o clima úmido e frio, e aquele dia 1 de outubro, foi a véspera feliz de contornar as coisas e obstáculos para cumprimento de objetivo. Dia seguinte, hemorragia. Não era previsto. Era um risco que parecia se tornar remoto dia após dia, se afastando na cortina da menopausa(...)

No feriado, me dediquei a dar atenção aos filhos, sem muito sucesso.

E com minhas meditações prossegui cuidando para que angústias não me asfixiassem.

Aos poucos, passo um dia e mais um dia, para refletir intempestividades e as evitar.

[16/10] caderno preto e branco

Tive um momento interessante hoje, de um pássaro que se aproximou a um metro de meu rosto, por um tempo, o bastante, ficou voando flutuando numa proximidade que jamais experimentei, apenas com um beija-flor, que outrora fotografei no Itaim em sampa. Jamais vi uma andorinha fazer isso, e talvez eu tenha que reescrever ou me parodiar, porque na época do beija-flor, nossa foi

uma experiência incrível, no momento exato realmente especial, assim foi hoje...

Um momento valeu muito mais que toda angústia que me levou a não escrever hoje.

{CONTINUIDADE FORMATADA EM SEMANA QUE DEU ORIGEM AO HÁBITO DE GRAVAR RADAR, DEPOIS DENOMINADO HORIZON, PROJEÇÕES EM ATOS E REVISÕES ANALÓGICAS DA VIDA, QUE DERAM DIRECIONAMENTO PARA MEU TRABALHO E VIDA. HOJE EM DIA, DEIXEI O HORIZON PARA CHAMAR MEUS REGISTROS DE CONSTRUCTO, NO SENTIDO DE AVALIAR O EFETUADO, LISTAR PENDÊNCIAS E ERROS, DEMARCAR O AGORA, E REGISTRAR.

TRATA-SE DE UMA REVISÃO DIFÍCIL ENQUANTO PASSAMOS PELA PANDEMIA OLHAR MÍSERAS PREOCUPAÇÕES DO PASSADO, É A FIDELIDADE DO REGISTRO TEMPORAL QUE CONTA. 14 JANEIRO 2022}

ADDENDUM

Confissões do Absurdo

15 ABRIL 2018 18:10 | CASA, MEZANINO, INSPIRAÇÃO PURA, MÚSICA: ALLES BRENNT – JOHANNES OERDING.

Sou uma folha
que segue se decompondo em tempo
um pingo n'água
lágrimas de amar

Queria um brilho com seu rosto
um toque que parecesse sua pele
Vestia essa cor
nos cobertores e cortinas
por onde me escoo

Sou um graveto
que insiste em não afundar
O que sinto não pode ser definível
O que vivo não pode ser extinto

Quis ver as primeiras luzes
neste hoje neste agora
ainda a pouco, eu vagava
as nuvens se arrastavam
em correntezas rente à montanha
_ embora...

A aurora nunca mais se repetiu
O dia qualquer foi tão magnânimo
que jamais vi outro igual

Dava-me a sensação
do jamais reencontrar
e morrer com ânsias
enforcadas entre peito e garganta
Boca e palavras
Em mim havia
este céu por nascer para você
eu adivinhava que gosto havia
eu sentia em minhas percepções
Eram apenas ilusões
ilusões de um querer absurdo
As explicações nunca responderam
Onde foram engolidas as interrogações
Em mim a explosão de amor
carregou em palavras a esmo
aonde foram engolidos todos meus corações
Sou folha Sou esqueleto de algo que
_ não pereceu nunca decompôs
Eu sentia você nos orvalhos
nas inúmeras possibilidades de cada dia
Era a insanidade do absurdo
Esse absurdo que eu sou
Tudo me aconteceu
eu nem posso dizer que é fato
O quanto amei, agora é décima potência
Não sei em que ponto da correnteza estou
Só desejei você
Em cada brilho
Em cada luz ou reflexo
Virava meu rosto
e ali não estava ninguém

Quanto mais quis entender
Este papelzinho ia se desdobrando
E ainda está dobrado
Pode ser apenas um barquinho
Que segue lentamente
nas águas da sarjeta
caminhos sinuosos da mente
Ali descrito mapa e certidões
de sentimento absurdo
um rosto que o olhar é semelhante
e minha boca beija como amante

Eu sigo, o tempo que irá derramar
a tentar conter a água
que esvai das mãos
como se pudesse
e comigo a sede aplacasse
sua voz, sua pele, seu cabelo
em foto inexistente de absurdo

Para ajudar a incoerência
Sinto de uma cor até a outra
a distância incalculável
entre uma nuance de carência
até pingente de mistérios lunares
Tudo é tudo
Demorei para entender o que via
Pensava que conjugava viver
mas era sentir

Eu juro, pensei ser assim

tão normal meu absurdo
E me grito, me sangro
com minhas mãos
invento os carinhos impossíveis
invento cores, as flores
e uma forma de compreender o absurdo
esse amor surdo

Meu Ímpar

123 JUNHO 2018 10:171 BANCOS DESFEITOS DO POUSO DE ASA DELTA 1 HOME-DISHWALLA

Uma manhã aberta
Névoa dissipante[27]
do âmago do anima
Um *Bouquet* ao alcance
Meus passos no ar
Colho meu olho
    Sementes translúcidas
    Peles soltas do sol ardente
    Limão vinagre sardento na sarjeta
    Palha e restos da poda
    Queima da convergência dos raios de sol
Caminho ido sem direção
Sozinha com a luz
Luzes reveladas em fronteiras menos espessas
Um anélito da luz divina
a florescer a cor do meu sorriso

Não precisa poder ser
Enseja estar
Estar a descobrir o que
    sente em distâncias
    no olhar por trás de lentes
Proximidade torna-se minha visão

[27] Dissipante – o uso deste sufixo, se deu pois o sentido não é a possibilidade de dissipar, mas a ação natural de dissipar, a própria propriedade. Dissipável seria um caso que eu porventura quisesse dizer algo que pode eventualmente se dissipar, nesse caso, era o implícito da nuvem que vai sofrer a ação de se dissipar. Por isso o neologismo.

Sons me vestem
Minha voz se aveluda
Minha casa Meu lugar
Por onde vou sou o que sinto
Não preciso definir
Não preciso omitir
Não preciso atenuar
Porque quando sabemos o que sentimos
ocorre havendo mão unidas em algo
Cada um – o perceber do que sente
é
apenas é
A solidão é liberdade
por onde vou só – me diz
as visões se tornam minha gruta?
Vento afronta e se torna o frescor?
Minha vontade se torna?
Transpiração de meu maior querer
Meus passos fazem o longe
O fato de ser único
Beleza profunda traduzida em letras rúnicas
Que me lesse em braile
Que me dançasse em baile

Sou sempre
alma contida
amor contigo
onde há esse *Bouquet*
de tudo da vida
Cesta de Maçãs Vermelhas
Sorrisos e Risadas
Lágrimas

Advindos do peito

Número de sorte
o único
o sentido
o coração batendo
Vivendo a livre conduta
_ da respiração
Com as paredes internas
decoradas das visões em raios invertidos
Compreendido unicamente
à própria-mente
Mentalizado em gestos espalmados de amor
Água *incontível*
O indivisível
insolúvel

Consciência própria e absoluta de criatura
Singular olhar de próprio significado
Dizeres de próprio punho
Existência sem permissão

Meu Ímpar
O lar que existo

POSFÁCIO

14 JAN 2022 16:50

O livro criou um conceito que para mim não se tratava apenas materialmente sobre coisas e diário, mas processos estabelecidos com minha percepção de consciência alterada e o tempo. Mas o tempo não é seu decorrer, nem exatamente seus marcos, é como o olhar aos relógios, mais do que relativo ou memória. É o sentimento do fato na época talvez. O que sei é que o *herbarium* e o místico, foram elementos condutores para o olhar através dos eventos e circunstâncias que marcavam um degrau importantíssimo na minha jornada de autoconhecimento. Mais do que isso, os textos eram não apenas descrição ou registro, eles foram processo para mim. Não porque me despertaram análises, porque vivo em análise e reanálise, mas porque marcou uma jornada nos diários do universo paralelo, especificamente um diário misto a conto filosófico, que se basearam em lucubrações e divagações, e o diário de navegação, inspirado da pesquisa sobre a mensagem da garrafa, aquele ambiente, sedutor, me raptou para uma viagem inimaginada, mas que foi planejada em questões intuitivas que me tocaram como uma libertação, como um purgar me permitindo ir ao impossível e nele encontrar ocorrências, compreensão, respostas a profundos questionamentos do meu íntimo. Em meio ao processo de outros livros poéticos ocorrendo em mesma época, lançando as lavas para o mar do infinito ser *inconcebido* em si, o mistério existencial.

A ida a essa navegação cabia um itinerário no oceano Pacífico, e que se mudou para o lago verde, mas que nunca foi concluído, apenas que a essência da liberdade repousaria em outro escrito, em final paralelo para o *Itineris* do *Affectio*, e que não efetua essa versão pessoal pois no Itineris, assopra nas flores as essências das pessoas não com totalidade, mas um hálito de alento interno contido do íntimo.

Então essa ida à outra parte, requer talvez um dia a continuação. Talvez, porque se trataria dos processos dessa constituição de libertação.

O herbário é como uma coleção daquilo que conceituava no abstrato, naquele processo, o jardim, seus elementos mandatórios do tempo além tempo, dão uma presença como mito e esoterismo,

no meu contato contemplativo nos elementos naturais como meu toque ao sagrado, como meu transpassar entre essas dimensões, tentando compreender e suportar minha real dor de viver e minha exuberante visão de superação diária, como um confronto. É um contato com os meus ancestrais e o mundo dos meus mortos e das minhas referências espirituais.

As coisas são elementos âncoras do meu entusiasmo, e muitos textos acabei por não escrever, que deveriam constar, como as canecas, mas me dou por satisfeita. Apenas é estranho e corrido, essa avaliação por hora tensa desse terceiro ano de pandemia, mas que mais do que nunca, não posso mais represar o meu escrito.

Contém erros, afinal sou assim, imperfeita, não me ocupo tanto quanto deveria de corrigi-los quanto prezo pela espontaneidade da escrita. Portanto, ficam alguns, pois a tarefa de revisão, efetuada por mim, enfadonha, por vezes não consigo detectá-los por n fatores, até mesmo minha ignorância.

©MARA ROMARO

EDITORIAL

V0 R09 22 SETEMBRO 2022 RELEASE

STATUS: PROMPTUS

ANTERIOR: V0 R08 22 JUN 2022

ETAPAS: REVISÃO FINAL 1, MAIS CORREÇÕES POSTERIORES PONTUAIS I ERRATAS

FONTES (FRIZQUADRADA BT I AMPHION I I ABADI MT CONDENSED LIGHT – FRASE PRIMEIRA PÁGINA E CABEÇALHO TEXTO TAM9) TITULO FRANKTUR, FORMATO RESSALTADO – CALÍGULA. I REFERÊNCIAS: FUTURIST TAM8.

REVISORA: A AUTORA

PLAYLIST : MCROMARO PLAYLIST PREFERIDAS DA HORA

ILLUSTRATIO

Todas as Ilustrações da autora.

Todos os direitos estão reservados

[ILLUSTRATIO 1] CONFISSÕES DO ABSURDO

[20190311 L012 DN TEMPESTADE PERFEITA MA3 O] [P IMG_2362]

– ÓLEO SOBRE PAPEL DE ALGODÃO.

ESTE DESENHO TRADUZ O CAPÍTULO DE MESMO NOME, ESTÁ COMO CAPA, E REPRESENTA NÃO SOMENTE O CONTEÚDO DO CAPÍTULO, MAS O QUADRO DO BARCO QUE MEU IRMÃO NÃO CONSEGUIU CONCLUIR.

Capitulares

[ILLUSTRATIO 2] AS PIMENTAS:

[20180323 L012 AS PIMENTAS MA4 G] [P IMG_3646]

GIZ PASTEL SECO. BASEADO NA FOTO DA IDA AO BAR, NO ANIVERSÁRIO DE MEU FILHO.

[ILLUSTRATIO 3] CÍRCULO DE FOGO

[20181106 L012 CÍRCULO DE FOGO MA4 A] [P IMG_3644]

AQUARELA W&N E NANQUIM STAEDLER. DESENHO DA VISÃO DO SONHO.

[Illustratio 4] Tempestade Perfeita

[20190311 L012 DN Libertação MA4 E] [P IMG_3647]

Giz pastel seco.

[Illustratio 5] Calmaria Turquesa

[201808 L012 Calmaria turquesa MA4 A] [P IMG_0937]

Aquarela W&N e nanquim Staedler.

[Illustratio final]

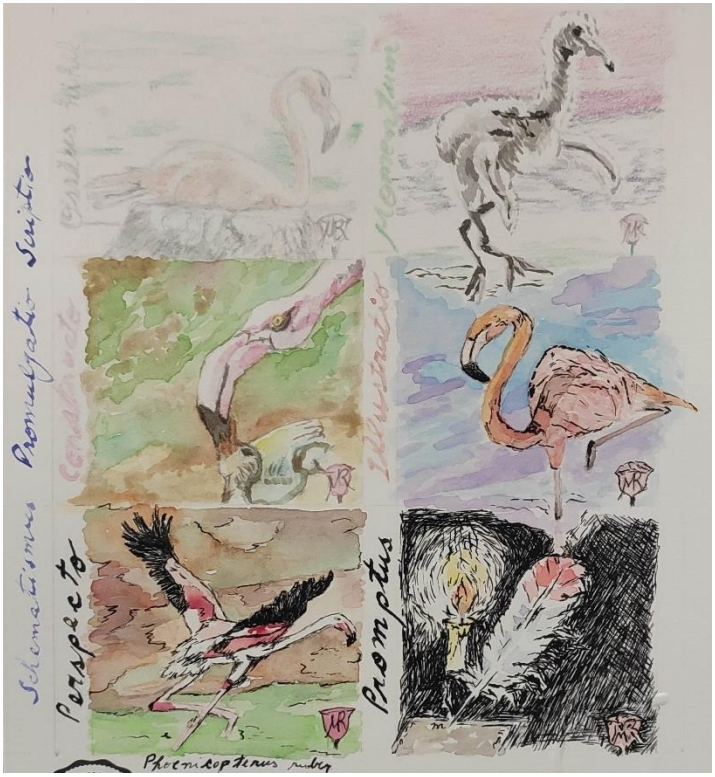
[20220106 L000 Schematismus promulgatio scriptio MA5 A]

Desenho dos selos de completude literária, em fineart lápis, lápis de cor, aquarela maimeri tons pasteis, aquarela Winsor, aquarela Downey, nanquim em papel clairefontaine - grain satiné 100% algodão 300g prensado a quente.

© MARA ROMARO

Todos os direitos são reservados

Publicável, devido à fatores pessoais, desculpem falhas.

Escrito em outubro de 2017 a abril de 2018

V0 R09 –22 setembro 2022